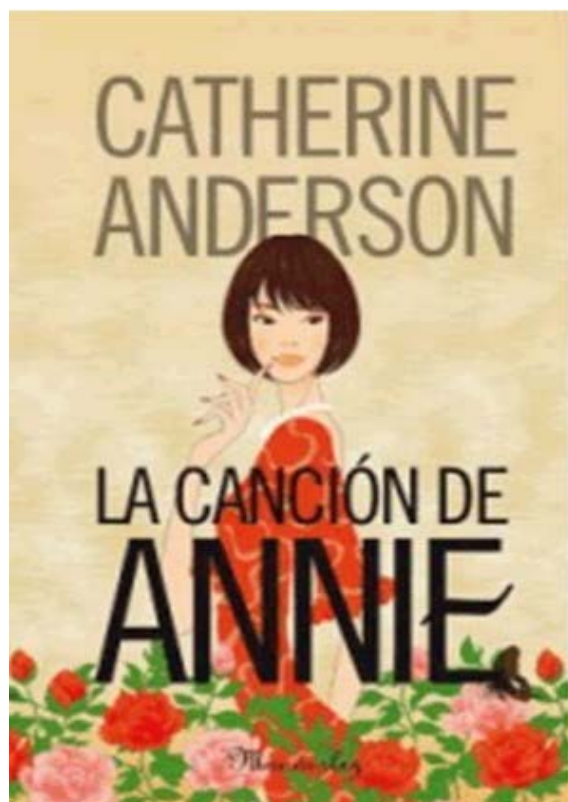




Catherine Anderson
A Canção de Annie
Annie's Song (1996)

Disponibilização: Mari

Tradução: Leniria

Revisão inicial: Lucimãr

Revisão Final: Silvia Helena

Formatação e Leitura Final: Paty CS



ARGUMENTO:

Alex Montgomery ficou horrorizado ao descobrir que seu irmão forçou uma moça indefesa. Atormentado pela culpa, Alex se casa com ela e pretende criar o filho que leva em seu ventre.

A pouco tempo do casamento, Alex descobre que Annie Trimble, a filha “boba” de um juiz local, não sofre nenhuma incapacidade mental, mas sim padece de surdez.

Enquanto Alex aprende a comunicar-se com Annie, desperta uma parte inexplorada da moça e lhe mostra um mundo do amor.

SOBRE A AUTORA:

Catherine Anderson é uma autora norte-americana nascida em 1947. Vive com seu marido e seus Rottweilers, Sam e Sassy, que parecem convencidos de que são poodles e que o treinamento da obediência é para a pessoas.

O chalé dos Anderson no topo da montanha é o lugar perfeito para um escritor, do ponto de vista é uma fonte contínua de inspiração. Em seu tempo livre, Catherine passa tempo com seus amigos, seus filhos e noras, e viaja com suas aventuras por todo o mundo.

Catherine é uma autora quase desconhecida entre os hispanos, mas tem publicados em inglês mais de uma trintena de novelas, tanto históricas como contemporâneas.



PRÓLOGO

Hooperville, Oregón.

Domingo 6 de abril de 1890.

Quando Douglas Montgomery estava sóbrio, sua companhia era suportável; mas quando bebia Alan Dristol sentia medo dele. Alan não tinha explicação do porque. Que ele soubesse Douglas nunca fez nada verdadeiramente mal a ninguém. Mas mesmo assim pressentia, sem poder evitar, que poderia chegar a fazê-lo.

Este era um pensamento perturbador, pois obrigava Alan a examinar sua própria personalidade. Se Douglas não lhe parecesse todo simpático, por que se relacionava com ele? E, ainda mais, por que bebia com ele? Eram perguntas que Alan se fez milhares de vezes, e a resposta, embora não gostasse de reconhecer, era que não se atrevia a lhe dizer não... Uma palavra tão simples como “não”! Mas dizer a alguém como Douglas não era nada simples. Depois de obrigar seu cavalo para que diminuísse o passo, Alan entreabriu os olhos frente ao forte sol matutino para observar as costas dos quatro companheiros que cavalgavam adiante dele. Douglas Montgomery, mais alto e largo de costas que outros, encabeçava o grupo. Como querendo deixar em relevo sua autoridade, cravava com frequência as esporas no cavalo e sacudia continuamente as rédeas da pobre besta. Alan quase sentia náuseas ao pensar em semelhantes maus tratos. Era um cavalo obediente e não havia nenhuma necessidade de que Douglas o tratasse com crueldade.

Logo, Alan dirigiu o olhar para James Radwick, Roddy Simms e Sam Peck, os outros três jovens que estavam adiante dele. Eram seus melhores amigos desde que se lembrava e acreditava conhecê-los quase tão bem como a si mesmo. Suspeitava que temessem Douglas tanto como ele. Que pena davam! Na noite anterior esqueceram tudo o que alguma vez aprenderam para seguirem Douglas como obedientes cordeirinhos, ou como estúpidos escravos: foram com ele aos bordéis e logo afogaram os remorsos em álcool. Mas as fortes dores de cabeça que sentiam naquele momento os faziam pagar caro por sua debilidade. Deus santo! Era domingo. Suas famílias deviam estar na igreja naquele preciso momento, perguntando-se onde teriam se metido. Era possível que nenhum deles tivesse um pouco de força de vontade?

Douglas fez com que seu cavalo ficasse de lado no meio do caminho para lhes fechar o passo, tirou o chapéu de feltro e secou o suor da



fronte com uma manga. Fez uma careta ao ver a imundície que manchou imediatamente seu branco punho. Abril era usualmente seco, choveu muito pouco nas últimas duas semanas e o caminho estava poeirento.

— Proponho-lhes nadar para nos limpar. — disse com ar e tom desafiante — O último é um maricas!

As Cataratas Brumosas e sua lagoa favorita estavam perto dali. Alan, incrédulo, lançou um olhar naquela direção. Douglas adorava fazer loucuras; quanto mais imprudente, melhor. Mas propor aquilo justo depois do acontecido na noite anterior, já era muito.

— Irmos nadar? Ficou louco? Morreremos de frio.

— Por Deus, Alan, é uma criança mimada. Aqui faz mais calor que no próprio inferno. Estou suando, e você também.

— Sim, assim vestido e completamente seco... Claro que estou suando! — reconheceu Alan — Mas não é o mesmo, nem parecido, entrar nesta lagoa.

— A água da lagoa é neve derretida das montanhas. — assinalou Roddy — Com toda segurança estará desagradavelmente fria, Douglas.

— Desagradavelmente fria? É um homem, Rod, ou uma garotinha chorona disfarçada de homem?

O rosto de Roddy ficou vermelho pela humilhação, mas não disse nada para defender sua dignidade. Nenhum deles nunca encarou Douglas.

Douglas deixou escapar um grunhido de indignação; e esporeou o cavalo para que saísse do caminho e entrasse na sarjeta que se encontrava junto ao mesmo. Agitando seu chapéu de feltro no ar, soltou um chiado enquanto o animal saltava um aterro. Alan olhou com receio para seus três amigos. De sobra sabia que nenhum deles queria ir nadar. Infelizmente, também sabia que dobrariam a nuca ante Douglas, pois nenhum tinha força para lhe opor resistência.

— E bem? — perguntou Roddy.

Sam suspirou.

— Às vezes gostaríamos que estivéssemos sozinhos os quatro, como antes; que nunca tivéssemos nos envolvido com ele.

— Estou de acordo com isso. — disse James.

Alan pensava o mesmo, mas isso parecia irrelevante. O fato era que Douglas não só se uniu ao grupo, mas também, passou ao mando. Os quatro fizeram girar seus cavalos e, a contra gosto, dirigiram-se para as cataratas. Como uma espécie de advertência, o vento começou a soprar com repentina força e Alan sentiu seu refrescante impacto no

rosto. Conhecia bem que aquele vento, agora agradecia que lhe parecesse glacial com a pele molhada.

Em lugar de seguir o atalho já aberto por passos anteriores, Douglas abriu caminho pelo bosque para chegar à lagoa. Era um terreno acidentado. Um medronheiro¹, um louro², um carvalho raquítico e um abeto torcido se emaranhavam como os dedos de uma anciã artrítica para impedir o passo a qualquer um; seus troncos sólidos e retorcidos se elevavam entre a densa erva daninha. Era impossível ver a terra. Temendo que seu cavalo tropeçasse com algum obstáculo e rompesse uma pata, Alan afrouxou o passo e começou a avançar com cautela. Seus amigos, temerosos de que Douglas reclamasse com eles se perdessem tempo, não se permitiram esta liberdade. Alan pensava que não mostravam nenhuma consideração por seus cavalos ao obrigá-los a atravessar um terreno tão desigual em semelhante velocidade. Mas ele só era um dos vassalos, não era o líder. Todos faziam o que Douglas queria, sem fazer perguntas, sem lhes importar nem com seus cavalos nem com nenhuma outra coisa.

Alan chegou por último. Naquele instante ouviu as vozes de seus quatro companheiros deslizando através dos pinheiros e os abetos. Gritos e chiados. A pesar do rancor que sentia por Douglas, sorriu ao imaginar Sam, Roddy e James saltando nus na água gelada. Idiotas insensatos. Poderiam pegar uma pneumonia e tudo por seguir Montgomery. Malditos sejam os Montgomery! Maldita sua luxuosa casa da colina. Maldito seu dinheiro! Algumas vezes Alan se perguntava se a seu autoproclamado chefe não ocorreria aquelas descabidas ideias com a única intenção de ver até onde podia pressioná-los, qual era seu limite.

Ao sair por fim do intrincado arvoredor, Alan se surpreendeu ao ver que ninguém tinha entrado ainda na água. Pôs uma mão curvada sobre seus olhos para tentar ver a que se devia todo aquele alvoroço e descobriu que havia cinco pessoas perto da lagoa: seus quatro companheiros e uma jovem de compleição magra. Douglas tinha tirado o xale da mulher e o tinha na mão fora de seu alcance. Típico dele. Douglas aproveitava qualquer oportunidade que se apresentasse para intimidar as pessoas. Embora aquilo incomodasse Alan, supunha que não era mais que uma inocente sendo caçada.

Em seguida reconheceu a jovem. Annie Trimble, a idiota do povoado. Embora tivesse quase vinte anos e já fazia muito tempo

¹ Espécie de arbusto

² Planta usada como tempero



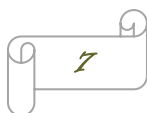
que tinha deixado de ser uma menina, seu folgado vestido azul, suas meias negras e suas botas de cano longo cheias de barro lhe davam um aspecto infantil e digno de lástima. Sua mãe ia com frequência na casa dos Trimble; e por isso Alan sabia que Edie tentava por todos os meios que sua filha estivesse sempre bem arrumada, mas Annie gostava de percorrer livremente o bosque, de maneira que esta era uma missão impossível para a pobre mulher.

Seu coração percebeu a expressão de pânico no pequeno rosto da jovem enquanto tentava desaforadamente recuperar o xale que lhe pertencia. Posto que Annie esquecia muitas vezes suas peças de roupa no bosque, seus pais eram muito rigorosos com ela quando não retornava para casa com todas suas coisas. Alan sabia que a repreenderiam severamente, ou lhe fariam algo ainda pior, se retornasse para casa sem o xale. Seu pai, o juiz, acreditava que a letra com sangue se escreve, e pela enfermidade de Annie, por seu atraso, era muito mais duro com ela do que foi com as três filhas mais velhas.

Alan não criticava o juiz por assumir esta atitude, nem tampouco pensava que fosse cruel. Era difícil controlar uma garota com inteligência limitada, como Annie e seus pais eram dignos de elogio por havê-la deixado viver em casa. A maioria das pessoas teria internado uma menina como ela em um manicômio. Se não fosse porque os Trimbles conseguiam esconder a jovem quando tinham visitas, era bem possível que a boa sociedade lhes tivesse lançado na escuridão. A muitos indivíduos parecia muito desagradável ver alguém como Annie. Apesar disso, seus pais não a tinham internado em um hospital psiquiátrico. Em lugar disso, preferiram ficar e manter sua existência na sombra, por assim dizê-lo.

Alan não saberia dizer por que os Trimbles se davam tanto trabalho. O dinheiro não era um obstáculo para eles. Não teriam nenhum problema em pagar para que um estabelecimento psiquiátrico se ocupasse da jovem; e, dadas as aspirações políticas do juiz, era de estranhar que não o tivessem feito. Embora fosse bem conhecido que Annie foi uma menina de inteligência normal até que uma febre lhe afetou o cérebro, algumas pessoas do povoado ainda murmuravam pelas costas dos Trimble que alguém na família de Edie estava louco e que o desequilíbrio mental era, portanto, coisa de família. Rumores como este poderiam acabar com a credibilidade de qualquer político.

Maldição! Douglas tinha que ter percebido que Annie não entendia que ele só estava brincando com ela. Isto era evidente em suas desesperadas tentativas por recuperar o xale. A pobre criatura era



curta de entendimento; e qualquer um poderia perceber isso. A expressão de perplexidade em seus grandes olhos azuis a delatava por completo, para não mencionar a maneira tão estranha em que inclinava a cabeça quando Douglas lhe falava. Era óbvio que não entendia o que estava lhe dizendo.

— Não somos já bastante grandes para andar com este tipo de comportamentos? — Gritou Alan — Venha, Douglas, deixa em paz essa pobre garota.

— Falou o santo Alan. — respondeu Douglas — Pretende simular que nunca zombou dela?

Tinha tocado na ferida!

— Todos torturaram Annie alguma vez, mas quando éramos crianças. Um homem feito não faz algo semelhante.

— Isso é verdade. Venha, Douglas, — disse Roddy com tom suplicante — deixa-a em paz.

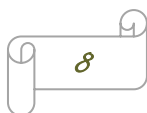
Douglas não parecia estar escutando. Inclinando-se para frente, sorriu de orelha a orelha para Annie e fez oscilar o xale deixando-o justo fora de seu alcance.

— Quer isto, carinho? Pois venha atrás dele.

Enquanto tentava enrolá-la para que se aproximasse ainda mais, Douglas deslizava seu olhar pelo vestido de Annie, que estava úmido, provavelmente por culpa da catarata que se encontrava corrente acima. Todos os que viviam em Hooperville ou nas zonas próximas sabiam que Annie gostava de andar ociosa pelas rochas que circundavam a catarata. Só Deus sabia por que tinha este apego. A neblina de vapor que em todo momento subia da água que caía na cascata era terrivelmente fria, mas isto não parecia desanimá-la, fizesse o tempo que fizesse.

O tecido molhado do vestido de Annie, suave de tanto lavá-lo, lhe grudava no corpo, deixando ver muito mais do que escondia. As curvas femininas que se adivinhavam sob o vestido eram deliciosamente generosas... E estavam livres de travas. Pressentindo que haveria problemas, Alan desceu do cavalo. Douglas não podia estar pensando o que Alan temia. Só o fato dele considerar essa ideia era uma brutal manifestação de inconsciência. Mas quem havia dito que Douglas tinha consciência?

Ao ver Douglas, com seu cabelo leonino bem talhado e seus risonhos olhos castanhos, poderia pensar que era um jovem educado. Tinha tudo: dinheiro, privilégios e uma excelente educação em uma exclusiva universidade do Leste. Mas nada disto parecia suficiente



para ele, e provavelmente nunca foi. Parecia sentir uma insaciável sede de poder, uma necessidade irrefreável de controlar os outros.

Isto tinha se manifestado há muito tempo com Alan e seus amigos, e agora lançava isto sobre Annie.

Mas, ao contrário deles, Annie não era capaz de defender-se.

Alan lançou um olhar para seus desconcertantes olhos azuis e em seguida empreendeu contra Douglas.

— Maldição! Ela não está em seu juízo perfeito, Douglas, e você sabe. Fixa-te em alguém que possa defender-se de tudo o que lhe fizer.

— É um pouco ruim da cabeça, mas o resto de seu corpo está em perfeita forma. — replicou Douglas — Sagrada revelação! Posso ver suas tetas tão claramente como a água. — Deixando escapar um débil assobio que não augurava nada bom para Annie, adicionou: — Dá boca na água só de olhar.

Alan se voltou para seus amigos para procurar ajuda. Com as mãos nos bolsos, Sam agachou a cabeça e removeu a terra avermelhada com a ponta de uma de suas botas. Dissimulava como se acreditasse de verdade que ignorar a situação a faria desaparecer. Roddy riu baixinho, e o rosto corado de James ficou escarlate. Apesar de sua vergonha, nenhum deles parecia poder afastar o olhar do corpete de Annie. A contra gosto Alan também lhe lançou um rápido olhar. Era certo que os mamilos ressaltavam sob o tecido. E, para piorar ainda mais as coisas, a saia grudava às coxas. Irritado consigo mesmo por ter percebido isso, Alan afastou imediatamente o olhar do proibido. O temor que sentia por Annie lhe apertou as tripas, como se um punho frio as espremesse.

— Sua mãe está louca, mulher. Não deveriam te deixar andar pelo campo meio vestida — disse Douglas em voz baixa, sem deixar de fazer oscilar o xale como se fosse uma ceva.

— Sua mente continua sendo a de uma menina, e, além disso, de uma menina não muito inteligente. — Lhe recordou Alan em um tom de voz que a ansiedade deixou agudo — Tenho certeza que sua mãe a veste desta maneira porque ela não faz mais que brincar de correr pelo bosque. Confia na decência das pessoas que possam topar com ela, e com toda a razão. Ela não é um alvo de desejo legítimo, Douglas, e sabe. Dê-lhe seu xale e deixe que se vá para casa.

— Lhe darei. — assegurou Douglas — Tudo o que tem que fazer é vir até ele. Anda, carinho. Venha se aproxime de Douglas.

Totalmente alheia as perversões carnis da mente de seu torturador, Annie se lançou para agarrar o objeto. No mesmo



momento em que se aproximou Douglas a agarrou pela cintura. Ela não gritou, mas os ofegantes ruídos de pânico que emitiu resultaram ainda piores. O estômago de Alan se revolveu. Não gostava do que estava acontecendo. Não gostava absolutamente. A expressão visível no rosto de Douglas era diabólica. Diabólica e cruel. Seus olhos cor de uísque brilhavam com pecaminosa excitação.

Alan deu um passo adiante.

— Deixa que a garota parta, Douglas. Falo sério!

— A garota? — Sem soltar sua presa, Douglas se desfez do xale para apertar com uma mão o delicioso traseiro de Annie. A julgar pela maneira como os dedos se afundaram na carne, sua maneira de agarrá-la era intencionalmente cruel — Está cego, meu amigo. Esta não é nenhuma garota, é uma mulher que alcançou seu pleno desenvolvimento.

Soltou uma débil risada e tentou lhe roubar um beijo. Empurrando inutilmente seus ombros, Annie, com seu cabelo azeviche caindo como um sedoso matagal sobre as magras costas e com os olhos nublados pela confusão conseguiu arquear o corpo e esquivar sua boca. Douglas se conformou mordiscando-a ao longo da coluna do pescoço.

— Caramba, que doce é! — A mão do tipo procurava agora o peito com a mesma perversidade com que tinha agarrado seu traseiro.

A ira invadiu Alan. De maneira nenhuma ficaria com os braços cruzados vendo como Douglas machucava a jovem. Aquilo já estava ficando grave. Segurou com uma mão o musculoso braço de Douglas.

— Disse para que a deixasse...

Alan não pôde terminar o que estava dizendo. O brilho de uma adaga interrompeu suas palavras. Ficou olhando o sátiro com mudo assombro enquanto Douglas soltava Annie para adotar uma postura de combate e ameaçá-lo com a arma, que pareceu sair do nada.

— Nunca mais volte a se colocar em meus assuntos — lhe advertiu Douglas com ameaçadora suavidade.

Os joelhos de Alan estavam a ponto de dobrar-se ao pensar na folha daquela adaga lhe abrindo o estômago. Seu único consolo era que, em meio a fúria, Douglas pareceu se esquecer de Annie. Alan queria lhe gritar que fugisse, mas sabia que, se o fizesse, Douglas recordaria o que esteve fazendo e voltaria a lhe emprestar sua luxuriosa atenção. Só podia esperar que Annie tivesse o suficiente sentido comum para fugir por si própria.

— Venha, Douglas. Está bêbado — observou Alan com voz trêmula.

“Fuja! Annie. Saia daqui!” Alan sentiu gotas de suor correndo por suas costas. Com a extremidade do olho, viu Annie tentando desesperadamente encontrar seu xale. Sua respiração era como ofegos superficiais, uns sons parecidos com os miados de uma gatinha. Resultava evidente que tinha medo e queria escapar. Mas não estava disposta a partir sem seu xale. Com um sentimento de desgosto, Alan compreendeu que, para ela, o xale era de suma importância. Se retornasse a casa sem ele, seu pai a castigaria. A pobre menina não compreendia o verdadeiro alcance do perigo que corria. Isto não lhe surpreendia. Duvidava que outro homem a tivesse olhado alguma vez com luxúria, e muito menos que tivesse posto uma mão em cima dela. Ela não podia prever algo que não formava parte de sua experiência. Naquele instante, a definição da palavra inocência adquiriu um novo significado para Alan, e Annie era sua personificação.

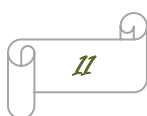
Concentrando sua atenção em Douglas, Alan decidiu tentar raciocinar com ele. Ao menos poderia ganhar um pouco de tempo para Annie, se não conseguisse nada mais.

— Fique calmo, Douglas. Não quer cometer um delito, verdade? Se te colocar com uma idiota, estará cometendo-o. Ela é a filha do juiz Trimble, pelo amor de Deus! Protegido ou não, se assegurará de que lhe pendurem as pelotas no mastro da rua principal se a toca.

— Como saberá? Ela não pode contar.

Dado que era indiscutivelmente certo, a observação fez com que gelasse o sangue nas veias de Alan. Annie não podia falar. Embora os reconhecesse, provavelmente não saberia seus nomes e não poderia repetir se soubesse. Ousou lançar um rápido olhar para onde ela se encontrava; e a viu puxando seu xale ao tentar desenganchá-lo da raiz de uma árvore. “*Por Deus!*” Seus pais lhe tinham ensinado bem. Tão bem que estava disposta a enredar-se com um bêbado do que abandonar aquele pedaço de lã que não tinha nenhum valor. Alan sabia que Annie foi vítima de brincadeiras cruéis durante quase toda sua vida. De maneira nenhuma podia saber que naquela oportunidade era diferente, que Douglas tinha a intenção de fazer muito mais que simplesmente atormentá-la com brincadeiras pesadas. Muitíssimo mais.

James, que tinha se sentado em um tronco caído, ficou de cócoras. Seus olhos cinza se encheram de incredulidade e Alan não sabia se isto era por causa da adaga ou da horripilante sugestão de Douglas.



— Não pode estar falando sério, Douglas! — Exclamou James — Embora ela não possa falar, terá que considerar o aspecto moral do assunto.

— Que aspecto moral? — Douglas ria — Olhe que afetados são! Não sei por que perco o tempo com vocês. É muito provável que estejam morrendo de vontade. Caramba! Esta mulher tem dezoito ou dezenove anos, quando muito. A maioria das garotas de sua idade já está casada e têm um ou dois filhos. Esta pode ser sua grande oportunidade para divertir-se um pouco.

“Divertir-se”. A palavra ficou flutuando no ar, desagradável, discordante. Alan rogou por continuar mantendo a atenção de Douglas, embora só fosse por um momento. Atrás dele, Annie finalmente conseguiu desenganchar seu xale. Como se tivesse olhos na parte posterior de sua cabeça, Douglas estendeu a mão para trás e a agarrou pelo pulso no mesmo instante em que a moça se voltava para fugir. Ela cambaleou sob a força da mão do agressor. Quando viu a adaga que brandia, ficou lívida. Alan supôs que finalmente seu pouco inteligente cérebro tinha compreendido que Douglas podia ser um homem realmente perigoso.

Acentuando a advertência que fazia a Alan com a afiada ponta de sua adaga, Douglas perguntou:

— Algum de vocês quer me enfrentar? Se for assim, façam como as rãs e saltem.

Nenhum deles era tão tolo para fazer algo semelhante. Sabiam que Douglas era capaz de matar. O brilho que havia em seus olhos era prova suficiente de que nesse momento estava disposto a isso. Continuou agitando a adaga no ar. Aquele frio sorriso prometia tomar represálias se algum deles se atrevesse a desafiá-lo. Quando esteve seguro de que ninguém teria a coragem de fazê-lo, guardou a arma na capa de seu cinturão e centrou toda sua atenção em Annie, que se retorcia em vão, tentando liberar-se das mãos daquele homem.

— Não pode fazer isso! — gritou Alan.

— Quem me impedirá?

Não seria Annie, é obvio, pois a jovem tinha uma compleição magra, enquanto Douglas era um homem robusto de mais de um metro oitenta de altura. Girando agilmente sobre seus calcanhares, lançou-a no chão, levantou-lhe a saia e a violentou sem esforço algum, como se fosse uma menina.

CAPÍTULO 01

Elevando o farol para iluminar o caminho, Alex Montgomery percorreu a grandes passos o corredor que atravessava as cavalariças. O fedor acre do esterco fresco se mesclava com o poeirento aroma de feno, para estender-se pesadamente sobre o ar frio da noite. Relinchos de boas-vindas chegavam a seus ouvidos procedentes dos escuros compartimentos. Em outras circunstâncias, Alex possivelmente pararia, mas não tinha tempo nem vontades de dar torrões de açúcar aos cavalos aquela noite.

As intermitentes manchas de luz dourada do farol e os rápidos movimentos de sua sombra brincando ao longo das paredes de madeira eram indícios da profundidade de sua ira. Fazia chiar os dentes para não bramar de pura fúria. Chegou ao final do corredor e abriu de uma patada a porta de pranchas que conduzia ao abrigo onde guardavam os arreios. Tal e como esperava, seu irmão, Douglas, estava encurvado de forma pouco elegante sobre um montão de palha esparramada ao longo de uma das paredes, um de seus lugares favoritos para dormir embriagado.

Engoliu saliva antes de pronunciar a primeira palavra, para dominar-se. Ao fim de um instante, Alex falou.

— Desperte, irmãozinho. Temos que conversar.

Com uma garrafa de uísque em uma mão e cobrindo seus olhos com a outra, o jovem de ressaca resmungou e ficou de barriga para baixo para dar as costas a Alex.

— Saia. É meia-noite.

As sete da noite dificilmente poderia dizer-se que era meia-noite e o fato de ver Douglas com uma garrafa de uísque recordou a Alex que já era hora de que deixasse de considerar seu irmão de vinte anos uma criança.

— Disse para acordar. — Alex entrou no lugar e pendurou o farol no gancho de uma viga — Fizeram uma acusação muito grave contra você, juvenzinho, e quero chegar ao cerne de tudo isto.

Douglas resmungou de novo.

— Não podemos conversar mais tarde?

Alex cruzou os braços, desafiante, e levantou o queixo.

— O juiz Trimble acaba de me fazer uma visita. Violentaram sua filha, Annie, e Alan Dristol afirma que você o fez.

Isto pareceu atrair a atenção de Douglas, que em seguida se colocou outra vez de barriga para cima para olhar com olhos de míope por debaixo de suas mãos cavadas. Alex sentiu um raio de esperança. Mentiras, não eram mais que mentiras. Um horrível mal-entendido que com umas poucas palavras seu irmão poderia

esclarecer. Nenhum Montgomery se rebaixaria até o ponto de obrigar uma mulher a receber seus cuidados e muito menos uma garota tão indefesa como Annie Trimble. Além disso, por que faria Douglas algo assim? Era um jovem arrumado que pertencia a uma família rica. Quase todas as mulheres do povoado rivalizavam para tentar ganhar seus favores.

Douglas piscou como se estivesse tentando assimilar o que seu irmão acabava de lhe dizer.

— O que diz que anda contando Alan por aí? — Depois de um momento fez uma careta de desprezo. — Maldito bode, delator, traidor! Já verá quando o pegar!

Como dedos úmidos e gelados, estas palavras apagaram a última faísca de esperança que havia em Alex. Ficou imóvel durante um momento, como paralisado pela incredulidade. Não havia na voz de Douglas um sinal de que sentisse alguma compaixão por Annie Trimble. E tampouco negou a acusação.

O pó da palha se elevou no ar, lhe produzindo um coceira no nariz. Uma sensação abrasadora se apropriou de seus olhos.

— Me diga que não o fez pelo amor de Deus! — Alex tinha agora a voz quebrada.

Enquanto pronunciava estas palavras, notou o timbre de desespero que havia em sua própria voz.

— Eu não o fiz. Mas podemos deixar esta conversa para amanhã de manhã?

— Não, maldição! Não podemos. — Alex se aproximou ainda mais. Seu corpo estava tenso, suas têmporas começaram a palpitar com força — Violentaram uma garota. Como poderíamos deixar esta conversa para amanhã? O juiz Trimble está fora de si. E como não entendê-lo? Quero saber a verdade, Douglas e quero que me diga agora. Diga-me o que aconteceu, por Deus! Por que diria Alan algo assim, se não é verdade?

— Porque é um covarde delator, essa é a razão. Bebi muito e perdi o controle. Isso é tudo.

— Isso é tudo? — A Alex pareceu que a luz do farol começava a oscilar; brilhava intensamente durante um momento e logo se atenuava ligeiramente — Deus santo, Douglas, essa garota foi violentada!

— Mas nem que lhe tivesse feito um dano permanente...

— Um dano permanente? Estamos falando de uma violação, pelo amor de Deus!

— Uma violação! — Douglas disse em voz baixa, como se fosse uma acusação absurda — Por definição, uma violação tem lugar quando um homem obriga uma mulher a receber cuidados que ela não deseja. Annie Trimble recebeu exatamente o que estava procurando.

— O quê?

— Só tem que se fixar em como se veste e a forma como se comporta. Não usa mais que uma fina regata e calções sob seu vestido. Não usa espartilhos nem anáguas para esconder sua figura. Passa os dias perambulando pelo bosque como se fosse uma ninfa, e sem acompanhante! Esteve provocando todos os homens do condado de Hooper desde que lhe cresceram as tetas. O que devem fazer os tipos? Fingir que estamos tão cegos como toupeiras? Já te disse que estava bêbado. É impossível que um homem resista à tentação por muito tempo. Sua mãe não deveria permitir que ela andasse de um lado para outro, vestida dessa maneira, sem que ninguém a acompanhe.

Alex parecia cada vez mais consternado.

— Deus santo! Você o fez, verdade? Você violentou essa pobre garota.

A Douglas tremia-lhe o queixo. Cobriu com o antebraço seus olhos castanhos.

— É um defensor de causas perdidas, Alex. Annie Trimble tem o cérebro afetado, mas do pescoço para abaixo está perfeitamente bem. Ela queria tanto como eu. E, embora não fosse assim, o que importa? Não pode recordar seu próprio nome, e muito menos o que lhe aconteceu faz cinco minutos. Está se comportando como se houvesse trepado com Amy Widlow, a filha do pastor.

— Amy Widlow ou Annie Trimble, qual é a diferença? Uma violação é uma violação.

Douglas deixou escapar de novo um suspiro desdenhoso e zombeteiro. Alex sentiu uma enorme vontade de levantá-lo de um puxão de sua cama de palha e sacudi-lo até que estivesse completamente sóbrio. Mas em lugar de fazer isto, ficou olhando-o fixamente, rogando para que tudo aquilo não fosse mais que um pesadelo. Douglas sempre foi um demônio; mas, apesar de toda sua indisciplina, nunca fez mal a ninguém. E porque não o tinha feito, Alex enganou a si mesmo acreditando que nunca o faria. “Já mudará com o tempo”, dizia Alex a si mesmo uma e outra vez. “Simplesmente é uma criança cheia de vida”. Agora já sabia que não era assim. Independentemente de sua idade, um homem tinha a capacidade de sentir compaixão ou não. Isto não era algo que

pudesse se acostumar. O que mais afligia Alex era que teria podido evitar aquela dor de Annie Trimble se tivesse aberto os olhos antes; se não se negasse a aceitar a flagrante verdade: que Douglas não era um homem bom, que nunca o seria.

Os habitantes de Hooperville afirmavam que Alex e seu irmão eram quase idênticos. Este era um parecido do qual Alex sempre se orgulhou. Mas agora só queria ver as diferenças que havia entre eles e gritar ao mundo inteiro que só eram meios-irmãos. Seu pai era Bartholomew Montgomery, mas tinham mães diferentes. A mãe de Alex, Sarah, morreu por causa de uma intoxicação pouco depois que ele fez três anos. Como bom criador de cavalos de raça que era Alex sempre deu uma grande importância à linha de sangue, e agora se valia disto como uma desculpa, dizendo que Douglas certamente tinha herdado algum mau traço de Alicia, a madrasta de Alex.

O sabor amargo da vergonha lhe chegou até a garganta. Violação. Esta era uma palavra desagradável, uma palavra que nunca teria imaginado que pudesse guardar relação alguma com ele. Seu próprio irmão! Não podia acreditar. Não obstante, ali estava Douglas, o violador, e cada uma de suas palavras e suas ações era testemunho de sua culpa.

— Como pôde fazer algo semelhante? — Alex levou as mãos, trêmulas, a cabeça. Começou a andar de um lado para outro, e logo se voltou de novo para olhar fixamente seu irmão — Que classe de monstro é? Como pôde fazer dano a uma menina tão indefesa como Annie Trimble?

— Ela não é nenhuma menina. — Tocando com cuidado o arranhão que tinha no pescoço, e que Alex não tinha notado até então, Douglas acrescentou: — E tampouco é uma criatura indefesa.

Alex deixou cair os braços e fechou os punhos.

— E mesmo assim afirma que não a obrigou? Pelo aspecto desse arranhão, eu diria que resistiu com todas suas forças.

Douglas moveu freneticamente a cabeça e se incorporou; bocejou com descuido e se acomodou colocando os braços sobre seus joelhos dobrados. Sua camisa branca estava coberta de terra vermelha. Como a maior parte da que se encontrava nos declive das montanhas que rodeavam Hooperville, a terra ao redor das Cataratas Brumosas era uma argila de cor avermelhada. Alex sentiu náuseas. E também se sentiu vencido. Desde que seu pai e sua madrasta morreram há quatorze anos, em um acidente do qual sempre culpou a si mesmo, fazia todo o possível para reparar aquela perda e dar a seu irmão mais novo uma educação decente, para lhe inculcar os valores e

princípios morais que seu pai lhe teria ensinado se estivesse vivo. Seus esforços não tinham servido de nada. Sob aquele bonito exterior, Douglas era tão podre como uma resto de peixe que estava a uma semana no mau tempo, e nada do que Alex fizesse poderia mudar isso.

— Que desculpa tão desprezível para um homem como o que resultaste ser — sussurrou Alex — Graças a Deus que nosso pai não está vivo para vê-lo.

Douglas olhou para Alex, com os olhos apertados para combater a intensa luz da tarde, e percebeu seu olhar acusador.

— Percebe o que está dizendo? Annie Trimble é uma idiota, pelo amor de Deus! Me diverti um pouco com ela. Tenho certeza que já nem sequer se lembra do acontecido. Não entendo a que se deve tanto escândalo.

Alex não foi consciente de seus próprios movimentos. De repente se viu a si mesmo agarrando seu irmão pelo pescoço e imobilizando-o contra a parede. Douglas, que era um homem alto e fornido, embora nunca tivesse movido um dedo em toda sua vida para fazer um trabalho decente, sabia lutar, mas todos seus desesperados esforços por liberar-se das mãos de Alex foi em vão. A falta de ar fez com que a cor de seu rosto passasse do vermelho a arroxado, antes que Alex percebesse o que estava fazendo e deixasse de sujeitá-lo com tanta força.

— Que Deus me ajude! Poderia te estrangular. Embora seja de meu próprio sangue, te mataria sem vacilar um instante.

Douglas se retorceu entre o corpo curtido pelo trabalho de Alex e as ásperas tábuas da parede. Suas coxas rodeavam o joelho de seu irmão mais velho, alojando-se de modo ameaçador sobre sua virilha.

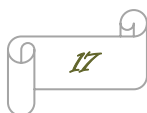
— Está louco! — disse Douglas com voz rouca.

Controlando o desejo de machucar seu irmão, Alex se conformou em lhe dar um forte empurrão. As costas de Douglas golpeou a madeira com um seco impacto. O fôlego de uísque azedo golpeou Alex na cara e lhe fez entender que aquele jovem, a quem gostava tanto, de uma maneira tão excepcional, converteu-se em um bêbado briguento e desalmado.

— Não estou louco, Douglas! Mas acredito que acabo de recuperar a razão. Não tenho feito mais que te justificar e te tirar de apuros toda a vida. Mas desta vez não o farei. Se for à força por isso, eu estarei entre os espectadores que vão presenciar sua morte.

— Já te disse que só estava me divertindo um pouco.

— A custa da pobre Annie.



Alex soltou seu irmão com um gesto que parecia indicar que o só o fato de tocá-lo poderia poluí-lo. Nunca em sua vida esteve tão perto de matar um homem. Apesar de que só tinha visto Annie Trimble brevemente umas poucas vezes, e sempre de longe, não podia deixar de imaginar-lhe uma criatura baixa e magra, pouco lúcida e inofensiva, que estava acostumada a perambular pelo bosque circundante, mais um fantasma que uma menina de carne e osso, sempre deslizando entre as árvores para ocultar-se quando topava com desconhecidos. Como estariam se sentindo seus pais naquela noite, sabendo que tinham agredido sua filha de uma maneira tão cruel? E seu agressor não era qualquer pessoa: era Douglas Montgomery, a quem a fortuna de seu irmão havia tornado imune à lei.

Assim era. Alex tinha se convertido completamente em um perito em repartir subornos. Com o tempo, aprendeu que podia comprar quase todo mundo se a oferta fosse o bastante esplêndida, e tinha tirado Douglas de apuros mais de uma vez lubrificando a mão de alguém. Mas naquela ocasião não o faria. Naquela ocasião Douglas tinha ultrapassado os limites do decoro. Sua ofensa era tão grave que nem sequer Alex podia justificá-la; a brutal violação de uma jovem que nem sequer podia entender o significado da palavra violação.

A fúria de Alex era aterrorantemente intensa e tinha a plena certeza de que se Douglas não se afastasse dele em seguida, poderia perder a vida.

— Parta! — disse em voz baixa— Vá para casa, tire dinheiro da caixa forte e toda a roupa que quiser. Logo vá embora. Se voltar a te ver por aqui, não respondo por meus atos.

— Quer que vá embora? Está me expulsando de casa? Não seja ridículo, Alex. Sou seu irmão. Não pode me expulsar.

Seu irmão. Alex olhou longo e fixamente os pronunciados traços de Douglas, tão parecidos com os seus; o cabelo leonino, a pele dourada e os largos ombros. Como era possível que duas pessoas fossem tão parecidas por fora e tão completamente diferentes por dentro?

— Não tenho irmãos — disse Alex secamente — A partir de agora, meu irmão está morto para mim. Saia daqui antes que faça realidade este sentimento.

Que Alex recordasse, era a primeira vez que Douglas abandonava sua atitude de galo de briga. Tinha o rosto crispado por causa de um sentimento que só podia ser pânico.

— Não esta falando sério! — afastou-se da parede e encolheu os ombros para esticar a camisa — Aonde irei? O que farei?

— Isso não me importa.

— Mas eu... — Douglas se calou e soltou uma gargalhada nervosa — Venha, Alex, me dê uma oportunidade de concertar isso. Todo mundo merece uma segunda oportunidade.

— Você esgotou todas as oportunidades.

Douglas ficou imóvel, olhando-o boquiaberto.

— Pelo amor de Deus! Tire-me a mesada deste mês. Encerre-me na casa. Faça o que quiser, mas não me expulse.

— Esses são castigos para crianças, Douglas. — Alex falava com enorme dureza — Desta vez não roubou as abóboras de um fazendeiro nem incendiou a cabana de um vizinho.

Em um abrir e fechar de olhos, Alex recordou as inúmeras travessuras que seu irmão fez ao longo dos anos, a maioria delas inofensivas, mas sempre com uma crueldade implícita que ele se negou a ver. Sacos de excrementos com querosene que deixava nos alpendres das casas e aos que prendia fogo para que os despreparados habitantes saíssem correndo para apagar as chamas com pisadas. Excrementos exteriores que trocava de lugar ao anoitecer para deixá-los diretamente atrás da fossa, de tal maneira que as pessoas caíssem em seus pútridos sedimentos. Travessuras inofensivas, dizia-se sempre Alex. Mas, na realidade, sabia que não era assim.

— O dano que causou hoje não se pode compensar com dinheiro, Douglas. Não pode entender?

A mandíbula do jovem violador voltou a tremer nervosamente.

— Mas se pode concertar. — Levantou as mãos em sinal de súplica. Em outra ocasião Alex possivelmente se compadeceria dele, mas naquele momento não sentia nada. Absolutamente nada — Para reparar o ocorrido, até me casaria com essa idiota, Alex. Não tem mais que me pedir isso.

— Casar-se com ela? Nem a um cão desejaria uma sorte semelhante, e muito menos uma garota idiota.

Depois de dizer estas palavras, Alex girou sobre seus calcanhares e saiu do quarto dos arreios. Ao chegar no corredor, parou um momento.

— Se não sair antes que retorne da casa dos Trimble, eu mesmo o entregarei as autoridades.

— Da casa dos Trimble? Para que diabos vai lá?

Sim, para que iria?

— Para tentar reparar o dano — disse Alex em voz baixa — Embora só Deus sabe como. O fato de ser um Montgomery não é uma licença

para destruir as vidas de outras pessoas, Douglas. Está acabado nesta região. Saia antes que comecem a te buscar.



No corrimão da escada do alto alpendre que a protegia da brisa fria da noite, Annie se acocorou atrás do azevinho, com as costas firmemente apertadas contra os alicerces de tijolo da casa. “Aqui estou a salvo”. Ninguém poderia aproximar-se as escondidas por trás. Nenhuma mão poderia agarrá-la de modo inesperado. Tal e como estava só poderiam aproximar-se pela frente.

Tentava ver através das lágrimas quentes que alagavam seus olhos, enquanto esfregava de maneira compulsiva suas pernas com o tecido de sua camisola branca. Sujo, pegajoso, feio. Não suportava que ninguém a olhasse, nem sua mãe, com a dolorosa tristeza que se refletia em seus olhos, nem seu pai, com aquela violenta ira. Não tinha feito nada errado, nada. Não obstante, a forma como a olhavam a fazia pensar justamente o contrário. Ali, na escuridão, não tinha que ver as expressões acusadoras de seus rostos. Respirou tremulamente e reteve o ar na garganta, para não soluçar.

Os ramos do azevinho se balançavam com a brisa. Os músculos do braço e as costas de Annie se moviam nervosamente e formavam nós por causa da implacável tensão que a atormentava. A luz da lua banhava o jardim de frente com sua luz chapeada, dando às sombras um perfil fantasmagórico e fazendo com que tudo inocente parecesse ameaçador. Quando as marteladas fortes e sufocantes que sofria dentro de sua cabeça finalmente a obrigaram a respirar, aspirou profundamente, com o fim de afogar qualquer som que pudesse emitir involuntariamente. Alguém poderia ouvi-la, e então seu pai apareceria com sua correia para fazer com que se calasse. Já lhe doía todo o corpo. Não acreditava poder suportar que lhe dessem uma surra, aquela noite não.

Até o ar que rodeava Annie parecia cheio de ameaças. Embora soubesse que era uma tolice, elevava permanentemente os olhos, pois temia que o homem que lhe tinha feito mal saísse do nada para lançar-se sobre ela. Assim foi como as coisas pareceram acontecer aquela manhã. Ela parou para olhar sua imagem na água, quando o rosto do homem apareceu de repente junto ao dela.

Deveria ter abandonado seu xale e saído correndo. Só agora compreendia isto. Tola, tola, Annie. Possivelmente esta fosse a razão pela qual seus pais a olhavam daquela maneira. Estavam zangados

porque ficou ali para resgatar seu xale. Naquele momento lhe pareceu que isso era o que deveria fazer. Depois de tudo, Alan estava ali. Posto que sua mãe estava acostumada ficar em sua casa frequentemente, ela se sentiu segura. Não havia nenhum motivo para que não fosse assim. As pessoas a incomodava com frequência, mas ninguém lhe tinha feito nunca mal.

Até aquela manhã.

Annie estremeceu ao recordar a dor. Aquele homem. Mordeu os lábios. Já o tinha visto antes. Vivia em uma casa muito maior que a sua; aquela da colina, com todos aqueles cavalos pastando nos campos. De longe, tinha lhe visto montando sua besta. Não parecia um homem mau. Não tinha nenhuma razão para pensar que lhe faria mal.

Poderia estar ali fora, no meio da escuridão. Annie queria fechar os olhos para afugentar as imagens com que lhe agoniava memória, mas não se atrevia. Seus olhos eram sua única defesa.

Por que lhe tinha feito mal de semelhante maneira? Esta pergunta a perseguiu todo o dia e toda a noite, e não encontrava uma resposta. Ela não tinha feito nada errado, nada que pudesse fazer com que se enfurecesse com ela. Recordava o brilho de seus olhos. Bonitos olhos. Eram da cor do doce de mel de Natal de mamãe. E riu enquanto lhe fazia mal. Annie não acreditava que nunca poderia tirar aquelas imagens da cabeça.

Entrelaçou as mãos ao redor de seus joelhos dobrados. Doía-lhe o estômago, e sentia que por dentro tinha ficado completamente rasgada, como em carne viva. Embora sua mãe a tinha ajudado a lavar-se para tirar toda a pegajosa sujeira, ainda se sentia muito suja, como se o contato daquele homem tivesse deixado uma mancha que nunca poderia se tirar. Quando pensava nas coisas que lhe tinha feito, lhe dava vontade de vomitar.

Um movimento em meio a escuridão atraiu a atenção de Annie. Inclinou-se para frente para dar uma olhada através das folhas espinhosas. A imprecisa figura de um homem a cavalo subia pelo caminho de entrada da casa. À medida que se aproximava, uma ladainha começou a ressoar dentro de sua cabeça. “Por favor, Senhor, não permita que seja ele. Por favor, por favor, por favor”. Tentou desesperadamente recordar as palavras das orações que sua mãe lhe tinha ensinado quando era pequena, mas todas se confundiram em sua mente. Como se as orações servissem de algo... Não tinham lhe ajudado naquela manhã.

O homem parou o cavalo perto do corrimão e desceu da sela. A ponta de uma de suas botas de camurça alcançou o chão enquanto mantinha o equilíbrio para tirar o pé esquerdo do estribo. Vestido com calça de montar de meio cano, de veludo cotelê da cor de uma torrada, e uma jaqueta de sarja cinza, e com o rosto oculto pela aba de um chapéu de feltro combinando, não era fácil identificá-lo imediatamente. Alto e largo de costas, tinha um físico parecido ao do homem que lhe fez mal, mas estava vestido de uma maneira muito mais informal. As costas de sua calça de montar eram de flanela de quadros vermelhos, as meias três quartos negros que cobriam suas musculosas panturrilhas eram de um algodão estriado bastante comum.

Enganchou as rédeas de seu cavalo no corrimão e, enquanto se dirigia ao alpendre com grandes passos, limpou a crina de cavalo que se aferrava a sua calça. Parou no pé da escada. Annie viu seu peito expandir-se enquanto respirava fundo e endireitava os ombros, gesto que delatou seu nervosismo. Ato seguido tirou o chapéu.

O brilho castanho de seu cabelo sob a luz da lua era inconfundível. O pânico sumiu da cabeça de Annie e todo o pensamento racional. Só ficou olhando aquele rosto, que apareceria em seus pesadelos nos anos vindouros, esqueceu seus planos de permanecer escondida com suas costas protegida por todos os lados. Era ele! Tinha que fugir. Mas temia que a visse se começasse a se mover.

Como se houvesse sentido os olhos de Annie sobre ele, estreitou os olhos ante a forte luz que saía das janelas e vertia sobre o alpendre. Seu olhar de cor caramelo escrutinou a escuridão que envolvia a jovem, e logo se inclinou ligeiramente para frente para olhar atentamente através das folhas do azevinho. A escuridão cobria parcialmente seu rosto e, quando falou, Annie teve dificuldade para entender suas palavras. Como se tivesse compreendido que não tinha entendido o que lhe disse, ele se aproximou um pouco e voltou a falar. Quando se moveu, a luz que saía da casa iluminou seus lábios, e ela pôde vê-los.

— Olá!

“Olá?” Depois do que lhe tinha feito Annie não podia acreditar que a estivesse saudando como se nada tivesse acontecido. Ao recordar quão rápido podia mover-se aquele homem; e a força de suas mãos, sentiu pânico, terror ante a possibilidade de que tentasse aprisioná-la de novo entre seus braços. Fechou os punhos na terra e cravou os calcanhares no chão para ficar de barriga para cima e caminhar de lado sobre suas quatro extremidades, imitando os movimentos dos

caranguejos. O silêncio que lhe apertava os ouvidos se converteu em um tamborilar surdo quando ele estendeu os braços para separar os ramos que formavam um parreiral em torno dela.

“Não, não, não!” Annie quase podia sentir seu peso esmagando-a até deixá-la sem fôlego. As manchas roxas que aquele homem lhe tinha deixado no corpo palpitavam com força enquanto o pulso se acelerava e fazia com que o sangue lhe subisse a superfície da pele. Negou com a cabeça enquanto sua enorme mão se estendia para ela.

Arrastando-se como uma louca ao longo dos alicerces de tijolo da casa, ignorou o arranhão que lhe fez no corpo um ramo de azevinho ao lhe atravessar a camisola. Apoiando-se sobre suas mãos e joelhos, abriu caminho a golpes através de um lance de roseiras, sem lhe importar que o cabelo lhe enganchasse nos espinhos. Tinha que fugir antes que a pegasse e lhe fizesse mal de novo.

CAPÍTULO 02

Alex permaneceu imóvel com um pé apoiado no último degrau do alpendre dos Trimbles. Escrutinou os arbustos com o olhar para tentar ver a jovem uma vez mais. A espessa folhagem frustrou esta tentativa. De repente, chegou a seus ouvidos um débil ofego, e os arbustos começaram a balançar-se. Jogando o peso de seu corpo para trás, viu uma mancha branca. Imediatamente ela saiu de supetão dos arbustos. Seu corpo magro parecia flutuar sobre uma nuvem.

— Não te farei mal, Annie. Não tenha medo. — antes que suas palavras se apagassem por completo, ela já tinha desaparecido no espesso mato que rodeava o jardim — Maldição!

Convencido de que corria perigo ao andar sozinha de noite pelo bosque, Alex esteve a ponto de ir atrás dela. Logo repensou e mudou de ideia. Era evidente que acreditava que ele era Douglas, e o terror que lhe produzia a faria correr com todas suas forças. Embora conseguisse pegá-la, duvidava que pudesse lhe fazer entender que não tinha a intenção de lhe fazer mal algum. Pobre criatura. Já teve que carregar uma cruz muito pesada em sua vida antes que Douglas lhe acrescentasse novas angústias. Alex não queria agravar seus problemas lhe dando um susto de morte. Era muito possível que não pudesse entender o que lhe tinha acontecido naquele dia, nem tampouco que era pouco provável que aquilo voltasse a ocorrer.

Moveu a cabeça com tristeza e continuou subindo as escadas. Deus santo. Só a ideia de que aquela pobre criancinha acreditasse que ele

era o violador fazia com que Alex quisesse retornar correndo para casa para dar o Douglas a surra de sua vida. Sua indômita ira lhe fez bater na porta dos Trimbles com mais força da que teria empregado normalmente. O sangue sempre falava mais alto e por esta razão Alex não queria ver seu irmão balançando-se no extremo de uma corda. Mas, além disso, se pegassem Douglas, iria ter muitíssimos problemas.

Edie Trimble, a esposa do juiz, abriu-lhe a porta. Surpreendeu-lhe ligeiramente que não foi uma criada quem lhe fez passar, mas em seguida compreendeu que aquela noite era excepcional na vida daquela família, que eram tempos que se impunham a discricção e os murmúrios. Sem dúvida alguma, o fato de ter uma filha com atraso mental já era o suficientemente difícil. Se a notícia se propagasse que tinham violentado a jovem, os rumores nunca deixariam que os Trimbles esquecessem o acontecido. Sem dúvida, tinham dado o dia livre a todos os empregados para certificar-se de que isto não acontecesse.

Alex pensou que era uma pena que os Trimbles tivessem que ocupar-se deste tipo de assuntos em um momento semelhante. Mas supunha que isto era muito normal. Apesar de que a maioria das pessoas era bastante pormenorizada quando se tratava de deficiências, não faltavam os indivíduos de mentalidade fechada. Embora seus pais nunca levassem Annie ao povoado, nem tampouco deixavam que as visitas a vissem, Alex ouviu dizer que algumas damas tinham desprezado Edie em mais de uma ocasião por causa de sua filha. Também se murmurava que as outras três filhas dos Trimbles rara vez iam à casa de seus pais, e que isto não se devia a distância, como esta família sustentava, mas sim a que seus maridos não se sentiam a gosto na presença de Annie.

Embora impecavelmente arrumada, com seu vestido de alpaca³ verde e seu cabelo grisalho preso em um perfeito coque no alto da cabeça, Edie parecia esgotada. Seus olhos azuis estavam inchados de tanto chorar. O rosto delicadamente esculpido mostrava sua lividez, a pele tirante sobre as maçãs do rosto salientes, a boca finamente desenhada, franzida e rodeada por duas gretas profundas. Sobressaltou-se ao vê-lo ali, mas conseguiu dissimular muito bem. O único sinal delator era o nervoso movimento com o que seus dedos puxavam a saia.

— Senhor Montgomery. — Inclinou a cabeça ao dirigir-se a ele. Sua atitude era séria e formal — A que devemos esta... Honra?

³ Espécie de animal do qual se utiliza seu pelo para fabricar roupas

Parecia como se pronunciar esta última palavra lhe tivesse produzido náuseas. Mas isto era natural. Os Montgomery não deviam estar no primeiro lugar de suas preferências naquele momento. Imaginava que seu mais veemente desejo seria lhe arrancar os olhos com as unhas. Se Annie fosse sua filha, assim é como se sentiria ele. Furioso. Irado. Sedento de vingança.

— Vim conversar com seu marido. — Alex quase não podia falar — Espero que esteja em casa.

Ela assentiu com a cabeça e abriu a porta um pouco mais, lhe fazendo gestos para que passasse ao saguão, embora com evidente relutância. Sentindo-se como um caruncho em um saco de farinha, Alex fez girar o chapéu em suas mãos; desejava com todas suas forças não encontrar-se ali naqueles momentos. O que poderia dizer aos pais da garota a quem seu irmão tinha violentado? Vim reparar o dano? Como se isto fosse possível... Uma desculpa não seria suficiente para concertar dano causado. Sentiu vergonha umas quantas vezes ao longo de sua vida, mas esta ocasião levava o prêmio.

Normalmente seguro de si mesmo e por completo alheio ao que outros pensassem, Alex observou o refinado estilo do vestido de Edie Trimble e desejou ter tempo necessário para vestir-se de uma maneira um pouco mais formal. Já era suficiente ser o irmão de um violador, para parecer, além disso, um homem de mau gosto era ruim.

Mas, bom, já era muito tarde. Embora tivesse a sorte de gozar de uma enorme fortuna e de uma casa tão grande que todo seu dinheiro caberia no andar de baixo, Alex passava a maior parte de seu tempo com os peões, trabalhando com os cavalos ou no campo. Quando exercia vida social, o qual era muito raro, preferia a companhia das pessoas comum que ganhava a vida lavrando a terra. A menos que planejasse ir ao povoado, normalmente se vestia com jeans azuis e uma camisa cômoda e prática, com a gola aberta e até os cotovelos. Antes de ir aquela casa, lavou-se e barbeara-se, e tinha vestido calça de montar de meio cano e uma jaqueta, considerando-se que desta maneira estaria apresentável. Com todas as preocupações que tinha, esqueceu que Trimble era um homem que dava grande importância às aparências. Depois de ter sido juiz por mais de trinta anos, nem sequer tinha animais domésticos em sua propriedade, e muito menos se rebaixaria a sujar as mãos.

— O juiz está em seu escritório. — A atitude da senhora Trimble era perfeitamente cortês, mas glacial.

Muito consciente de que ela não se ofereceu para lhe guardar o chapéu, Alex a seguiu até um corredor comprido cheio de portas. Ao chegar na metade do corredor, ela parou e deu um golpezinho suave sobre uma porta de carvalho reluzente.

— Juiz? Alguém veio lhe ver.

Ouviu-se um grunhido indiscernível no interior daquela habitação. A senhora Trimble abriu a porta e se afastou para que Alex pudesse entrar. Ao fazê-lo, tranquilizou-se um pouco. Era um escritório muito parecido ao dele, com cadeiras amplas e cômodas estrategicamente distribuídas ao redor de tapetes tecidos em cores muito vivas. Uma habitação em que um homem poderia relaxar e sentir-se em casa. Livros encadernados com pele enchiam as prateleiras de carvalho reluzente que cobriam três paredes. A quarta ostentava uma chaminé feita com pedras de rio. A luz do fogo piscava alegremente em seu interior. A única iluminação adicional provinha das chamas de dois lampiões de gás que se encontravam sobre o suporte da chaminé.

O juiz se encontrava sentado em sua escrivaninha, com sua camisa branca enrugada, o pescoço aberto e a gravata carmesim solta. Um fio de fumaça, de aroma muito forte, saía de um cinzeiro situado perto de seu cotovelo. Alex posou o olhar no charuto. Até depois de quatorze anos, pensava em seu pai cada vez que via um, e lhe invadia a tristeza.

— Alex — disse Trimble com cansaço — Suponho que já falou com seu irmão.

Não era necessário ser clarividente para perceber que o juiz esperava que ele fizesse todo um discurso para negar que Douglas estava comprometido na agressão contra sua filha. Alex queria que assim fosse.

— Sim.

Olhando atentamente os livros que se encontravam ao longo de uma das paredes, tentou ler seus títulos. Os dourados caracteres se apagavam e dançavam ante seus olhos, tão confusos como seus próprios pensamentos. Não sabia por onde começar, nem o que dizer.

— Eu, isto... — Engoliu saliva e esfregou a boca com o dorso da mão. Ato seguido golpeou a perna com o chapéu — Douglas o fez — soltou finalmente — Vim te oferecer minhas desculpas pelo dano que fez a sua filha e tentar repará-lo na medida do possível.

O juiz não disse nada em resposta a estas palavras.

Alex prosseguiu em seguida:

— Se pensa interpor uma ação judicial, eu não lhe impedirei. Mas mais vale que se apresse em comunicar ao xerife. Expulsei meu irmão de casa e é muito provável que neste momento esteja a ponto de partir para algum lugar que desconheço.

Com os dois cotovelos apoiados sobre a pasta que se encontrava sobre sua escrivaninha, o juiz esfregou as têmporas.

— Interpor uma ação judicial? — Soltoou uma gargalhada amarga — Certamente, seria de esperar que o fizesse. Parece ser o procedimento mais natural, não é verdade? Mas em situações como esta, a diferença entre o bom e o mau se volta imprecisa. — Depois de fazer esta afirmação, deixou escapar de novo uma gargalhada, mas não havia alegria alguma naquele som — Fui juiz durante mais da metade de minha vida, e é a primeira vez que lembro ver uma grande zona cinza entre o branco e o negro.

A dor que se refletia na voz do juiz fez com que Alex fixasse seu olhar no chão. Território seguro. Não havia olhos acusadores que o olhassem fixamente. Não sabia o que dizer, de maneira que se refugiou no silêncio.

Finalmente, o juiz continuou falando:

— Te agradeço o oferecimento de não me impedir de interpor uma ação judicial. Trata-se de seu irmão, depois de tudo. Mas não estou seguro de que seja necessário que se mostre tão comedido.

Obrigando-se a levantar os olhos, Alex disse:

— Temo que não entenda.

Trimble deixou cair às mãos e olhou para Alex.

— Sei que pode parecer cruel, mas há muitas mais coisas para levar em consideração que o dano que causou a Annie.

O juiz empurrou a cadeira para trás e ficou de pé. Embora fosse um homem de baixa estatura, tinha uma presença imponente; seus olhos eram de um penetrante cor azul safira, e seus traços mostravam uma assombrosa mescla de caráter e força. Alex sempre o admirou, e aplaudiu a imparcialidade de suas decisões no tribunal. Era um homem duro, mas justo; uma pessoa em quem outros confiavam instintivamente.

— O escândalo, Alex, o pesadelo de todo político. — Falava em voz baixa — Se chegar a se espalhar o que ocorreu hoje, a reação poderia ser violenta. — Parecia um pouco envergonhado. Colocou as mãos no mais profundo dos bolsos de sua calça e examinou as pontas de seus muito brilhantes sapatos negros — Não só contra Annie, mas também contra mim e o resto de minha família.

Alex ainda estava um pouco confuso, mas se absteve de dizê-lo. Deixando escapar um suspiro, o homem mais velho se aproximou das chispas do fogo com o olhar fixo na chaminé de pedra e atitude de abatimento.

— Douglas deveria ir à força pelo que fez a minha filha hoje. Não me cabe a menor dúvida. Mas do que serviria? Annie foi violentada, e eu não posso fazer nada para ressarcir o dano. Por essa razão, estou pensando em deixar as coisas assim. Como estou seguro de que já sabe, retirei-me do tribunal para tentar sorte na política municipal e possivelmente passar logo a emprestar meus serviços em algum cargo do governo a nível nacional. Um escândalo de qualquer tipo poderia arruinar meus planos.

Alex pensava que o escândalo mancharia o bom nome dos Montgomery, não o dos Trimble.

— Violentaram sua filha. Não lhe podem culpar por isso, nem tampouco imputar responsabilidade alguma pelo acontecido. Pelo contrário, o caso despertará a compaixão de todos.

— Assim seria em outras circunstâncias. Mas nossa Annie não é normal. Não há nenhuma dúvida de que está perturbada, mal que foi provocado por uma febre alta em seus primeiros anos de infância. É bem sabido que, por desgraça, as pessoas gostam de boatos, e algumas pessoas especularam sobre seu desequilíbrio, dando a entender que é possível que a tenha herdado. — Cravou seu franco e intenso olhar em Alex — Em quantos políticos loucos votou nos últimos tempos?

Não havia nada que Alex pudesse dizer a respeito. Ninguém poderia pôr em dúvida a prudência do juiz, mas se corriam rumores de que a loucura era coisa de família, a confiança que nele tinham os eleitores poderia debilitar-se. Tudo o que se necessitava para arruinar suas oportunidades de ganhar as eleições era semear a semente da dúvida.

— Tentamos impedir que as pessoas vissem Annie para evitar os falatórios. Se a agressão de Douglas contra ela se fizer pública, todos nossos esforços por mantê-la afastada da atenção geral terá sido em vão.

Alex assentiu com a cabeça.

— Então, quer correr um véu sobre o acontecido?

— Assim é.

Embora isto significasse a salvação de seu irmão, Alex sentiu que era uma decisão equivocada, e lhe decepcionou que o juiz a tivesse tomado. Como Douglas já tinha agredido uma jovem, nada podia

garantir que não fizesse o mesmo com outra. A única maneira de assegurar-se de que isto não acontecesse era fazendo recair sobre ele todo o peso da lei.

Quando Alex expôs este argumento, o juiz lhe respondeu:

— A ameaça que Douglas Montgomery representa para a sociedade não é meu problema, nem tampouco minha responsabilidade. Tenho que pensar em minha família e em mim, em nosso futuro. O sonho de toda minha vida foi me dedicar à política, e trabalhei ao longo de toda minha carreira para conseguir este propósito. Por que devo permitir que as ações de seu irmão acabassem com tudo isto? Reitero-te que não posso deixar que estalasse um escândalo; o menos que se pode dizer é que seria bastante desagradável. Embora Annie fosse uma garota normal, o qual já sabe que não o é, o rumor se propagaria como um fogo arrasador. Em seu caso, os falatórios poderiam ser ainda mais maliciosos. Não posso correr esse risco. Não o farei. O que os olhos não veem o coração não sente. Este foi meu lema para a criação de Annie, e continuará sendo-o. Além do dano a minha reputação, também tenho que pensar nas consequências que isto traria para ela. Até o momento, os jovens da região a deixaram em paz. Mas uma vez que comecem a circular os rumores a respeito do acontecido, quem pode saber o que aconteceria? Rebentos bastardos e todo o resto.

Tal raciocínio pareceu espantoso a Alex. E seus sentimentos certamente se transpareceram, pois o olhar do juiz se endureceu.

— Por todos os demônios! Pensa um pouco, só um pouco, Montgomery. Minha filha é uma idiota. Toda sua vida foi o alvo das agressões de outros. Por que acredita que corre para esconder-se no bosque quando vê pessoas? Os meninos lhe jogam pedras. Cada vez que se apresenta a oportunidade, fazem-lhe brincadeiras cruéis. O que seu irmão fez hoje foi simplesmente levar o maltrato um passo mais à frente. Se o acontecido se espalhar outro jovem poderia pensar que pode fazer o mesmo sem que nada acontecesse. Para poder protegê-la, teríamos que mantê-la presa e, nesse caso, seria melhor interná-la em um hospital psiquiátrico. Minha esposa ficaria completamente destroçada se isto chegasse a passar.

Alex não lhe ocorreu nada que dizer. Absolutamente nada, exceto uma penosa desculpa.

— Sinto muito, juiz. Sinto muito.

O homem mais velho suspirou de novo, deixando entrever um incrível cansaço.

— Sim, sei que assim é. Mas as desculpas não podem emendar o acontecido hoje. — Como se percebesse de repente o quão duras eram estas palavras, acrescentou: — Não tome como algo pessoal, Alex. É um fato lamentável, mas real. Um homem pode escolher seus amigos, mas não seus familiares.

— Não.

Alex escrutinou inutilmente aquela habitação com o olhar, procurando algo dentro de sua cabeça, algo que pudesse fazer para concertar as coisas. Mas não encontrou nada. Já havia dito tudo o que se propôs a dizer.

— Se houver algo que eu possa fazer, algo...

O juiz negou com a cabeça.

— Tomara que houvesse, filho. Tal como estão as coisas, só podemos rezar para que seu próprio temor a libere logo de suas lembranças.

Recordando a maneira como Annie abriu caminho entre os arbustos para fugir dele há uns poucos minutos, Alex tinha motivos para perguntar-se se o terror não seria mais um ato reflexo que qualquer outra coisa, um sentimento instintivo próprio tanto dos idiotas como dos gênios. Desejava sinceramente que ela pudesse esquecer logo tudo aquilo, mas de algum jeito duvidava de que fosse assim.

Sentiu a garganta seca, muito seca. O leve aroma de fumaça procedente da chaminé se mesclava com o aroma acre do charuto.

— Se surgir alguma complicação, por favor, me deixe...

— Deus não o queira!

Alex entendia perfeitamente que aquele homem recusasse todo pensamento relacionado com uma potencial gravidez. Mas posto que fosse uma consequência natural do que Douglas fez, nenhum deles podia descartar esta possibilidade por completo.

— De todas as maneiras, por favor, entre em contato comigo se surgir algum problema dessa natureza. Estou disposto a ajudar em tudo o que puder.

O juiz assentiu com a cabeça com uma expressão de profunda tristeza no rosto.

— Agradeço que tenha vindo. É preciso coragem.

Mais do que ele poderia imaginar. Alex sentiu uma onda de calor subindo lentamente por sua garganta. Não era das pessoas que abaixavam a cabeça, mas queria fazê-lo.

— Sabe como me localizar.

— Tenha a certeza de que entrarei em contato com você, se for necessário.

Não parecia haver nada mais a dizer. Alex saiu da casa com a cabeça dando voltas. Por incrível que pudesse parecer, Douglas saiu impune uma vez mais. Sabia que deveria sentir-se aliviado, mas não era assim. Não era justo que Annie fosse à única pessoa que tivesse que pagar pelos erros que cometeu naquele dia.

Não era absolutamente justo.

CAPÍTULO 03

Quatro meses depois...

Sábado. 16 de agosto de 1890, apertando a fronte contra seus joelhos para que sua mãe pudesse lhe esfregar as costas, Annie articulou esta palavra com seus lábios exatamente como tinha visto sua mãe pronunciá-la e tentou imaginar-se como deveria soar. Algumas palavras eram fáceis, pois ela podia recordar tê-las ouvido ou dito quando era uma criança. Mas sábado era mais difícil. Não recordava ter ouvido dizer esta palavra nunca em sua vida. Não era que importasse muito que soasse mal os sons. Sua mãe lhe tapava na boca cada vez que ela tentava falar. Annie não sabia por que, e fazia já muito tempo que tinha deixado de perguntar-lhe. As regras que impunham a ela eram diferentes das que seguiam todas as demais pessoas e tinha chegado a aceitar que havia muitas coisas que não lhe permitiam fazer.

A verdade era que não lhe importava. Já não. Quando subia ao sobrado para brincar em seu canto secreto, podia fazer tudo o que quisesse. Além de seus ratos, ali acima não havia ninguém que pudesse vê-la nem acusa-la de nada. No sobrado podia vestir-se tão elegantemente como uma dama, com as roupas velhas que tirava dos baús. Podia fazer reuniões para tomar o chá, tal e como o fazia sua mãe, e fingir que podia falar. Algumas vezes inclusive dançava. E, quando se aborrecia de fazer tudo isto, podia desenhar com os lápis e os papéis que tinha pegado às escondidas do estúdio de seu pai. Divertia-se muito no sobrado, e poder fazer ali todas as coisas proibidas compensava o infortúnio de não poder fazê-las o resto do tempo.

Sábado. Agora se lembrava. Annie voltou a articular silenciosamente esta palavra contra seus joelhos, e se prometeu a si mesmo que, a próxima vez que fosse ao sobrado, praticaria sua pronúncia frente ao espelho. Quando era menor, antes que tivesse chegado a dominar por completo a leitura de lábios, acreditava que a palavra sábado significava “banho”; pois sua mãe sempre a dizia com grande ênfase

ao colocá-la a trancos na banheira. Annie já tinha aprendido que sábado era o dia anterior ao da missa e, como parte dos preparativos, toda a família tinha que tomar banho.

Dado que fazia muito tempo que não permitiam que Annie fosse à igreja, pensava que não era justo que tivesse que tomar banho como todos os outros. A manhã seguinte, não lhe permitiriam usar um vestido bonito, tal e como sempre faziam sua mãe e suas três irmãs; e, quando chegava a hora de ir à igreja, ela tinha que ficar em casa com os serventes. Quem iria perceber que seus ouvidos estavam limpos? A quem lhe importaria? A ela não, certamente.

Como se adivinhasse seus pensamentos, sua mãe a agarrou pelo lóbulo da orelha e lhe deu um forte puxão. Como uma tartaruga, Annie escondeu a cabeça entre os ombros e apertou os olhos com força. Odiava aquela parte. Odiava-a, odiava-a. Para lhe lavar as orelhas, sua mãe sempre envolvia a gema de um dedo em uma toalhinha e logo a metia no buraco da orelha. Mesmo que estes cuidados só lhe faziam mal em muito estranhas ocasiões, eram extremamente irritantes. Annie queria que lhe permitissem lavar as orelhas sem ajuda de ninguém, mas por alguma razão sua mãe não acreditava que pudesse fazê-lo bem. Annie tinha aprendido há muito tempo a não opor resistência. Isto só servia para ganhar um bofetão e ao final, sua mãe lhe colocava a toalhinha na orelha de todos os modos.

Pum, pum. Os fortes golpes que lhe deu sua mãe na cabeça com os nódulos fizeram que Annie abrisse os olhos. Sabendo perfeitamente o que esperava que ela que fizesse, levantou o rosto e suportou com resignação a cansativa experiência de se deixar lavar. Logo, obedecendo as ordens que sua mãe lhe deu mediante gestos, levantou-se, jorrando água, para que pudesse lhe esfregar o torso e as pernas. Annie conhecia este ritual de cor, e se voltou para o outro lado.

De repente, sua mãe deixou de esfregar. Annie a olhou atentamente através das negras mechas molhadas que caíam sobre seu rosto, perguntando-se o que teria passado. Os olhos azuis de sua mãe saíram das órbitas e tinha a boca aberta, como se alguém lhe tivesse dado um golpe que a tivesse deixado sem fôlego. Annie abaixou a cabeça para se olhar, esperando ver algo espantoso. Mas lhe pareceu que tudo estava perfeitamente bem. Voltou a olhar para sua mãe, interrogando-a em silêncio.

A maneira de resposta, os lábios de sua mãe formaram estas palavras:

— Ai, Meu deus! Está inchando.

“*Inchando?*” Esta era uma palavra que Annie não conhecia. Enquanto se esforçava para repeti-la em sua cabeça e estabelecer seu possível significado, viu que sua mãe estava olhando fixamente seu ventre. Envergonhada, Annie tentou encolher a barriga para ocultar a ligeira protuberância. Ultimamente tinha notado que a cintura estava crescendo muito, e naquela mesma tarde decidiu começar a comer menos. Como passava tanto tempo perambulando pelo bosque, observava com muita frequência os animais selvagens preparando-se para hibernar, e deduziu por si mesma que comer muito fazia com que as criaturas engordassem. Supôs que estava pegando muitas bolachas na cozinha.

Annie pensava que a protuberância em seu ventre era um problema de pouca importância, algo que poderia remediar com facilidade. Mas sua mãe parecia acreditar que era muito mais grave. Depois de olhá-la fixamente durante um momento, deixou cair a toalhinha molhada no chão e se cobriu o rosto com as mãos. Pelos movimentos bruscos de seus ombros, Annie percebeu que estava soluçando. Não sabia o que fazer, e, antes que lhe ocorresse algo, seu pai irrompeu na habitação, com as abas do pijama ondeando ao redor de seus peludos tornozelos.

Annie cobriu com suas mãos cruzadas o ponto de união de suas coxas e voltou a meter-se na água. Seu pai nunca entrava em seu dormitório quando estava tomando banho.

— Que demônios está se passando? — perguntou.

Annie cravou o olhar em sua mãe, esperando ver em seus lábios a resposta a esta pergunta. Mas as mãos dela continuavam cobrindo seu rosto. O que disse a seu pai fosse o que fosse lhe fez empalidecer. Ele voltou seus aflitos olhos azuis para Annie.

— Meu deus, isso não pode ser!

Dirigiu-se lentamente para a banheira. Agarrando o braço de Annie com força, obrigou-a a ficar de pé. Ela não recordava qual foi a última vez que seu pai a viu nua, e a invadiu uma horrível sensação de rubor. Inclinou-se para frente voltou a cobrir com as mãos suas partes íntimas. Seu pai a sacudiu com força. Ela levantou os olhos bem a tempo para vê-lo dizer:

— Basta já! Endireite-se, mulher, para poder te ver melhor.

Annie não queria que a olhasse, mas isto foi precisamente o que ele fez. A desgraçada jovem agradeceu que esta humilhação tivesse durado apenas um instante. Seu pai lhe soltou o braço em seguida e levando uma mão aos olhos, girou sobre os calcanhares para afastar-



se. Cada vez mais alarmada pelo comportamento de seus pais, Annie sujeitou seu ventre com as duas mãos. Rara vez tinha visto seus pais tão alterados. Não podia estar tão gorda!

Olhando por cima de seu ombro, o pai de Annie disse algo que ela não conseguiu entender. Sua mãe secou as bochechas com mãos trêmulas. Logo, levantou a toalha, fazendo gestos a Annie para que saísse da banheira. Tremendo, ela entrou nas quentes dobras do pano e envolveu com ele seu corpo. Sua mãe assinalou a camisola limpa que tinha deixado para ela sobre a cama. Logo, claramente esperando que Annie se secasse e vestisse sozinha, saiu rapidamente do dormitório.

Depois de colocar a camisola, Annie se dirigiu com sigilo à porta e a abriu ligeiramente. Sentiu as vibrações dos passos de seu pai no chão antes de vê-lo aproximar-se pelo corredor. Para sua grande surpresa, tinha vestido a roupa novamente e estava abotoando a camisa precipitadamente. Os cordões de seus sapatos se arrastavam pelo chão, mas parecia que não percebia que tinha se esquecido de amarrá-los. Olhou-o descer as escadas. Um momento depois, sentiu as paredes tremer quando, ao sair, o juiz fechou a porta principal com uma batida.

Annie não podia imaginar aonde se dirigia. Aos sábados a noite sempre se deitava cedo e lia na cama até dormir. Que ela recordasse, nunca saiu de casa depois de ter se retirado a seus aposentos, a menos que acontecesse algo grave.

Temerosa de que sua mãe a surpreendesse espiando, fechou a porta com cuidado. Apertando as costas contra a madeira, rodeou-se a cintura com os braços e repassou tudo o que tinha acontecido. Não era possível que seus pais estivessem assim de alterados só porque seu ventre estava crescendo.

Sem poder entender o que estava acontecendo, apagou os abajures e iluminada pelo agonizante brilho das mechas, correu para deitar-se na cama. Embora fosse uma cálida noite do verão, os lençóis estavam frios. Ficou tremendo e se aconchegou sob o edredom. Quando a escuridão se apropriou da habitação, fechou os olhos, resolvida a dormir. O aborrecimento de seu pai, fossem quais fossem seus motivos, não era assunto dela. Não era possível! Muitas pessoas estavam mais gordas que ela, e ninguém se irritava tanto por isso.



Alex tomou um gole de conhaque, saboreando-o lentamente. Aquele era seu momento preferido da noite: já tinha terminado a jornada de trabalho, tinha jantado, e as tranquilas horas que antecedia o momento de deitar se estendiam diante dele. O fogo crepitava alegremente. Suas chamas de cor âmbar e quase todo o calor que despediam ascendiam precipitadamente pela chaminé. Sem importar que fosse inverno ou verão, Alex sempre gostava de acender um fogo a noite, para esquentar-se durante os meses frios ou para melhorar sua disposição de ânimo quando as temperaturas alcançavam extremos sufocantes. As chamas emitiam muito pouco calor, mas seu aprazível resplendor piscava tranquilizadamente até nos mais remotos cantos de seu escritório.

Depois de fazer um pouco de trabalho administrativo, esperava poder dedicar-se a suas leituras. Os jornais de Portland de toda a semana se encontravam amontoados junto a sua cadeira. Nenhum deles tinha sido sequer desdobrado. Tanto nos estábulos cavalos como na pedreira, a primavera e o verão eram as épocas do ano de maior trabalho: começavam com a temporada de partos e terminavam em setembro, no tempo de colheita. Em meio as semanas agitadas transcorria uma infinidade de trabalhos exaustivos; entregar pedidos de pedra triturada, ocupar-se das éguas durante o parto, cuidar os potros, lavrar os campos, e, além disso, semear e regar. As tarefas pareciam não ter fim, e as horas de descanso eram escassas. Eram raras as ocasiões em que tinha um pouco de tempo livre, normalmente as passava na pedreira conversando com seu capataz.

Depois de esticar suas largas pernas, Alex cruzou os tornozelos. Deleitando-se com o resplendor do fogo, sentiu-se preguiçoso em grau supremo. O torpor se deslizou sobre ele como um edredom sedoso, e se permitiu fechar os olhos, sustentando a taça de conhaque em sua mão apoiada contra o peito.

— Senhor...

Ao ouvir a voz do mordomo, Alex se incorporou sobressaltado. Derramou um pouco de conhaque sobre sua camisa e amaldiçoou entre dentes.

— Sinto ter que incomodá-lo, senhor, mas James Trimble se encontra no saguão, e insiste em vê-lo para tratar com o senhor um assunto de grande urgência.

Alex deixou a taça de conhaque sobre a mesa de mármore que se encontrava junto à cadeira e esfregou o rosto com as mãos. Trimble? Lançou uma olhada ao relógio da chaminé e viu que eram sete e dez.

Se sacudindo para tirar o torpor, ficou de pé e começou a colocar a camisa dentro da calça.

— Faça o entrar, Frederick.

Com as abas negras de sua jaqueta flutuando atrás dele, o mordomo girou sobre os calcanhares e saiu do escritório. Um momento depois, a reluzente porta de mogno se abriu de novo e Trimble entrou no lugar. Com apenas lhe lançar um olhar, Alex soube que algo tinha acontecido. O cordão do sapato esquerdo do juiz estava desamarrado, sua meia direita enrugada ao redor do tornozelo e a perna da calça dentro dela. A camisa estava bem abotoada, mas só uma de suas abas se encontrava dentro da calça.

— Meu deus, o que aconteceu, juiz?

O homem mais velho foi direito ao aparador, andando a passos largos até pegar com uma mão a garrafa de conhaque. Sem sequer pedir permissão, serviu-se uma generosa quantidade de licor em uma taça e a bebeu de um gole. Dado que o juiz só tinha ido a sua casa uma vez na noite em que violentaram sua filha, a Alex pareceu que seu comportamento era muito estranho, para não dizer outra coisa. Ficou olhando o homem com cara de assombro enquanto servia mais conhaque.

Depois de beber outro gole, finalmente se voltou para Alex.

— Está grávida.

Estas palavras pegaram Alex completamente despreparado. Tinham passado quatro meses sem que tivesse notícia alguma dos Trimble, e pensou que já não havia nenhuma possibilidade de que a jovem estivesse grávida. Dobraram-lhe os joelhos e teve grandes dificuldades para chegar a sua cadeira. Os olhos lhe ardiam, e a comoção lhe paralisou a garganta. Tudo o que podia fazer era olhar fixamente para o homem mais velho. Depois de uns segundos que foram imensamente longos, disse por fim:

— E agora percebeu?

O juiz agitou a mão, derramando sem querer um pouco de licor. Entretanto, não pareceu notar que deixou cair conhaque sobre o tapete persa.

— Sua mãe não me disse nada. — Deixou de falar e fechou os olhos por um momento — Ela esperava que a interrupção de seu fluxo menstrual não significasse nada. — Abriu os olhos para cravar em Alex um olhar de angústia — Estava equivocada. Annie está grávida, não cabe a menor dúvida.

Alex se deixou cair em sua cadeira.

— Maldição!

— Agora o assunto é o que vamos fazer. Acredito que a gravidez está muito avançada para interrompê-la sem pôr em perigo sua vida.

Alex sabia que havia alguns médicos de duvidosa reputação que, por uma soma considerável de dinheiro, faziam essa classe de coisas; mas a só ideia lhe enojava. Matar o filho de seu irmão? A seu próprio sobrinho ou sobrinha? Embora ainda fosse possível interromper a gravidez, ele não o permitiria. Para ele, crianças eram um sonho inalcançável e um tesouro sem preço.

Como se lesse seus pensamentos, o juiz bebeu rapidamente o resto do conhaque e disse com voz trêmula:

— Minha Annie não pode criar uma criança, Montgomery, e nós já estamos muito velhos para assumir uma responsabilidade semelhante. Seremos uns velhos estúpidos antes que ele alcance a maior idade. — Negou com a cabeça — Se sua gravidez não estivesse tão avançada, faria com que minha filha o interrompesse sem pestanejar. Possivelmente esta seja a razão pela que Edie não quis me contar o que estava acontecendo.

— Está esquecendo minha responsabilidade em todo este assunto. Ocorreu-te pensar que eu poderia estar disposto a criar a essa criança?

— Essa não é uma alternativa.

— Por que diabos não tem que sê-lo? Por causa de sua carreira política? — Alex, furioso, tinha levantado a voz — Há muitas maneiras de evitar um escândalo, Trimble. — Embora fosse muito difícil para ele confessar isto, Alex sabia que não era o momento de andar em rodeios — Tenho certeza que ouviu os rumores que circulam por aí a respeito de minha esterilidade. Pois são certos. Sofri caxumba quando tinha pouco mais de vinte anos. — Para fingir uma tranquilidade que não sentia absolutamente, Alex encolheu os ombros — Como não posso gerar filhos, não tenho nenhuma intenção de me casar. Se não houver outra solução, estaria disposto a me casar com Annie e assegurar que seja criança seja minha.

O juiz negou veementemente com a cabeça. Alex se apressou a defender sua proposta.

— Além dos jovens que presenciaram a violação e duvido de que eles se atrevam a falar, ninguém saberá que essa criança não é minha. Devido ao mal que sofre Annie, é muito possível que se especule sobre a razão que me levou a casar com ela, mas isto só prejudicaria a mim não ao senhor. Depois de um período de tempo razoável, eu poderia alegar diferenças insuperáveis e pedir o divórcio. Annie poderia retornar para casa para ficar junto com sua mãe. Esta

seria a solução perfeita para todos. Estamos falando do filho de meu irmão, depois de tudo. Tenho a responsabilidade de cuidar de seu bem-estar e também do bem estar de Annie.

— Não.

Depois de pronunciar seu veredito, o juiz colocou a taça sobre o aparador. Como um cego, dirigiu-se à chaminé, procurando com as mãos os encostos das cadeiras que se encontravam em seu caminho para apoiar-se neles. Ao chegar à chaminé, agarrou-se ao suporte e apertou a fronte contra a dura pedra. Alex ficou emocionado ao ouvir aquele homem soluçar.

— Se alguma vez contar algo disto a alguém, — disse Trimble com voz entrecortada —estarei perdido. Jure que nada do que disser sairá desse lugar.

Alex lançou uma olhar à porta para certificar-se que estava bem fechada.

— Certamente dou minha palavra.

— Sei que pensa que sou um bode desumano por desejar que pudéssemos nos desfazer dessa criança, mas você não conhece todos os fatos. Nossa Annie... — interrompeu-se e deixou escapar um suspiro entrecortado — Bom, você já deve ter ouvido a história a respeito da febre que a atacou em sua infância e que afetou sua saúde mental.

— Sim.

O juiz esfregou a bochecha com o ombro de sua jaqueta.

— Deu-lhe uma febre muito alta. Isso não é mentira. Quando tinha cinco ou seis anos, pouco mais ou menos, e sua raridade começou depois disso. Começou devagar, e foi piorando progressivamente com o passar do tempo, até que se converteu no que é agora.

Alex não sabia o que dizer, nem tampouco se o juiz esperava algum tipo de resposta.

— O caso é que não estou completamente seguro de que a febre tenha sido a causa de seu mal — prosseguiu ele — Edie insiste em que foi assim. E, dado que o fato de difundir esta história permita que nossa filha fique em casa sem prejudicar muito a família, eu fingi acreditar. Mas a verdade é que um dos tios de Edie ficou louco. Louco de atar. Seu desequilíbrio mental começou na infância, tal e como o de Annie, e foi piorando progressivamente até que teve que ser controlado fisicamente e ingressado em um hospital psiquiátrico.

Alex apertou os dentes. Não queria ouvir aquela história.

O juiz se endireitou lentamente e se voltou para ele. As lágrimas faziam brilhar seus olhos azuis e seu rosto estava muito pálido.

— Até agora, a verdade não era tão importante. Eu estava na expectativa e rogava para que Annie não piorasse tanto como para que me visse obrigado a mandá-la a um hospital psiquiátrico. Isto acabaria com sua mãe. Inclusive os melhores hospitais são lugares absolutamente espantosos.

Alex também tinha ouvido toda classe de histórias a respeito. O juiz levantou as mãos.

— Mas agora... Bom, não posso continuar enterrando a cabeça na areia, e menos ainda quando há uma criança envolvida. O mal de Annie poderia ser hereditário. Sabendo isto, não posso permitir que nem você e nem qualquer outra pessoa adote seu filho. Ele também poderia ficar louco em uns poucos anos.

Alex abaixou os olhos, envergonhado até a medula por não expressar nenhuma objeção. Louco. Deus santo. Nem sequer ele queria correr o risco de ter que encarregar-se de uma criança assim.

— Agora entende o problema.

Alex se levantou da cadeira e começou a caminhar inquieto de um lado para outro. Desejava com todas suas forças que Douglas estivesse ali naquele momento para presenciar a dor tão grande que tinha causado, não só a Annie, mas também a todos seus próximos.

O juiz beliscou a ponta do nariz.

— Tal e como vejo as coisas, só tenho uma opção: tirar Annie de casa até que nasça a criança e o possamos levá-la a um orfanato. Eu me ocuparei de que as pessoas a seu cargo entendam que nunca deve ser entregue em adoção.

Alex assentiu com a cabeça. Ele também pensava que esta era a única alternativa.

— Aonde mandará Annie? Têm parentes que possam recebê-la?

O juiz negou com a cabeça.

— Duas tias anciãs que já estão muito doentes para poder ajudar. Meus irmãos morreram de gripe nos anos setenta, e Edie é filha única, concebida no momento em que se produziu uma mudança na vida de sua mãe ao pensar que tinha ficado estéril. Por causa do acontecido com o tio, seus pais pensaram que o melhor seria não ter mais filhos, pois temiam que a loucura pudesse ser hereditária.

A luz desta história, Alex morria de vontade de saber por que o juiz e a senhora Trimble tiveram quatro filhas, mas se absteve de perguntar. Depois de tudo, isso não era assunto dele.

— Então terá que levar Annie a algum tipo de residência?

— Sim; e é justamente para isso que necessito de você. Requer um pouco de ajuda econômica. Cuidar dela será caro, especialmente durante um período de tempo tão longo.

— Me diga quanto necessita. Disse a princípio que estava disposto a ajudar em tudo o que fosse possível, e disse a sério. Sabe bem que dinheiro não é um problema para mim, e pagarei com gosto todos os gastos.

O juiz esfregou o rosto com uma mão.

— Eu tenho uma posição desafogada, mas, contrariamente ao que as pessoas acreditam meus recursos econômicos não são inesgotáveis.

Sentindo grande compaixão por aquele homem, derrotado e velho, Alex o agarrou pelo ombro.

— James, não queria pôr em dúvida seu critério, mas não seria aconselhável deixar que o doutor Muir confirmasse a gravidez de Annie para não atuar precipitadamente?

— Está grávida, sem dúvida alguma. A barriga já começou a crescer.

Alex recordou a infinidade de vezes que pensou que uma égua estava prenhe, e que logo descobria que se equivocou.

— Às vezes, as aparências enganam. Acredite. Poderíamos estar nos deixando levar pelo pânico sem motivo algum. Existe a possibilidade de que a garota esteja engordando um pouco, e nada mais.

— Como eu gostaria que esse fosse o caso. Meu deus, tomara que fosse assim.

Alex compartilhava esse sentimento. Seria melhor para todos que Annie não estivesse esperando um filho de Douglas, especialmente para o bebê. Um orfanato. Apenas a ideia de que colocassem em uma instituição como esta uma criança de seu próprio sangue e que proibissem sua adoção o afligia enormemente.

O juiz ficou de pé e respirou fundo.

— Muito bem, suponho que o melhor será que vá procurar ao doutor Muir.

— Esta mesma noite?

Alex não pôde ocultar sua surpresa. Parecia que o juiz deveria esperar até o dia seguinte para chamar o médico, ao menos pelo bem de Annie.

— Edie está muito alterada. Quero resolver isto o mais breve possível.

— Entendo.

— Falando de Edie... — O juiz passou um dedo debaixo do pescoço de sua camisa, claramente incômodo pelo que iria dizer — Agradeceria que não mencionasse nada do que conversamos esta noite diante dela. Sobre seu tio. Eu, isto... Bom, pode imaginar que, enfim... A loucura de sua família é um tema sobre o qual preferimos não falar.

Era um tema sobre o qual preferiam não falar? Levando em consideração que sua filha poderia estar louca, a Alex pareceu que isto fosse extremamente estranho.

CAPÍTULO 04

Fazendo todo o possível para esconder seu aborrecimento, Daniel Muir se sentou com cuidado na borda da cama de Annie Trimble e a agarrou pela mão. O receio que se refletia em seus grandes olhos azuis fez com que lhe encolhesse o coração. Aquela era ao menos a vigésima vez, desde que Alex Montgomery o foi procurar no povoado, que teve que tragar a ira que sentia contra seus pais. Não podia entender como duas pessoas tão boas e caridosas como James e Edie podiam dar um trato tão insensível a sua filha mais nova. Se fosse verdade que a jovem estava grávida, seu estado não mudaria de um dia para outro. Mas tinha insistido na necessidade de confirmar sua suspeita aquela mesma noite.

Daniel não era partidário de assustar seus pacientes, e não havia a menor dúvida de que Annie sentia medo. Não era de estranhar. Não a tinha atendido mais de uma dúzia de vezes em toda sua vida; só em uma ocasião desde aquela febre que afetou sua saúde mental, e ele era um desconhecido para ela. Agora se encontrava em sua habitação, tirada de um sono profundo para examiná-la. Edie montava guarda atrás dele, retorcendo as mãos, gemendo e chorando. Isto bastava para aterrorizar a jovem. Para cúmulo dos males, James estava do outro lado da habitação, marcando um atalho com seus passos no reluzente chão. Apesar de serem duas pessoas tão inteligentes, não pareciam ter nenhum senso comum.

— E bem? — Perguntou James com impaciência — Está grávida ou não?

Já era suficiente. Daniel se levantou da cama e se ergueu em toda sua altura; o que na realidade não era muito. Lançando um olhar hostil ao consternado casal, espetou:

— Saiam da habitação! Ainda não a examinei e não penso fazê-lo nestas condições.

Edie se sobressaltou. James parou depois de girar sobre seus calcanhares e cravou nele um olhar de assombro.

— Estão alterando a garota — disse Daniel com mais delicadeza — Rogo-lhes que esperem no corredor. Quando tiver um diagnóstico, os chamarei.

— Pois bem! — exclamou Edie indignada.

Naquele momento, Daniel não se importou em ter ofendido Edie Trimble. A mulher estava esgotando sua paciência, e isto era o único que podia fazer para não ver-se obrigado a amarrá-la com uma corda. Atrasada ou não, Annie tinha sentimentos, e sua mãe, mais que ninguém, deveria saber. Foi violentada, nada menos, e ninguém tinha chamado Daniel para que fora a examiná-la? Edie deveria saber naquele momento que era possível que a jovem apresentasse uma hemorragia interna ou, por exemplo, que tivesse contraído uma infecção. Não obstante, naquela oportunidade não lhe chamaram. Era quase como se Edie tivesse medo de que ele examinasse Annie, como se temesse seu diagnóstico. Por quê? Esta era precisamente a pergunta que se fazia e Daniel não tinha uma resposta.

Depois de acompanhá-los até a porta, Daniel suspirou e se voltou para Annie. A moça o estava olhando nervosa, com os olhos redondos como pratos. Fazendo todo o possível para parecer inofensivo, dirigiu-se lentamente à cama. Voltou a sentar-se na borda do colchão, agarrou sua mão de novo e lhe deu um tapinha afetuoso.

— Lembra-se de mim, Annie? — perguntou-lhe em voz baixa.

Sem deixar de olhar fixamente sua boca, ela levantou o queixo e esfregou o rosto contra o ombro de sua camisola. Daniel contemplou seus traços finamente cinzelados, pensando que era uma pena que uma febre a tivesse deixado incapacitada. Embora as demais Trimble estivessem casadas e, devido a longa distância que tinham que percorrer, raras vezes iam à casa de seus pais, Daniel recordava com toda claridade seus rostos. Sem lugar a dúvida, Annie era a mais bonita das quatro irmãs. Mas, certamente, era preciso olhá-la atentamente para perceber isso. Tinha um cabelo azeviche extraordinariamente espesso, cujos sedosos cachos formavam redemoinhos em desordem ao redor do rosto, quase escondendo um rosto que era perfeito como um camafeu. Sua mãe não investia muito dinheiro em roupas para a jovem, possivelmente porque estragava todas suas roupas correndo pelas montanhas. Como consequência disto, Annie andava por aí com vestidos humildes e pouco favorecedores, feitos com tecidos de má qualidade. Para cúmulo, ninguém tinha se incomodado em lhe ensinar como conviver em

sociedade. Para ser justos com os Trimbles, era bem possível que ela fosse incapaz de aprender; mas, mesmo assim, Daniel pensava que era uma pena que não tivessem tentado ao menos um pouco. Naquelas condições, suas maneiras e seu comportamento eram os de uma criança de seis anos.

— Quando era muito pequena, eu acostumava esconder caramelos em meus bolsos quando vinha te ver, mas não acredito que possa se lembrar de nada disto.

Ela em seguida dirigiu o olhar para o bolso superior de sua jaqueta. Agarrando a lapela, Daniel esvaziou o compartimento interior, contente de levar sempre consigo doces que lhe permitiam ganhar a seus pacientes de menor idade. Inclinando-se um pouco para frente, soltou sua pequena mão.

— Venha, pegue todos os que quiser.

Suas sobranceiras finamente arqueadas se juntaram para franzir o cenho. Em lugar de tentar agarrar as guloseimas, ela colocou uma mão sobre o ventre e negou ligeiramente com a cabeça.

— Não gosta dos caramelos, não é? — Com cuidado para não fazer nenhum movimento brusco, Daniel retirou o edredom e pôs uma mão junto a dela sobre seu ventre — Tem dor no estômago?

Massageou-a brandamente com suas mãos peritas. Tal e como seus pais lhe tinham advertido, seu ventre estava levemente volumoso. Examinou com cuidado o inchaço. Logo, voltou a cobrir a jovem até a cintura com o edredom e lhe sorriu.

— Tudo parece estar bem.

A desconfiança que se refletia em seus olhos revelou a Daniel que, a não ser se mostrasse comedido, seria quase impossível lhe fazer um exame interno. Sem desanimar-se, inclinou-se para abrir sua maleta negra e tirar o estetoscópio. Tendo trabalhado nesta profissão durante mais de quarenta anos, converteu-se em todo um perito em tratar com pacientes tímidos. Depois de colocar o diafragma do estetoscópio entre suas mãos côncavas para esquentá-lo, colocou um pouco mais abaixo da clavícula de Annie e fez grande alarde do quão bonito era escutar seu coração. Ao mesmo tempo, pegou as palmas das mãos contra o peito dela, com todo cuidado. Ao advertir que não protestava, desceu o instrumento um pouco mais, e continuou descendo até colocá-lo sobre um de seus pequenos seios. Enquanto fingia estar escutando, apalpou a zona rapidamente. Caiu-lhe a alma aos pés quando ela soltou um gesto de dor, e percebeu quanto inchada estava.

Sem fazer um exame meticuloso, não podia estar absolutamente seguro de que a garota estivesse grávida, mas a distensão de seu abdômen e a sensibilidade de seus seios eram dois sinais terminantes. Deixou escapar um suspiro enquanto guardava o estetoscópio na maleta. Dado que ela tinha deixado de menstruar, estava quase completamente seguro de que seus pais tinham feito um diagnóstico correto. Não lhe entusiasmava a ideia de lhes comunicar a notícia. Sem dúvida alguma, Edie gritaria e se lamentaria, o qual só conseguiria assustar ainda mais a jovem.

Levantando-se, contemplou Annie com um olhar triste. Perguntou se o que seria dela. No melhor dos casos, terminaria em uma residência de mães solteiras. Provavelmente passaria uma temporada de pesadelo em um hospital psiquiátrico, possibilidade que lhe partia a alma. Ela era uma criancinha selvagem, acostumada a correr livremente pelo bosque. Seria muito duro que a encerrassem em algum lugar, qualquer que fosse sobre tudo quando ninguém poderia lhe fazer entender que seria só por uns poucos meses.

Levado por um impulso, Daniel lhe afastou o cabelo do rosto afetuosamente. A beleza de seus traços delicados o deixou sem fôlego. Tirou um caramelo do bolso superior de sua jaqueta e o colocou em sua mão.

— Possivelmente goste de um caramelo pela manhã, verdade?

Muito depois de que o doutor apagasse a candeeiro e saísse de seu dormitório, Annie permanecia imóvel sobre sua cama, olhando fixamente as sombras projetadas no teto. O caramelo já começava a derreter-se em sua mão, e estava muito pegajoso. Recordava vagamente as ocasiões em que o médico foi vê-la quando era pequena. Seu cabelo era negro naquele tempo, não cinza como agora, e seu rosto não estava tão enrugado. Mas por mais que tentasse, não podia recordar lhe levando caramelos. Não entendia por que o tinha feito aquela noite. Tinha percebido a expressão de inquietação em seu rosto ao lhe apalpar o ventre. Se todo mundo estava tão preocupado por sua gordura, por que ele lhe levava uma guloseima que a faria engordar ainda mais?

Suspeitava que algo estranho pairava no ambiente aquela noite, como costumava acontecer justo antes de uma tormenta elétrica. De vez em quando sentia vibrações que emanavam do chão e se perguntava o que as estaria ocasionando. Portas que se abriam e fechavam? Passos? Queria sair às escondidas de sua habitação e aparecer no corredor para ver o que estava acontecendo abaixo, mas tinha medo de que sua mãe a descobrisse. Às vezes, Annie podia ver



o que estava acontecendo sem meter-se em confusões, mas intuía que aquela noite não era como as demais.

Ficou de lado e deixou o caramelo na mesinha de noite. Logo, lambeu a palma da mão para limpá-la, deleitando-se com o sabor doce e esperando que uma quantidade tão pequena de açúcar não a fizesse engordar ainda mais. Nunca tinha visto seus pais tão alterados, nem sequer aquela vez em que foi correndo para o altar da igreja para tocar o órgão.

Sonolenta, Annie se cobriu com o edredom até o queixo e fechou os olhos. Jurou que no dia seguinte só comeria algo leve no café da manhã e no jantar. Em um abrir e fechar de olhos, estaria magra de novo e seus pais deixariam de olhá-la com tanta tristeza.



Alex sentia uma forte dor de cabeça, e a voz gritante de Edie Trimble fazia com que a dor se aguçasse atrás de seus olhos. Sentou-se frente da chaminé do despacho do juiz, desejando encontrar-se muito longe dali. As lágrimas de uma mulher o deixavam sempre muito nervoso, possivelmente devido a que tinha convivido com muito poucas ao longo de sua vida. Maddy, sua governanta, uma empregada incondicional de cinquenta e três anos de idade, não era muito dada a choramingar diante de outras pessoas; e não tinha mais que uma vaga lembrança de sua madrastra, Alicia.

— Por favor, James — suplicou Edie — me deixe cuidar dela aqui. Não entenderá por que a enviamos a um lugar estranho para viver com pessoas que não conhece.

O juiz passou a mão por seu escasso cabelo e lançou um olhar nervoso ao doutor Muir.

— Daniel, diga algo.

O médico encolheu os ombros.

— O que posso dizer? Edie tem toda razão. A garota não entenderá e com certeza vai lhe afetar muito; e para mal, que desconhecidos cuidem dela.

O juiz lançou as mãos a cabeça em um evidente gesto de impaciência.

— Que mais posso fazer?

Daniel esfregou o queixo.

— Não é possível deixá-la em casa?

— E o escândalo? — gritou o juiz.

— Ah, sim, o escândalo.

O tom de voz do médico revelava com toda clareza que não via com simpatia a obsessão do juiz por sua carreira política. Alex compartilhava este sentimento. Se Annie fosse sua filha, seu bem-estar seria o mais importante para ele; sua carreira profissional só ocuparia um segundo lugar.

— Eu poderia tentar encontrar um lar adequado para Annie não muito longe daqui — propôs Alex.

Edie se voltou para ele com os olhos inchados de tanto chorar. Alex se levantou de sua cadeira e apoiou um braço no suporte da chaminé.

— O ideal seria encontrar uma mulher que fosse como uma espécie de avó e que estivesse disposta a cuidar dela durante toda a gravidez. Tenho certeza que podemos encontrar alguém assim se nos empenharmos nisso.— Para insistir em seu argumento, levantou as mãos — A garota só tem quatro meses de gravidez. Dispomos ainda de um pouco de tempo. — Olhou para Edie— Quanto ao fato de que a mudança de residência a afete e confunda ainda mais, não há nenhum motivo para que você não possa acompanhá-la ou ficar com ela até que se adapte à nova casa.

Edie levou uma mão ao pescoço. Olhou para o juiz em busca de aprovação.

— Poderíamos fazer isso, querido?

Trimble assentiu com a cabeça.

— Não vejo por que não. O difícil será encontrar uma mulher assim. — Lançou um olhar esperançoso para Alex — Se conseguirmos, seria ideal: a melhor solução para todos nossos problemas.

Sentindo-se imensamente culpado, pois seu irmão tinha causado todos aqueles transtornos, Alex respondeu.

— Deixe-me fazer isso. Como me dedico ao comércio de cavalos, conheço pessoas em outros povoados. Começarei amanhã mesmo a escrever cartas fazendo averiguações a respeito e as enviarei ao correio na segunda-feira. É possível que leve um pouco de tempo, mas encontraremos a alguém que acolha Annie.

Edie se lançou nos braços de seu marido e se desfez em lágrimas uma vez mais. Embora compadecesse da mulher, Alex estava ansioso para sair dali. Assegurou uma vez mais aos Trimble que começaria a fazer averiguações na manhã seguinte, saiu ao corredor e foi direito ao saguão. Só quando estava no alpendre percebeu que o Doutor Ihe estava pisando nos calcanhares.

— Que situação tão terrível! — observou Daniel Muir.

Para Alex, dizer que era uma situação terrível era encurtá-la. Não podia esquecer nem por um instante que Douglas era o responsável por tudo aquilo.

— Sim, assim é. Só Deus sabe quanto desejaria poder emendar o dano causado, mas não posso fazê-lo.

Enquanto desciam as escadas da entrada principal, o doutor tirou a jaqueta, enganchou-a em seu dedo polegar e a jogou em cima de um de seus ombros.

— Faz muito calor esta noite, não é verdade? Estava a ponto de me asfixiar ali dentro.

Acostumado a trabalhar ao ar livre, suportando o calor do dia, Alex não tinha percebido quão carregado estava o ambiente. Levantou os olhos para olhar o céu iluminado pela luz das estrelas.

— Viria bem se chovesse um pouco.

— Como são as coisas! Durante todo o inverno não fazemos mais que nos queixar das chuvas, e em meados de agosto começamos a rezar para que caia um aguaceiro.

Alex parou junto a seu cavalo ao chegar ao corrimão.

— A natureza humana é contraditória.

Muir dirigiu o olhar para a casa.

— Não está me dizendo nada que já não saiba. Essa família é todo um enigma, é a pura realidade.

Alex acreditava que o doutor estava se referindo a obsessão do juiz a sua carreira política.

— Nem sempre é possível entender as prioridades das demais pessoas.

— É verdade. — O médico entreabriu os olhos para observar Alex na escassa luz proveniente da lua — Você é um bom exemplo. Considerava-te um homem preparado, sempre a espreita das oportunidades. Agora te apresenta uma e a está deixando passar.

— Como diz?

— A pequena Annie é uma garota de bom berço e tudo isso — esclareceu o doutor — Você, por outra parte, já está a ponto de fazer trinta anos, ainda não se casou e está convencido de que não pode ter filhos. Pensei que não deixaria passar a oportunidade de se casar com essa moça e que reivindicaria como teu, o filho de Douglas. Depois de tudo, essa criança levará seu sangue, pois é o filho de seu irmão.

Alex afastou o olhar, porque no fundo entendia perfeitamente o ponto de vista do doutor. Não podia lhe dar a conhecer o motivo de

sua decisão, pois tinha prometido a Trimble que não contaria a ninguém o que lhe tinha revelado.

— Pois assim são as coisas, doutor. Embora seja verdade que desejo ardentemente um filho, tenho meus motivos para hesitar.

Muir deixou escapar um suspiro.

— Refere-se ao tio louco de Edie? —O médico rodeou o corrimão para amarrar os animais com o fim de aproximar-se de seu cavalo. Depois de ajustar a rédea, olhou para Alex por cima da sela. — Sim, certamente, não pode se referir a outra coisa. Eu também ouvi essa história. Mas te digo uma coisa, Alex, essa garota não está louca. Eu estive com Edie quando Annie nasceu, e também atendi a menina em seus primeiros anos de vida. Ela estava perfeitamente bem até que lhe deu essa febre. Essa garota não tem nada que possa transmitir a seus filhos. Eu lhe garanto isso.

Alex agarrou com tal força o corrimão que lhe doeram os nódulos.

— Poderia estar equivocado.

Daniel riu entre dentes.

— Há tantas possibilidades de que me equivoque como de que a água comece a correr costa acima. Não estou falando levianamente, Alex. Sei perfeitamente quais seriam as consequências em caso de me equivocar. Mas te asseguro que não é assim. Essa garota era extremamente inteligente antes de padecer dessa enfermidade.

— Tem certeza de que não é hereditária?

— Completamente.

Alex lançou um olhar para a casa. Milhares de ideias e possibilidades se amontoaram em sua cabeça.

— Não sei. Dada sua condição, se me casasse com ela começariam a correr um monte de rumores. As pessoas pensariam que sou um homem libidinoso, e não lhes faltariam motivos para isso.

— Talvez tenha razão. Se lhe incomodarem os falatórios, suponho que será melhor que não se envolva nesta situação.

Alex respirou fundo.

— Por não falar da responsabilidade que estaria assumindo. Uma garota como Annie deve dar muito trabalho.

O médico sorriu.

— É uma criancinha tremendamente dócil e é feliz quando a deixam desfrutar dos prazeres simples de sua existência. Com seu dinheiro, poderia contratar uma mulher que ficasse em casa para cuidar dela; e nem sequer perceberia que está vivendo contigo. É preciso pensar também no bem-estar de Annie. É possível que lhe afete um pouco o fato de mudar-se a sua casa, mas isso seria muito menos traumático

para ela que se a mandassem a sabe Deus onde. Vivendo contigo, ao menos poderia continuar passeando pelo bosque que conhece tão bem, e quando quiser, poderia ir para casa ver sua mãe. Você não é o responsável pela desgraça que está a ponto de sobrevir a essa pobre menina, mas, caso se casasse com ela, poderia lhe facilitar muito as coisas.

Alex cravou o olhar no escuro bosque que confinava com o jardim dos Trimble.

— Não sei o que te dizer, meu caro doutor. — Respirou fundo — Se chegasse a estar equivocado em relação a garota... — interrompeu-se, encolhendo os ombros — Uma criança com problemas mentais? Não soube criar bem a Douglas, bem sabe. Olhe no que se converteu. A ideia de educar uma criança com algum tipo de enfermidade... Bom, o certo é que me aterroriza.

O doutor inclinou a cabeça para manifestar que estava de acordo com isto. Mas, ato seguido, deu o golpe mortal.

— E se não me equivoco e a criança resulta ser normal? Terá que passar toda sua vida em um orfanato, sem nenhuma esperança de que uma família o adote algum dia. — O médico montou em seu cavalo, vestindo seu casaco sobre a parte dianteira da cadeira — Só pense nisso, homem. Pode dar as costas, mostrar-se forte o que é certamente. Mas espero que possa dormir bem pelas noites.

Depois de dizer estas palavras, o médico esporeou o seu cavalo e tomou o caminho de saída para dirigir-se a rua.

Com a sensação de que lhe tinham arrancado uma parte de sua alma, Alex foi se sentar no alpendre. Os grilos cantavam na escuridão. A lua flutuava sobre as montanhas como uma gigantesca moeda de prata, banhando com seu resplendor as taças das árvores longínquas. Do interior da casa saía o ruído apagado do pranto de Edie Trimble.

Alex fechou os olhos e tentou ordenar seus pensamentos, mas as últimas palavras do doutor ressoavam com força em sua cabeça. Como poderia voltar as costas ao filho de seu irmão e dormir tranquilamente pelas noites? Tinha os recursos econômicos suficientes para contratar uma pessoa para cuidar de Annie e que ficasse em casa com ela; e o doutor possivelmente tinha razão quando dizia que, em sua enorme mansão, possivelmente nem percebesse que a jovem estava vivendo com ele. A criança poderia nascer dentro do casamento. Levaria o sobrenome Montgomery, que lhe correspondia por direito próprio, e desfrutaria de todas as vantagens que isto implicava. Embora Annie pudesse demorar uns

quantos dias em adaptar-se a seu novo lar, com o tempo conseguiria sentir-se a gosto, e isto seria muito menos traumático para ela que se a separassem radicalmente de sua família e de tudo o que conhecia.

Depois de dar voltas ao assunto durante vários minutos, Alex ficou de pé e subiu resolutamente as escadas. Sem sequer tomar a moléstia de bater na porta, entrou na casa e atravessou o corredor pouco iluminado que conduzia ao escritório do juiz. Os Trimbles levantaram os olhos, surpresos quando o viram entrar de novo naquela habitação. Edie o olhou com os olhos chorosos e inchados, e seu marido com perplexidade.

— Pensei que já tinha partido — disse o juiz.

Sentindo-se inexplicavelmente nervoso, Alex passou uma mão pela cabeça.

— O certo é que tive uma longa conversa com o doutor Muir, e agora penso que há outra solução para este problema. — Alex olhou o juiz na cara — Apesar do que me disse anteriormente, decidi que o melhor para todas as pessoas envolvidas neste assunto é que eu me case com sua filha.

Antes que algum dos Trimble pudesse protestar, Alex continuou falando.

— Contratarei uma pessoa competente para cuidar e ficar com ela. De vez em quando, poderá vir aqui lhes ver, e vocês sempre serão bem-vindos em minha casa. A criança levará meu sobrenome. — Alex agitou a mão no ar — Se pensarem bem, verão que é a solução perfeita.

Edie ficou lívida e se levantou de modo vacilante. Alex acreditava que a mulher estaria completamente de acordo com ele. Entretanto, surpreendentemente exclamou:

— Não!

Não esperava que a senhora respondesse daquela maneira.

— Mas por que não?

— Porque não! Não o permitirei, James. Depois de que nasça o bebê, quero que Annie retorne para casa, onde deve estar. Não quero que nenhum desconhecido cuide dela o resto de sua vida. Ela é minha filha e está sob minha responsabilidade, e de ninguém mais.

Alex estava muito cansado para discutir.

— Pouco depois de a criança nascer, Annie e eu poderíamos nos separar. Poderíamos dizer que tivemos problemas no matrimônio, inconvenientes que não pudemos resolver. Então ela retornaria para casa, e eu criaria a criança.

Edie levou o dorso da mão na fronte e começou a dar voltas pela habitação. Seu desassossego era evidente em cada uma das rígidas linhas de seu corpo. O juiz ficou olhando-a durante uns segundos. Logo, voltou-se para Alex com um olhar cheio de perguntas. Sabendo muito bem o que deveria estar pensando, Alex falou em voz baixa.

— Conheço os riscos, juiz. Estou disposto a tentar a sorte. Se a criança chegar a ter algum tipo de problema mental, eu me ocuparei de que ninguém diga nada e o internarei em um hospital psiquiátrico, tal e como planejava fazê-lo a princípio. Não haverá rumores nem escândalos. Diremos que a criança morreu ou que eu a mandei para casa de uns parentes.

O juiz lhe lançou um olhar de advertência, e em seguida se voltou para sua esposa, quem não deixava de andar de um lado a outro da habitação. Claramente temia que ela tivesse ouvido estas palavras. Tranquilizou-se ao ver que a mulher continuava dando voltas ao redor do escritório, aparentemente alheia a conversa.

— Não sei o que te dizer — disse em voz baixa — Se chegar a correr a voz do acontecido, minha carreira política estaria arruinada. Realmente acredito que o melhor seria que...

— Não estou dando a possibilidade de escolher — acrescentou Alex.

Ao juiz lhe dilataram as pupilas, e pareceu que suas íris estavam a ponto de ficarem completamente negras.

— Isso é uma ameaça?

— Uma promessa — lhe corrigiu Alex — Caso se oponha, pode se despedir para sempre da possibilidade de ter um cargo público.

O aflito pai se sufocou ainda mais. Depois de olhar atentamente para Alex durante um longo momento, dirigiu o olhar para sua esposa.

— Edie, é a melhor solução que surgiu até o momento. Annie não ficaria com Alex para sempre, só durante uns poucos meses.

A senhora Trimble negou com a cabeça com veemência.

— Não. Preferiria que fizéssemos o que tínhamos planejado antes: procuremos a alguém que viva fora do povoado para que cuide dela até que tenha esse bebê.

Isto não tinha nenhum sentido. A ponto de perder a paciência, Alex se sentou em uma cadeira e cravou seu implacável olhar no juiz.

— Há muitas mais coisas que tem que considerar aqui; não só os desejos da senhora Trimble. Sem dúvida alguma, meu plano seria muito melhor para Annie. E a criança não será internada em um orfanato.

Carrancuda, Edie se voltou para Alex. Seus olhos jogavam faíscas.

— Essa criança não é assunto seu, senhor Montgomery! Nada disto é.

Custou a Alex muito trabalho não perder a paciência.

— Não estou de acordo. Certamente que essa criança é meu assunto! E se encontrarmos a maneira de evitar que seja criada em uma instituição, isso é exatamente o que vamos fazer.

— Edie, — o juiz falou em voz baixa — por que não vai a cozinha preparar um pouco de chá?

A mulher tomou ar e apertou os punhos.

— Fala-me de chá? Está a ponto de decidir qual será o futuro de minha filha e quer que vá preparar chá?

— Sim. — Embora dita com delicadeza, a resposta do juiz era uma ordem inequívoca — Ainda sou o homem da casa. Em última instância, eu devo tomar a decisão e você tem que acatá-la.

A senhora Trimble lançou um olhar assassino para Alex e saiu majestosamente da habitação. Suas bochechas tinham manchas de intensa cor carmesim e seus lábios formavam uma rígida linha.

Imediatamente depois de sua saída, dissipou-se grande parte da tensão que reinava no escritório. Alex aproveitou a momentânea calma para contar ao juiz o que havia dito o doutor Muir; concretamente, que ele assegurava que uma febre muito alta foi a causa do mal de Annie.

— E se estiver equivocado?

— E se não estiver? — Alex voltou a passar a mão pela cabeça — Colocaremos em um orfanato uma criança perfeitamente normal e a declararemos inadotável? Tal e como vejo as coisas tenho que correr esse risco. E embora não queira, o senhor vai correr comigo. Depois de tudo, estamos falando de seu neto e de meu sobrinho, ou minha sobrinha. Devemos-lhe ao menos essa oportunidade.

Trimble refletiu um momento a respeito destas palavras. Um instante depois assentiu com a cabeça.

— Só espero que saiba muito bem o que está fazendo. Muir tem boas intenções e estou seguro de que acredita no que diz, mas isto não significa que não esteja equivocado.

— Rezemos para que não esteja.

Uma vez resolvido este ponto, os dois homens passaram a discutir os detalhes, e cinco minutos depois tinham decidido que o matrimônio de Alex e Annie deveria celebrar-se assim que fosse possível. Quando Edie retornou a habitação, o juiz lhe informou com delicadeza sobre a decisão que eles tinham tomado a respeito do matrimônio, e que os dois esperavam que pudesse celebrar-se em

uma semana. O único requisito essencial era que Alex encontrasse uma pessoa competente para cuidar de Annie que ficasse com eles em casa.

Quando sua esposa começou a protestar, o juiz a interrompeu com palavras cortantes.

— Já basta, Edie. Isto é o melhor. Confie em mim.

Derrotada, a senhora Trimble se deixou cair no sofá contíguo a seu marido e cruzou as mãos sobre seu colo, as estreitando com força.

— Mas, James, ele não tem nem ideia de como deve tratá-la.

— Uma mulher de outro povoado tampouco saberia fazê-lo — assinalou Alex.

— Mas ao menos eu poderia aconselhá-la e fiscalizar seu trabalho! — gritou ela — Deixar nossa filha nas mãos inexperientes poderia colocar a perder tudo o que me esforcei tanto para lhe inculcar ao longo de todos estes anos.

Alex esfregou a têmpora, amaldiçoando em silêncio a aguda dor de cabeça que sentia atrás dos olhos. Embora não pudesse entender a aquela mulher, era necessário mitigar suas preocupações.

— Senhora Trimble, com muito gosto lhe permitirei falar com a pessoa que contratar, se isso for o que lhe preocupa. Pode lhe indicar como deve tratar Annie, pode fiscalizar tudo o que ela fizer.

O magro corpo da senhora Trimble começou a perder sua rigidez.

— De verdade que não se incomodaria?

Não sem esforço, Alex deu um sorriso reluzente, embora tênue.

— É obvio que não. O nosso não será um matrimônio verdadeiro. Só um acordo conveniente para ambas as partes, isso é tudo. Agradeceria inclusive todas suas contribuições e sua experiência, pois isso nos ajudará a cuidar melhor de Annie.

Escrutinou-lhe o olhar durante longo momento. Logo, finalmente sorriu também.

— Possivelmente esta seja uma solução adequada, depois de tudo.

— Assim o espero, certamente. Do contrário, não a teria sugerido.

— Alex começava a sentir-se um pouco aliviado.

— Annie é uma garota muito difícil — se apressou a dizer a mãe — É preciso lhe fazer seguir regras muito estritas, entende? Ou do contrário fica intratável. Talvez você ria de minhas inquietações, mas o fato é que se Annie se voltar uma garota incontrolável, será necessário interná-la em um hospital psiquiátrico e como sua mãe, quero evitar a toda custa que isto aconteça.

Finalmente, Alex começava a entender os motivos que tinham a mulher para comportar-se da maneira como o fez. Embora lhe

desgostasse enormemente que levassem Annie para longe de casa, ao menos dessa maneira ela poderia ter algum tipo de controle sobre a maneira como cuidariam dela. As objeções ao matrimônio de Alex com Annie nasciam do medo, nada mais.

— Dou-lhe minha palavra de que adotarei todas as regras que a senhora impõe a Annie e que as farei cumprir rigorosamente. E a senhora pode tomar todo o tempo que necessitar para ensinar a mulher que contratarei como ocupar-se de Annie, quer dizer, a fazê-lo exatamente como o faria se você estivesse ali para fiscalizá-la.

A mãe deixou escapar um suspiro de alívio.

— Obrigada, senhor Montgomery. Isto me faz me sentir muito mais tranquila com toda esta situação.

Alex se levantou da cadeira, esperando que já não houvesse nada mais a dizer, mas se viu obrigado a sentar-se de novo quando Edie Trimble recitou uma longa lista de instruções relacionadas com o cuidado de sua filha. Não deveriam levar Annie ao povoado; as multidões a deixavam nervosa. Os lápis e as plumas estenográficas estavam proibidos; a menina podia se machucar. Nunca, sob nenhuma circunstância, deveria permitir que Annie emitisse som algum; uma vez que começava, era impossível fazê-la calar, e a algazarra que podia organizar era ensurdecadora.

Quando a mulher ficou ao fim sem voz, a cabeça de Alex dava voltas e duvidava seriamente que pudesse recordar algo do que lhe havia dito. Mesmo assim, prometeu cumprir ao pé da letra cada uma daquelas regras. Qualquer coisa para sair dali.

Antes de despedir-se, Alex fechou o acordo com o juiz com um aperto de mãos e prometeu começar a procurar imediatamente uma pessoa para cuidar de Annie. Quando saía da casa, parou um instante no saguão, para olhar fixamente o patamar do primeiro andar, perguntando-se qual de todas aquelas portas do corredor de cima conduzia ao dormitório de Annie. Embora lhe envergonhasse muito reconhecer, até aquele momento Alex não tinha pensado em qual seria a reação da jovem ante tudo aquilo. Recordou o terror que ela sentiu ao vê-lo há quatro meses e pensou que apenas poderia rezar para que tivesse esquecido todo o relacionado com Douglas e o que este lhe fez. Se não... Bom, dava-lhe medo simplesmente pensar nisto.

CAPÍTULO 05

A data do casamento se fixou para a semana seguinte, e Alex chegou a soleira dos Trimble as dez em ponto da manhã designada

para converter Annie em sua legítima esposa. O plano parecia muito simples: um matrimônio rápido, e passaria uns quantos meses cuidando de Annie, e logo devolveria a jovem para a casa de seus pais. O que poderia sair mal? A Alex parecia que a resposta a esta pergunta era: tudo. Do instante em que entrou na casa, começou a ter dúvidas, muitíssimas dúvidas.

Como uma menina curiosa obrigada a subir ao andar de cima quando tinha convidados em casa, Annie se encontrava sentada no patamar que dava ao saguão. Seu pequeno rosto estava emoldurado pelos balaústres de mogno e seus olhos estavam exageradamente abertos pela perplexidade, enquanto observava tudo o que estava se passando abaixo. O reverendo Widlow, o pastor que iria oficializar a cerimônia, tinha chegado apenas uns segundos antes de Alex e um criado o conduziu ao salão. Dois peões transportavam um dos baús de Annie para o andar de baixo. Criadas corriam daqui para lá. Qualquer um poderia perceber que algo fora do comum estava a ponto de acontecer ali.

Quando Alex entrou no saguão, Annie ficou completamente paralisada e seu rosto pareceu perder até a última gota de sangue. Não precisava ser um gênio para compreender que a pobre menina acreditava que era Douglas. Dada sua incapacidade intelectual, ele não sabia como tirá-la desse engano. Como tanto gostava que as pessoas lhe recordassem que era a viva imagem de seu irmão. A Alex não parecia que a semelhança fosse tanto; mas para Annie, que sem dúvida recordava tudo relacionado com Douglas com uma imagem imprecisa, de pesadelo, as diferenças entre eles não pareciam ser tão evidentes.

Temeroso de que a noiva sofresse um ataque de pânico, Alex parou em seco. Até a uma distância de sete metros, ele podia sentir o medo dela. Eletrizante, flutuava no ar que havia entre ambos, lhe deixando arrepiado.

Com seu metro oitenta e oito de estatura, o criador de cavalos era uma cabeça mais alto que a maioria dos homens. Por uma infinidade de razões, em distintas ocasiões desejou ser mais baixo, mas nunca tanto como naquele momento. Tirou o chapéu antes de entrar na casa, de maneira que naquele instante não podia tirar o chapéu de repente para parecer mais baixo. A julgar pelo terror que se refletia nos olhos de Annie, encurvar os ombros tampouco lhe estava ajudando muito. Era um homem grande. Havia muito pouco que pudesse fazer para ocultar esse fato. Com uma garota como Annie,

que tinha todas as razões do mundo para ficar assustada, este era um indisputável ponto em contra.

Se ela fosse capaz de falar, de entender, Alex teria podido tranquilizá-la. Tal e como estavam as coisas, tudo o que podia fazer era ficar ali e tentar expressar com seu olhar o que não podia lhe dizer com palavras; concretamente, que ele não era Douglas e que não tinha sido talhado com a mesma faca que seu irmão. A ele nunca lhe ocorreria lhe fazer mal, nem tampouco permitiria que nenhuma outra pessoa o fizesse.

— Olá, Annie — disse ao fim em voz baixa.

Quando Alex falou, ela passou a fixar toda sua atenção na boca dele, e uma expressão de absoluto desconcerto cruzou seu rosto. A alma de Alex caiu aos pés, pois esperou que pudesse entender ao menos umas poucas palavras. Convencido de que não era assim, colocou as mãos nos bolsos de sua calça e fechou os punhos.

A maneira como ela o olhava fazia com que se sentisse como um monstro. Um monstro gigante. Esboçou o que esperava que fosse um sorriso de aparência inofensiva, mas sentia seu rosto tão rígido que temia que, mas bem parecesse uma careta. Se por acaso ela pudesse perceber que ele não era Douglas se conseguisse vê-lo bem, aproximou-se um pouco mais.

Por alguma razão, ele, que nunca a teve tão perto, não a tinha imaginado tão miúda. Tinha os ombros estreitos, os pés pequenos e os membros frágeis. Duvidava de que pesasse sequer 45 quilos, com roupa e tudo.

Ao longo dos anos, conheceu várias mulheres que poderia descrever como delicadas, mas inclusive este parecia ser um adjetivo muito forte para Annie. Recordava a uma figura de cristal delicado. Seu rosto tinha a forma de um coração, seus traços estavam finamente cinzelados e eram quase perfeitos. O nariz, pequeno e reto, nascia entre as sobrancelhas negras e elegantemente arqueadas.

Quando ele se aproximou, ela mudou ligeiramente de posição. Pela tensão de todo seu corpo, supôs que a moça estava disposta a sair correndo se fizesse algum movimento brusco. Um sorriso contido fez com que uma onda de calor invadissem seu peito, quando de repente viu que Annie tinha levantado levemente um joelho. Da vantajosa posição em que se encontrava, a jovem podia pensar que estava muito bem coberta. Mas, ao olhá-la de baixo, as coisas eram totalmente diferentes. Como a maioria dos calções, os de Annie também tinham uma abertura na entre perna, e ela não usava anáguas que impedissem a vista.

Voltou a fixar sua atenção no rosto de Annie. Um calor abrasador subia lentamente por seu pescoço. Olhando-a nos olhos, tentou estabelecer se ela percebeu que seu olhar se perdeu naquele lugar de seu corpo. Viu seus olhos. Extraordinariamente grandes e da cor viva do céu e luminoso de um dia do verão. Não havia malícia alguma neles.

Homem prático até a medula, Alex nunca acreditou nas tolices que os homens diziam quando estavam apaixonados. Só esteve a ponto de morrer afogado ao olhar nos olhos de uma mulher, em uma ocasião em que começou a suar a jorros, e isso exclusivamente a causa do desejo. Mas os olhos de Annie eram diferentes. Não é que estivesse afogando-se neles desta vez. Mas quase. Sentia-se como um peixe enganchado por duas forças e os grandes olhos azuis da jovem era como a linha que o arrastava para ela.

Era uma criatura tão indefesa e tão terrivelmente vulnerável... Sem dúvida alguma, casar-se com Annie era o menor de dois males. Mas, mesmo assim, odiava a ideia de que pudesse contribuir a lhe causar mais dor. Era como ter um cervo trêmulo na mira do rifle e apertar o gatilho.

Enquanto a observava, Alex percebeu uma mancha azul em um balaústre que se encontrava à direita de Annie. Para sua surpresa, viu que ela colocou sua cinta de cabelo ao redor da coluna, formando uma espiral perfeita. Parecia uma delicada guloseima. Perguntou-se se gostava de doces e tomou nota mentalmente de que deveria comprar alguns na próxima vez que fosse ao povoado.

Doces guloseimas para o doce...

— Alex, meu amigo...

Esta inesperada saudação fez com que Alex se sobressaltasse. Voltou-se para ver James Trimble saindo do salão. Dado o motivo daquela festa, não podia entender por que o homem estava sorrindo de orelha a orelha. Que Alex soubesse aquela não era uma ocasião para especiais celebrações e por isso respondeu a saudação com voz neutra.

— James.

Alex sabia que provavelmente deveria dizer algo mais a maneira de saudação cordial, mas nesse momento lhe resultava impossível ser cortês com aquele homem. O que poderia lhe dizer? Que se alegrava de vê-lo? Francamente, não era assim. Ao longo da última semana, durante a qual se produziram diversos encontros, o pai de Annie lhe tinha resultado cada vez menos simpático. Tinha admirado este homem durante muitos anos, mas agora que o conhecia melhor,

sabia que na realidade era um velhaco egocêntrico e insensível. E não eram seus piores atributos.

Parando junto a Alex, Trimble enganchou seus dedos polegares sob a lapela de sua jaqueta, inclinou-se para trás balançando-se sobre seus calcanhares e falou muito satisfeito.

— É uma formosa manhã para um casamento, não te parece? Sim, é claro que sim, verdadeiramente perfeita.

Ao ver que o noivo não mostrava seu acordo, o sorriso do juiz titubeou e, com esse dom especial que têm os políticos verdadeiros para as evasivas, voltou atrás.

— Bom possivelmente, um pouco calorosa. Mas ao menos podemos estar seguros de que não choverá. Embora não nos viria mal um bom aguaceiro.

Para Alex não era, não, uma formosa manhã. Na realidade, ao que a ele se referia, toda aquela semana foi péssima. Estava a ponto de casar-se com uma mulher sem seu consentimento. Independentemente de Annie entender ou não, ele sim tinha tudo isto claro. Noite pós noite tinha permanecido acordado olhando fixamente o teto, dizendo-se que o fim justificaria os meios, que estava fazendo o correto. Mas era a verdade? Esta era uma pergunta que Alex não podia responder com certeza, ao menos sem a ajuda de uma bola de cristal e um vidente que predissera o futuro. Embora a verdade fosse que ele não acreditava em tais tolices.

Lançou uma olhada sarcástica ao traje de seu futuro sogro. Com total falta de consideração pela importância do momento, Trimble usava uma jaqueta canela muito ampla sobre uma camisa branca engomada, e um pulôver de algodão de cor rosa, de gola de renda. Sua gravata, combinando, era de um rosa de tom mais escuro. Era indubitavelmente um traje pouco elegante, mais apropriado para receber convidados no jardim do que para um casamento, embora se tratasse de um casamento tão informal.

Alex, em troca, foi excepcionalmente meticuloso na eleição da roupa que usaria naquela manhã. Terminou escolhendo um traje feito sob medida, de cor cinza escura, e uma camisa branca muito engomada, cuja parte dianteira estava tão rígida que ameaçava rachar quando ele se movesse. Dado que odiava o aroma do amido para camisas, que alagava seu nariz e se aferrava implacavelmente na parte posterior de sua língua, não pôde a não ser ofender-se, ressentido, pela informalidade do outro homem.

Sorrindo de orelha a orelha novamente, James deu a Alex uma palmada no braço.

— Está nervoso, não é verdade? Vamos ao salão. Tenho o remédio que necessita. — Com uma piscada de cumplicidade, inclinou-se para Alex — Minha bebida especial. Brandy de pêssego. Nunca em sua vida provou nada igual.

Enquanto o juiz o arrastava para o salão, Alex olhou Annie por cima do ombro. Ainda tinha seus grandes olhos azuis cravados nele. Sorriu-lhe de novo, esperando tranquilizá-la. Antes que pudesse ver sua reação, James já o estava conduzindo ao outro salão através do corredor abobadado.

Conhaque e imbecis presunçosos. Uma mescla particularmente repugnante decidiu Alex uns poucos minutos depois. Nem Trimble nem o pastor pareciam compreender a envergadura do que estavam a ponto de fazer. Alex não podia pensar em outra coisa. Era verdade que tinha as melhores intenções, mas isto não atenuaria o impacto que tudo aquilo teria sobre Annie. Pouco depois que teve lugar aquela paródia de casamento, um homem que a aterrorizava a tiraria do único lar que ela conhecia. Quanto mais pensava Alex nisso, mais se inclinava a estar de acordo com sua governanta, Maddy, quem dizia que aquele acordo era um pecado contra Deus e tudo o que tinha de sagrado no mundo.

Depois de terminar seu brandy, o pastor tirou um relógio do bolso. Homem alto e corpulento, de cabelo negro do mesmo tom que seu traje, o ministro, Alex fez pensar num funeral. Compreendeu por que quando percebeu que usava uma gravata-borboleta negra, em lugar do tradicional de cor branca.

— Bom James — disse — Começamos de uma vez. Como já te disse quando conversamos a semana passada, minha agenda está muito apertada. Quase não consigo encontrar tempo para celebrar este matrimônio. Tenho dois batismos e outro casamento nesta tarde, além de um funeral nesta mesma manhã, com o que não contava. — Soltou uma estrondosa gargalhada — É o problema que têm os paroquianos agonizantes. Nunca escolhem o momento oportuno para morrer.

Alex começou a tremer um músculo debaixo do olho, reação nervosa que experimentava ao zangar-se, uma das poucas caretas que não tinha aprendido a controlar com os anos. Compreendeu que aquele casamento não era mais que uma obrigação molesta para aqueles dois homens, uma necessidade chata que deveria tirar-se do meio com o menor alvoroço possível.

— Em questão de agendas apertadas, ninguém mais entendido que eu. — James pôs sua taça meio vazia sobre o suporte da chaminé —

E bem, Alex? O brandy te deu suficiente coragem para dizer as duas palavras mais temidas do homem? —Riu a gargalhadas e piscou um olho ao reverendo — Ainda não conheci um solteiro que possa dizer “Sim, quero”, sem assustar-se.

Alex apertou a taça com força e mordeu a língua para não dizer nada do que pudesse arrepender-se. Enquanto James se dirigia ao corredor abobadado para chamar sua esposa, o angustiado noivo dirigiu o olhar para a chaminé.

Teriam comunicado ao bom reverendo as razões para a celebração daquele repentino casamento? Dada a atitude confiante de James, Alex tinha a desagradável suspeita de que seu futuro sogro tinha garantido a colaboração do pastor fazendo uma doação importante para sua igreja. Os vitrais e os luxuosos sinos da torre não eram nada baratos. A ideia de que pudesse ser assim lhe enojava. O dinheiro falava com eloquência; ninguém sabia isto melhor que ele. Mas se supunha que os clérigos deviam estar por cima dos subornos.

Aromas da cozinha, canela, baunilha e massa de levedura, chegaram ao salão, procedentes da parte de atrás da casa, para mesclar-se de maneira repugnante com a viscosa doçura de seu brandy. Por um vertiginoso instante, teria podido jurar que as rosas da almofada de lã estavam se movendo. Piscou, desejando sentir o efeito vigorante do licor, mas temendo também que seu estômago pudesse rebelar-se se bebesse o resto.

Annie... Sem dúvida, uma jovem a quem seus pais não apreciavam muito. Mais que uma mulher, era como um segredo bem guardado, que estava a ponto de desaparecer da casa, por arte de magia, para aparecer em outra. E em uns poucos meses, quando seu filho tiver nascido, voltará a aparecer em sua casa, recordou-se a si mesmo.

Este pensamento e o resto do brandy fortaleceram sua desfalecida vontade. Uma semana depois tinha tomado uma decisão pelo bem de Annie e do filho dela. Todas as razões para chegar a essa decisão ainda eram válidas. Não podia permitir que seu sobrinho, ou sobrinha, fosse etiquetado de inadotável e criado em um orfanato. Isto era totalmente inaceitável.



Quando Edie Trimble entrou no salão, arrastando sua filha atrás dela, Alex apertou com tal força sua taça vazia que o cristal esteve a ponto de quebrar. Com aqueles olhos enormes em seu rosto pálido, Annie primeiro o olhou, logo ao pastor e, por último, a seu pai. Era evidente

que não estava acostumada a estar na presença de convidados, e muito menos de um homem que se parecia tanto a aquele que a tinha violentado. Puxando desesperadamente os dedos de sua mãe para tentar liberar-se da mão que a agarrava com força, a jovem cravou seus calcanhares no chão e pôs todo seu peso, embora escasso, no empenho de impedir o avanço.

Edie recompensou os esforços de Annie cravando os dedos em seu braço e lhe dando uma sacudida violenta.

— Já basta! — gritou.

Annie estremeceu e em seguida levantou instintivamente o outro braço para proteger o rosto. Para Alex, era mais que evidente que, se não houvesse ninguém no lugar, Edie teria lhe dado uma bofetada. Dirigiu o olhar para os rastros vermelhos que os dedos da mulher tinham deixado no braço da jovem. Com movimentos precisos, pôs sua taça sobre o suporte da chaminé e se voltou para o pastor, ao que falou com um aborrecimento mal dissimulado.

— Terminemos já com todo este assunto.

Edie, perfeitamente vestida para a ocasião, com uma blusa rosa e uma saia da mesma cor que combinava muito bem com o traje de seu marido, lançou a este um olhar de assombro. Alex a olhou na cara. Importava-lhe um nada que adivinhasse o que ele estava pensando. O fato de nunca ter batido em uma mulher, e de que não tinha nenhuma intenção de começar com ela, não significava que não pudesse contemplar a ideia em um caso excepcional.

Enquanto se aproximava do pastor a grandes passos, lançou um detido olhar para o puído vestido azul de Annie. Sem dúvida nenhuma, um homem com a posição econômica dos Trimble poderia haver comprado para sua filha um vestido melhor, especialmente no dia de seu casamento. Embora só fosse uma farsa, não deixava de ser uma boda. As pontas dos sapatos negros da garota estavam tão desgastadas que só ficava algo assim como um couro áspero. Suas meias brancas que se deixavam ver a partir das canelas, porque o vestido tinha o comprimento do de uma colegial, tinham manchas de erva. Tinha visto alguns órfãos melhor vestidos que aquela menina.

Quando ele se aproximou, Annie começou a lutar de novo com a mão de sua mãe. Alex parou vários metros de distância do ponto ao que originalmente planejava dirigir-se. Com seu cabelo convertido em um selvagem matagal de cachos negros ao redor do rosto e vestida daquela maneira, parecia mais uma menina que uma mulher.

Uma menina aterrorizada.

Não querendo assustá-la ainda mais com seu olhar, Alex afastou os olhos e centrou toda sua atenção no pastor, que tinha aberto seu devocionário e o estava folheando rapidamente. Advertiu que o traje negro do clérigo estava meio usado e, como se encontrava tão perto dele, percebeu o aroma acre do suor rançoso que saía de sua jaqueta de veludo cotelê. Posto que era uma manhã calorosa, aquele fétido aroma era quase insuportável. Era suficiente para lhe revolver o estômago. Lançou um olhar de preocupação para Annie. Afetaria aquela pestilência a jovem grávida?

Manifestamente perturbada por seu olhar inquisidor, ela inclinou a cabeça, ocultando o rosto atrás da grossa cortina de cabelo negro. Alex se perguntou o que estaria pensando e se teria alguma ideia do que estava a ponto de acontecer. Quando sua mãe lhe soltou o pulso, ela olhou com ânsia para trás, para a porta. Logo, obviamente temerosa de pôr a prova o mau gênio de Edie fugindo daquele lugar, começou a mover-se nervosamente; esfregava as pontas de suas botas de cano longo contra o tapete de lã estampados de rosas e destruía os botões de seu corpete. Alex não teve mais remédio que sorrir quando ela de repente entrelaçou os dedos, voltou as palmas de suas mãos para fora e estendeu os braços para fazer ranger os nódulos. Posto que também gostava de fazer isto, entendia perfeitamente quão tranquilizadora podia ser esta ação quando uma pessoa estava nervosa.

— Annie, já basta! — gritou Edie.

— Deixe-a em paz — ordenou Alex em voz baixa.

As sobrelhas de Edie, tão parecidas com as de sua filha, arquearam-se até quase alcançar o nascimento do cabelo.

— Como disse?

— Não está fazendo mal a ninguém. — Olhou ao pastor— Widlow, dadas as circunstâncias, saltemos todas as partes desnecessárias e vamos ao que interessa.

Mais que feliz em agradá-lo, o reverendo encontrou a página que estava procurando e a marcou com uma fita vermelha feita de farrapos. Com sorriso vago e impessoal, tossiu para esclarecer a garganta e, com voz vivaz, começou a celebrar o casamento.

Quando finalmente chegou o momento de que Annie dissesse: “Sim, quero”, Edie Trimble agarrou o rosto da jovem entre suas mãos e, com brutalidade, obrigou-a a assentir com a cabeça. O pastor não fez nem a mais breve pausa, e terminou a curta cerimônia a toda pressa.

Renunciando ao privilégio de beijar a noiva, Alex se manteve longe dela, e seguiu seus sogros e ao pastor até uma pequena

escrivaninha, onde esperavam os documentos matrimoniais. Depois de rabiscar seu nome na linha indicada, Alex deu um passo para trás para que Annie pudesse aproximar-se sem sentir-se ameaçada. Com todos ali presentes como testemunha, sua marca, que fez com a ajuda de seu pai, foi suficiente para cumprir com o requisito da assinatura.

Assim de simples. Já estavam casados. Alex mal podia acreditar nisto. Ignorou as caras sorridentes do pastor e dos pais de Annie, e cravou os olhos na noiva. Mantendo-se perto de sua mãe a todo momento, ela tinha deixado cair a cabeça de novo; postura de abatimento que, embora lhe partisse o coração, começava a lhe tirar do sério. Ocorreu-lhe que era possível que a garota estivesse começando a cansar-se e dada sua condição de grávida, isto não deveria ser nada bom para ela.

Olhou para Edie Trimble.

— Como concordamos que tudo deveria estar preparado para depois da cerimônia, ordenei a meu cocheiro que estacionasse a carruagem frente a porta principal e que se ocupasse de guardar os baús. Se formos diretamente a Montgomery Hall, Annie terá quase todo o dia para instalar-se antes que a deixe ali esta noite.

Edie mordeu o lábio inferior e lançou um olhar de preocupação para seu marido. James Trimble, que se encontrava justo atrás de Alex e tossiu nervosamente.

— Meu deus! Acaso esqueci de dizer que houve uma mudança de planos?

Alex o olhou assombrado.

— Que mudança de planos?

— Bom, pois verá, Alex, esqueci-me de olhar minha agenda quando concordamos em celebrar o casamento hoje pela manhã. — Lançou um olhar ao pastor — Como sem dúvida pôde deduzir pela conversa que tivemos anteriormente, o reverendo Widlow tinha todos outros dias da semana ocupados, de maneira que não conseguimos mudar a data da cerimônia.

— O que está dizendo exatamente, Trimble?

— Hoje a tarde ofereço um almoço no jardim. Temo que Edie vai estar muito ocupada. Terá que resolver tudo sem ela até manhã.

— Resolver tudo sem ela? — Alex sabia perfeitamente que estava subindo a voz, mas não podia evitar — O problema não é que eu resolva isso sem ela, James e você sabe muito bem. Se Edie estiver ocupada hoje, deixarei Annie aqui até manhã. Sua mãe deve estar

com ela quando se mudar a Montgomery Hall. Todos nós concordamos neste ponto.

James raspou uma orelha. Logo, olhou o chão, a parede, o teto... Olhou todos os lugares e objetos, mas evitou o olhar de Alex.

— Bom, verás, as coisas são um pouco mais complicadas. Alguns de meus convidados vêm de outros povoados, e eu os convidei para dormir em casa. O quarto de Annie estará ocupado. — Levantou as mãos com gesto de impotência — Pensei que ela iria ficar em sua casa.

Um tenso silêncio se assentou na habitação; um silêncio terrível, interrompido tão somente pelo monótono tic-tac do relógio de pêndulo em uma das paredes. Quando viu James aquela manhã, Alex pensou que seu adorno era pouco apropriado. Mas não era assim. O homem estava perfeitamente vestido para a reunião que planejava oferecer no jardim. Estava vestido como um político, para assistir um encontro.

Uma reunião política que claramente tinha preferência sobre Annie. Parecia que, quase tudo era mais importante que Annie, pensou Alex com sarcasmo. Os funerais. As reuniões no jardim. Os convidados que ficavam para passar a noite. Maldição! Alex não esperava um casamento com toda a pompa cerimoniosa de costume. Pensar tal coisa seria ridículo. Mas lhe parecia que havia um princípio que deveria considerar, um princípio que James Trimble tinha passado por cima: o respeito. Quando de sua filha se tratava, este era um atributo que ele parecia não ter.

— Me deixe tentar entender o que está me dizendo. — Alex falava em voz baixa, com ira contida — Edie não pode acompanhar Annie para ajudá-la a instalar-se em Montgomery Hall, mas que a garota tampouco pode ficar aqui.

James assentiu com a cabeça, com um aspecto de profunda aflição.

— Nada disto foi intencional, Montgomery. É só uma dessas... — tossiu de novo — situações inevitáveis.

Uma situação inevitável. Fazia muito tempo que Alex tinha classificado James Trimble como um homem egocêntrico e insensível, mas isto superava todas suas expectativas. Sentia um irrefreável desejo de agarrar a aquele trapaceiro presunçoso pelas lapelas e sacudi-lo até que os olhos saíssem das órbitas. Não fosse pelo fato de que um comportamento semelhante assustaria Annie, isso era exatamente o que teria feito.

Voltando-se para Edie, Alex conseguiu dizer com voz relativamente serena.

— A senhora me prometeu que acompanharia Annie a Montgomery Hall para me ajudar a instalá-la, senhora Trimble. Não é possível que não possa vir, embora só seja durante um par de horas.

Edie olhou para Annie com ar de culpa, logo a seu marido, e começou a retorcer as mãos.

— Sei que o prometi senhor Montgomery, mas o fiz antes de saber que haveria uma recepção no jardim. James precisa de mim aqui para que seja a anfitriã. Esta refeição é muito importante. Para sua carreira política, como deve o senhor imaginar. Eu, simplesmente...

— Deixou de falar e engoliu saliva — Enfim, com todos os convidados, é totalmente impossível me ausentar durante duas horas.

— O que espera você que eu faça, senhora? Agarrar sua filha pelo cabelo e tirá-la daqui arrastada?

James dirigiu seu olhar pensativo para a cabeça inclinada de Annie.

— Tenho uma ideia. Edie, suba correndo e traga o láudano.

— Láudano? — Alex apertou os dentes. Depois de um tormentoso silêncio, finalmente disse — Não permitirei que drogue a garota. Está grávida, pelo amor de Deus. Poderia fazer mal a criança.

— Tolice! Só lhe aturdirá um pouco.

Claramente incômodo com a crescente tensão, o pastor escolheu aquele preciso instante para estender uma mão a James.

— Eu devo partir, Trimble. Tenho um funeral, como já sabe. — dirigiu-se a Alex — foi um prazer, senhor Montgomery. Que sua esposa e o senhor sejam muito felizes.

Alex estava muito indignado para responder. Guardando sempre as aparências, James pediu que o desculpassem para acompanhar o pastor ao saguão. Quando os dois homens saíram da habitação, Alex esperava que Edie Trimble tivesse algo a dizer.

— E bem? É isso o que quer, senhora Trimble? Quer que droguemos a garota com láudano? Ou prefere que eu simplesmente arraste?

— Não será necessário que a arraste a nenhum lugar. Tampouco é necessário que recorramos ao láudano. Eu mesma me ocuparei de que se instale comodamente na carruagem. Uma vez feito isto, a viagem a sua casa é muito curta. Quando chegar ali, pode deixar que a pessoa que arrumou para cuidar de Annie se ocupe dela. Eu irei amanhã pela tarde, tal e como planejamos a princípio. Está se comportando como se isto lhe estivesse causando uma terrível moléstia.

Alex entendeu que era inútil tentar raciocinar com aquelas pessoas.

— Lutar com uma garota histérica não será nenhuma moléstia para mim. Sou mais que capaz de dirigir essa situação. Minha única preocupação é como se sentirá ela.

A mãe mordeu o lábio inferior. Parecia ter o ânimo no chão.

— James é muito... exigente. — Agora sussurrava, obviamente temendo que seu marido a ouvisse — Insiste em que eu fique aqui para atender os convidados, e eu não posso me opor a seus desejos. Se o fizesse... zangar-se-ia muitíssimo.

— E isso seria catastrófico? — Faria muito bem ao coração de Alex ver Trimble ficar tão furioso para começar a romper coisas. Com a sua paciência cheia, assinalou a porta de entrada — Meu cocheiro está esperando. Se pudesse a senhora me ajudar a levar a sua filha a carruagem, agradeceria enormemente. Parece estar esgotada, e quero levá-la para casa para que possa descansar.

— Certamente.

Uma vez dito isto, Edie pôs um braço ao redor dos ombros de Annie e a conduziu fora daquela habitação. Alex as seguiu, perguntando-se a cada passo como pensava a mulher fazer para que a garota entrasse no veículo sem lutar.

James, que acabava de despedir-se do pastor, encontrava-se ainda no saguão quando eles saíram do salão. Falando para si, dirigiu-se precipitadamente a seu escritório para procurar algo antes de reunir-se com Alex e as mulheres no alpendre.

— Espero sinceramente que entenda a situação; já tínhamos feito preparativos para esta noite — disse a Alex — Nada disto foi intencional, asseguro-lhe. Quando fixamos o casamento para hoje pela manhã, esqueci completamente tudo relacionado com a recepção.

Alex teria podido acreditar que o juiz realmente cometera um engano, se não fosse pelo fato de que tinha prometido dar o quarto de Annie a um de seus convidados. Se não se celebrasse o casamento, sua filha estaria ocupando o dormitório. Alex entendia tudo, é óbvio! Possivelmente muito bem. E dado que tudo aquilo era tão irritante, preferia não tratar o tema com esse trapaceiro.

Depois de descer as escadas, abriu a porta da carruagem e em seguida se afastou. Para sua surpresa, a senhora Trimble conseguiu fazer com que Annie descesse as escadas e se dirigisse ao veículo sem incidentes. Alex lançou um olhar para jovem, que estava examinando a desconhecida carruagem com grande curiosidade e concluiu que possivelmente ela era muito tola para entender o que estava a ponto de passar.

Edie Trimble recolheu a saia e simulou que se dispunha a entrar na carruagem. Despreparado, Alex em seguida deu um passo adiante para lhe ajudar. Ao perceber este brusco movimento, Annie retrocedeu cambaleando-se e esteve a ponto de tropeçar com o degrau que se encontrava atrás dela. Só os rápidos reflexos de Alex impediram uma desagradável queda. Agarrando-a pelo braço, segurou-a até que a moça recuperou o equilíbrio. No instante em que conseguiu, retrocedeu com a intenção de afastar-se dele. Consciente de seu temor e dos motivos disto, Alex a soltou.

Logo se voltou para ajudar a senhora Trimble.

— Decidiu nos acompanhar, depois de tudo?

— Por Deus! Certamente que não. — Edie se deixou cair no assento dianteiro. Logo, inclinou-se para frente para olhar por atrás do ombro de Alex. Dando tapinhas no assento, disse — Venha, Annie. Vamos dar um passeio. Não te parece divertido?

Alex sentiu um nó na garganta. Era totalmente inconcebível que Edie Trimble estivesse planejando enganar a garota. Parecia-lhe indescritivelmente cruel. Não obstante, isto foi exatamente o que Edie fez, com Alex ali presente, observando a cena. Fingindo que iria acompanhá-los para dar um passeio, fez com que Annie entrasse no veículo, esperou que o recém-casado também entrasse e tomasse assento e logo saiu da carruagem pela outra porta.

Apesar de sua incapacidade mental, Annie pareceu compreender em seguida o apuro no qual se encontrava. Lançou um olhar para Alex e ato seguido, tentou correr atrás de sua mãe. Posto que não tinha outra opção, ou ao menos nenhuma em que pudesse pensar Alex lhe impediu bloqueando o caminho com o braço e fechando a porta de um puxão. Enquanto ele fechava o trinco a toda pressa, James Trimble fechava a outra porta. Como um cordeiro conduzido para um curral, Annie foi pega habilmente e com o menor escândalo possível, tal e como prometeu sua mãe.

Trimble apoiou um braço sobre o borda da janela aberta da carruagem. Esboçava um sorriso que lhe provocava rugas no rosto.

— Viu, Alex? Foi muito fácil.

Alex olhou Annie, que sacudia desesperadamente o trinco da porta, e sentiu a tentação de dar um murro na boca de seu pai. E o teria feito se não tivesse ouvido o ruído seco proveniente do fecho. Alargando o braço na frente de Annie, voltou a bloquear o mecanismo para impedir que a garota fugisse.

Enquanto Alex voltava a acomodar-se em seu assento, James acrescentou:

— Como último recurso, pode usar isto. — Colocou uma tira de pele através da janela e a pôs ao Alex na mão — Geralmente é suficiente mostrar-lhe para que obedeça. Mas quando ficar muito teimosa, não duvide em usá-la.

Mudo de assombro, Alex já tinha fechado a mão ao redor da tira de pele quando percebeu o que era um chicote. Annie reconheceu o instrumento quase ao mesmo tempo em que ele. Não continuou tentando abrir a porta e se virou para acomodar-se no assento. Ele duvidava que alguma vez pudesse esquecer a expressão que viu em seu rosto. Não era só de temor. O que lhe partiu o coração não foi o gesto de medo, o que já esperava, foi a confiança destruída que viu refletida em seus olhos. Como qualquer criança, ela acreditava em seus pais, e os dois a tinham traído.

De repente, a carruagem inclinou bruscamente. O movimento foi suficiente para que Annie entrasse um pânico incontável. Equilibrou-se sobre a porta de novo. Seus dedos magros tentaram desesperadamente agarrar a fechadura. Antes que pudesse alcançar o fecho, Alex se lançou sobre ela.

Ao rodear o corpo de Annie com seus braços, Alex se surpreendeu constatar quão miúda era sua compleição. Em seu trabalho cotidiano, ele muitas vezes se via obrigado a lutar com cavalos que eram seis vezes mais pesados que ele e precisava recorrer a todas suas forças para poder dominá-los. Com a garota, tinha que fazer um esforço consciente para conter-se. O medo de lhe fazer mal o impedia de apertá-la muito com suas mãos ou abraçá-la com excessiva força.

Annie, por sua parte, não tinha escrúpulo algum. Com a flexibilidade de uma contorcionista, conseguiu escapular de seus braços; e não uma só vez, a não ser em repetidas ocasiões, retorcia-se e dobrava o corpo de uma maneira que Alex até aquele momento tinha acreditado que era impossível para um ser humano. Quando criança tentou uma vez pegar um porco engordurado na feira do condado. Tentar agarrar esta garota era igualmente frustrante. Além de vergonhoso. Ele era muito maior e mais forte que a moça, por Deus.

Ao final, Alex compreendeu que não tinha mais remédio que tentar a luta livre, e aproveitar qualquer oportunidade que pudesse apresentar-se. A carruagem estava se movendo a muita velocidade para correr riscos. Se ela conseguisse abrir uma porta e tentasse saltar, poderia machucar gravemente.

Impediu com muita dificuldade que suas unhas lhe rasgassem o rosto. Agarrou-lhe os dois pulsos com uma mão, colocou um braço ao redor de seu estômago e, não sem alguma dificuldade, fez com que

se voltasse e se sentasse entre suas pernas abertas, com as costas contra seu peito. Passando uma perna por cima das de Annie, conseguiu impedir que continuasse lhe cravando os saltos dos sapatos nas canelas. Embora fosse um pouco tarde para salvar suas canelas por completo, não deixou de ser um alívio. Estava seguro de que a garota tinha ao menos doze cotovelos e seis joelhos.

Durante a resistência, o único som que Annie emitiu foi um ofego superficial. Alex logo notou seu silêncio quando conseguiu dominá-la, mas nem sequer então refletiu muito a respeito. Estava muito ocupado desabando-se no assento e tentando recuperar o fôlego.

Cataplum! Algo estalou dentro de seu cérebro. Uma dor, cujo centro nevralgico era a fenda do queixo, irradiou-se pela mandíbula, subiu e estalou nas têmporas. Infinidades de pontos começaram a dançar frente a seus olhos. Momentaneamente aturdido por causa do golpe, piscou para tentar desesperadamente esclarecer sua visão.

— Que demônios...!

Em uma imagem imprecisa, viu Annie colocar o queixo e encurvar os ombros. Conseguiu afastar-se bem a tempo de evitar uma nova cabeçada da ferinha. Afastou o rosto e a nuca da menina se lançou contra seu ombro.

A espertinha! Ele recebeu uns quantos murros em sua vida dados por homens robustos, mas nunca havia se sentido tão aturdido por um golpe. A meio caminho entre a indignação e o assombro, Alex a olhou boquiaberto, sem poder dar crédito a sua audácia. Tinha sido nocauteado! E nada menos por uma moça. Por Deus! Se facilmente poderia lhe romper o pescoço com um golpe. Acaso ela não o entendia?

Obviamente, não. Percebendo que seu alvo se moveu, ela lançou a cabeça de lado e lhe golpeou na orelha.

— Ai! É uma...

Quem havia dito que o lóbulo da orelha não tinha sensibilidade?

A moça voltou a tomar impulso.

— Annie, não...

Cataplum! Uma dor muito forte percorreu sua bochecha. Pôs o queixo sobre o ombro da garota para tentar diminuir sua liberdade de ação. A têmpora dela imediatamente se acoplou em um lado de seu crânio, e isso a desassossegava, Alex estava seguro disso.

— Annie... Pare já, carinho! Não vou te machucar. Já basta.

Pum... Pum... Cataplum. Alex apertou os dentes. Começava a acreditar que seus miolos eram gudes colocados e agitados em uma bolsa. Mordeu a língua para conter uma maldição. Embora não lhe

entendesse, dizer palavrões na frente de uma mulher ia contra seus princípios.

Como se tivesse percebido a futilidade de tentar golpeá-lo com a cabeça, ela esticou seu corpo em um último e valoroso esforço para libertar-se. Logo, estremeceu com tal força que as vibrações atravessaram o corpo de Alex. Desta forma expressou o terror que sentia com mais eloquência que com palavras.

Alex fechou os olhos, arrasado por uma mescla de culpa e arrependimento. Depois do que Douglas lhe tinha feito, era vergonhoso fazê-la sofrer daquela maneira. Seus pais mereciam que lhes pegassem um tiro e ele também.

— Não te farei mal, carinho. Tranquelize-se.

Ela estremeceu de novo. Logo, relaxou os músculos. Alex queria conhecer alguma maneira de aliviar seus temores. Mas não lhe ocorreu nada que dizer nem fazer. Nada.

Depois de uns poucos minutos, o rítmico bamboleio da carruagem pareceu acalotá-la até adormecê-la. Estimando que não correria nenhum risco, Alex se atreveu a se erguer. No fundo, esperava que ela voltasse a dar a cabeçadas, mas não passou nada. Olhando a lânguida prostração de seus magros ombros, concluiu que o esgotamento tinha acabado com toda resistência.

Examinou a parte posterior de sua cabeça inclinada, e não pôde deixar de notar a doce curva da nuca ali onde se formava a raia que dividia seu cabelo azeviche. Sua pele parecia ser tão suave como a seda. Ao recordar o momento em que a viu sentada no patamar aquele mesmo dia, sorriu ligeiramente.

Apesar da expressão de desorientação e perplexidade de seus grandes olhos azuis, a menina tinha um rosto precioso.

Uma formosa carapaça vazia, isso era Annie. Não havia maneira alguma de que ele pudesse estabelecer com precisão seu grau de inteligência, mas supunha que tinha a mente de uma menina de seis anos, pouco mais ou menos, e, além disso, uma menina pequena não muito inteligente. Que desperdício! Que terrível desperdício!

Acalentado pela calma da jovem e absorto em seus pensamentos, sujeitou-a com um pouco menos de força. De repente, como se intuísse que se apresentava uma oportunidade de escapar, ela fez um movimento brusco e se retorceu violentamente entre seus braços. Alex lutou para restabelecer seu domínio. Ao fazê-lo, a mão que a sujeitava pelas costelas se moveu e caiu em num seio. Muito depois de afastar a mão, a fugaz impressão da suavidade feminina continuava lhe abrasando.

Do pescoço para abaixo está perfeitamente bem, disse Douglas ao falar dela; e, agora que tinha as mãos sobre seu corpo, Alex estava completamente de acordo, embora muito a seu pesar. Annie Trimble certamente tinha muitas carências em sua cabeça, mas a natureza a tinha compensado com generosidade por esta deficiência. Oculta debaixo os vestidos que estava acostumada a usar, as tentadoras curvas de seu corpo não podiam apreciar-se a simples vista. Não obstante, sim podiam apreciar-se com o tato.

Em proporção ao corpo, os peitos não eram tão pequenos como ele tinha pensado a princípio e, apesar de sua gravidez, ainda tinha uma cintura fina, realçada por seus delicados arredondados quadris. A julgar pelo que tinha visto no saguão, uma camiseta e calções eram a única roupa interior que ela estava acostumada usar. Além das meias, é obvio. Durante a resistência, notou uma liga rodeando uma de suas coxas. Uma coxa muito quente e suave.

A garganta se fechou, e um brilho de suor apareceu em sua fronte. Por Deus! Só um desprezível descarado teria esses pensamentos com uma menina como Annie. Totalmente enojado consigo mesmo, Alex tentou recordar a última vez que passou uma noite com uma prostituta no povoado. Entre a primavera e o outono não teve muito tempo para essa classe de coisas. Geralmente, nem sequer se precavia desta privação. Mas era impossível não fazê-lo com aquela mulher grudada nele como uma etiqueta a uma garrafa.

Sem dúvida esperando ainda poder escapar, Annie se retorceu de novo. Alex esteve a ponto de grunhir. Não havia suficiente espaço entre eles nem sequer para que se movesse uma pulga.

O que tinha que fazer, disse a si mesmo, era olhar pela janela, contemplar a paisagem que passava frente a seus olhos e fixar a atenção em algo distinto. Árvores. Montanhas. Algo. Era um simples caso do poder da mente sobre o corpo. No instante mesmo em que chegassem ao Montgomery Hall, a entregaria para a senhora Perkins, a mulher que tinha contratado. E, a partir desse momento, procuraria vê-la o menos possível.

“O que os olhos não veem coração não sente”, como dizia o antigo refrão.

CAPÍTULO 06

Annie viu muitas vezes a distância a casa de pedra com telhado de piçarra; mas, intimidada por seu tamanho, nunca tinha se atrevido a se aproximar. Com seu perfil recortado contra o verde bosque, a casa

tinha quatro andares, incluindo o sobrado, e se encontrava situada no alto de uma colina coberta de erva e cruzada por cercas brancas. O exterior se livrou de ter um aspecto severo graças a seus abundantes adornos de madeira branca; um alpendre de colunas com um terraço saliente, portinhas em todas as janelas e volutas ao longo dos beirais, decoração que Annie nunca em sua vida tinha visto em outro lugar.

Muro de pedra com marquises brancas rodeava o jardim frontal e o caminho de entrada para casa estava marcado com pilares pintados de branco na parte superior, que tinha faróis pendurando neles. Faróis, nada menos! Isto parecia a Annie uma completa loucura. Luz fora da casa? Quando seu pai tinha que sair no meio da noite, simplesmente levava consigo um candeeiro.

Enquanto a carruagem bamboleava e sacudia ao passar o caminho de entrada, ela olhava fixamente para a casa através de uma cortina de lágrimas e seu pânico era cada vez maior. Seus pais a tinham dado... Tão implacável como uma adaga, este pensamento atravessava insistentemente sua cabeça. Sem dúvida tinham deixado de querê-la. Porque estava engordando, supôs. De modo que a tinham dado.

E para aquele homem, nada menos.

Deus santo! Annie engoliu saliva e conteve a respiração, temendo fazer algum ruído sem querer. O desconhecido tinha o chicote de papai. Estava ali, a seu alcance, no assento junto a ele. Um movimento incorreto e com toda segurança bateria nela com aquela tira de pele.

Ela já sabia que este não era o mesmo homem que lhe tinha feito mal na cascata. Quando apareceu debaixo dela no saguão, pôde olhar atentamente seu rosto. Linhas tênues se abriam nas extremidades dos olhos de cor caramelo e de cílios espessos, indício de que era uns quantos anos mais velho que o outro sujeito.

E lhe pareceu também que seus traços dourados pelo sol eram um pouco mais angulosos. Mas, pelo resto, as diferenças entre eles eram tão leves que mal se notavam. O mesmo cabelo cor uísque, com mechas de ouro. O mesmo nariz reto que nascia entre suas sobancelhas leoninas, um contraponto perfeito para suas maçãs do rosto salientes e sua mandíbula quadrada.

A semelhança era muito marcante para ser uma mera coincidência, isto era indubitável. Se não fosse pela diferença de idade, aqueles dois homens seriam tão parecidos que poderiam ser irmãos gêmeos.

Isto certamente queria dizer que eram parentes próximos, ou melhor, irmãos. A ideia lhe revolveu o estômago.

Irmãos... Annie supôs que os irmãos deviam ser tal e como as irmãs; viviam na mesma casa e tinham muitas similaridades, não só em todo o relacionado com a aparência física, mas também em muitas outras coisas. Se um irmão fosse bom, o outro provavelmente também era. Se um irmão fosse mau, era muito possível que o outro também o fosse.

Annie, enfim, sabia que aquele homem tinha um parente próximo, possivelmente um irmão, que era muito mau. Isto a assustava muitíssimo. Para tentar se sentir melhor, repetia-se insistentemente que já lhe teria feito mal se assim quisesse. E, até então, não tinha tentado nada. Mas isto não queria dizer que não o fizesse se chegasse a desejar.

A carruagem parou com uma sacudida. Aterrorizada, ela ficou olhando fixamente para a casa, e lhe veio a mente outro pensamento. Era possível que o outro homem, o das cataratas, estivesse ali dentro. Esperando-a, talvez.

O coração deu um salto de terror, e olhou ao redor dele, procurando uma maneira de escapar. Passasse o que passasse, não podia entrar naquela casa.

Como se ele tivesse intuído o que ela estava pensando, o desconhecido a sujeitou com mais força. Annie teve que conter-se para não gritar, mas começou a tremer e seus dentes começaram a bater. Ela não podia ouvir este som, mas pensou que ele possivelmente pudesse. Sendo assim, saberia quanto medo sentia. Os malvados sempre eram mais cruéis quando pensavam que ela tinha medo.

O homem a agarrou pelos pulsos com uma mão e, com a outra, pegou o chicote e abriu a porta da carruagem. Antes que Annie pudesse adivinhar o que ele pensava fazer, colocou o chicote em seu bolso, sujeitou-a contra seu peito e saiu do veículo. Dado que o homem a estreitava com força entre os braços, seus pés ficaram pendurados a vários centímetros do chão.

Pensou em lhe dar outro forte chute nas canelas ou em lhe bater de novo na boca com a cabeça, mas em seguida desprezou esta ideia. Agora que a tinha levado até ali, não havia maneira de saber o que poderia lhe fazer se lhe provocasse.

Como se fosse uma boneca de trapo cheia de penas de ganso subiu com ela as escadas que conduziam a casa. Logo, sem soltá-la, de algum jeito conseguiu abrir a porta. Depois de dar três largos passos

para entrar no saguão, parou e deixou que pusesse os pés ao chão. Posto que continuasse sujeitando-a com um braço ao redor das costelas, Annie não pensou em tentar fugir. Embora conseguisse escapar, aonde iria? Ele não demoraria a encontrá-la se retornava a casa.

A moradia era muito maior do que parecia ao vê-la de fora. Muitíssimo maior. Painéis de carvalho adornavam a parte inferior das paredes do saguão. Sobre eles se levantava um mural que representava uma paisagem de princípios de outono. A meio caminho em direção ao extremo oposto do saguão, uma reluzente escada de carvalho surgia do chão de ladrilhos de cor marrom avermelhada para conduzir ao primeiro e o segundo andar.

Atemorizada, Annie ficou olhando fixamente o mural. As folhas que caíam das árvores pareciam completamente reais, como o lago serpenteava preguiçosamente através de um bosque de álamos da Virginia. No centro do mural estava um cavalo negro, parecido aos que ela tinha visto pastando no campo, com as patas dianteiras golpeando o ar, as vistosas crinas ao vento e a cauda ondeando majestosamente.

Nunca viu algo tão formoso. Naquela casa não seria possível faltar-se das chuvas de inverno, pois ali dentro se criava a sensação de que sempre brilhava um dia de sol radiante. Ao olhar a pintura, quase podia sentir uma cálida brisa acariciando suas bochechas.

Sobressaltada, compreendeu de repente que o calor que roçava seu rosto era na realidade o fôlego do desconhecido. Inclinou-se para olhar a expressão de seu rosto. A dele era de inconfundível orgulho.

— Você gosta? — perguntou Alex.

Durante um longo momento, Annie ficou olhando sua tez morena, plenamente consciente de sua estatura e da largura de seus ombros. Logo, tremendo, afastou bruscamente o olhar e em seguida tentou conter uma nova onda de pânico.

Um tremor no peito do homem lhe revelou que ele estava falando de novo e, pela força das vibrações, supôs que estava chamando alguém. Como esquilos surgindo de suas tocas, um mordomo e vários empregados domésticos saíram de distintas entradas situadas ao longo do corredor. Ao ver Annie, inclinaram cortesmente as cabeças e se retiraram novamente.

Um momento depois, uma mulher de complexão robusta, vestida de negro, apareceu no patamar do primeiro andar. Annie nunca viu ninguém parecido a ela. Como um enorme corvo negro abatendo-se sobre uma presa, a mulher desceu a sinuosa escada. Ao chegar no

andar de baixo dirigiu-se para eles, abriu os braços em sinal de boas-vindas.

Annie a olhou boquiaberta. O único elemento alegre que havia na aparência daquela mulher era a ponta de seu nariz aquilino, que estava vermelho como um tomate. Usava o cabelo de cor cinza preso tão apertadamente atrás, em um coque sobre sua grossa nuca, que parecia estrábica.

— De modo que esta é nossa pequena Annie. — Brilhava um sorriso de orelha a orelha que deixava ver uma seus dentes não muito bonitos — Caramba, caramba! Tem o cabelo completamente enredado, senhor Montgomery. Sua mãe alguma vez o penteia?

Annie não pôde ver o rosto do homem para saber o que respondia, mas sentiu a vibração de sua voz repicando sobre suas omoplatas. A mulher o tinha chamado senhor Montgomery. Guardou este nome na memória.

A mulher sorriu ao ouvir a resposta.

— Ah, bom, não importa. Eu a arrumarei num abrir e fechar de olhos. — Voltando de novo sua atenção para Annie e lhe estendendo sua mão grossa, disse — Sou a senhora Perkins; e irei cuidar de você. Nós vamos nos dar maravilhosamente bem; você e eu. Tenho certeza.

Annie quase agradeceu a sólida presença do corpo do homem atrás dela, ao mesmo tempo em que retrocedia ante a mão da mulher. Seu sorriso era muito cordial, e parecia ser uma pessoa amável. Mas havia algo nela que deixava Annie nervosa. Seus olhos, concluiu. Sem sinal algum de calidez, brilhavam como polidas lascas de pedra negra.

Alex agarrou Annie pelos ombros com firmeza. Ela sentiu seu peito retumbar de novo. Ato seguido entregou-a para senhora Perkins. A princípio, Annie sentiu alívio por escapar de suas garras. Mas não por muito tempo. A mulher a agarrou pelo braço com força, para obrigá-la a subir a escada e atravessar o corredor. Annie esperava que a qualquer momento se abrisse uma daquelas portas fechadas e o homem que a agrediu saísse de um salto. Posto que não podia ouvir, só contava com seus olhos para pô-la de sobreaviso. Sobressaltava-se cada vez que via uma sombra, o que fez com que a senhora Perkins a agarrasse pelo braço com mais força.

A mulher a conduziu a um dormitório que parecia ter sido o quarto das crianças em outros tempos. Em um canto se encontrava um cavalinho de madeira, que tinha perdido sua cor e estava totalmente desgastado em certas partes. Entre duas das paredes interiores se

achava um armário quebrado, mas que ainda se podia usar, uma cômoda a jogo e uma cama com quatro colunas de madeira esculpida. Na terceira parede havia uma enorme chaminé de pedra. Só uma janela deixava entrar a luz do sol. Frente a ela, encontrava-se uma mesa com pé central, cheia de marcas, onde ela supunha que os pequenos ocupantes da habitação tinham recebido suas aulas em outro tempo.

Pouco depois de que a senhora Perkins e ela entraram na habitação, um homem delgado e nervoso, vestido com um uniforme de trabalho, chegou com um dos baús de Annie. Uns poucos minutos depois, voltou a entrar ofegante por causa do esforço com o outro baú sobre um de seus ombros. Imediatamente depois que a senhora Perkins partiu, fechou a porta de carvalho, deixou cair a chave no bolso de sua saia e começou a examinar as coisas de Annie. Uma vez que encontrou uma escova e uma fita para o cabelo, fez gestos para Annie para que se sentasse em uma das cadeiras de respaldo reto que se encontravam ao redor da mesa.

Acostumada a fazer o que lhe diziam, Annie se sentou para deixar que aquela mulher lhe escovasse o cabelo. Depois de terminar de desembaraçá-los empreendeu a tarefa de trançar a longa cabeleira de Annie, puxando as mechas e retorcendo-as até que a garota sentiu como se o cabelo de suas têmporas estivesse a ponto de sair-se do couro cabeludo.

Ao ver seu olhar suplicante, a senhora Perkins esboçou um frio sorriso.

— Nos daremos bem, menina. Muito bem. — Fez um gesto com o dedo — Mas não me ponha a prova. Não tenho paciência para tolices.

Annie se aferrou com suas mãos trêmulas a borda da cadeira.

— Sente-se bem. Quando tiver terminado de desfazer seus baús, tocarei o sino para que nos tragam a comida.

Annie não queria comer. Era o que menos queria fazer. Seu único desejo era sair daquele lugar e, para poder fazê-lo, tinha que emagrecer; ficar fraca para que seus pais quisessem que retornasse para casa.

Rodeou-se a cintura com os braços e ficou olhando a mulher mais velha, enquanto esta tirava todas suas coisas dos baús e as guardava na cômoda e o armário. Vê-la trabalhar deu entender a Annie que o senhor Montgomery planejava tê-la ali durante muito, muito tempo. Perguntava-se por que. As possíveis respostas fizeram com que lhe desse vontade de vomitar.

Com o medo reavivado pelos pensamentos que a acoassavam, lançou um olhar a porta fechada com chave e logo a janela. Caiu-lhe a alma aos pés quando viu que havia barras de ferro do outro lado do vidro. As janelas do quarto das crianças que se encontravam nos andares superiores geralmente tinham barras, para impedir que os pequenos caíssem em um descuido. Mas ela não era uma criança. Se o senhor Montgomery não tinha a intenção de lhe fazer nada horrível, por que iria querer encerrá-la?

Tal e como prometeu, a senhora Perkins tocou o sino para que lhes trouxessem a comida assim que terminou de desfazer os baús. Quando uma criada lhes levou as bandejas, a corpulenta mulher se sentou à mesa e se abstraiu tanto em seu prato de rosbife em fatias, verduras e pão recém-feito que demorou uns quantos minutos em perceber que Annie não estava comendo. Quando finalmente o fez, limpou as comissuras da boca, deixou seu enrugado guardanapo de linho junto ao prato e se levantou da cadeira.

— O que chateação! Ninguém me disse que não podia comer sozinha. Só eu tenho a sorte de conseguir um trabalho que consiste em cuidar de uma idiota.

A mulher cravou uma parte de carne com o garfo e tentou colocá-lo na boca de Annie.

— Tem que comer, menina. Se não o fizer, vai ficar doente, e isso não será bom para mim. Entende? Não posso perder este posto.

Normalmente, Annie teria sentido compaixão por aquela mulher. Os criados de seus pais também necessitavam seus trabalhos e, por isso lhes tinha chegado a entender, sabia que não era fácil encontrar um emprego. Mas naquele caso, não podia permitir-se ser caridosa. Passasse o que fosse, tinha que emagrecer. E deveria fazê-lo rápido.

Quando, depois de empurrar brandamente o garfo contra sua boca, Annie se negou a abri-la, os olhos da senhora Perkins expeliam um brilho maligno, e a cravou com o talher. Annie piscou, a princípio de dor, logo depois de incredulidade. Um dos dentes do instrumento lhe perfurou o lábio. Podia sentir as gotas de sangue correndo por seu queixo.

— O que eu gosto dos idiotas, menina, é que não podem contar intrigas. Se Alex Montgomery notar que te aconteceu algo, direi a ele que você mesma te fez mal. — Arqueando uma negra sobrancelha, acrescentou — Não será uma menina difícil. Comigo, não. Entende?

Annie entendeu perfeitamente. Aquela mulher era tão desumana como feia.

A rebelião, geralmente, era algo completamente alheio a sua natureza; mas aquela não era uma manhã qualquer. Em um lapso de duas horas, sua mãe a enganou, seu pai a traiu e um homem que lhe dava muito medo a tinha tratado mal. E agora a furavam com um garfo? Uma horrorosa sensação febril se apoderou dela. A menos que pudesse agarrar o outro garfo e cravasse na mulher, havia muito pouco que pudesse fazer, salvo resignar-se ao mau trato.

E isto era precisamente o que pensava fazer. Nada do que fizessem aquela mulher ou Alex Montgomery iria fazê-la comer. Nada.

Quando outra espetada com o garfo não animou Annie a abrir a boca, a senhora Perkins optou por outras formas de persuasão que seu patrão não notaria com tanta facilidade. Puxou-a pelo cabelo, bateu-lhe com força nas costas e logo recorreu a beliscá-la em lugares nos quais a roupa esconderia as manchas roxas resultantes.

Annie permaneceu sentada enquanto aguentava toda a tortura, fulminando a mulher com o olhar e com os dentes fortemente apertados.

Pouco antes do amanhecer do dia seguinte, Annie desceu sigilosamente da cama e atravessou o quarto andando nas pontas dos pés. Fazia um gesto de dor cada vez que sentia uma tábua do solo ceder sob seu peso. Uma das desvantagens de ser surda, entre muitas outras, era que resultava muito difícil mover-se as escondidas. Não podia saber com precisão se estava fazendo ruído. Isso era terrivelmente molesto, especialmente quando desejava fazer algo e tinha medo de que a castigassem se chegassem a pegá-la despreparada.

Como poderia acontecer naquele instante...

Ao chegar à janela, Annie afastou a mesa com cuidado. Viu que havia espaço suficiente frente à janela, tirou o ferrolho e apoiou as bases de suas mãos na travessa. “Sem fazer ruído, Annie, sem fazer ruído”. Esquecendo momentaneamente a ferida que lhe tinha causado o garfo no dia anterior, mordeu-se o lábio inferior. Ao sentir uma forte dor, optou por morder, melhor, a parte interior de sua bochecha. Não sabia muito bem por que, mas segundo sua experiência, para fazer algo perfeitamente bem, tinha que fazer algum gesto com a boca, e morder a parte interior de sua bochecha parecia funcionar as mil maravilhas.

Lentamente, abriu a janela. Fazer isto a aterrou, temendo inclusive respirar. Só podia esperar que Alex Montgomery fosse um desses tipos suscetíveis que mantinha as portas e janelas de sua casa bem

lubrificadas. Se não, o mais provável era que estivesse fazendo ruído suficiente para despertar os mortos.

Mas os mortos não eram os que lhe preocupavam. Era a senhora Perkins a quem não queria despertar. Antes de ir-se deitar na noite anterior, a muito desconsiderada a tinha amarrado à cama; com tiras de linho, nada menos. Pelas coisas que lhe havia dito, Annie sabia que essa mulher acreditava que era uma completa idiota. E possivelmente fosse.

Mas inclusive um bobo tinha a capacidade suficiente para soltar nós.

O ar fresco entrou através dos barrotes de ferro, fazendo agitar a camisola de Annie no seu corpo. Antes que permitisse se relaxar, ficou atenta para ver se “ouvira” algum movimento proveniente do quarto contíguo. Nada. Não sentiu passos vibrando no chão. Nem comichões em sua nuca. Nada. Permitiu-se esboçar um sorriso de satisfação. A gorda continuava dormindo.

Agarrando as barras com força e deixando que suas mãos se deslizassem ao longo destas, Annie se ajoelhou no chão de madeira. Ignorou a areia fina que arranhava seu joelho descoberto e fixou a vista no céu. O amanhecer. Para ela, esta era a parte mais formosa do dia e, a menos que estivesse doente, o qual rara vez acontecia, nunca perdia a oportunidade de contemplá-lo. Naquele instante o céu estava de um azul escuro, como a altas horas da noite; mas soube pelo apagado brilho das estrelas que já quase despontava o dia.

Este espetáculo nunca deixava de assombrá-la. Ficou sem respiração, viu uma greta de cor rosa ziguezaguear através do horizonte. Uns poucos minutos mais tarde, gloriosos raios de luz emanaram dela, dando a tudo o que tocavam uma luminosidade mágica. Quando as montanhas ficaram visíveis, seus picos estavam envoltos em uma bruma da cor das pétalas de uma pálida rosa. Logo, como um sorriso que pouco a pouco ficou radiante, os raios de luz que fendiam o céu começaram a adquirir uma cor dourada brilhante.

Extasiada, Annie apertou com força as barras de ferro, pensando que, em lugar da música, Deus lhe tinha dado os amanheceres. Até surda, podia ouvir a canção em seu coração; e não por isso era menos comovedora. Bela música feita de luz.

Annie fechou os olhos e recordou todos os sons que geralmente chegavam com a alvorada: o canto de um galo, as estridentes explosões dos passarinhos, o latido distante de um cão, o sussurro da brisa matutina ao repontar. Nunca mais poderia gozar desses sons. Não obstante, tinha-os guardado em sua memória. Eram dela, e podia recordá-los e desfrutar deles cada vez que quisesse.

Ao abrir os olhos, um movimento no jardim que estava abaixo dela atraiu sua atenção. Seu olhar se centrou em um brilho dourado que rivalizava com o dos raios de sol: o cabelo de Alex Montgomery. Sabia com absoluta certeza que era ele por sua maneira de andar, pelos passos largos e seguros, que faziam se sobressair os músculos de suas coxas e esticavam o tecido de cor amarelada da calça de montar.

Dado que estava se movendo junto a casa, ela podia vê-lo de frente. Usava uma camisa branca de algodão, com as mangas arregaçadas sobre seus grossos braços, a parte dianteira completamente aberta e as abas soltas ao redor de seus estreitos quadris. Annie nunca viu o peito nu de um homem, e ficou olhando-o com curiosa fascinação. Em lugar de pálidos seios com pontas rosadas como os seus, ele tinha uns bicos dourados pelo sol, que não só pareciam firmes, mas também além de se esticarem de forma peculiar quando se movia. No centro de cada um deles havia uma mancha marrom do tamanho de uma moeda de cobre. Ao olhar atentamente, viu que também tinha pelos de cor dourada em seu peito. Curto e de aspecto felpudo, estava segura de que deviam picar. Os pelos chegava até o umbigo, logo se estreitava para formar uma linha que desaparecia debaixo do cinto.

Quando passou justo debaixo da janela, o que lhe permitiu observá-lo por trás, ele começou a tirar a camisa. Estirando o pescoço, viu com grande assombro como enrolava a camisa de algodão ao redor do punho de sua mão. De um extremo a outro de suas costas, sob a pele bronzeada que brilhava como se lhe tivessem esfregado azeite, os músculos se moviam, sobressaindo-se em certos lugares e aplanando-se em outros.

Saiu do jardim para dirigir-se a uma pequena edificação anexa, que se encontrava perto das cavalariças. Junto a ela havia uma bomba de água oxidada, cujo bico se encontrava sobre um lavatório desgastado. Depois de atirar sua camisa sobre um cerca próxima, moveu a manivela da bomba até que a água começou a sair aos borbotões. Logo, colocou a cabeça e os ombros sob o jorro. Annie estremeceu, imaginando quão fria deveria estar a água. Endireitou-se, sacudiu-se como um guaxinim molhado e esfregou os olhos para secar-se.

O cabelo ficou como se alguém o tivesse removido com um batedor. Ela não pôde senão sorrir ante o aspecto tão ridículo que tinha. Mas Alex remediou a situação passando os dedos por seu escuro cabelo. Com o torso brilhando ainda devido as gotículas de água, agarrou a

camisa e a pôs de novo. Pelo visto, não lhe importava que o algodão absorvesse a água e grudasse a ele como uma segunda pele.

Fascinada, Annie o viu apoiar uma mão sobre a cerca e saltá-la sem esforço aparente. Havia um cavalo castanho dentro do cercado. Quando a besta o viu, sacudiu a cabeça e golpeou a terra repetidamente com o casco de uma pata dianteira. Alex se aproximou lentamente do animal. Quando estava aproximadamente a três metros dele, o cavalo girou sobre as patas traseiras e se afastou a galope. Sem fazer nenhum movimento brusco, Alex o seguiu. Uma vez mais, quando estava a ponto de salvar a distância que o separava do animal, este galopou.

Alex tentou aproximar uma e outra vez. Todas as simpatias de Annie estavam com o cavalo. Enquanto o homem procurava economizar energia, o animal escapava em um galope constante e, impulsionado pelo pânico, dava voltas desnecessárias ao redor do cercado. Pouco tempo depois, a pelagem lhe brilhava pelo suor e respirava agudamente por causa do esgotamento.

Annie compreendeu que Alex pensava continuar aproximando-se do cavalo até que este ficasse sem forças para fugir dele. A pobre besta também pareceu compreender isto e o olhava com receio. Seu corpo estava cheio de tremores causados pelo esforço excessivo. Annie pareceu que se tratava de um jogo cruel e, ao vê-lo submeter o animal a tão dura prova, reafirmou a ideia de que não era um homem bom.

Depois de ter este pensamento, Annie sentiu um nó na garganta. Levantou-se de uma maneira tão repentina que a cabeça começou a lhe dar voltas. Deu as costas à janela, rodeou sua cintura com os braços e lançou o olhar para a porta fechada com chave. Atrás dela, a luz do sol entrava através da janela, desenhando no chão as largas linhas das barras de ferro. Presa. Assim era como se sentia.

Possivelmente fossem simplesmente as lembranças daquele dia nas cataratas ganhando a batalha, mas quase podia ver Alex Montgomery entrando em seu quarto e perseguindo-a, tal e como tinha feito com o cavalo, com essa mesma implacável determinação, até que estivesse muito esgotada para continuar fugindo dele.

Incapaz de conter-se voltou para dar uma olhada à janela. Através das barras, viu que o inevitável finalmente tinha acontecido. O cavalo estava encurralado em um canto do cercado, tremendo, mas já sem poder opor-se a que a mão de seu amo tocasse seu corpo.

CAPÍTULO 07

Durante o resto do dia e os dois seguintes, Alex evitou deliberadamente subir ao quarto das crianças. Não obstante, todos os dias se reunia com a senhora Perkins para que o pusesse à par dos progressos de Annie. Edie Trimble lhes fez uma visita e, depois de permanecer ali um longo tempo, pareceu ficar satisfeita com as referências e o rendimento da senhora Perkins.

A senhora Perkins, uma amável mulher de meia idade, tinha chegado a Montgomery Halls com cartas de recomendação cheias de louvores e parecia ser a personificação da eficiência. Contou a Alex que Annie estava se adaptando muito bem a sua nova rotina, e que não devia preocupar o mínimo com seu bem-estar. A partir daquele momento, disse-lhe, isso era assunto dela.

Alex estava mais que disposto a deixar que a mulher fizesse tudo sozinha. Não podia esquecer sua reação física na carruagem ante a presença de Annie, e tampouco podia perdoar a si mesmo por isso. Quanto mais longe estivesse da jovem, melhor.

Felizmente, o seu velho casarão era cheio de voltas e, tal e como havia predito o doutor Muir, a presença de Annie naquele lugar podia passar quase inadvertida. Alex seguiu com sua rotina habitual; trabalhava durante o dia nas cavalariças, nos campos ou na pedreira, e passava as noites fazendo contas ou descansando no escritório.

Na terceira noite, ele acabava de recostar-se em sua cadeira favorita com uma taça de conhaque e um número recente de *Morning Oregonian* de Portland, quando um chiado dilacerador retumbou na habitação. Em seguida se endireitou em seu assento e lhe arrepiaram os cabelos da nuca. Pouco depois se ouviram uns gritos.

Alex soltou uma maldição e saiu correndo ao corredor, onde chocou com Maddy, sua governanta, quem também se alarmou ao ouvir aquele escândalo. Depois de recuperar o equilíbrio com um pouco de dificuldade, os dois se dirigiram para as escadas. Na ascensão, Alex tirou uma vantagem considerável da mulher. Maddy, gorducha e de pernas curtas, ia ofegando atrás dele. Quando Alex chegou ao quarto das crianças, encontrou que a tinham fechado com chave por dentro.

Golpeou com força o grosso painel de carvalho.

— Senhora Perkins! Que demônios está acontecendo?

— Me ajude! — A mulher parecia desesperada — Ai, Deus, tenha piedade! Ajude-me, por favor!

— Jesus, Maria e José! — Maddy se fez o sinal da cruz, horrorizada.

Alex a empurrou de lado. Lançando-se um pouco para trás, deu um forte chute na porta. A grossa tábua de carvalho se manteve firme.

Esporeado pelos gritos procedentes do quarto, deu vários passos para trás e investiu com todo seu peso com o ombro contra a porta. Depois do impacto, ricocheteou para trás com tal violência que se estrelou contra a parede.

— Caramba!

Maddy levou as mãos às têmporas.

— Deus santo! O que está acontecendo aí dentro?

Parecia uma confusão. Alex olhou a porta com impetuosa resolução. Toda a vida ouviu histórias de homens que derrubavam portas a chutes, e ele era mais corpulento que a maioria. Tinha que haver um truque para consegui-lo. Centrando toda sua atenção no pomo da porta, retrocedeu tanto como o permitiu a parede que se encontrava atrás dele, deu dois passos para pegar impulso e plantou o pé justo debaixo da fechadura de latão. A estrutura de madeira se estilhaçou, a porta cedeu e Alex entrou no quarto das crianças correndo e cambaleando. Sem deixar de dar tombos, parou a escassos centímetros da senhora Perkins e Annie, que pareciam estarem envolvidas em um combate mortal.

Tal era a confusão daqueles corpos retorcidos, que Alex demorou um momento para entender o que estava acontecendo. Quando finalmente o fez, abriu os olhos como pratos. Annie, a dócil criancinha que segundo o doutor Muir nunca lhe causaria problemas, tinha os dentes cravados no dedo da senhora Perkins. Pelo visto, tinha a intenção de liberar a mulher dessa parte acessória de seu corpo. A mulher, dava saltos de dor, golpeava a sua atacante na cabeça e nos ombros para tentar soltar-se. Antes que Alex pudesse intervir, a mulher decidiu que os golpes simples não serviam de nada e recorreu aos punhos.

— Já basta! — gritou Alex.

Entrou na luta, sem saber muito bem a quem deveria salvar se Annie, que estava sendo esmurrada, ou a senhora Perkins, que corria o risco de perder uma parte de seu corpo. Pouco depois, percebeu que Maddy estava participando da briga um pouco de fora, por assim dizê-lo; agarrava roupas por um lado, braços e cabelos pelo outro, e seu forte sotaque irlandês aumentava o barulho reinante. Seguiu, então, uma briga entre quatro pessoas; Annie e a senhora Perkins, entrelaçadas em um perigoso abraço, e Alex e Maddy tentando separá-las sem muito êxito. Justo no momento em que Alex finalmente conseguia abrir a mandíbula fortemente apertada de Annie, a desesperada senhora Perkins errou o alvo e lhe deu um forte golpe no nariz.

— Pequena raposa!

— Um momento! — Alex pareceu mudar de atitude de repente — Não permitirei que fale dessa maneira. — Tentou limpar o sangue que lhe caía do lábio superior — Que demônios induziu a garota a lhe morder? — Viu que Annie tinha fugido ao outro extremo do quarto, onde se aconchegou no chão com as costas apertadas contra a parede. Ele lançou de novo seu olhar para a mulher — E bem, o que me diz?

— Nada a induziu a fazê-lo! Agrediu-me sem nenhuma provocação por minha parte.

Alex limpou o rosto de novo e observou a robusta mulher. Seu instinto lhe dizia que não estava lhe dizendo toda a verdade.

— Exatamente como chegou seu dedo a boca de Annie?

— Mordeu-me, sem mais.

Dada sua própria experiência com Annie, Alex não custava acreditar na mordida, mas lhe parecia muito estranho que tivesse mordido um dedo em lugar de uma parte mais acessível do corpo.

— O que fez a senhora? Acaso lhe deu o dedo para agradá-la? Sinto muito, senhora Perkins, mas me parece que há algo muito estranho em todo este assunto.

— Eu estava lhe dando de comer! Isso é tudo. Corrija-me se estou equivocada, mas acredito que esse é um de meus deveres. E, enquanto o estava fazendo, essa pequena raposa me mordeu!

Alex não perdia os estribos com muita frequência, mas também era pouco frequente que alguém lhe fizesse sangrar pelo nariz.

— Tome cuidado com suas palavras, senhora, ou do contrário a despedirei sem lhe dar referências.

— Me despedir? Sem me dar referências? Tenho várias cartas de recomendação, senhor, como você bem sabe, e, se não forem suficientes, posso escrever outras. Sempre há tolos como você que nem sequer se tomam a moléstia de verificar sua autenticidade.

Atônito, Alex a olhou fixamente. Logo, fez um gesto de estupor, pois sem lugar a dúvidas era certo que foi um tolo. Por falta de tempo, não tinha verificado a autenticidade das referências daquela mulher.

Ela soltou uma estridente gargalhada.

— Quem lhe disse que eu quero continuar trabalhando aqui? Essa garota está louca! Nunca encontrará uma pessoa que cuide dela. Recorde minhas palavras, senhor. Eu estava tentando obrigá-la a comer. Nada mais. Está se negando a comer. O que deveria fazer? Deixar que morresse de fome?

— Se estava a senhora tendo problemas com Annie, deveria falar comigo. Deixou que a situação saísse de suas mãos, e não tenho mais remédio que despedi-la. Não posso permitir que uma pessoa que trabalha para mim golpeie minha esposa, independentemente de qual tenha sido o motivo.

— Sua esposa? Ha, ha! E, quanto ao trabalho, renuncio com muito prazer, e retornarei ao povoado andando, não desejo passar uma noite mais nesta casa.

— Isso não será necessário. Eu me encarregarei de lhe conseguir uma carruagem que a leve. — Alex tirou um lenço do bolso, o pôs sobre seu nariz e olhou para Maddy — Pode se ocupar da garota enquanto eu desço para resolver este assunto?

Com seu cabelo vermelho grisalho brilhando sob a luz do candeeiro, em contraste com seu rosto pálido, Maddy lançou um olhar de incerteza a Annie. Logo, endireitou seu redondo corpo e assentiu com a cabeça.

— É óbvio, senhor. Tenho certeza de que não haverá nenhum problema.

Alex desejou poder ter a mesma segurança. Não gostava de deixar que Maddy ficasse sozinha, mas não via alternativa. Fez um sinal a senhora Perkins para que o precedesse e saiu da habitação.



Alex acabava de deixar a senhora Perkins na carruagem e se dirigia às escadas que conduziam a casa, quando Maddy apareceu na entrada. O perfil de seu largo corpo se recortava contra a luz que saía do saguão. Com as mãos nos quadris, a mulher olhou fixamente o veículo que saía.

— É uma afortunada que partiu. Essa é a pura realidade. Eu a teria feito pedaços com minhas próprias mãos. Não lhe caiba a menor dúvida!

Desde que sua mãe morreu quando ele tinha três anos de idade, Alex considerava Maddy, com seus bondosos olhos verdes, como um familiar mais que como uma governanta. Não recordava havê-la visto nunca tão furiosa. Com seus grandes seios e seu vestido azul escuro com avental branco, recordava um veleiro a que um vento muito forte estivesse inchando as velas.

Ao chegar ao alpendre, ele olhou longa e fixamente a seu rosto, tentando em vão interpretar sua enigmática expressão. Quando o sangue irlandês lhe subia a cabeça, Maddy podia ser muito insolente,

disso não duvidava nada. Alex apenas podia agradecer que a senhora Perkins partiu de uma vez.

— Tampouco me agradou muito a maneira como essa mulher dirigiu a situação — reconheceu Alex — Era completamente desnecessário que desse murros em Annie. Mas suponho que é possível que a histeria não lhe tenha permitido perceber o que estava fazendo.

Maddy cruzou seus grossos braços.

— Que histeria nada! Essa asquerosa mulher foi muito cruel com a pobre garota.

Maddy tinha um caráter excitável e muita vez reagia de forma exagerada. Alex não pôde a não ser pensar que isso era precisamente o que estava acontecendo naquele momento.

— A senhora Perkins se comportou de maneira indevida, Maddy, mas acredito que a palavra cruel é um pouco forte. Annie esteve a ponto de deixá-la sem um dedo.

— Foi muito cruel! Horroriza-me que nesta casa se permitiram tais abusos. Horroriza-me profundamente.

— Reconheço que foi uma cena muito desagradável, mas não a convertamos em algo pior do que realmente foi.

— Pior do que realmente foi? Essa mulher é um demônio. Como é possível que o senhor não tenha verificado a autenticidade de suas referências? Não posso acreditar que tenha sido tão descuidado.

Este ataque o pegou despreparado e não pôde responder em seguida. Quando finalmente falou, seu tom de voz era defensivo.

— Como recordará, eu precisava de uma mulher que cuidasse de Annie com suma urgência. Não havia tempo para manter correspondência com seus anteriores patrões. Parecia uma mulher muito respeitável e bondosa.

— Bondosa? Eu não confiaria a essa bruxa nem o cuidado de um cão guia de ruas. Uma pessoa competente para cuidar de Annie, diz o senhor? O que realmente queria era uma carcereira, e qualquer pessoa teria servido, contanto que mantivesse a garota tranquila e que o senhor não tivesse que topa com ela até que o bebê nascesse.

— Maddy, sabe que isso não é...

— Lhe importam mais suas éguas. Verificou a autenticidade das referências até do mais humilde moço de estábulo que trabalha aqui. Deus nos libere de que um de seus malditos cavalos fique doente.

— Eu pensava que a mulher era competente, Maddy.

— Mas não se certificou. E isso é o vergonhoso. — Fez-lhe um gesto lhe colocando o dedo sob seu nariz — Eu lhe disse a princípio que nada bom sairia de tudo isto. Fraca mental ou não, essa garota não é

um animal reprodutor que seus pais e o senhor podem levar daqui para lá a seu desejo. É um pecado contra Deus e tudo o que tem que sagrado no mundo.

Passou uma mão pelo cabelo.

— Vamos nos acalmar um pouco, certo?

— O que o senhor realmente quer dizer é que eu devo me acalmar. Bom, pois não me sinto muito tranquila digamos assim. Se o senhor ainda fosse uma criança que usasse calça curta, bateria no seu traseiro com uma vara de nogueira americana pelo que fez.

Na opinião de Alex, dançar ao som de uma vara de nogueira americana teria sido menos ferino que ouvir as palavras de Maddy.

— Cometi um engano, Maddy. Não nego. Mas sabe que foi sem querer.

— O caminho do inferno está pavimentado de boas intenções.

— Sim, bom... Prometo que não acontecerá novamente. Me certificarei de que a próxima pessoa tenha bom caráter.

— A próxima? Por que não deixa que a garota fique em uma das cavalariças? — Ao ver a expressão de assombro no rosto de Alex, a furiosa irlandesa prosseguiu — Bom, dessa maneira ela não seria uma moléstia para o senhor. Quando entrar em trabalho de parto, pode pedir a Deiter que a ajude, tal e como o faz com todas as potrancas. Terá seu herdeiro, e poderá enviar Annie para casa. Todos ficarão contentes, menos a garota. Acaso não é isso o que em essência que pensa fazer em qualquer caso? Para que tentar dissimular contratando uma pessoa para cuidar dela?

Alex se zangou.

— Já basta. Esta é uma situação muito difícil, é verdade, e tomara nunca tivesse ocorrido nada disto. Mas aconteceu, a garota está grávida, e eu tentei solucionar o problema o melhor possível. Que mais espera que faça?

— Que você seja um marido para essa garota? — ela sugeriu com um sarcasmo cáustico. — Além disso. Bom, pois, além disso, não estaria mal que desse um pouco mais de atenção a pequena. Essa mulher que você contratou esteve tentando lhe enfiar a comida pela garganta! Foi assim como seu dedo chegou a boca de Annie. Se me perguntar, essa mulher merecia que o arrancassem.

— Enfiar comida pela garganta! — Alex estava assombrado.

— E isso não é tudo. Beliscava essa pobre criancinha por todo o corpo. Cada vez que me lembro... — conteve-se com um suspiro trêmulo — Bom, as palavras não podem descrever meu aborrecimento. A garota tem tantas manchas roxas, que parece um

tecido com desenho de lunares. Tudo sob seu vestido é obvio, onde ninguém poderia vê-las. Deveria dar uma olhada em suas costas, onde essa horrível mulher a esteve golpeando.

— Manchas roxas? — O coração de Alex se encolheu — Por Deus! Machucou-a muito? — Começou a dar uns passos diante de Maddy, mas ela o agarrou pelo braço.

— Não corra para seu quarto como uma palha arrastada por um forte vento. Assustará a garota.

Consciente de que ela tinha razão, Alex soltou-se de sua mão, mas não voltou a tentar entrar no quarto.

Um longo silencio caiu entre eles, e durante este tempo Maddy fez um esforço evidente para acalmar-se. Quando Alex sentiu que ela tinha recuperado ao menos um pouco de compostura, disse:

— Devo pedir a Henry que vá procurar o doutor Muir?

— Não, não acredito que necessite um médico. Eu posso me ocupar dela. Mas há outro pequeno problema que tem o senhor que resolver.

— Do que se trata?

— A razão pela qual estive se negando a comer é que acredito que está engordando. Tem que lhe fazer entender de algum jeito que é um bebê o que lhe está fazendo crescer a cintura, não o excesso de comida.

Alex observou os traços torneados de sua governanta.

— Como pode saber o que Annie pensa?

— Bom, Annie me disse estas coisas, certamente.

— A garota não pode falar.

Maddy levantou o queixo.

— Não como nós, isso é indiscutível. Mas pode fazer-se entender se insistir um pouco.

— Como?

— Suba comigo e você comprove o senhor mesmo.

Depois de dizer estas palavras, ela girou sobre seus calcanhares e se dirigiu às escadas, falando consigo mesma ao longo de todo o caminho.



Atento para não assustar Annie, Alex entrou em seu dormitório depois de Maddy. Oculta ainda no escuro canto, a garota se encontrava sentada com os braços ao redor de suas pernas dobradas, com o vestido azul lhe cobrindo pudorosamente os tornozelos. Aparentemente esgotada, descansava a cabeça sobre os joelhos. Para

poder ver melhor, Alex acendeu o candeeiro da mesinha de noite antes de atravessar o quarto para aproximar-se dela. Quando o fez, a moça se endireitou e fixou nele um olhar de desconcerto e receio. No mais profundo de seus olhos azuis, ele leu vários sentimentos: medo, uma quantidade nada desdenhável de desconfiança e um penoso desespero.

Deus santo! Tinha-a levado a sua casa para lhe dar seu amparo. E que bem o estava fazendo! Tinham-na beliscado em todo o corpo, tinham-lhe dado murros e sabe Deus o que outras coisas. Não era de estranhar que o olhasse da maneira como fazia.

Agachando-se na frente dela, observou-a durante um momento. Procurava cuidadosamente sinais de abusos, mas não pôde ver nenhum. Além do fato de ter perdido um pouco de peso, o qual mal podia permitir-se fazer, parecia estar limpa e sã. Seu cabelo negro estava preso com tranças muito bem cuidadas, que caíam até a cintura.

— Maddy me disse que a senhora Perkins esteve te tratando muito mal, Annie, você gostaria de conversar sobre isso?

Em resposta, lhe lançou seu habitual olhar de perplexidade, cravando os olhos em sua boca. Alex teve a sensação de que daria igual lhe falar em grego. Era evidente que a garota não entendia sequer as frases mais simples. Que tivesse conseguido comunicar-se com Maddy de algum jeito parecia completamente incrível. Não obstante, ele sabia bem que sua governanta nunca mentia.

Resolvido a ver os machucados da jovem, estendeu a mão para tentar afastar ligeiramente o pescoço de seu vestido. Quando ele fez este movimento, a jovem se apertou mais contra a parede. O medo fez com que seus olhos se escurecessem. Sustentando a mão no ar, Alex fechou o punho em sinal de frustração. Apesar de que suas capacidades mentais pareciam ser muito limitadas, estava claro que ela não tinha nenhuma dificuldade em recordar o que Douglas lhe fez e que acreditava que poderia lhe fazer o mesmo.

Olhou para Maddy, que estava de lado, e negou com a cabeça.

— É inútil. Terei que confiar em sua palavra. Está segura de que não devo fazer chamar o doutor Muir?

— Como já lhe disse eu posso me ocupar dos golpes. — Maddy fazia esforços para não chorar — O que me incomoda, senhor, é que você não parece acreditar no que lhe contei. Ela me mostrou como essa mulher lhe enfiava a comida na garganta, acredite. E me disse que pensa que está ficando muito gorda.

Alex se levantou e se afastou de Annie para apoiar um ombro contra a parede.

— Acreditarei quando o vir.

Maddy lhe lançou um olhar glacial e se dirigiu à pequena mesa para agarrar o prato de comida de Annie. Depois de levantar com o garfo uma batata fria, voltou sobre seus passos, sorrindo a jovem de orelha a orelha.

— Anda, carinho, seja uma boa garota e coma um pouco. Faça isto por Maddy.

Annie negou com a cabeça, e esse simples gesto assombrou a Alex. Parecia entender o que Maddy lhe havia dito.

— Mas tem que comer, carinho. Adoecerá se não o fizer. — Tentava convencê-la com lisonjas — Só um pouco, anda, me agrade.

Annie negou com a cabeça de novo e lançou um olhar de receio para Alex. Logo, inchou as bochechas e tentou, sem muito êxito, dobrar seu queixo. Embora estivesse muito magra para parecer uma mulher gorda, fizesse as caretas que fizesse, a mensagem era clara. Alex a olhou boquiaberto.

— Meu deus!

Sem afastar os olhos de Annie, Maddy continuou lhe falando com o garfo estendido.

— É uma boa garota. Coma um pouco para agradar Maddy.

Cada vez mais nervosa Annie esticou as pernas e levou as mãos a cintura para lhe dar tapinhas em seu ventre. Logo, como se tivesse um talher invisível, fingiu colocar comida em sua boca e mastigar. Depois, voltou a inchar as bochechas e a negar com a cabeça.

Fazendo um movimento com o garfo em sinal de vitória, que esteve a ponto de lançar as batatas pelo ar, Maddy se voltou para Alex.

— Percebeu?

Alex se separou da parede bruscamente. Arrepiou-se enquanto olhava a jovem que estava frente a ele. Durante um instante que se fez eterno, não pôde pôr as ideias em ordem para pronunciar nenhuma palavra. Quando finalmente o fez, só conseguiu repetir o que acabava de exclamar.

— Meu deus!

— O que lhe disse? — Maddy tinha agora ar de suficiência — Se isso não é fazer-se entender, então me diga o senhor o que é.

— Maddy... — disse Alex em voz muito baixa — Tem alguma ideia do que isto significa? O fato de que ela possa estabelecer uma correlação entre comer e aumentar o peso... Bom, pois é totalmente

incrível. Quer dizer que na realidade deve ter capacidade de raciocínio.

— Não é tão bronca como o senhor acreditava, não é? Vá, quando as pessoas começam a pensar em tudo isto, lhe embrulha a cabeça. — Voltou as costas para Annie para levar o prato à mesa — Se ela pode entender este tipo de coisas, as pessoas tem que perguntar-se que mais pode entender. Ou sentir. Pergunto-me se sentirá falta de seu bebê quando o senhor o arrebatou de seus braços.

Uma espantosa sensação de debilidade se apropriou das pernas de Alex. Sem poder recuperar-se ainda da surpresa, tudo o que podia fazer era olhar fixamente sua cruz. Não, não era sua cruz, era sua esposa. Sua esposa grávida, a quem seu irmão tinha violentado e com quem ele se casou. Com o fim de lhe tirar seu filho.

Um animal reprodutor, Maddy tinha lhe chamado. Um objeto sem inteligência que seus pais e ele podiam levar de um lugar a outro. Este pensamento lhe enojou tanto que fechou os olhos com força.

— Meu deus, Maddy, o que fiz?

Um pesado silêncio se assentou na habitação. Finalmente, Maddy sentenciou.

— O fato, feito está, senhor. O que importa agora é o que fará a partir deste momento.

CAPÍTULO 08

Andando aflito pelo que acabava de descobrir, Alex fez uma visita aos pais de Annie na manhã seguinte. Depois de que o fizeram passar ao salão, sentou-se em uma poltrona de braços perto da chaminé, para ficar frente à Edie e James, que se encontrava sentado no sofá de crina de cavalo. Sem saber muito bem nem como nem por onde começar, Alex apertou os punhos e observou atentamente a almofadas com estampados de rosas, para tentar pôr em ordem suas ideias, o que naquele momento parecia uma missão quase impossível.

Afinal, decidiu que contar-lhes tudo sem rodeios era o melhor que podia fazer. E lhes narrou os acontecimentos da noite anterior. Terminou seu relato dizendo:

— Depois de ver como Annie se comunicava com minha governanta, estou convencido de que ela pode ser muito mais inteligente do que todos nós pensávamos.

Ao ouvir estas palavras, Edie ficou tão branca como uma folha de papel. Depois de um momento de silêncio que pareceu retumbar nos tímpanos de Alex, estalou.

— Tolice. Nossa filha sofreu uma febre muito alta que a converteu em uma incapacitada mental, senhor Montgomery. Já lhe explicamos isso atentamente!

— E é muito possível que vocês tenham toda a razão. Mas a pergunta é: em que grau é grave sua incapacidade mental? Alguma vez tentaram averiguar? A garota é capaz de raciocinar, de dirigir conceitos, senhora Trimble; não é uma idiota. — deslizou-se até a borda da cadeira e fez um gesto de cansaço — James, o senhor é um homem educado. Certamente entende o que estou dizendo. Sua filha pode observar a relação entre dois acontecimentos que aparentemente não estão relacionados entre si. Se ela fosse tão débil mental como acreditam, poderia fazê-lo?

Edie se levantou como uma mola.

— Nós entendemos o que está dizendo. Simplesmente não estamos de acordo.

— Não é minha intenção culpar ninguém — assegurou Alex em um tom mais tranquilizador — Por favor, não me interpretem mal. Só estou dizendo que é possível que o mal de Annie não seja tão grave como pensávamos. Queria levá-la a Portland. Fazer com que lhe fizessem alguns exames. Ali há médicos excelentes que poderiam...

— Não! — Gritou Edie com voz aguda, e lançou um olhar de ressentimento a seu marido — Temia que isto acontecesse! Roguei-te que a mandasse a outro povoado até que nascesse o bebê. Agora olhe o que está passando! Quer que lhe façam uns exames!

Disse a palavra exames como se tratasse de uma vulgaridade. Alex soltou um suspiro:

— Só um exame de rotina, senhora Trimble. Nada exaustivo. O que podemos perder?

— O que podemos perder? — perguntou ela friamente — Esse é só o começo. Logo irá querer que Annie fique em Montgomery Hall e não lhe permitirá vir nunca a casa.

James estendeu o braço para sujeitar firmemente sua mão.

— Venha, Edie. Alex não disse tal coisa. Está se precipitando ao tirar conclusões. Não é verdade, Alex?

Uma sensação asfíxica se apropriou do peito de Alex.

— Bom, James, a verdade é que eu gostaria de falar contigo a respeito de...

— Sabia! — Edie soltou sua mão de um puxão. Fulminou a Alex com o olhar — Nos deu sua palavra, senhor! Disse que era um acordo temporário. Só de nome. O senhor prometeu!

Alex esfregou o rosto com uma mão.

— Disse isso antes que percebesse...

— Antes que percebesse o que? — perguntou ela — Como se atreve? Tem a garota durante três curtos dias, e já acredita que a conhece melhor que sua própria mãe? Acaso está pensando fazer com que esse matrimônio seja permanente? Como se atreve!

— Só quero o melhor para Annie. — Alex se esforçava para falar em voz baixa — Se ela não for tão atrasada como acredita, Edie, imagine quanto sofrerá se chegar a separá-la de seu bebê.

— O que é o melhor para Annie? — A mulher deixou escapar uma gargalhada de amargura — Quer que prediga o que acontecerá se continuar com esta loucura, senhor Montgomery? Quando já for muito tarde, descobrirá que eu tenho razão, que nossa filha, efetivamente, é uma idiota. E ao final tomará o caminho mais fácil e a internará em um desses horríveis sanatórios. A deixarão em um quarto e cuidarão dela como se fosse um animal. Passei quatorze anos fazendo todo o possível para impedir que isso acontecesse.

— Eu nunca internaria Annie em um sanatório.

— Está seguro? O senhor é um homem jovem e atrativo. Algum dia conhecerá uma jovem normal, com quem gostaria de casar-se. O que acontecerá com Annie então?

— Nunca faltei a minha palavra, jamais, em toda minha vida — respondeu Alex — De maneira nenhuma começarei a fazê-lo com meus votos matrimoniais. Annie sempre terá um lar em Montgomery Hall.

— Está o senhor faltando com sua palavra neste preciso instante — respondeu ela — Prometeu me devolver minha filha e agora está vacilando.

— James. — Alex apresentava claros sintomas de cansaço — Faça-lhe entrar em razão. Por favor. Se houver alguma oportunidade, embora seja mínima, de que Annie possa ser educada, como podemos passar por alto? Que dano poderiam-lhe fazer uns poucos exames médicos?

O juiz evitou olhar Alex diretamente nos olhos.

— Realmente acredita que não submeteríamos nossa filha a esses exames se acreditássemos, embora só fosse por um instante, que há alguma esperança? É o senhor quem deve entrar em razão, Alex. Edie é a mãe de Annie. Cuidou dessa garota desde que era um bebê

recém-nascido. Quem pode saber melhor que ela quão grave é a incapacidade da menina?

Em circunstâncias normais, Alex não teria podido discutir aquilo. Mas dada a franqueza com que o juiz tinha lhe falado em uma ocasião anterior, ele sabia que havia muitas mais coisas em jogo do que a simples vista parecia. Uma loucura, hereditária. Palavras muito desagradáveis, que constituíam o maior temor dos Trimble. Um temor tão cansativo que, por razões diferentes, nenhum dos dois podia reconhecê-lo. James devido a sua carreira, e Edie pelo sentimento de culpa.

Se examinassem Annie... Se descobrissem que sua desordem mental se devia a uma loucura hereditária e não aos efeitos de uma febre muito alta, eles temiam ter que pagar muito caro: Edie em seu matrimônio, pelos erros dos quais se valeu fazia trinta anos; o juiz, perdendo sua credibilidade política. Em lugar de correr esse risco, mantiveram Annie, o seu vergonhoso segredo, oculta do mundo.

— Poderíamos manter em segredo a viagem a Portland — disse Alex — Ninguém tem por que saber que um médico a examinou.

— Não darei minha autorização para que a submetam a nenhum exame — disse James com firmeza.

Alex não necessitava a autorização do pai, e os Trimbles sabiam. Entretanto, não acreditou que fosse prudente repeti-lo.

— Entendo.

— Por favor, tenha a certeza de que queremos nossa filha — adicionou James.

Com uma expressão séria no rosto, Alex observou aquele homem, a quem alguma vez admirou tanto. Acreditava que queria sua filha, então deveria dar a palavra amor uma definição completamente diferente da de Alex. Não só por sua relutância a deixar que examinassem a jovem, mas também por tudo o que tinha acontecido antes; a insossa cerimônia de casamento, a festa no jardim que teve prioridade sobre as necessidades de Annie e muitas outras coisas que Alex não pôde recordar nesse momento. Amor? Que Trimble sequer se atrevesse a usar esta palavra era uma farsa.

— Se acreditássemos que os exames poderiam revelar algo novo, fosse o que fosse, — prosseguiu James — teríamos levado Annie a Portland há muitos anos.

Silêncio. Um silêncio evidente e acusador. Naquele momento, Alex soube que os Trimbles se oporiam até o fim de seus dias a permitir que os médicos vissem Annie. Se lhes contrariassem, as coisas ficariam feias. Muito feias.

Precisava pensar nas coisas atentamente antes de tomar uma decisão, não porque lhe importasse particularmente proteger a relação que tinha com seus sogros, mas sim porque a felicidade de Annie podia estar pendente de um fio. Se, como Maddy suspeitava, a garota podia sentir afeto, então certamente queria a seus pais, merecessem-no ou não. Por seu bem, Alex não queria provocar um distanciamento, ao menos sem uma boa razão.

Sem dúvida confundindo o silêncio de Alex com uma mudança de atitude, Edie recuperou a compostura ligeiramente. Com um tom de voz mais tranquilo e moderado, voltou a falar.

— Sei o muito enganoso que pode ser o comportamento de Annie, senhor Montgomery. De vez em quando pode fazer prova de certo grau do que poderia parecer uma inteligência normal, mas em seguida experimenta uma regressão. Acredite em mim. Embora odeie usar esta palavra, minha filha é uma idiota. Nada no mundo poderá mudar isso.

Tão esgotado que não poderia descrevê-lo com palavras, Alex suspirou e voltou a esfregar o rosto com uma mão. Quase não tinha pregado o olho na noite anterior. Annie... Com seu doce rosto e seus perplexos olhos azuis. Não podia tirá-la da cabeça. Possivelmente Maddy e ele estivessem aferrando-se desesperadamente a uma falsa esperança. Mas tinha que certificar-se disso, maldição!

— Sinto muito. — Tentou escapar pela tangente — Acredito que não deveria vir aqui. Alterei os dois e se tiverem razão, o fiz sem motivo algum. É só que eu... — encolheu os ombros — Ontem a noite... Ao vê-la... Tive a segurança de que havia alguma esperança.

Olhou para Edie nos olhos e pôde ver sua dor, e soube que acreditava de todo coração que sua filha tinha herdado a loucura de sua família. Seria possível que fosse tal sua certeza a respeito e que tivesse tanto medo de que seu marido se divorciasse dela, que não queria ver nenhuma outra possibilidade?

— Não há nenhuma esperança — disse ela com voz trêmula — Bem sabe Deus que queria que a houvesse. Pelo bem de Annie, tem o senhor que tirar todas essas dúvidas da cabeça.

Pelo bem de Annie. Alex mordeu a língua para não dizer nada que logo pudesse lamentar.

— Nos últimos três anos, sua condição começou a deteriorar-se. — destacou Edie — Tanto é assim agrediu fisicamente a pessoa que você contratou para cuidar dela. Se permitirmos que siga tendo esse tipo de comportamentos, será necessário interná-la em um hospital psiquiátrico, senhor Montgomery. Sei que veio aqui esta manhã com

as melhores intenções e que não é uma má pessoa. Mas deve você confiar totalmente em mim. Eu não imaginei por prazer todas essas regras que Annie deve seguir. Fiz isto para proteger seu futuro. Por esta razão, o senhor deve cumpri-las, tal e como prometeu que o faria. Do contrário, não haverá quem a controle e todos meus anos de trabalho terão sido em vão. Não quero que minha filhinha termine em um manicômio.

— Eu tampouco quero isso. Acredite em mim, por favor.

— Certamente que acreditamos — interveio James.

Alex ficou de pé.

— Sinto muito lhes haver importunado desta maneira.

— Tolice — o repreendeu Edie — Annie é nossa filha e a amamos.

Aquela palavra de novo. Amor. Alex queria perguntar aquelas pessoas se entendiam seu significado.

James se levantou e abraçou sua esposa.

— Assim é. Alegra-me que tenha vindo nos ver para falar das inquietações que tinha. Não teríamos esperado que fosse de outra maneira.

Enquanto Alex se despedia dos Trimbles e partia de sua casa, milhares de perguntas lhe davam voltas na cabeça e nenhuma delas se podia responder de uma maneira simples. Estavam os pais de Annie tão absortos em seus próprios assuntos que não podiam ver os de Annie?

Ou acaso Maddy e ele estavam se arremetendo em riste contra moinhos de vento?

— Senhor Montgomery! Senhor Montgomery! Espere um momento, por favor!

Alex ouviu esta voz justo ao chegar à rua, depois de sair do caminho de entrada da casa dos Trimbles. Puxando as rédeas de seu cavalo negro para que parasse, voltou-se ligeiramente sobre a sela e viu Edie sair correndo da sombra de um frondoso carvalho para atravessar o jardim. Usava uma saia muito ampla que caía até o tornozelo e se agitava atrás dela como uma bandeira azul. Na distância, ele quase poderia acreditar que aquela mulher era Annie, com seu cabelo azeviche e seu corpo magro. Este pensamento fez com que secasse a garganta. Sentiu uma pena infinita. Se Edie estava certa, Annie nunca poderia falar, e muito menos chamar alguém.

Ela parou ao chegar no canal de deságue que se encontrava junto à rua, apertando o ventre com uma mão como se tentasse recuperar o fôlego penosamente. Alex esperou com paciência até que ela pudesse

falar. Ele notou que inclusive depois de correr para diminuir a distância que os separava, a mulher ainda estava pálida. Os olhos da mãe procuraram seu olhar.

— Não podia permitir que partisse sem falar com o senhor de um assunto de grande importância para mim.

— É obvio. Do que se trata?

A mulher engoliu saliva e tomou ar com grande dificuldade.

— Devo lhe pedir um favor muito grande, senhor Montgomery. De agora em diante, por favor, não me faça perguntas a respeito da condição de Annie na frente do juiz. Se tiver você alguma inquietação, fale comigo em privado.

— Por que devo ocultar minhas inquietações ao juiz? — Alex tentava, sem êxito, interpretar a expressão do rosto de sua interlocutora.

— Meu marido não se encontra bem. Não quero que lhe incomode com tais trivialidades.

Trivialidades? Mal pôde conter-se para não lançar pela boca sapos e cobras. Pensava que o futuro de Annie era uma trivialidade? Até onde era capaz de chegar aquela mulher para proteger sua posição de respeitável esposa do juiz? Alex compreendeu que não lhe interessava saber. Sobre tudo, se Annie fosse o cordeiro que ela queria sacrificar.

— Sinto muito — disse ele friamente — Não sabia que o juiz estivesse mal de saúde.

— Bom, ele não gosta de falar disto. Depois de tudo, tem que pensar em sua carreira.

Sim, certamente, a asquerosa carreira do senhor juiz. Como pôde ter se esquecido?

— Tenho esperanças de que James melhore com o tratamento apropriado e com um pouco de repouso. Entretanto, o melhor, no momento, é evitar perturbá-lo. Temo que qualquer tipo de agitação, especialmente se estiver relacionada com Annie, possa lhe fazer sofrer uma recaída.

Ao olhar a mulher nos olhos, Alex viu o temor que se refletia neles; mas suspeitou que fosse por ela mesma, não por seu marido. Depois de tudo, a mulher tinha um segredo a proteger. A ironia de tudo aquilo era que seu marido já sabia que era possível que a loucura fosse coisa de família e por razões que Alex desconhecia; e não o havia dito a ela. Alex supôs que Trimble deveria acreditar no antigo adágio que dizia que reconhecer algo era lhe dar validez.

Como podiam dois cônjuges viver na mesma casa, fazer amor, ter filhos e; não obstante, ser tão pouco honestos um com o outro?

Tudo o que Alex queria era afastar-se daquelas duas pessoas. Estar longe para poder pensar. Tinha algumas decisões que tomar. Decisões muito importantes. Pelo bem de Annie, tinha que certificar-se de tomar as adequadas.

— Terei presente o estado de saúde do juiz antes de vir a lhes falar de minhas preocupações. Como lhe disse, não tinha ideia de que ele estivesse doente.

Edie fechou os olhos por um momento. Quando voltou a abri-los, uma lágrima se deslizou por suas pálidas bochechas.

— Sei bem que tem um mau conceito de mim, senhor Montgomery. Acredita que não mereço me chamar mãe, não é verdade?

Dizer isso era ficar curto, mas Alex pensou que não serviria de nada feri-la. Ela era uma mulher tão pusilânime, que mal podia suportar olhá-la.

— Não sou o tipo de homem que faz julgamentos precipitados sobre as pessoas.

— Independentemente do que possa parecer, fiz o que considerei melhor para minha filha. —Falava com voz trêmula — Sempre. Não foi fácil. O resto de minha família também me exige tempo. Mas a tive em casa, e em nenhum momento me zanguei com ela por todos os apuros que me fez passar. Acredito que muitas mães teriam optado pelo caminho mais fácil.

Alex não duvidava. Supôs que Edie, a sua lamentável maneira, fazia sua parte correspondente de sacrifícios maternos. Ela piscou e secou as bochechas com uma mão. Havia algo na expressão de seu rosto; Alex não sabia o que quase fazia com que se compadecesse dela.

— De agora em diante, só falarei de minhas preocupações com a senhora. — Depois de dizer isto, tirou o chapéu e deu um suave golpe no cavalo com os joelhos para que começasse a andar — Que tenha um bom dia, senhora Trimble.

Ela levantou uma mão.

— Espere um momento, por favor! Dê-me uns minutos mais de seu tempo e logo deixarei que parta.

— Diga-me.

A mulher mordeu o lábio inferior.

— Sei que nos prometeu devolver Annie depois do nascimento do bebê. Mas, enquanto isso há algumas coisas que deveria você saber sobre ela, coisas que não pude lhe dizer na outra noite frente ao juiz. Devido a seu estado de saúde, entende?

— De que coisas está me falando?

Ela retorceu as mãos.

— Faça o que fizer, nunca permita que Annie se aproxime de um gato sem supervisão. E, se tiver convidados em casa com crianças pequenas, não deve tolerar em nenhum momento que ela fique sozinha com um dos pirralhos. Sob nenhuma circunstância.

— Importaria de me dizer por quê?

— Acaso não é óbvio? Ela não o faria de propósito, como imagina, mas temo que machuque a criança ou o animal. — De novo seus olhos se encheram de lágrimas, e as comissuras de sua boca começaram a tremer — Só faça caso do que lhe digo. Por favor!

Depois de dizer estas palavras, a mulher deu a volta para afastar-se dali e voltou sobre seus passos para cruzar o jardim. Ele a seguiu com o olhar durante longo tempo.



Ao retornar a Montgomery Hall, Alex se dirigiu a seu escritório, onde esperava encontrar um pouco de solidão. Mas Maddy tinha outros planos para ele. Antes que pudesse ficar a vontade em sua cadeira, bateu na porta e; ato seguido, entrou sem pedir permissão. Simplesmente olhando soube que não se conformaria mais que com uma narração completa de sua conversa com os Trimble.

— O que ocorreu?

Alex levantou e se dirigiu ao aparador, onde serviu duas taças de conhaque. Como ele rara vez bebia em uma hora tão cedo, a governanta arqueou as sobrancelhas ao receber uma taça.

— É tão grave?

Alex se voltou para as janelas cristalizadas que davam a parte ocidental dos jardins.

— Digamos simplesmente que, depois de falar de novo com os pais de Annie, estou mais confuso que nunca. — Ficou em silêncio por um momento, observando com olhar crítico os arbustos esculpidos que rodeavam os caminhos de rosas — Maldição, Maddy. Tinha tantas esperanças ontem à noite. Estive acordado até o amanhecer. Milhares de ideias me passaram pela cabeça... Que ela não é uma atrasada como pensam seus pais, que ao melhor a febre a afetou de alguma outra maneira que nem sequer percebemos. Possivelmente em sua capacidade de falar, ou de ouvir.

Maddy estava aparentemente tão frustrada como Alex.

— Bom, pois seu ouvido está bem, tenha isto por certo. Quando a chamo, ela quase sempre se volta para ouvir seu nome. — Franziu o cenho, pensativa, e esfregou a taça entre suas mãos — Pensei que este era o motivo pelo qual o senhor queria que um médico a examinasse, para saber o que tem exatamente.

Alex riu amargamente.

— Se decido submetê-la a uns exames médicos, ou chego a sugerir sequer que eu gostaria que ela ficasse aqui depois de que nasça o bebê, terei que liberar uma verdadeira batalha.

— Os Trimble já não tem nenhum direito legal. O senhor pode fazer o que lhe dá vontade.

— É verdade, mas eles são os pais de Annie. Se estiver certo, e ela pode estabelecer vínculos afetivos, um distanciamento seria... — Alex deixou que sua voz fosse se apagando. Depois de um momento, disse: — Não quero lhe partir o coração sem que haja um bom motivo.

— Não, não queremos isso. Tenho a sensação de que essa pobre menina já sofreu o suficiente em sua curta vida.

Tão brevemente como foi possível, Alex lhe contou tudo o que foi dito durante sua conversa com os Trimbles, incluindo as estranhas advertências de Edie; que nunca deveria deixar Annie sozinha com um gato nem com uma criança.

— Isso é absurdo — disse Maddy, zangada — A garota é inofensiva.

— Não foi ontem à noite ao agredir a senhora Perkins — recordou Alex — E tampouco se comportou como um anjo quando a trouxe a casa na carruagem.

— Provocaram-na e perdeu os estribos!

Alex não podia negar. Olhou fixamente as profundidades da cor âmbar de seu conhaque. Quando voltou a levantar os olhos, tinha tomado a decisão de lhe contar todo o ocorrido para Maddy, inclusive o relacionado com o tio de Edie e o temor dos Trimble de que sua filha pudesse estar louca. Não se permitiu pensar que estava faltando a promessa de guardar o segredo que tinha feito a James Trimble. Maddy nunca repetiria o que ele iria contar lhe, e o futuro de Annie estava em jogo.

Enquanto ele falava, Maddy ficou lívida.

— Deus bendito! — sussurrou ela quando ele terminou de falar — A garota não está louca, senhor. Apostaria a vida por isso.

Alex pensava o mesmo.

— Entretanto, acredito que os Trimbles temem que possa estar, o qual explica sua relutância em permitir que um médico a examine.

Maddy negou tristemente com a cabeça.

— Porque um médico poderia descobrir que ela não está simplesmente perturbada, a não ser completamente louca?

— Um descobrimento semelhante poderia destruir a carreira política de James Trimble e, se isto acontecer, sua esposa parece acreditar que se divorciaria dela.

— Em outras palavras, as árvores não lhes deixam ver o bosque.

Alex deixou escapar um suspiro.

— Não sei. Talvez sejamos nós que não vemos as coisas com claridade. Só o tempo dirá, suponho. — Olhou para Maddy nos olhos enquanto um leve sorriso se esboçava em seus lábios — Por sorte, ainda temos suficiente tempo. Não estamos precisamente brincando enquanto Roma arde. Ela só está grávida de quatro meses. Temos cinco meses mais para observá-la e tomar uma decisão. Se depois de umas poucas semanas, tivermos a plena certeza de que se pode fazer algo para ajudá-la, a levarei a Portland, e seus pais podem ir ao inferno.

Maddy levantou sua taça.

— Brindo por isso.

Alex não pôde conter um sorriso.

— Não será nada agradável. Se decido ir contra sua vontade, enfrentarão a mim com todas suas forças.

— Pois encontrarão em nós dois as fôrmulas de seus sapatos. — Dos olhos da governanta saíram algumas lágrimas quando bebeu o resto do conhaque. Agitando uma mão frente a seu rosto, piscou e tomou ar através dos dentes — Deus! Esta coisa me faz arder da cabeça até os pés!

Alex riu.

— Bom, então chegamos a uma decisão?

— É, mas bem uma decisão em troca de outra; mas sim, chegamos a uma decisão. Levaremos a garota a Portland para que um médico a examine.

— Se virmos indícios de que tem capacidade de aprender — apontou Alex.

— Estou segura de que assim será.

— Não faça muitas ilusões, Maddy. Não quero vê-las truncadas. Temos que ser prudentes.

— Não se truncarão — lhe assegurou ela com um brilho desafiante nos olhos — É possível que a garota não saiba matemática nem nenhuma dessas coisas, mas tem a capacidade de aprender. Aposto minhas queridas ligas que é assim.

— Espero que tenha razão. — Mais tranquilo do que se sentiu em muitas horas, apoiou um ombro contra a parede — Há outro problema que não tratamos: temos que conseguir outra pessoa para cuidar de Annie. Sei que tem muito trabalho, e não posso esperar que assuma a responsabilidade adicional de cuidar dela. Temos que contratar a outra pessoa. Ah! E a propósito, onde está ela agora?

— Em seu quarto. Pedi a uma das criadas que ficasse com ela enquanto eu conversava com o senhor. Henry já arrumou a porta, por certo. Mudou o revestimento e a fechadura. Ficou como nova.

— Que rápido o fez!

— Sim, bom, tive que lhe molestar. Já conhece Henry. Se for possível deixar para amanhã... — Sua voz foi se apagando.

— Sinto muito que tenha que trabalhar mais da conta, Maddy.

Ela fez um gesto com a mão para desprezar as desculpas.

— Não me incomoda cuidar da garota. Se a isso se refere, ela pode me seguir enquanto eu faço meu trabalho. Na casa de seus pais não a encerravam em seu quarto, verdade?

— Não.

— Bom, então, se fugir de mim e sair correndo, não acontecerá nada. Sabemos onde encontrá-la.

Alex reconheceu, assentindo, que ela tinha razão. Sua principal preocupação era que, dado que gostava de perambular pelo bosque, caso Annie se atrevesse a afastar-se da casa e se machucasse. Até que desse a luz, era preciso tomar medidas especiais para garantir seu bem-estar.

— Está segura de que não te incomoda cuidar dela? Por razões óbvias, não quero que saia sozinha de casa.

— Não me incomoda. — Maddy o observou durante um momento — Quanto a não deixar que saia sozinha, possivelmente o senhor possa encontrar tempo para acompanhá-la.

— Eu? — Esta sugestão pegou Alex despreparado. Depois da reação física que a cercania de Annie lhe produziu na carruagem aquela manhã, não fazia nenhuma graça a ideia de ficar a sós com ela — Acredito que seria melhor que pedisse a um dos empregados da casa que a acompanhe.

Maddy torceu o gesto.

— Senhor, depois do que aconteceu com a senhora Perkins, como pode sequer ocorrer-lhe uma ideia semelhante? Devemos tratar Annie como um membro de sua família. Ela não é uma mascote a que qualquer pessoa que esteja disponível pode levar para passear.

Sabendo que a governanta tinha razão, Alex deixou escapar um suspiro.

— Olharei minha agenda para ver se posso tentar passar um pouco de tempo com vocês todas as tardes. — Rogou que a irlandesa não lhe perguntasse por que necessitava sua presença. Depois de tirar o relógio de seu bolso, olhou a hora. Aquela tarde tinha marcado com dois homens que estavam interessados em comprar uma de suas éguas — Bom, pois, já que resolvemos isto, suponho que devo...

— Há outro pequeno assunto — lhe interrompeu Maddy.

Alex fez cara de surpresa.

— Como lhe disse ontem à noite, de algum jeito tem que conseguir que Annie entenda que seu corpo está aumentando de tamanho devido a que está esperando um bebê. Segue se negando a comer.

Alex resmungou.

— Maddy, não acredito que ela entenda nada do que eu lhe diga.

— Então lhe faça um desenho.

— Um desenho? Eu não sei desenhar. Além disso, a garota ficou muito nervosa com a minha presença. Não seria melhor que uma mulher o explicasse?

Um brilho se refletiu nos olhos de Maddy.

— Não me olhe. Eu tampouco sei desenhar. Quanto a que eu deva lhe explicar o que está acontecendo, considero que é uma tolice. O senhor é o marido da garota.

— Sou seu marido no sentido menos estrito da palavra.

— Situação que deve retificar. Disse desde o princípio.

— A garota é...

— Encantadora.

— Nenhum homem que tenha um pouco de decoro...

— E também muito doce.

— Maddy, pelo amor de Deus, seja razoável.

— Parece-me perfeitamente razoável. — Agora a mulher discutia alegremente — Segundo a lei, ela já é sua esposa. Além disso, está esperando um bebê que levará seu nome. O senhor mesmo disse milhares de vezes que não tem nenhuma intenção de casar-se com outra mulher. Por que não fazer deste um verdadeiro matrimônio?

Maddy deixou que a pergunta ficasse flutuando no ar, colocou sua taça no aparador e saiu da habitação. Uma vez que partiu, Alex ficou olhando o chão com o olhar perdido.

Um verdadeiro matrimônio... Fechou os olhos para tentar afugentar este pensamento, mas negar a realidade do mundo que o rodeava

não ajudava em nada a aliviar a dor da solidão arraigada no mais profundo de seu ser.

CAPÍTULO 09

Naquela noite, depois do jantar de Annie, o qual a maior parte se negou a comer uma vez mais, Alex subiu ao quarto das crianças com um bloco de papel de desenho e um lápis. Para não assustar Annie mais do que necessário, pediu para Maddy que estivesse presente durante a conversa. Encantada de lhe fazer este favor, a governanta já estava sentada na borda da cama quando ele chegou.

Annie se encontrava sentada à pequena mesa que estava perto da janela, com as mãos fortemente apertadas sobre seu colo, os tornozelos cruzados e os pés descansando sobre a travessa de uma cadeira. Ao ver Alex abrindo a porta, a pouca cor que ficava nas bochechas desapareceu por completo. Apesar do evidente medo que sentia a moça não tentou como tinha feito na noite anterior, deixar a cadeira para procurar um canto escuro. Posto que ele duvidava que ficou corajosa de repente, só podia supor que sua audácia se devia ao feito de que Maddy se encontrava perto. Era evidente que se sentia segura enquanto a roliça mulher estivesse ali para protegê-la.

A postura erguida de Annie permitiu a Alex vê-la melhor que na noite anterior e o que viu o deixou consternado. Nos últimos quatro dias, tinha perdido uma quantidade alarmante de peso. Segundo Maddy, não tinha comido quase nada desde a noite em que ele despediu a senhora Perkins; uns poucos bocados de comida e nada mais. A julgar por sua fraqueza, supôs que tinha comido assim mal os três primeiros dias de sua estadia; o qual explicava, mas não justificava as tentativas falhas da senhora Perkins por obrigá-la a comer.

Alex esperava que depois daquele encontro Annie colaborasse um pouco mais e deixasse de privar-se da comida. Do contrário, não teria mais remédio que aperfeiçoar os métodos da senhora Perkins. Embora não duvidava de sua capacidade de dominar a jovem e obrigá-la a comer, não gostaria absolutamente de ter que recorrer a medidas tão drásticas. A pobre já tinha sofrido o suficiente naquela casa.

A luz do candeeiro titilou nos rebeldes cachos azeviches que emolduravam seu pequeno rosto, fazendo ressaltar a cor dos olhos, que, naquele momento, recordavam-lhe os lagos azuis de águas cristalinas. Seu vestido, de cor rosa apagado que seria mais

apropriada para uma menina, ficava ainda mais folgado que antes. Seu muito gasto tecido se grudava ligeiramente as sutis curvas de seu corpo. A perfeição em miniatura, isso era Annie, encantadora de uma maneira que eclipsava as belezas mais voluptuosas que o tinham atraído no passado.

A sugestão de Maddy de que fizesse daquele um autêntico matrimônio voltou a passar por sua cabeça justo naquele momento. Embora odiasse admitir, inclusive para si mesmo, era uma ideia tentadora. Incrivelmente tentadora. Os aspectos físicos do fato de casar-se com uma mulher tão formosa não seriam inconveniente algum para ele; nem para nenhum outro homem, na realidade. Mas mais que isto, fazer daquele um matrimônio verdadeiro seria muito menos complicado que o plano original. Infelizmente, a culpa que sentia por atrever-se sequer a pensar em algo assim constituía uma barreira que ele não parecia poder salvar. Havia códigos de decência que um homem deveria obedecer se quisesse respeitar a si mesmo, e uma mulher com a incapacidade mental de Annie não era um objeto de desejo legítimo.

Depois de subir a luz do candeeiro, Alex também se sentou à mesa. Pôs sua cadeira frente à de Annie, com a esperança de que pudesse sentir-se mais tranquila se ele ficasse a distância. Dado que seu plano consistia em comunicar-se com ela mediante desenhos, supôs que era um bom sinal que parecesse estar fascinada com o bloco de papel e o lápis.

— Olá, Annie! — disse ele em voz baixa.

Afastando o olhar do bloco de papel de desenho, a moça olhou fixamente sua boca. A expressão de seu rosto revelava com maior claridade que as palavras que não tinha entendido o que lhe disse. Não era um começo muito alentador. Tinha que lhe fazer entender de algum jeito que a ingestão de alimentos não tinha nada a ver com o fato de que sua cintura crescia cada vez mais.

Cuidadosamente coberto com um pano, o prato de comida de Annie se encontrava diante de um de seus cotovelos. As quase intatas porções de comida formavam montículos reveladores sob o linho. Afastando o bloco de papel e o lápis de um empurrão, agarrou o prato, pegou a comida e levantou com o garfo umas quantas ervilhas. Os expressivos olhos da jovem mulher refletiam uma obstinação que surpreendeu a Alex, além de lhe fazer graça. Annie em seguida apertou a boca com força. Era evidente que não tinha a mais mínima intenção de render-se sem opor resistência.

Muito mais nervoso do que a situação justificava, Alex esboçou o que esperava que fosse um sorriso cheio de segurança e tocou o lábio inferior da jovem com o bico extremo de um feijão. Ante este contato, ela afastou sobressaltada, quase de forma reflexa, e desceu o olhar os dentes do garfo sob seu nariz. Quando se moveu, a luz de um candeeiro de parede caiu diretamente sobre seu rosto.

Durante um momento interminavelmente longo Alex olhou fixamente sua boca. Logo, desceu a mão devagar. Esquecendo suas boas intenções de não dizer palavrões na presença de Annie, e com a voz áspera por causa da fúria que sentia, estalou.

— Essa puta desalmada!

Sobressaltada pelo tom e o volume de sua voz, Maddy em seguida se levantou da cadeira.

— Mãe de Deus! O que acontece?

Alex também se levantou de sua cadeira e rodeou a mesa. Ao advertir aquele repentino avanço, Annie tentou fugir. Antes que conseguisse fazê-lo, ele a agarrou pelo ombro. Embora a expressão de terror de seu rosto lhe partisse a alma, sujeitou-a para que permanecesse sentada em seu lugar e sustentou seu queixo com uma mão. Com os olhos redondos como pratos e o rosto tão branco como o leite, a jovem ficou paralisada imediatamente, como se temesse inclusive respirar.

Certamente, tinha medo, pensou ele com mordacidade. Que motivo teria para não senti-lo? Douglas tinha cometido o mais abjeto crime contra ela e agora era a prisioneira de um homem que certamente considerava um monstro.

Tremendo por causa de sentimentos difíceis de identificar e mais ainda de controlar, Alex esfregou brandamente o lábio inferior de Annie com seu dedo polegar. Marcas de espetadas! Uma ira impotente buliu dentro dele.

— Ai, carinho, sinto muito.

Maddy andava ao redor.

— Senhor?

Alex falou, tentando dominar-se.

— Essa mulher lhe cravou um garfo no lábio.

“É minha culpa”, sussurrou uma voz dentro da cabeça. “Tudo isto é culpa minha”. Nunca em sua vida, tivesse o tempo que fosse, voltaria a passar por cima de uma verificação da autenticidade das referências de um empregado. Não se sentiria tão mal se fosse ele quem tivesse que pagar cara seu próprio descuido, mas era uma

garota indefesa quem tinha sofrido as consequências. E ele nunca poderia se perdoar.

Com seus olhos verdes cheios de compaixão, Maddy se inclinou para ver as marcas no lábio de Annie.

— Ai, pobre menina. Há algo que a essa mulher não lhe tenha ocorrido fazer?

— Parece que não — Alex disse com voz desolada.

— E nós seguimos nos ocupando de nossas coisas abaixo, sem imaginar em nenhum momento o que estava acontecendo aqui. — Maddy acariciou brandamente o cabelo de Annie — Juro, menina, que se soubesse teria arrancado os cabelos da cabeça dessa velha bruxa, um por um, até deixá-la calva.

Annie não sabia por que eles se alteraram tanto por causa daquele par de feridas diminutas que já quase se curaram. Maddy tinha lágrimas nos olhos e Alex parecia estar alarmantemente zangado. A princípio acreditou que estava furioso com ela.

Mas não... Ao virar o rosto para olhá-lo, viu em seus olhos sombras negras de arrependimento e não podia acreditar, nem por um instante, que ele pudesse fingir um sentimento semelhante. Somou-se a esta impressão o fato de que lhe sujeitava o queixo com incrível suavidade e acariciava sua boca com o dedo polegar de uma maneira tão delicada que o fazia sentir um formigamento na pele. Era evidente que se sentia mal pela maneira como a empregada a tinha tratado.

Sua reação foi completamente oposta a que Annie teria esperado dele. Ela o imaginou como um homem desumano, a classe de homem que tomava tudo o que gostava e que mandava ao inferno a todo aquele que tentava interpor-se em seu caminho. Entretanto, ali estava, com os traços de seu rosto tensos e seu robusto corpo tremendo de fúria; uma fúria que não era contra ela, mas sim contra a mulher que lhe fez mal.

Durante aqueles últimos dias, ela viveu com medo de Alex. As altas horas da noite, quando sabia que todos na casa estavam dormindo, permanecia acordada até que o esgotamento a vencia. Olhava fixamente a porta, com medo de que ele entrasse no quarto, convencida de que isto só era questão de tempo. Naquele momento, jogou por terra a opinião que se formou dele; não gradualmente, para acostumar-se a mudança, mas sim de um só golpe.

Como uma banda elástica que foi esticada até o ponto máximo e logo se solta, Annie relaxou seu corpo por completo graças a uma irrefreável sensação de alívio. As experiências passadas lhe tinham

ensinado a ser cautelosa. Uma parte de seu ser não podia esquecer tão facilmente todas as vezes que a tinham enganado para que confiasse nas pessoas, só para descobrir quando já era muito tarde que sua intenção era lhe fazer mal. Mas outra parte de seu ser queria desesperadamente confiar naquele homem.

Sem lugar a dúvidas, era o cúmulo da insensatez; mas fosse ou não um engano, não pôde resistir a fazer isto. Possivelmente fosse a delicadeza com que ele a tocou ou o remorso que viu refletido em seus olhos, ou possivelmente simplesmente estivesse cansada de ter medo. Naquele momento, estava muito fraca pela falta de comida e muito magoada pelo abandono de seus pais para analisar as razões daqueles sentimentos. Só sabia que a calidez dos fortes dedos sobre sua pele a faziam sentir-se segura. Maravilhosamente segura.

Era uma loucura, uma grande loucura, mas isso era o que sentia.

Quando ele finalmente a soltou para voltar a sentar-se, Annie estava tão absorta observando-o que apenas prestou atenção a Maddy, quem retornou tranquilamente à cama. Aquela noite Alex usava uma camisa branca de gola mais alta e punhos largos, parecida com aquelas que tanto gostavam a seu pai. Mas até ali chegava toda semelhança entre eles. Subiu a camisa sobre seus musculosos antebraços e em lugar de uma gravata, não tinha nada no pescoço, deixando ver uma parte de seu peito firme e bem formado. A pele dourada brilhava a luz do candeeiro, e seu tom escuro contrastava de maneira extraordinária com os olhos cor âmbar e os dentes brancos e perfeitamente parecidos.

A diferença de seu pai e de todos seus arrogantes amigos, Alex Montgomery preferia a comodidade na moda no vestir, pensou ela; e seu estilo refletia uma indiferença natural. Não obstante, apesar disto, conseguia projetar uma presença imponente, elegante.

A luz dos abajures de parede pulava sobre sua cabeça, fundindo-se com as alvoroçadas ondas de seu cabelo cheio de reflexos lavrados pelo sol. Com a cabeça ligeiramente inclinada, seus traços finamente cinzelados pareciam delineados em âmbar, e os planos de seu rosto sombreados; o qual fazia ressaltar o anguloso perfil de seu nariz, a forma quadrada da mandíbula e as profundas linhas que rodeavam a boca. Completamente cativada, olhou longo e fixamente seus lábios: o superior, gravado com toda nitidez, e o inferior, voluptuoso e úmido.

— Tentamos de novo? — perguntou ele.

Embora soubesse que tinha que ser sua imaginação, Annie acreditou ouvir sua voz, seu timbre grave e profundo. Isto era algo

que lhe passava com muita frequência: imaginava que ouvia coisas, o qual sabia que não era possível. Sons de mentira; chamava-os, mas, mesmo assim, pareciam completamente reais. Isto sempre acontecia com coisas familiares; a voz de sua mãe, o latido de um cão, uma porta batendo. A única explicação que lhe ocorria era que via como se produzia o som, conhecia-o de cor, e, como seu cérebro esperava ouvi-lo, ela pensava que em efeito o percebia.

Mas nunca ouviu a voz de Alex Montgomery. A de seu pai era mais débil e menos rouca, de maneira que Annie sabia que não estava recordando-a e fazendo uma simples substituição. Não. Por inexplicável que pudesse parecer, ela tinha imaginado ouvir a voz daquele homem. A daquele homem, não a de nenhum outro.

Sentiu um formigamento percorrendo suas costas. Depois do que lhe aconteceu nas cataratas, ela não conseguia entusiasmar-se com a ideia de travar amizade com um homem. Apesar de que desejava confiar em Alex, pareceu-lhe naquele momento excessivamente largo de ombros, uma enorme massa de músculos que se interpunha entre ela e tudo o que apreciava de verdade no mundo; a casa de sua infância, seus pais, os bosques que tanto amava.

Alex voltou a agarrar o garfo, cravou outros feijões com ele e o levou a sua boca. Annie olhou para Maddy com inquietação, esperando que ela pudesse intervir.

Tocando-lhe brandamente a boca, ele reclamou sua atenção. A determinação fazia brilhar seus olhos.

— Agora está tratando comigo, Annie, e eu digo que deve comer todo o jantar.

Preferia tratar com Maddy, muito obrigado. Desejou poder lhe dizer essas palavras, entre outras coisas. Acaso ele acreditava que queria ficar ali, presa naquele lúgubre quarto, um dia interminável depois de outro? Queria ir para sua casa. Para conseguir esta meta, tinha que ficar magra da próxima vez que sua mãe fosse vê-la.

Ao recordar a força de suas mãos, ela engoliu saliva com nervosa consternação. Se ele decidia obrigá-la... Uma terrível sensação de dor se concentrou em seu peito, lhe recordando a ocasião em que comeu sem querer um pedaço de maçã sem mastigar. Encheram-lhe os olhos de lágrimas que lhe fizeram arder os olhos e piscou com fúria para tentar afugentá-las.

O rosto de Alex ficou rígido. Um músculo de sua mandíbula se esticou e relaxou alternativamente enquanto apertava os dentes. Fugindo seus olhos de maneira deliberada, insistiu.

— Nada de tolices, juvenzinha. Não sou a classe de homem que se comove com facilidade ao ver lágrimas. Vai comer. Podemos fazê-lo da maneira fácil ou da maneira difícil. Isso depende totalmente de você.

Com a vã esperança de lhe fazer mudar de opinião, tal e como o tinha feito com Maddy, Annie começou a inchar as bochechas. No instante mesmo em que ela fez isto, ele negou com a cabeça e atirou o garfo no prato. Ante este brusco movimento, a garota se levantou sobressaltada e em seguida se agachou, se por acaso Alex tivesse a intenção de lhe dar um sopapo, como sua mãe costumava fazer. Imóvel e com a mão suspensa no ar, ele a olhou fixamente durante um instante. Logo, como que movendo os lábios, de uma maneira que indicava que possivelmente estivesse sussurrando, acreditou ver que dizia uma palavra que ela nunca antes tinha visto nem ouvido ninguém. Franziu o cenho em sinal de perplexidade.

Ao ver a expressão de seu rosto, ele resmungou. Logo, passou uma mão pelo rosto e piscou para voltar a fixar os olhos nela. Annie tinha a desagradável sensação de que ele a via como um problema extremamente chato e que desejava de todo coração que desaparecesse milagrosamente. Queria poder agradá-lo e quando ele deixasse de piscar, já não estaria ali.

Depois de respirar fundo, ele disse muito devagar e de maneira sucinta:

— Annie, carinho, você não está gorda.

Se não estava gorda, então, como ele chamava aquele estado? Seu ventre ainda não estava extraordinariamente grande, mas, ao ritmo que estava crescendo, não demoraria em estar. Ao começo da época das borboletas, ao olhar entre seus peitos, ela podia ver os dedos do pé. Agora tudo o que via era seu ventre. E o que era ainda pior, seus vestidos parecia sujar-se sempre nesse lugar. Não era de estranhar que seus pais já não a quisessem.

— Tem que comer, carinho. — Tinha mudado a expressão do rosto, deixou de lado a severidade para voltar-se lisonjeador — Não o faria por mim? Não quero te obrigar a comer e estou seguro de que você tampouco quer que eu faça isso.

Inclinou-se para se aproximar ainda mais a ela e para surpresa de Annie, pôs uma mão sobre sua bochecha. Sua mão era tão grande e tão maravilhosamente cálida que a moça sentiu uma forte tentação de ocultar a cabeça ali para que ele não a visse chorar. Naquele passo, ele iria pensar que não era mais que uma menina grande e

chorona; e, por razões que não conseguia entender naquele momento, não queria que aquele homem pensasse isso.

— Me escute bem. Você não está gorda. — Sorrindo, ele repetiu as últimas palavras — Não está gorda! — Depois de dizer isto, afastou o prato de um empurrão e estendeu a mão para agarrar o bloco de papel de desenho. Queria evitar isto, mas parecia que não ficava mais remédio. — Preste muita atenção em mim, certo? Só demorarei um instante.

Quando ele começou a desenhar, uma profunda ruga sulcou sua fronte. Curiosa, a seu pesar, Annie secou as úmidas bochechas e ficou reta em seu assento para poder ver. Embora sempre o tivesse feito em segredo, adorava desenhar. Alex parecia estar fazendo a figura de um corpo inteiro de uma mulher vista de perfil.

Enquanto o via desenhar, Annie percebeu com a extremidade do olho um movimento de seus lábios. Levantou os olhos a tempo para vê-lo terminar a frase com estas palavras:

— Temo que não o faço muito bem.

Ela estava de acordo. Definitivamente, o homenzarrão não tinha dotes artísticos. A mulher que estava desenhando tinha uma cabeça que mais parecia uma bola disforme, e seu cabelo, um punhado de vermes retorcidos. E a coisa não fazia mais que piorar. Seu nariz era como o bico de um pássaro e os braços pareciam cordas muitas grossas, com extremos desfiados em lugar de dedos. Não era somente um desenho muito ruim, era um desenho horrível.

Dado que sua mãe não lhe permitia emitir som algum desde há muitos anos, Annie rara vez sentia vontade de rir. Mas este era um desses estranhos momentos. Alex parecia muito sério fazendo aquele desenho, com o cenho franzido e os dentes cravados em seu lábio inferior em sinal de concentração. Era evidente que estava fazendo um grande esforço para que lhe saísse bem. Mas, apesar de que tentou melhorar o desenho, este não deixou de ser o pior que ela jamais tinha visto.

Teve que conter a respiração para reprimir a risada cômica de espanto que tentava subir por sua garganta. Ele levantou os olhos naquele preciso instante e por um momento pareceu esquecer todo o relacionado com o desenho. Cheios de perguntas, seus olhos procuraram os da garota. Annie teve a sensação de que ele percebeu que ela estava a ponto de soltar uma gargalhada. Isto não pareceu incomodá-lo, só lhe confundiu. E lhe preocupou.

Naquele momento, Annie sentiu uma sensação muito estranha. Era como se ele, em lugar de olhá-la simplesmente, estivesse vendo sua

alma; como se pudesse ver em seus olhos coisas que outros nunca tinham descoberto e que provavelmente nunca perceberam. Intensificou-se a sensação de opressão em seu peito. Não pôde afastar a vista dos olhos do homem, não pôde mover-se para romper a tensão.

Finalmente, ele pareceu conseguir desfazer-se daquilo que lhe estava preocupando, fosse o que fosse e começou a desenhar de novo. Desta vez pôs um enorme ventre a mulher. Sob a mesa, Annie tocou a cintura com uma mão. Estava desenhando a ela? Como se tivesse percebido sua reação, ele voltou a levantar os olhos. As comissuras de boca tremeram ligeiramente.

— Já sei que não é um desenho muito organizado, mas espera um momento.

Organizado? Esta era uma palavra que ela não conhecia. Desconcertada, voltou a dirigir seu olhar para o desenho.

Alex lhe deu os últimos toques. Logo, ficou cômodo para observar sua obra. Aparentemente satisfeito, mostrou-lhe o bloco de papel para que ela também pudesse vê-lo. Para sua total surpresa, advertiu que dentro do sobressalente abdômen da mulher ele tinha desenhado um bebê, reconhecível como tal só por seu gorrinho volante, seu traje e seus sapatinhos. Ela ficou olhando-o durante uns intermináveis segundos.

— Bebê — disse ele excessivamente devagar, lhe dando golpezinhos no desenho enquanto falava. Assinalando o prato de comida e logo a linha que representava a boca do menino, adicionou: — Tem que comer. Para alimentar ao bebê. Entende, Annie? Não está engordando. Há um bebê crescendo dentro de você.

Olhando-o fixamente, com uma expressão de aturdido assombro, Annie rodeou sua cintura com os braços. A incredulidade devia refletir-se em seus olhos. Como se sentisse intoleravelmente frustrado, ele atirou o lápis sobre a mesa.

— Maddy, tente você. Ela não me entende.

Maddy se levantou da cama e se aproximou da mesa. Fingindo sustentar a um bebê em seus braços, começou a balançá-lo com um sorriso de orelha a orelha. Logo, assinalou a cintura de Annie.

— Um pequenino, menina. Não te parece todo um milagre? Seu próprio bebê. Mas deve comer para que cresça são e forte como um carvalho.

Annie entendia tudo isso. O problema era que não podia acreditar. Um bebê? Estavam lhe dizendo a sério que tinha um bebê dentro de seu corpo? Olhou seu ventre.

Enquanto Annie olhava a cintura, Alex aproveitou a ocasião para observá-la atentamente. Em um momento determinado, enquanto estava pintando, teria podido jurar que ela esteve a ponto de soltar uma gargalhada e de vez em quando, a expressão de seu rosto dava a entender que podia compreender o que falava.

Não obstante, suas capacidades mentais ou a falta destas não eram o problema naquele instante. O que importava era que finalmente entendesse o que lhe estava fazendo crescer a cintura. Alex soube que ela tinha entendido a mensagem ao ver a expressão de terror que aparecia agora em seus olhos azuis e a maneira como se reclinou na cadeira para deixar descansar as mãos sobre o abdômen.

Era evidente que se estava perguntando como teria conseguido instalar-se dentro dela um bebê. Como poderia ele explicar a Annie que colocou a ponta de um de seus dedos em seu umbigo através das capas de sua roupa, e a moveu em círculos.

Alex lançou um olhar para Maddy. Arqueando com espera suas sobrancelhas vermelhas grisalhas, a governanta o olhou nos olhos.

— Nem te ocorra — disse ele.

— Mas ela acredita que...

— Não me importa se acredita que engoliu uma semente e esta germinou dentro dela. Eu não vou fazer um desenho. Repito, não vou fazer.

— Pobre menina!

Alex estava completamente de acordo com estas últimas palavras. Sem lugar a dúvidas, Annie era uma pobre menina, e era verdadeiramente vergonhoso que a tivessem posto em semelhante dilema.

Ao olhá-la naquele momento, quase pôde vê-la levando um bebê nos braços, com sua aveludada cabeça recostada no peito dela. Embora fosse uma idiota, isto não significava que fosse incapaz de sentir amor. Quem era ele para dizer o que ela pensava ou sentia respeito de algo?

Enquanto estas perguntas assaltavam a mente de Alex, outras muitas começavam a assediá-lo, e não tinha respostas para nenhuma delas. Só sabia com uma repentina e quase cega claridade, que Maddy tinha toda a razão; ninguém tinha o direito de arrebatá-lo um bebê dos braços de sua mãe. Ninguém. Deveria estar louco para considerar sequer esta possibilidade.

Antes de casar-se com Annie, convenceu a si mesmo que esta era a única coisa decente que podia fazer. Tinha-o considerado um dever,

não só para com ela, mas também para com o filho de seu irmão. Naquele instante nenhum daqueles motivos estava de pé.

Uma sensação abrasadora invadiu os olhos de Alex enquanto via que Annie seguia escrutinando seu umbigo com um dedo. Com um forte chiado da cadeira, ficou de pé. Embora tivesse prometido a seus pais, como poderia ser capaz de separá-la do bebê depois que este nascesse?

A resposta era simples: de maneira nenhuma, não poderia fazê-lo.



Pouco mais de uma hora depois, Annie ficou por fim sozinha. A luz da lua vertia em seu dormitório, dividida em feixes largos pelas barras da janela. Pintados de prata, os móveis e os brinquedos das crianças, esquecidos desde há muito tempo, pareciam cobrar vida. Cruamente delineados pelas sombras, os relevos esculpidos da porta do armário pareciam formar o rosto de uma pessoa. O cavalinho que se encontrava em um canto parecia mover-se ligeiramente. Suas crinas e sua cauda ondulavam como se uma suave brisa os acariciasse. Annie imaginou que inclusive podia ouvir vozes e risadas infantis, apenas perceptíveis, terrivelmente longínquas, provenientes de um passado já remoto.

Uma sensação maravilhosa se apoderou dela. Se Alex Montgomery e Maddy não estivessem mentindo, teria um filho em muito pouco tempo. Seu próprio bebê. Esta ideia fez com que lhe formasse um nó de felicidade na garganta. Às vezes se sentia muito só vivendo no meio do silêncio. As únicas mascotes que podia ter eram as criaturas selvagens que ela domesticava; os animais do bosque e alguns ratos do sobrado de seus pais. Não tinha nenhum amigo humano, nem esperança alguma de poder tê-los.

Um bebê... Annie rodeou a cintura com os braços. Estava tão feliz que custava conter-se. Teria alguém a quem amar. Aquilo era o melhor que lhe tinha acontecido na vida. Tanto, que quase tinha medo de acreditar que fosse verdade.

Depois de sentar-se com as pernas cruzadas no centro da cama, colocou as mãos de forma reverencial sobre seu ventre. Alex parecia estar convencido de que ali dentro havia um bebê. Por mais que tentasse, Annie não podia imaginar como tinha conseguido entrar nela. E o que era mais importante, como conseguiria sair dali?

Tirando a camisola de um puxão para explorar melhor seu corpo, colocou de novo a ponta do dedo no umbigo. Perguntou-se se esse

buraco conduziria diretamente a seu estômago. Não parecia ser assim. Franzindo o cenho, pressionou com tanta força como pôde até que começou a sentir dor. Não, definitivamente o bebê não tinha entrado por aquele lugar, e tampouco era muito provável que pudesse sair por ali.

Quando Annie era uma menina, sua mãe lhe disse que as fadas traziam os bebês e que os deixavam nas soleiras das casas durante a noite. Esta sempre lhe pareceu uma explicação perfeitamente lógica, pois, se não os trouxesse as fadas, de que outro lugar podiam vir os bebês? Inclusive as criaturas do bosque recém-nascidas pareciam aparecer junto a suas mães como por arte de magia. À exceção dos pássaros, certamente. Annie sabia que eles saíam dos ovos. As mães pássaros, igual as galinhas domésticas, punham os ovos e logo se sentavam sobre eles até que seus pintinhos saíam da casca de ovo.

Seria possível que os bebês humanos também saíssem de ovos? Ao melhor sua mãe tinha mentido e as fadas não traziam os bebês, depois de tudo. Esta simples ideia fez com que lhe acelerasse o coração. Voltando a levar as mãos a cintura, apalpou a ligeira protuberância. Se havia um ovo ali dentro, este já era muito maior que a maioria. Certamente sairia em muito pouco tempo.

E logo, o que? Ela pesava muito para sentar-se sobre um ovo sem rompê-lo. Então, o que se supunha que devia fazer com ele? Se os ovos se esfriassem, os pintinhos que se encontravam dentro nunca sairiam da casca de ovo. Annie supôs que morriam ali.

Apesar de que era uma calorosa noite do verão, estremeceu-se ante a ideia de que o bebê pudesse morrer dentro de seu ovo por falta de calor. Deitou-se e se cobriu até o queixo com o edredom. Não podia permitir que seu bebê morresse. Simplesmente, não podia permitir. Tinha que pensar em uma maneira de mantê-lo abrigado. Mas como?

O calor do edredom começou a envolvê-la e Annie encontrou a resposta a esta pergunta. Quando seu ovo saísse, poderia deitar-se junto a ele sob o edredom. O calor de seu corpo manteria seu bebê quentinho até que saísse da casca de ovo.



Alex se serviu de outro copo de uísque, tentou recordar quantos tinha bebido até então e logo decidiu mandar ao diabo todo cálculo. Não queria pensar. Não queria sentir. Seu único objetivo era embebedar-se até cair de bruços.

“Por Annie”, pensou, levantando o copo. Depois de tomar dois goles, o uísque estava a caminho de seu estômago, queimando cada palmo do percurso. Apertou os dentes e secou a boca com o dorso da mão.

— Senhor!

O escandalizado sussurro rasgou o silêncio. Alex se inclinou para frente em seu assento, voltou-se e com um esforço pertinaz conseguiu finalmente centrar sua atenção na governanta.

— Olá, Maddy. Você gostaria de me acompanhar?

Levando as mãos a seus amplos quadris, ela atravessou com passo firme o tapete persa. Lançou um furioso olhar a garrafa de uísque e estalou a língua em sinal de desaprovação.

— O que se propõe? Por que esteve bebendo tanto ultimamente? Esta manhã cedo já estava levantando o cotovelo e agora está na mesma. Isto é muito estranho em você, se não se importar que o diga. E uísque! Pensei que gostava do conhaque.

— De vez em quando, Maddy, um homem necessita algo um pouco mais forte que o conhaque.

— Pensa que isso solucionará seus problemas? Pegou completamente despreparado Alex com esta pergunta.

— Não espero solucionar meus problemas. Só quero esquecê-los. — Inclinou o copo para ela — Desejo-te a melhor sorte do mundo.

— Hum! E que problemas está tentando esquecer?

Alex considerou a pergunta atentamente.

— Não tenho nem ideia.

— Que Deus nos ampare.

Ela se sentou na borda do braço da cadeira que estava em posição diagonal a de Alex. Depois de observá-lo cuidadosamente durante vários minutos, tempo durante o qual Alex voltou a encher seu copo de uísque e uma vez mais o esvaziou, falou.

— É a menina, não é verdade? Isso é o que lhe preocupa. Sente-se obrigado a cumprir a promessa de devolver-lhe a sua mãe, mas seu coração lhe diz que isso seria um engano, um engano muito grave.

Maddy sempre acertava. Alex se serviu de outro copo de uísque e uma vez mais se inclinou para frente em seu assento, para apoiar os cotovelos sobre os joelhos. Mas encontrar os joelhos resultou ser um tanto difícil. Quando finalmente o conseguiu, descobriu que tremiam mais que uma cadeira de três pernas.

— Que diabos vou fazer, Maddy? — perguntou finalmente.

— O que sempre faz...— replicou ela com doçura.

— E o que é o que sempre faço? — Perguntou-o bruscamente, irritado pelo que interpretava como uma evasiva.

— O correto.

Alex deixou escapar um grunhido.

— E o que é o correto? Dei minha palavra a seus pais, maldição! Nunca em minha vida faltei a minha palavra.

Houve um longo silencio. Finalmente, Maddy o rompeu.

— Você também deu sua palavra a Deus, não é verdade? Parece-me que na hora de escolher entre cumprir uma promessa feita a Deus e outra feita a um homem, sempre se deve optar por Deus.

Alex riu amargamente.

— Dito dessa maneira, soa muito simples, mas não é. Provavelmente vai procurar a escopeta se te disser isto, mas lhe direi isso de todos os modos. Desde que trouxe Annie para casa, tenho descoberto que meu reprovável comportamento não carece de mácula. Dá-me um pouco de medo ficar a sós com ela.

— E por quê?

Alex elevou a vista, sentindo-se sóbrio de repente.

— Deus santo, Maddy! Também é necessário que te faça um desenho? A garota pode ter uma incapacidade mental, mas, além disso, é preciosa.

Ao ver a expressão de desconcerto que tinha aparecido no rosto da governanta, ele amaldiçoou em voz baixa.

— Para dizê-lo em palavras que possa entender, sou um bode libidinoso. Ficou suficientemente claro?

Os olhos verdes de Maddy começaram a brilhar.

— Ah!

— Ah? Isso é tudo o que pode dizer? Por Deus, Maddy. Não estou brincando. Na manhã em que a trouxe para casa... — interrompeu-se, agitou o licor dentro do copo até salpicar, e logo deixou escapar um suspiro de cansaço — Se permitir que fique aqui, estará muito perto a todo momento. Preocupa-me que depois de um tempo os poucos escrúpulos que ficam possam desaparecer para sempre.

— Você nunca tocaria essa garota, a não ser ela assim o quisesse, e sabe muito bem. E inclusive me atreveria a dizer que mataria a qualquer homem que o tentasse. Assombra-me que tenha deixado que Douglas partisse são e salvo daqui.

— Quase não consegue — reconheceu Alex — Houve um momento no qual estive a ponto de estrangulá-lo. Agora me pergunto se não me pareço com ele mais do que eu acreditava.

— Não seja ridículo. Vocês não se parecem em nada. Nunca se pareceram, nem sequer quando eram pequenos. Ele abatia os passarinhos das árvores. Você os curava e cuidava deles até que se curavam. Dava chutes no cão. Você pedia comida na cozinha para dar e fazer com que se sentisse melhor. Com o tempo, ele ficou ainda mais cruel e você não fez mais que lhe seguir a todas as partes, tentando emendar seus erros. — A mulher se inclinou para frente para pôr sua afetuosa mão sobre um dos ombros de seu chefe — Alex, meu filho, você se parece com Douglas tanto como o dia da noite.

Ele fechou os olhos, apertando-os com força.

— O que fez a Annie não pode ser consertado, Maddy. E tenho terror de feri-la mais ao obrigá-la a ficar aqui.

— O amor não tem bordas afiadas — lhe recordou ela — E bastante amor é o que você dará a Annie se lhe permitir ficar aqui. Talvez não a classe de amor que um homem geralmente lhe dá a sua esposa, mas amor em todo caso e isto é muito mais do que ela receberia de outra maneira. E quanto a seus temores, tal e como eu vejo as coisas, você já depenou o ganso ao casar-se com a garota. Agora tudo o que pode fazer é esperar para ver o que se faz com as plumas.

Depois de dizer estas sábias palavras, Maddy saiu do escritório. Depois de fechar a porta, Alex permaneceu um longo tempo naquela habitação, olhando fixamente o intrincado desenho do tapete. Quando comunicasse aos Trimbles a decisão que tinha tomado com respeito a Annie, seguro que iria sair voando plumas pelo ar. Uma verdadeira tormenta de plumas.

CAPÍTULO 10

Uma terrível dor de cabeça e uma animação tão forte para levantar os mortos de suas tumbas despertaram a Alex pouco depois do amanhecer do dia seguinte. Ouviam-se vozes chorosas. O alvoroço lhe recordou a memorável ocasião em que Annie cravou seus dentes no dedo da senhora Perkins. Não era algo que pudesse ignorar facilmente, com ressaca ou sem ela. Perguntando-se que classe de problemas estaria ocasionando sua esposa naquela ocasião, resmungou e desceu da cama.

Depois de colocar a roupa a toda pressa, Alex saiu correndo da habitação principal para dirigir-se ao corredor do primeiro andar e seguiu os gritos até chegar ao quarto das crianças. Descalço e com a

camisa meio aberta, entrou no quarto, esperando ver combatentes retorcendo-se no chão. Em troca, encontrou Maddy, três criadas, Frederick o mordomo e Henry, o criado encarregado de tarefas diversas, reunidos ao redor da cama de Annie. Uma das criadas sustentava em seus braços um monte de lençóis cuidadosamente dobrados.

— Que diabos está acontecendo aqui? — gritou Alex.

Aparentemente sem saber o que dizer, Maddy se voltou para ele com as mãos levantadas em sinal de impotência.

— Yvonne entrou no quarto com o fim de limpar e mudar os lençóis, como o faz todas as manhãs.

— E o que?

Metendo as abas da camisa na calça, Alex atravessou o quarto. Lançou um amplo olhar e fez um balanço da situação. Annie, que usava uma camisola branca quase transparente de mangas largas, parecia ser o foco das atenções. Encontrava-se sentada com as pernas cruzadas no centro de sua cama desfeita, com as torneadas pernas descobertas até os joelhos e os braços estendidos como se estivesse se protegendo dos intrusos. Ao olhá-la, Alex pensou em uma patinadora que acabava de cair sobre o frágil gelo e que tinha medo de que as pessoas ali reunidas se equilibrasse sobre ela com a intenção de resgatá-la, rompessem o gelo estrepitosamente e ao final se afundassem todos na água gelada.

Esfregou o rosto com uma mão e piscou, em parte para espantar o sono, mas antes de tudo porque este já era um hábito nervoso. Maddy dizia que parecia um idiota quando fazia isso. Mas, bom, o que importava.

Quando sua visão se limpou, Annie seguia sentada no mesmo lugar e sua postura expressava com maior clareza de palavras que não queria que eles se aproximassem. Alex não podia desfazer-se da sensação de que estava tentando proteger algo. Perguntava-se o quê? Um monte de roupa de cama enrugada?

— Não entendo nada. — Maddy pensava em voz alta — Ontem se levantou sem armar tanto confusão — olhou para Alex — O que devo fazer?

Alex tinha várias ideias, a primeira das quais era prescindir de Frederick e Henry. Não podia acreditar que Maddy tivesse permitido que dois homens entrassem ali enquanto sua esposa estava vestida com tão pouco recato. Seus mamilos brilhavam como dois pequenos faróis que emitiam uma luz de cor rosada através da camisola. Tinha

a plena certeza de que, se ele tinha notado, Frederick e Henry também o tinham feito.

Assinalando a saída com o dedo indicador, gritou:

— Fora daqui!

Todos se sobressaltaram, menos Annie. A Frederick lhe saíram os olhos das órbitas e seu rosto ficou de uma cor vermelha intensa. Henry, o menos inteligente dos dois, raspou uma orelha e cravou seus olhos azuis no patrão com uma expressão inquiridora.

— Só viemos a ajudar, senhor Montgomery.

— Fora! — repetiu Alex entre dentes. Começou a sentir-se como se sua cabeça fosse um melão arrojado ao duro cimento — Saiam daqui agora mesmo! Este é o dormitório de minha esposa, pelo amor de Deus!

As criadas, todas tão nervosas como passarinhos, apressaram-se a sair dali. Alex agarrou Yvonne, a portadora dos lençóis, pelo cotovelo.

— Você não!

Soltando um chiado de terror, a criada ficou paralisada. Olhava Alex como se tivesse chifres. Como nunca tinha levantado a voz para essa mulher, ele não pôde deixar de se perguntar por que ela parecia ter medo dele.

Soltou o braço de Yvonne e esperou até que os dois homens e as outras duas criadas saíssem da habitação. Só então se voltou de novo para Annie. No extremo superior de suas coxas esbeltas, um impreciso triângulo de tom escuro se delineava com clareza sob a camisola. Suas pernas estavam cruzadas. Sentou-se com as pernas cruzadas frente a dois homens!

Lançou um olhar hostil para Maddy.

— Poderia me explicar o que está acontecendo aqui?

— Como estava dizendo, senhor, por razões que não consigo entender, hoje se nega a sair da cama.

— Não é isso o que quero saber! Quer dizer... — Alex se interrompeu. Depois de olhar durante um segundo os olhos verdes e cândidos de sua governanta, soltou um grunhido e voltou a esfregar o rosto com uma mão, esforçando-se para controlar seu mau gênio — No futuro, Maddy, agradeceria que não deixasse nenhum homem entrar no dormitório de minha esposa, até que ela se encontre vestida de uma forma adequada.

Finalmente Maddy pareceu entender e isto se refletiu na expressão de seu rosto.

— Ah. — Olhou Annie de soslaio — Certamente. O que aconteceu foi que... Bom, pois tivemos que enfrentar a uma situação muito delicada aqui, senhor. Uma emergência, por assim dizê-lo. E eu...

— Um incêndio é uma emergência. Uma árvore que cai sobre a casa, isso é uma emergência. Mas... — assinalou com a mão — isto não é! Não me agrada que tenha permitido que esses homens a comam com os olhos. Ela pode ser idiota, mas a senhora não é.

— Sim. — Duas manchas de forte cor rosa apareceram em suas bochechas cheias — Agora que menciona, posso entender sua preocupação. De verdade. Peço-lhe perdão. Não me passou pela cabeça. Como ela é tão ingênua, não me ocorreu que... — interrompeu-se, ficando tinta até a raiz do cabelo — Bom, Frederick e Henry são como parte da família.

O olhar de Alex se deslizou pela parte dianteira da camisola de Annie. A seu julgamento, a palavra ingênua não servia para descrever a anatomia de sua esposa. Tentando encontrar uma tranquilidade que seguia lhe sendo esquivada, Alex respirou fundo e soltou o ar devagar. Estava se comportando como um marido possessivo e além disso, sua reação foi um tanto exagerada.

Dirigindo todo o impacto de seu olhar hostil para Yvonne, perguntou:

— Há alguma razão para que tenha tanta pressa em mudar os lençóis de minha esposa?

— Não... Não senhor. Só que desde que ela chegou a esta casa adotei o costume de arrumar primeiro sua habitação. Antes de subir o café da manhã, tirar o pó e todo o resto.

Com fingida paciência, Alex respondeu.

— Bom, pois como hoje minha esposa parece pouco disposta a começar o dia, mude sua rotina, Yvonne e deixe sua habitação para o final. Ao melhor quando retornar, ela mostrará mais entusiasmo por sair da cama. — Quis olhar seu relógio, mas notou que, na pressa, não o tinha pegado — É muito cedo, não é verdade? Não me agradaria muito que despertasse a esta hora para mudar os lençóis de minha cama.

A loira Yvonne assentiu com a cabeça e fez uma reverência.

— Sim... Sim, senhor.

Alex olhou para Maddy.

— Se Annie quer ficar na cama um domingo pela manhã, não posso mais que aplaudir seu bom julgamento. Deixem que durma, pelo amor de Deus.

Depois de dizer estas palavras, retornou à habitação principal com a intenção de seguir o bom exemplo de Annie e vadiar o resto da manhã. Depois de tudo, era domingo. Um homem rara vez tinha a oportunidade de não fazer nada durante todo um dia.

Acabava de desabotoar camisa quando ouviu que batiam na porta com golpes fortes. A inesperada visita fez com que sentisse uma dor que perfurava suas têmporas e fizesse uma careta. Depois de cruzar a habitação a grandes passadas, abriu a porta bruscamente.

— E agora o que acontece?

Maddy se encontrava no corredor.

— Acredito que será melhor que venha comigo. Annie se está comportando de uma maneira extremamente estranha e não sei o que pensar.

Antes que Alex lhe respondesse, sua governanta, claramente fora de si, deu meia volta. Não teve mais remédio que seguir para o quarto das crianças. Ao entrar nesse quarto, viu que Annie finalmente tinha decidido sair da cama e parecia estar procurando algo entre as capas da roupa de cama.

— Parece que perdeu algo — observou ele com uma voz afável que não deixava transparecer sua irritação — O que isso tem de estranho?

— O que tem de estranho? O que pode ter perdido?

— E eu que sei! — Com sua dor de cabeça piorando a cada segundo que passava, Alex estava a ponto de soltar um grunhido ao ouvir sua própria voz. Pensaria duas vezes antes de voltar a beber uma garrafa de uísque inteira — E isso o que importa?

Cruzando a distância com três largos passos, Alex alcançou a cama. Annie, que só naquele momento pareceu perceber que ele tinha entrado na habitação, levou um grande susto quando o viu junto a ela. Logo, inclinando-se para frente, abriu os braços de maneira protetora ao redor de sua roupa de cama. Para lhe indicar que não tinha nenhuma intenção de tocar nada, Alex cruzou os braços e a viu levantar o lençol que se encontrava na parte superior e olhar debaixo. Curioso, inclinou-se de lado e esticou o pescoço para lançar também um olhar. Não havia nada. Era mais que evidente que a garota era uma idiota. Posto que isto não fosse uma novidade para ninguém e muito menos para Maddy, Alex não podia entender por que o tinha chamado. A seu modo de ver, uma garota estranha comportando-se de maneira estranha não era nada estranho.

— Talvez haja percevejos — disse ele, sabendo antes de fazer semelhante insinuação que Maddy se decomporia ante a só ideia de que pudesse tratar-se disso.

— Nesta casa? Morda sua língua!

Sentindo um prazer insalubre por ter conseguido despertar a ira da governanta, voltou a centrar sua atenção em Annie. E viu que depois de olhar atentamente debaixo de sua roupa de cama, ela passou a procurar debaixo do travesseiro. Ao não encontrar nada, começou a dar golpezinhos sobre o edredom, apalpando cuidadosamente suas dobras, como se estivesse procurando vultos.

— É indubitável que está procurando algo — disse Alex — E que não o encontrou. — Olhou para Maddy com as sobrancelhas arqueadas — Poderia ser uma fita para o cabelo.

— Não levava nenhuma fita quando se deitou.

Alex lançou um olhar as mãos da garota. Não usava anel algum. Pensou que era necessário retificar isso. Um anel de ouro, simples. Supôs que teria que comprar um em seguida. Mas, por outra parte, possivelmente fosse melhor perguntar primeiro a sua mãe. Era possível que houvesse uma razão para que Annie não tivesse anéis nem colares. Ao melhor os tragava ou fazia qualquer outra coisa espantosa.

— Uma joia? — Fez a pergunta para dizer algo, pois sabia qual seria a resposta de Maddy.

— Ela não tem joias.

Deixou escapar um suspiro de exasperação.

— Bom, enfim, parece estar convencida de que perdeu algo, Maddy. Talvez algo imaginário. Por que não segue normal?

— Mas não lhe parece que seu comportamento é muito estranho?

Alex lançou um olhar de assombro à mulher.

— O que espera? Que se comporte como uma garota normal? — Quase cego pela dor de cabeça que o martelava atrás dos olhos, dirigiu-se à porta. — Segue o normal. Ajude-a procurar. Tome uma taça de café enquanto ela procura. Não me importa, Maddy. Só me deixe descansar.

Seu tom de voz enfureceu Maddy, que lhe gritou.

— Acredito que deveria seguir bebendo para que lhe cure a ressaca. Isso é o que penso!

A só ideia de beber fez com que lhe revolvesse o estômago.



Pouco depois do meio-dia, Alex despertou para ouvir que chamavam de novo à porta. Não podia acreditar que, justamente no dia em que tinha decidido dormir até tarde, não pudessem deixá-lo tranquilo.

— Vou em seguida! — gritou — Deixe já de esmurrar essa maldita porta! Não estou surdo.

Depois de colocar a calça com dificuldade, estendeu a mão para agarrar sua camisa e começou vesti-la enquanto cruzava a habitação. Já tinha conseguido colocar um braço em uma das mangas quando Maddy gritou:

— Depressa, senhor! Eu a perdi!

— Perdeu? — Acelerando o passo, Alex se lançou para a porta com a camisa enrolada ao redor de um cotovelo. Abriu a porta e lançou um olhar de incredulidade a sua governanta — Onde se perdeu pelo amor de Deus?

— Se eu soubesse, não teria se perdido, não acredita?

Passando por cima deste comentário sarcástico, Alex saiu ao corredor.

— Partiu de casa?

Maddy corria junto a ele para dirigir-se ao quarto das crianças.

— Quando a levei ao andar de baixo, fechei todas as portas com chave. Se ela saiu, deve ter feito através de uma janela. — Soltou um chiado de angústia e se levou os nódulos de uma mão à boca. Com voz apagada, exclamou: — Se lhe acontecer algo, nunca me perdooarei. Desapareceu em um abrir e fechar de olhos. Assim rápido. Eu a estava vigiando, senhor. Juro-lhe pelo mais sagrado.

Alex parou no patamar, agarrou o corrimão e se inclinou para dar uma olhada no saguão.

— Annie!

— Isso não servirá de nada, lhe asseguro. Removi céu e terra para encontrá-la. E, embora eu não goste de reconhecer, não acredito que esteja em casa.

Com o pulso começando a martelar nas têmporas como um maço, Alex se dirigiu às escadas. Annie poderia estar perambulando sozinha pelo bosque naquele estado. Imaginou subindo a uma árvore e caindo. Ou tropeçando com uma raiz. Milhares de acidentes de todo tipo poderiam lhe acontecer. Descendo os degraus de três em três, gritou por cima do ombro.

— Se acalme, Maddy. Não é tão catastrófico que tenha saído. Ela conhece muito bem a zona. É muito provável que tenha ido à casa de seus pais.

A gorducha mulher corria com seus exasperantes passos curtos para tentar seguir o ritmo de Alex. Quando ele chegou ao andar de baixo e provou a abrir a porta principal, ela levou as mãos aos quadris.

— Disse-lhe que tinha fechado todas as portas com chave. É que dúvida de minha palavra?

— Certamente que não. Só quero me certificar. — Alex correu por toda a casa tentando abrir as demais. Todas estavam fechadas com chave, tal e como Maddy lhe havia dito.

— Não acredito que tenha comprovado se todas as janelas têm o ferrolho jogado.

Maddy franziu os lábios.

— Não, não me ocorreu fazê-lo. Sinto muito. Nunca teria imaginado que ela tentaria sair por uma janela. Mas estou acostumada a passar todos os ferrolhos.

Alex sabia que Maddy, em efeito, sempre tomava cuidado de assegurar as janelas com ferrolho ao fechá-las.

— Não perdemos nada revisando todos os ferrolhos. Se algum está aberto, será um bom indício de que ela saiu de casa.

Depois de chamar aos gritos os criados, Maddy organizou uma equipe eficiente para que os ajudasse a percorrer toda a casa. Uns poucos minutos depois, Alex voltou a encontrar-se com ela no saguão.

— O ferrolho da janela do salão estava aberto. É possível que tenha saído por aí. — Ao ver a expressão de angústia no rosto da governanta, suavizou seu tom de voz e a agarrou firmemente pelos ombros — Maddy, basta já. Com certeza está bem. Irei vestir-me para ir à casa dos Trimble. Não há dúvida de que a encontrarei ali.

Ela assentiu com a cabeça e soou o nariz.

— Só peço a Deus que não lhe tenha passado nada. É uma criancinha encantadora. Nunca me perdoaria.

— Estou seguro de que não lhe aconteceu nada. Embora eu não goste de reconhecer, agora que Douglas partiu daqui, duvido que haja em toda a região um homem tão perverso para querer lhe fazer mal. E, além do que Douglas lhe fez, ela esteve perambulando pelo bosque há muitos anos sem que lhe tenha ocorrido nada. A única razão pela qual agora não permito que o faça é sua gravidez. Deixe já de preocupar-se. A trarei para casa no cantar do galo. Vai ver!



Annie não estava na casa dos Trimble. E, o que era ainda mais surpreendente para Alex, nenhum de seus pais pareceu alarmar-se quando ele apareceu na soleira da porta procurando sua esposa. Edie sugeriu a Alex que a encontraria no bosque. Mas não era necessário que fosse procurá-la. Annie tinha o costume de perambular, recordou-lhe ela e assim era desde muitos anos. Retornaria a casa ao entardecer, fosse à de Alex ou a dos Trimble. Se optasse por esta última, seus pais asseguraram a Alex que lhe enviariam um recado para que fosse recolhê-la.

Preocupado ainda, apesar das palavras tranquilizadoras dos Trimble, Alex a buscou no bosque antes de retornar para casa. Mas era como procurar uma agulha em um palheiro, como dizia o provérbio. Encontrava-se em pleno campo, e sabia que Annie poderia estar em qualquer lugar. Por fim, não teve mais remédio que retornar a Montgomery Hall e ficar ali esperando. Se ao anoitecer ainda não tivesse aparecido, organizaria um grupo de busca.

Esperaria, pois, com impaciência a que chegasse a noite. Não poderia estar tranquilo até que Annie estivesse em casa de novo. Era verdade que ela tinha perambulado pelas colinas a maior parte de sua vida. Mas isso era antes que seu estado fosse tão delicado. A indiferença de sua mãe lhe parecia completamente incrível. Uma mulher grávida podia sofrer vários percalços, especialmente alguém como Annie, que não entendia todos os perigos que podia encontrar ali fora. Só ideia de que ela se fizesse mal o deixava muito nervoso. Annie, com seu cabelo negro emaranhado e seus grandes olhos azuis. Em um tempo incrivelmente curto, conseguiu penetrar em seu coração e se tornou mais importante para ele do que queria reconhecer.

Porque Maddy ainda estaria muito nervosa, Alex não se entretteve muito tempo nas cavalariças. Desmontou em seguida e lhe entregou o cavalo a um moço de estábulo. Logo se dirigiu diretamente a casa. No instante mesmo em que entrou no saguão, Maddy se inclinou sobre o corrimão do primeiro andar e lhe gritou.

— Já está aqui. Sã e salva.

Tal foi o alívio que Alex sentiu que começaram a lhe tremer as pernas. Necessitava um pouco de tempo para recuperar a compostura, assim que se apoiou nas portas esculpidas da entrada. Em seguida, levantou os olhos para o rosto sorridente de Maddy.

— Onde estava?

A governanta levantou as mãos para indicar, não sem um pouco de desconcerto, que não sabia.

— Não tenho ideia. Estávamos procurando-a por toda a casa e, de repente, ali estava. É como se tivesse saído do nada.

Alex franziu o cenho. Recordou o ferrolho aberto da janela do salão.

— O mais provável é que tenha retornado pelo mesmo lugar que saiu.

Annie apareceu de repente no patamar. Ao lhe lançar um olhar, Alex não demorou em notar as reveladoras manchas de terra que havia em seu vestido azul pálido e em suas meias brancas. Com o cabelo negro tão emaranhado como de costume, a garota o olhou com seus enormes olhos azuis. A expressão de seu rosto era inexplicavelmente solene. Alex supôs que ela compreendia, embora fosse de maneira vaga, que tinha feito algo mau e que poderia haver buscado problemas. Para que soubesse que não estava zangado, sorriu e lhe piscou um olho. Embora tivesse dado um tremendo susto a todos, ela em realidade não tinha culpa; imputar-lhe a responsabilidade era totalmente absurdo.

Assegurou-se a si mesmo que a melhor maneira de dirigir a situação era tomando precauções adicionais para que aquilo não voltasse a ocorrer. Olhou para Maddy.

— Tem uns minutos? Acredito que devemos estabelecer novas normas nesta casa, não só para os empregados domésticos, mas também para nós. Não podemos permitir que ela volte a sair as escondidas. Enquanto estiver grávida, corre muitos perigos. Se chegasse a ferir-se achando se longe da casa, poderia morrer antes que alguém a encontrasse.

Maddy ficou tão pálida como uma estaca branqueada ante semelhante possibilidade.

— Em seguida desço.

Uns minutos mais tarde, Alex e sua governanta se reuniram no escritório. Entre os dois esboçaram algumas medidas preventivas que podiam adotar para fazer Annie desistir de voltar a sair furtivamente, ou melhor, lhe impedir que o fizesse. O mais importante de tudo era que, a partir daquele momento, todas as portas exteriores deviam permanecer fechadas com chave a todo o momento, dia e noite, e só Alex ou Maddy teriam as chaves. As janelas do andar de baixo, providas de ferrolhos interiores em lugar de fechaduras, apresentavam um problema ligeiramente maior. Determinou-se, não obstante, que todas se mantivessem fechadas com ferrolho, seria fácil saber quando Annie tinha usado uma delas como rota de escape. Uma vez fora, a jovem não poderia voltar a correr o ferrolho da janela que tinha usado, e eles saberiam com toda certeza que ela

tinha saído da casa. Em tal caso, Alex poderia empreender em seguida a busca nos bosques próximos.

Contente com as medidas preventivas que tinha tomado, Alex foi dormir aquela noite com a certeza de que Annie não corria perigo. Prometeu a si mesmo que a partir do dia seguinte reservaria uma ou duas horas todas as tardes para passar um pouco de tempo com ela. Não tinha nem a menor ideia do motivo. Como se podia entreter uma garota que era débil mental?

Maddy parecia acreditar que era importante que Annie e ele se conhecessem melhor e, com este fim, Alex estava disposto a sacrificar um pouco de seu tempo. Não seria fácil. Normalmente, passava as manhãs em seu escritório fazendo o trabalho administrativo; e, pelas tardes, ocupava-se de seus puros sangues e da fazenda ou ia à pedreira. Já tinha muito trabalho e algumas vezes sentia que pretendia fazer da noite dia, especialmente durante o verão.

Entretanto, o que menos queria era que Annie vivesse com medo em seu novo lar. Se pudesse dissipar seus medos passando uma ou duas horas com ela todos os dias, valia a pena fazer o esforço.

O plano de Alex resultou ser um pouco mais difícil de levar a cabo do que esperava. Reorganizou suas atividades para tirar tempo para ela no dia seguinte, mas quando chegou a casa, não encontrou Annie em nenhuma parte.

— Como que desapareceu? — perguntou para Maddy.

— Bom, pois... — As lágrimas que a governanta estava a ponto de derramar fizeram brilhar seus olhos verdes — Passou exatamente igual a ontem, senhor. Desapareceu em um abrir e fechar de olhos. Frederick estava a ponto de ir buscá-lo para lhe informar do acontecido.

— Olhou as janelas?

— Sim. Já as olhamos. Nenhum ferrolho está aberto. — A resposta da governanta fez com que Alex parasse bruscamente. Voltou-se para ela — Nenhum? Está completamente segura?

— Nenhum.

— Então tem que estar em alguma parte da casa.

— Isso seria o lógico. Mas não está em nenhuma parte. Procuramos até no último canto da casa, senhor. É como se... — interrompeu-se e se levou as mãos ao rosto — É como se esfumasse no ar.

Alex já tinha visto aquela expressão no rosto de sua governanta e sabia que era mau sinal.

— Venha, Maddy. Não deixe que sua imaginação irlandesa ganhe a batalha. A garota é de carne e osso, como você e eu. Nenhum de nós pode esfumar-se no ar.

— Está o senhor seguro? É inegável que ela tem algumas características dos duendes. Como esse estranho afã de revistar sua roupa de cama... Fez isto de novo esta manhã. Isso já é muito mais que estranho, se quer saber minha opinião. Uma pessoa procurando algo que não perdeu... — Tremeu ligeiramente — Sei a ciência certa que os duendes não são como nós. Às vezes veem coisas que nós não podemos ver e têm dons que lidam com a magia. Certamente ouviu as histórias que contam a respeito de como domesticam os animais selvagens no bosque. Isso não é normal e não se pode negar isso.

— Não estou dizendo que seja uma garota normal. Só digo que, apesar de suas peculiaridades, é um ser humano, Maddy; e, por conseguinte, tem limites e há coisas que não pode fazer. Esfumar-se no ar? Isso é ridículo. Ou encontrou um esconderijo em algum lugar da casa, ou está saindo por uma das janelas de cima.

— Uma janela de cima? — Maddy deu um grito afogado e se fez o sinal da cruz — Deus santo! Pode quebrar o pescoço!

— Exato! — Alex se dirigiu às escadas — De agora em diante, todas as janelas do primeiro e do segundo andar também devem permanecer fechadas com ferrolho. Cuidaremos disso em seguida. Logo, reunirei uns homens para que me ajudem a vasculhar o bosque. É provável que ela esteja perambulando por aí fora, mais feliz que uma perdiz e completamente alheia ao medo que nos está causando.



Dez minutos mais tarde, Alex estava revisando os ferrolhos das janelas do salão de baile, situado no segundo andar, quando sentiu uma presença atrás dele. Com um formigamento percorrendo todo seu corpo, lançou um olhar por cima de seu ombro e viu Annie junto à porta aberta. Como no dia anterior, seu vestido folgado estava coberto de terra e suas bochechas cheias de pó. Posto que Alex sabia que não era possível que se sujasse tanto dentro da casa, só podia supor que a moça tinha feito o que ele imaginava, tinha saído por uma das janelas do primeiro andar ou do segundo.

Pensar nisso fez com que lhe acelerasse o pulso. Enquanto se encontrava fazendo alguns consertos no teto, ele tinha aprendido

com base nos cometidos erros, o quão traiçoeiras podiam ser algumas daquelas telhas. Um passo em falso era tudo o que se requeria. Em alguns lugares, não havia nada que pudesse amortecer a queda de uma pessoa. Tinha vontade de selar todas as janelas com pregos ao longo das travessas inferiores.

— Annie — disse com voz débil — Carinho, onde esteve?

Ao ouvir esta pergunta, ela deu um passo atrás.

— Não tenha medo. Não estou zangado contigo. Só estou preocupado. Sei que foi ao bosque e se saiu por uma destas janelas, pode cair.

Ela deu outro passo atrás.

Movendo-se devagar, Alex tentou diminuir a distância que o separava de Annie. Não conseguiu dar mais de uns quantos passos antes que a garota saísse correndo.

— Annie! Volte aqui. Não te farei mal.

Suas palavras se perderam no ar. Alex deixou escapar um suspiro de desalento e esfregou a ponte do nariz. Não se supunha que devia passar algum tempo com ela? Mas como iria conseguir semelhante façanha? Amarrando-a a uma cadeira, talvez?

Atravessou o corredor do segundo andar até chegar ao patamar. Agarrando um dos postes da escada, deixou cair todo seu peso sobre os degraus e os desceu de três em três. Uma vez no primeiro andar, dirigiu-se diretamente ao quarto das crianças. Maddy, que estava repreendendo Annie e comprovando que não tinha nenhuma ferida, não notou que tinha entrado no quarto.

— Ai, menina, não pode continuar desaparecendo dessa maneira! Meu velho coração de irlandesa não o suportaria. O que fez? Saiu por uma das janelas de cima? Que Deus nos ampare! Poderia quebrar o pescoço. Acaso não entende?

Alex se aproximou da mesa onde Annie se encontrava. Agachando-se frente a sua cadeira, olhou-a nos olhos com ar grave. Os sentimentos que leu neles o desconcertaram. Tinha medo que a castigassem, isto estava perfeitamente claro. Mas também parecia confusa e certamente adotava certa atitude de superioridade moral, como se a estivessem acusando injustamente.

Alex a examinou com todo cuidado, começando pelo cabelo, que parecia ter partes de teia de aranhas aderidas aos cachos, e terminando nas meias brancas, que estavam manchadas de terra. Terra cinzenta. Não vermelha. Quase toda a terra nos arredores era argila de cor marrom avermelhada.

— Maddy, há algum lugar dentro da casa, digamos um armário ou um armazém de algum tipo, que possa estar cheio de teia de aranhas e pó?

Maddy balbuciou de indignação ante só a sugestão de uma coisa assim.

— Somente o sobrado e o senhor sabem muito bem que sempre está fechado. Eu tenho a única chave, e não a dei a ninguém desde que comprou a nova caixa forte, depois que Douglas partiu. Alex franziu o cenho.

— Está segura de que está fechado com chave?

— Muito segura. Com todas as aranhas e ratos que há ali dentro...

— A mulher estremeceu — Sempre está fechado com chave.

— Então, há algum outro lugar? — Alex assinalou as manchas que havia na roupa de Annie — Se tivesse saído de casa, a terra que cobre seu vestido seria vermelha. — Tocou uma das manchas de seus joelhos — mas bem parece pó.

— Pó? — A governanta lhe lançou um olhar hostil — Quero que saiba que aqui se limpa minuciosamente até o último canto e a última greta da casa, sem exceção. Nunca permitiria que as habitações, os armários nem nenhuma outra coisa estivessem assim de imundos.

Alex sabia que isso era verdade. Mas as dúvidas seguiam lhe espreitando. Teria encontrado Annie algum esconderijo que Maddy tinha passado por cima?

— Quero que amanhã a vigie atentamente — lhe ordenou a governanta — Se for necessário, peça ajuda a uma ou duas criadas. Quero saber aonde vai quando voltar a escapulir.

A crescente indignação de Maddy fez com que seu sotaque o irlandês se fizesse mais forte.

— Teve que sair do edifício! Não precisa mais que olhá-la para saber, está totalmente coberta de terra. Não teria podido sujar-se tanto dentro de casa!

Alex ficou de pé e deu a boa mulher uns tapinhas no ombro.

— Sei que tem razão, Maddy. Mas, de todas as maneiras, faça o que te peço, sim? Agradeceria muito. E enquanto isso, quando eu estiver trabalhando nas cavalariças, vigiarei o exterior da casa, para ver se consigo pegá-la saindo as escondidas por uma janela.

Olhou para sua esposa de novo e estudou a situação e suas possíveis soluções. Dado que a Annie era permitido perambular a vontade quando vivia na casa de seus pais, era possível que lhe parecesse que sua vida em Montgomery Hall era muito aborrecida em comparação com a anterior e estava certo. Era preciso organizar as

coisas de tal maneira que ela pudesse dar um passeio todos os dias. Maddy não tinha tempo para acompanhá-la. Na realidade, Alex tampouco.

Deixou escapar um suspiro de resignação. Em última instância, Annie era responsabilidade dele e de ninguém mais. Necessita que a levassem para passear todos os dias, e obviamente era assim, ele era o candidato que maior obrigação tinha de levar a cabo esta tarefa. Agora que tinha decidido convertê-la em residente permanente de Montgomery Hall, não poderia evitar que se apresentassem situações nas quais teria que ficar a sós com ela. Não podia postergar isto indefinidamente. Seria ridículo tentar sequer. Embora fosse um matrimônio só de nome, a realidade era que estavam casados; e, embora seu papel como tal não abrangesse toda a extensão da palavra, ele era seu marido.

O Indicado seria que exercesse um pouco de domínio de si mesmo, pensou com determinação. Se ainda não sabia controlar-se, teria que aprender.

CAPÍTULO II

Quando, de maneira inesperada, Alex agarrou a mão de Annie e a levantou da cadeira, ela teve uma enorme surpresa. E imediatamente depois da surpresa, chegou o medo. Queria levá-la a algum lado? Não teria que pensar nisto muito para adivinhar quais eram suas intenções. Maddy e ele acreditavam erroneamente que tinha saído da casa as escondidas e estavam zangados com ela. Era evidente que, para certificar-se de que não voltasse a infringir as regras, Alex Montgomery tinha a intenção de castigá-la.

No passado, Annie levou boas surras. Castigos que seu pai lhe impunha no escritório a maioria das vezes e sempre com seu chicote, aquele horrível látigo improvisado. Ela sabia por experiência que a ardência só durava um momento e que as manchas roxas desapareciam uns poucos dias depois. Mas isto era quando seu pai a castigava. Alex Montgomery era duas vezes maior que ele e muito mais forte.

Durante um instante, considerou seriamente a possibilidade de fugir. Mas, antes de seguir esse impulso, lembrou-se do bebê que supostamente levava em seu ventre. Se, como ela se imaginava, estava metido em um frágil ovo, não podia correr riscos. Sem dúvida, tentar fugir de Alex Montgomery representava um perigo. Suas pernas eram largas e muito musculosas. Em uma corrida contra ele,

ela não tinha nem a mais mínima possibilidade de vencer. E o que aconteceria quando a agarrasse? Dava medo só pensar nisto. Annie sabia que os ovos se rompiam com grande facilidade. Duvidava que o seu pudesse suportar a força se lhe esmaguem os braços daquele homem ao redor de sua cintura.

Enquanto ele a levava ao corredor, a pobre moça escrutinava sua mente com desespero, tentando encontrar uma maneira de lhe dizer que não tinha saído as escondidas. Só foi a seu canto secreto um instantinho. O que tinha isso de mau? Estava acostumada a fazê-lo com muita frequência na casa de seus pais. Quase todos os dias durante a temporada de chuvas. Sua mãe nunca se incomodou que o fizesse e muito menos se zangava.

Arrastando-a atrás dele, Alex caminhava com passos enérgicos e rápidos que faziam com que lhe gelasse o sangue. Ao ver o movimento de seus ombros, recordou a manhã em que o viu sem camisa. Agora estava a ponto de lançar toda aquela força sobre ela.

Annie esperava que a levasse a seu escritório, como estava acostumado a fazer seu pai. Entretanto, quando chegaram ao andar de baixo, ele se dirigiu diretamente à porta principal. Agarrando seu pulso com força, usou sua outra mão para remexer no bolso de sua calça. Uns segundos depois tirou uma chave, abriu a porta e a arrastou até o alpendre.

Adivinhando quais eram suas intenções, o coração de Annie começou a pulsar com força contra suas costelas e olhou a seu redor com os olhos exagerados. Aonde pensava levá-la? A seu julgamento, só podia haver um motivo para que a tirasse da casa; não queria que nenhum de seus empregados visse quanto severamente a castigava.

Annie estava tão assustada que mal podia pensar. Lançou lhe um olhar suplicante, mas ele estava muito absorto em esquadrihar com os olhos tudo o que lhe rodeava para perceber isso. De repente, com uma expressão resolvida em seu rosto, o homem esboçou um sorriso e desceu com ela as escadas principais, dobrando à direita ao chegar ao caminho. Depois de rodear a casa, chegaram a um formoso jardim, engenhosamente entrecruzado por atalhos de pedras brancas. As roseiras floresciam em abundância, e os distintos tons de rosa e vermelho conformavam manchas luminosas que ressaltavam contra o fundo de cor verde escuro composto pelos arbustos podados artisticamente e a grama.

Ele diminuiu o passo para que Annie caminhasse a seu lado, como se quisesse que desfrutasse do passeio. Annie só podia pensar na surra que lhe esperava. Lançou um olhar furtivo a seu rosto moreno e

viu a brisa jogar com seu cabelo reluzente, agitando-o até formar ociosas ondas que caíam sobre sua fronte ampla. Como se houvesse sentido que ela o estava olhando, ele se voltou e a surpreendeu observando-o. A garota em seguida afastou o olhar. Logo, sobressaltou-se quando ele roçou docemente sua bochecha para afastar uma mecha de cabelo de seus olhos.

Seus olhares se cruzaram. Annie sentiu de repente que os pés lhe tinham intumescido. Sabia que se não olhasse com atenção o caminho, poderia tropeçar. Mas não podia afastar o olhar de seus brilhantes olhos cor âmbar, por nada do mundo.

— Você gosta das rosas, Annie?

As rosas? Estava a levando a algum lugar para lhe dar uma surra, e esperava que admirasse as rosas? Centrou toda sua atenção no sorriso de Alex, que lhe pareceu despreocupado e ligeiramente torcido, com o qual mostrava seus dentes brancos e fazia mais profundas as rugas das comissuras de sua boca. Não parecia estar zangado e isto a assustou mais que qualquer outra coisa. Um homem tinha que ser completamente insensível para causar dor a outra pessoa sem estar furioso com ela.

Afastando o olhar, Annie viu as cavaliças diante deles e seus passos vacilaram. Uma vez, fazia já muito tempo, seu pai a tinha levado ao depósito de lenha para castigá-la. Em sua lembrança, aquele trajeto ao depósito de lenha precedeu a pior surra que tinha recebido em sua vida. Uma sensação de debilidade se apropriou de suas pernas. Isto, somado ao intumescimento dos pés, fez com que lhe resultasse muito difícil permanecer de pé, e ainda mais continuar andando.

Tal e como esperava, Alex se dirigiu diretamente às edificações anexas. Quando chegaram a uma estrutura longa e estreita atravessada por um comprido corredor, ele se voltou para lhe dizer algo.

— Entendi que você gosta dos animais.

“Só se tiverem quatro patas”, pensou ela com sarcasmo e mordeu a parte interior da bochecha, esperando que a dor conseguisse que deixasse de preocupar-se com o que ele pudesse lhe fazer. A entrada da edificação se abriu ante ela como uma boca gigantesca. Muito alterada, recordou a história de Jonas tragado por uma baleia, que sua mãe costumava ler a muitos anos.

Dado que a segurava pela mão com uma força implacável, a jovem não teve mais remédio que entrar atrás dele naquele corredor. Quando as sombras os envolveram, uma mescla bastante forte de

aromas, embora não de todo desagradável, chocou-se contra o nariz de Annie. Cheirava a animais, a feno, a grão e a pele, tudo isto fluando livremente em uma corrente de ar fresco. Seus olhos se acostumaram logo a escuridão e olhou nervosamente ao redor dela. Pendurados nos pregos grandes, ao longo da parede que se encontrava a sua esquerda, havia toda classe de acessórios de montar e utensílios para o cuidado e a limpeza dos cavalos: sela de montar, escovas, pentes para crinas, focinheiras, arreios e cabrestos. Lançou uma olhada rápida e viu várias tiras de pele. Gotas frias de suor surgiram de algum ponto perto de sua nuca e correram por suas costas.

Seu pior temor pareceu fazer-se realidade quando Alex lhe soltou a mão e se dirigiu à parede para agarrar algo de um dos pregos. Quando se voltou para ela, Annie pôde ver uma laçada de pele pendurada em seu punho. Voltou a olhá-lo no rosto e viu que ele ainda estava sorrindo com uma expressão estranhamente terna em seus olhos. Este olhar afugentou os últimos resíduos de coragem que havia nela. Se tivesse a intenção de castigá-la, do qual estava quase segura, como podia lhe sorrir dessa maneira?

Naquele momento lhe era totalmente impossível sair correndo. Sentia como se lhe tivessem saído raízes nos pés. Cravou seus assustados olhos nos ombros de Alex, os largos e musculosos ombros que lhe impediam de ver a parede que se encontrava atrás dele. Sua folgada camisa branca não conseguia ocultar os definidos contornos dos músculos de seu peito e de seus braços. Não queria sequer imaginar o que sentiria quando a golpeasse; mas, para sua desgraça, sua traiçoeira mente não conseguia pensar em nada mais.

Sem prévio aviso, ele levantou a mão que sujeitava a tira de pele. Annie alcançou a ver a tira aproximando-se de seu rosto e reagiu de uma maneira instintiva, inclinou-se para frente e rodeou sua cintura com os braços para proteger seu bebê.

Alex se assustou tanto ao ver Annie inclinar-se para frente, e tudo o que pôde fazer foi ficar olhando-a com a boca aberta. Iria levá-la a ao outro extremo da cavalariça. Rosy, uma de suas éguas, tinha dado a luz a uma potranca fazia uns poucos dias. Embora a besta fosse uma mordedora incorrigível, seu potro era um encanto, com seus grandes orelhas, suas patas largas e sua propensão a chupar tudo o que lhe chamava a atenção: botões, dedos, cotovelos ou qualquer outra coisa que parecesse dar leite. Alex pensou que Annie adoraria vê-la.

— Annie, o que te passa?

Não levantou os olhos quando Alex a chamou. A julgar pela maneira como rodeava a cintura com os braços, acreditou que poderia sentir uma forte dor. Sua principal preocupação era o bebê, e milhares de possibilidades cruzaram sua mente. Teria se feito mal enquanto passeava pelo bosque? Teve a horrível visão de Annie abortando nas cavaliças. Deixou cair a focinheira que acabava de agarrar de um dos pregos, agarrou-a com força seus magros ombros e tentou, sem êxito, fazer com que se erguesse.

Estava tremendo. Tremia horrivelmente. Alex lançou um olhar de impotência para a casa, desejando que Maddy estivesse com eles. Quando se tratava de doenças femininas, especialmente aquelas relacionadas com a gravidez, não sabia o que fazer. Devia levá-la nos braços para a casa? Deveria procurar que se deitasse um momento na cama?

— Jesus!

Inclinou-se para um lado e tentou inutilmente lhe afastar as rebeldes mechas frisadas para poder lhe ver o rosto. Finalmente, decidiu ficar de joelhos e esticar o pescoço para poder olhá-la nos olhos.

— Annie, carinho, dói algo?

Sua terrível palidez revelou a Alex que estava morta de medo. Recordou todas as histórias que tinha ouvido a respeito de mulheres grávidas que abortavam e morriam sangrando. A ideia de que Annie morresse... Deus santo! Ela era tão doce, tão incrível e maravilhosamente doce...

Temendo ver sangue no tecido de cor rosa, olhou com grande preocupação a saia do vestido, que lhe chegava até os joelhos. Nada. Era um bom indício, ou não? Não havia hemorragia. Mas ao melhor ainda não estava sangrando profusamente.

— Carinho, onde te dói? Pode me mostrar onde?

Seus olhos azuis, que pareciam dois planetas luminosos, olharam-no. Acariciando seu cabelo para trás, sustentou-lhe as bochechas entre suas mãos.

— Annie, se machucou? Mostre-me onde, carinho. Aqui? — Deixou cair uma mão para lhe tocar a cintura — Dói muito?

Ela fez um movimento brusco para afastar-se e evitar que a tocasse. Logo, ficou paralisada, olhando fixamente algo que se encontrava no chão. Ele seguiu seu olhar e viu a focinheira descartada. Seu cérebro não estabeleceu relação alguma entre esse objeto e seu medo, até que ela voltou a olhar sua mão.

Sua mão vazia.

Só então Alex compreendeu tudo. Durante um horrível momento, lhe fez um nó tão forte no estômago que pensou que iria vomitar. Reconstruindo o acontecido em câmara lenta, viu a si mesmo fazendo-a levantar-se da cadeira em que se encontrava, imediatamente depois que Maddy a repreendeu. Logo, levou-a ao andar de baixo. Saíram da casa. Atravessaram o jardim. Entraram nas cavalariças. Quando ele se voltou para ela com a focinheira na mão, sua única intenção era lhe indicar o caminho para o estábulo de Rosy. Mas Annie pensou, sem dúvida, que ele queria lhe bater.

A fúria... Estalou dentro da cabeça de Alex em cegos tons vermelhos. Se James Trimble estivesse perto dele naquele momento, o teria matado. Fechou seus trêmulos punhos.

Annie era tudo o que importava e não o bode de seu pai. Tranquilo. Tinha que ficar tranquilo. Com este fim, tomou ar para obrigar seus pulmões a alargarem-se, mas sempre sem poder conter o tremor que percorria todo seu corpo. Ao exalar o ar, o rosto dela abriu passo entre a nuvem de sua ira. Nunca tinha visto ninguém que parecesse estar tão morta de medo como ela. Queria desesperadamente apagar aquela expressão de seu rosto e tentou pensar em uma maneira qualquer que fosse de tranquilizá-la. A pobre criancinha não entendia o que lhe dizia. A única ocasião em que conseguiu comunicar-se com ela, teve que fazê-lo mediante um desenho.

Um desenho... Ou uma ação. Os atos falavam mais alto que as palavras. Tudo o que tinha que fazer era pensar em uma maneira de parecer inofensivo. Não era uma tarefa fácil quando a jovem a quem ele tentava convencer estava terrivelmente assustada.

Vagamente consciente de seus movimentos, ou da decisão que os impulsionava, Alex dobrou uma perna sob seu corpo e se sentou sem cerimônia no chão. Foi a melhor ideia que lhe ocorreu. Esperava que ela se sentisse menos ameaçada se ele adotasse uma posição em que não demonstrasse nenhuma superioridade física. Embora na realidade isto não desse a ela muita vantagem. Depois de trabalhar com cavalos durante quase toda sua vida, tinha aprendido a mover-se mais rápido que a maioria das pessoas, habilidade que lhe tinha salvado a pele em mais de uma ocasião. Se a garota decidisse fugir, ele conseguiria levantar-se antes que ela pudesse sequer dar meia volta.

Algo frio e úmido lhe estava impregnando uma das pernas da calça. Não queria pensar em que classe de porcaria se sentou, de modo que centrou toda sua atenção em Annie. A pobrezinha não parecia capaz

de correr. As pernas lhe tremiam tanto, que seus joelhos quase batiam entre si.

Sem conseguir pensar em nenhuma outra coisa que pudesse dissipar seus temores, Alex fez a valente tentativa de sorrir. Um horrível e artificial sorriso de orelha a orelha foi tudo o que pôde conseguir. Através das enredadas mechas de seu cabelo negro, ela ficou olhando-o boquiaberta, como se ele estivesse louco. E talvez fosse assim. Um homem adulto, sentado sobre excremento de cavalo e sorrindo como se gostasse? Isto deveria ser mais que suficiente para fazer que o ingressassem em um manicômio.

Apesar de que suas pernas ainda não pareciam capazes de sustentá-la, ela conseguiu dar um passo para trás. Logo, deu meia volta e saiu das cavalariças correndo. Alex a seguiu com o olhar, e sentiu um grande alívio quando viu que se dirigia para casa. A ideia de ter que persegui-la pelo bosque naquele instante não lhe pareceu muito atrativa. Tampouco a de pegá-la. A espertinha não brigava limpamente.

Como era seu costume quando nada parecia lhe sair bem na vida, Alex quis esfregar o rosto com as mãos. Parou no último instante. A palma de sua mão estava melada de algo marrom. Cheirou-a com muita cautela. Logo, apesar de si mesmo, soltou uma gargalhada.

— Senhor?

A assombrada voz masculina saiu de algum lugar atrás de Alex. Ao olhar por cima de seu ombro, viu Deiter, o chefe dos moços do estábulo, na entrada do abrigo onde guardavam os arreios. Delgado e grisalho, o rosto do homem parecia uma tira de carne-seca de mula.

— Sim, Deiter. Diga-me.

— Encontra-se bem?

Esta pergunta fez com que Alex começasse a rir de novo, mas desta vez mais forte. Quando suas gargalhadas finalmente se apagaram, Deiter voltou a falar.

— O que está fazendo você aí sentado?

— Na realidade não estou muito seguro. Pareceu-me uma boa ideia faz um momento, mas agora...

— Necessita ajuda?

Alex suspirou.

— De fato, acredito que vou necessitar toda a ajuda que possa conseguir.



Apesar de todos os esforços que Alex e Maddy faziam para impedir, Annie continuou desaparecendo quase todas as tardes da semana seguinte. Só ela conhecia seu destino. Maddy tentava não tirar os olhos de cima, mas a moça conseguia escapulir de alguma misteriosa maneira. Depois de cada um de seus desaparecimentos, a governanta chamava Alex, que dividia os empregados da casa em dois grupos para que revisassem as janelas de todos os andares.

Os empregados nunca encontravam nenhum ferrolho aberto.

Então... Se não saía da casa, aonde ia? Esta pergunta intrigava a todas as pessoas que residiam em Montgomery Hall, desde Alex e Maddy até o moço do estábulo mais jovem. Antes de finalizar a semana, a confusão de Alex era tal, que quase chegou a estar de acordo com Maddy e a começar a acreditar que Annie tinha a capacidade mágica de esfumar-se no ar.

Salvo por um pequeno detalhe. Como podia sujar-se tanto?

Uma tarde, uma semana depois do dia em que Annie desapareceu pela primeira vez, Maddy chamou Alex para lhe informar de que finalmente resolveu o mistério.

— Consegui enganá-la — disse a Alex com orgulho — Fingi que estava ocupada em outra coisa. Esperei que escapulisse e logo a segui. O senhor nunca adivinharia aonde ia a endemoninhada garota. Não o adivinharia nem em um milhão de anos.

Alex olhou sua governanta em espera. Quando percebeu que ela não tinha a intenção de dizer nada mais, apertou os dentes.

— Maddy, diga-me o de uma maldita vez, pelo amor de Deus. Aonde vai?

— Ao sobrado! — informou-lhe, sorrindo cheia de satisfação — Subia ao maldito sobrado.

— Como? A senhora me assegurou... Disse que estava muito segura, recorda? Que o mantinha fechado com chave. Alguma vez subiu para dar uma olhada?

— Eu tenho a chave — lhe recordou ela — Não vi a necessidade de dar uma olhada, pois estava segura de que ninguém podia abri-lo.

— Mas obviamente estava aberto!

— Henry, outra vez — disse ela a modo de explicação.

— Henry?

— Quando você substituiu a caixa forte de seu escritório, ordenei-lhe que subisse a velha ao sobrado. Certamente esqueceu-se de fechar a porta com chave. Quando lhe perguntei, assegurou-me que o tinha feito e não vi nenhum motivo para duvidar de sua palavra.

Alex suspirou.

— Só Henry poderia pensar que fechou uma porta com chave sem havê-lo feito. Devia subir eu mesmo a dar uma olhada. — Levantou os olhos para o patamar do primeiro andar e franziu o cenho — O sobrado? O lugar mais sujo e desagradável. — Negou com a cabeça — Para que diabos sobre ali?

— Não tenho nem ideia. Por isso lhe pedi que viesse, para que a trouxesse aqui. Eu iria procurá-la, mas o senhor sabe quanto odeio os ratos. Frederick se ofereceu a subir, mas Annie o viu muito poucas vezes e não quero que se assuste. Com a má sorte que temos, poderia tentar fugir e pisar em uma dessas armadilhas para ratos.

As armadilhas do sobrado não eram a única preocupação de Alex. Certamente, pelo que recordava, o andar mais alto estava cheio delas. O que mais lhe preocupava era que no sobrado provavelmente fizesse um mormaço naquela época do ano, por não mencionar que deveria estar escuro, coberto de pó e infestado de aranhas. Dado que as viúvas negras eram nativas daquela região, este não era um pensamento muito reconfortante.

Alex afastou Maddy de um empurrão e se dirigiu às escadas.

— Quer que peça o Frederick que suba para que lhe ajude a procurá-la? — gritou ela.

Alex em nenhum momento diminuiu o passo.

— Acredito que posso encontrá-la sozinho. Continue com seu trabalho, Maddy. Eu a trarei.

A escada que conduzia ao sobrado estava situada na asa ocidental do segundo andar. Imaginando que Annie tinha recebido a mordida mortal de uma aranha, Alex subiu as perigosamente empinadas e estreitas escadas como uma alma que o diabo leva. A porta, oxidada pela falta de uso, bramiu de maneira inquietante quando ele a abriu. Disse a si mesmo que devia ter pensado em levar um candeeiro, e entrou na penumbra. A única fonte de luz procedia das águas-furtadas e as janelas estrategicamente situadas. Mas sua eficácia como focos luminosos se via reduzida pela imundície. O aroma de pó e a mofo provocava ardência no nariz.

Quando parou para orientar-se e permitir que seus olhos se adaptassem a escuridão, ouviu um som apenas perceptível, de bichos brincando de correr, ruído que fez com que lhe gelasse o sangue nas veias. Roedores. Embora nunca confessasse a ninguém, tinha um medo irracional dessas horríveis criaturas. Não sabia muito bem por que. Não sentia repugnância pelas serpentes. As aranhas quase não lhe diziam nada. Não receava particularmente os grandes carnívoros. Mas os ratos eram outra coisa. Nas estranhas ocasiões em que algum

aparecia na andar de baixo, sentia-se tentado a seguir o exemplo de Maddy e subir em uma cadeira até que Frederick chegasse para desfazer-se dele. Gotas de suor cobriram sua testa. A sua direita ouviu sons como de um animal arranhando e roendo. Arrepiou-se. Deus santo. Depois de muitos anos tinha conseguido vencer seu medo o suficiente para enfrentar de vez em quando a um camundongo. Seu orgulho não lhe tinha deixado outra alternativa. Mas seria capaz de fincar a cara em toda uma legião destes bichos? Sentia-se como deve ter se sentido Golias ao enfrentar David. Só que, nesta confrontação, David tinha se multiplicado.

Quando seus olhos se acostumaram a penumbra, Alex conseguiu distinguir os objetos que o rodeavam. A caixa forte que tinha sido substituída, móveis antigos, um espelho que uma vez adornou o salão e agora estava tão imundo que já não refletia nenhuma luz. Entre duas pilhas de caixas, viu várias pinturas ao óleo, cobertas com lençóis e amarradas com barbante. Amontoadas ao pé destes quadros havia o que pareciam ser painéis de todos os tipos. Tudo isto estava coberto por uma grossa capa de pó e entupidas teias de aranhas se estendiam de um objeto a outro, com seus fios intrincadamente tecidos, decorados por traças e outros desventurados bichos mortos. Não era um lugar apropriado nem para um ser humano nem para uma besta. Entretanto, Annie se encontrava em algum canto daquele lugar.

Ao dar um passo adiante, raspou a tíbia com um velho baú.

Filho de puta.

— Annie! — gritou com brutalidade.

Depois de atrever-se a dar uns passos mais, tropeçou com um enorme caldeirão de ferro que uma vez foi utilizado para ferver a roupa suja.

— Maldição! — disse em voz baixa. Logo, falou mais alto: — Annie, onde está?

Enquanto abria passo através da caótica variedade de objetos desprezados que se amontoaram ali ao longo dos anos, Alex se recordou a si mesmo que sua esposa não podia lhe responder. Que imbecil era! Estava gritando como se esperasse uma resposta. Por outro lado, o porão era quase tão grande como os três andares de baixo e não lhe entusiasmava a ideia de procurar até no último canto daquele lugar. Menos ainda, quando a falta de luz o convertia quase em um cego e os ratos brincavam de correr entre as sombras. Embora não lhe entendesse ou não lhe ouvisse, continuou falando.

— Annie? Venha aqui, carinho. Maddy te preparou bolos e chá.

Isso não era exatamente uma mentira. Quando levasse a garota abaixo, se ocuparia de que lhe dessem de tudo.

— Ouviu-me? Bolos. Maldição!

Alex se agachou para esfregar o joelho, no qual tinha dado um doloroso golpe com a ponta da antiga caixa forte.

— Carinho? Sei que está em algum lugar aqui acima. Não quer vir? Por favor! Corre perigo aqui.

Quando se ergueu, Alex ouviu um ruído que pensou que saía da ala oriental. Não era o som de um bicho correndo, mas sim, mas bem um golpe forte e de uma vez surdo. Definitivamente era muito forte como para que o fizesse um camundongo O... Deus não o queira... Um rato. Aliviado por ter encontrado ao menos o lugar aproximado onde se encontrava Annie, voltou-se para aquela direção. Para seu grande alívio, ele descobriu que o caminho havia sido disposto uns quantos metros além da porta, como se ela tivesse afastado as coisas para que não lhe bloqueasse o passo. Fez um gesto de desagrado ao pensar em Annie movendo móveis pesados. Se a preocupação era uma enfermidade mortal, esta garota o levaria sem dúvida a uma morte prematura.

Enquanto se dirigia ao setor oriental do sótão, notou que a luz era cada vez mais forte. Depois de perguntar-se de onde procederia tal claridade, recordou que naquela ala havia um lado coberto de águas-furtadas. Atraído pela luz, avançou com passo firme, chamando Annie a voz na garganta em todos os poucos segundos. Embora não o entendesse, ao menos não se assustaria quando a encontrasse.

Depois de rodear um tabique que dividia aquele espaço, Alex finalmente divisou sua presa. Parou, sem poder acreditar em tudo o que via. Era Annie... Mas não a Annie que ele conhecia. Usava um vestido diurno de cor rosa e sapatos negros de pelica, que certamente tinha tirado de um dos baús de sua madrastra morta. Vestida desta maneira parecia um verdadeiro figurino, embora fosse certo que seu aspecto estava totalmente passado de moda. Com seu longo cabelo negro preso em um coque de cachos desgrehado e ligeiramente torto, o qual sujeitava com uma pequena fita, seu perfil parecia o de um camafeu. Assim, era a mulher mais preciosa que tinha visto em toda sua vida, sem dúvida alguma.

— Annie, que diabos está fazendo?

Não houve reação alguma. Nem sequer fez o mínimo movimento para lhe indicar que tinha ouvido.

Estava tão assombrado que não podia mover-se, Alex ficou olhando-a boquiaberto. Annie seguiu ocupando-se de seus assuntos e muito

ocupada parecia estar, em efeito. Usou móveis velhos para organizar um salão, se assim pudesse chamar no qual ele percebeu que não havia teias de aranhas nem pó. Tinha colocado taças e pires quebrados em uma mesa de três pernas sustentada por gavetas em uma dos cantos, e fingia estar servindo o chá.

Seus convidados imaginários, um boneco e uma boneca que havia feito com roupas velhas cheias, encontravam-se sentados em duas das três cadeiras desiguais que tinha tirado de algum lugar do sótão. O cavalheiro estava elegantemente vestido com um traje ruído, e a dama igualmente elegante com seu vestido azul desbotado, com adornos de renda amarelo. Suas cabeças, feitas com meias cheias, estavam engalanadas com chapéus; o do homem era um chapéu de feltro e o da mulher, um opaco acerto de flores de seda com um véu que caía sobre a parte superior do rosto.

Alex não pôde a não ser sorrir. Era um milagre que Maddy não se queixasse de que as meias de Annie estivessem desaparecendo. Parecia que, a garota também tinha pego as escondidas uvas da mesa do café da manhã. Seus bonecos cheios tinham os rostos pintadas com uma suspeita cor vermelha framboesa.

— Annie, isto é incrível! — Alex disse de todo coração — Muito engenhoso. Há algo que não tenha...?

Interrompeu-se para observar como a garota servia o chá imaginário. Sorria gentilmente a seus convidados. De repente começou a mover os lábios. Embora de sua boca não saísse som algum, parecia como se estivesse falando. Seus movimentos eram precisos e fluídos de uma vez, exatamente como deviam ser os de uma dama.

— *Açúcar?* — perguntou-lhe ela em silêncio ao cavalheiro enquanto lhe apresentava o açucareiro. Logo, dirigindo o olhar para a luz do sol que entrava pelas janelas, disse: — *Caramba! Faz um dia precioso, verdade?*

Ou ao menos isto foi o que Alex acreditou ver que tentava dizer. Não podia estar seguro porque nunca tinha lido os lábios de ninguém. Depois Annie continuou “falando”, mas Alex teve dificuldades para entender as palavras que dizia.

As palavras que dizia... Deus santo! Embora fosse em silêncio, ela estava falando. Embora parecesse mentira, estava falando. Era como olhar a uma menina brincando em seu mundo de fantasia. Só que ela não era uma menina. E aquilo não era para ela um mundo de fantasia, a não ser a realidade. Sua única realidade.

Annie não esteve esfumando-se no ar, como acreditava Maddy. Estava passando de um mundo a outro.

Uma vez, a muitos anos, um semental adulto escoiceou Alex no ventre. O golpe o fez cambalear-se. Ficou sem respiração durante um interminável instante. Tudo ficou impreciso. Sentiu inclusive como se o coração tivesse deixado de pulsar. Pois bem, assim se sentia também naquele momento, parecia que tinha sofrido uma tremenda sacudida e que tudo parou em seu interior.

Quando seu corpo começou a recuperar a sensibilidade, a dor também chegou; uma dor implacável que se centrava em seu peito. Tinha ouvido isso muitas vezes “me partiu o coração”. Ele também tinha usado esta expressão com frequência ao longo de sua vida. Mas até então estas palavras não tinham significado algum para ele. Depois de tudo, o coração humano não se partia na realidade. Não se desfazia, pedaço a pedaço, nem caía a seus pés.

Uma ova!

Annie Trimble, a idiota do povoado. Mas não era nenhuma idiota. Era surda. Surda como uma parede. E ele, que Deus o perdoasse, tinha estado completamente cego.

CAPÍTULO 12

Pasmado, Alex viu Annie levar uma mão ao pescoço e olhar sedutora e timidamente ao boneco cheio. Logo, para seu grande assombro, ela rodeou a improvisada mesa, agarrou seu cavalheiro pelo braço e começou a dar passos de valsa perfeitamente executados. Sua saia girava enquanto ela se movia majestosamente pela habitação.

Uma formosa jovem, dançando ao compasso de uma música que ninguém mais podia ouvir, nos braços de um homem que ela tinha criado com suas mãos criativas e sua rica imaginação. Junto a aquele boneco ela podia ser alguém; privilégio que o resto do mundo, incluindo Alex, tinha-lhe negado.

Inconscientemente, Alex mudou o peso de seu corpo de uma perna a outra e uma tábua do chão cedeu levemente sob seu pé. Com os agudos sentidos de uma pessoa surda, Annie sentiu que a tábua cedia e em seguida ficou imóvel. Seus olhos enormes e receosos o buscaram na escuridão.

Alex viu que estava assustada. Depois do que tinha acontecido entre eles nas cavalariças, e sabendo que ela esperava que batesse nela se voltasse a escapulir, surpreendeu-lhe que tivesse tido a coragem de

subir ao sótão de novo. Embora entendesse perfeitamente que corria esse risco. Naquele salão imaginário ela podia ser quem lhe desse a vontade e fazer o que quisesse. Em comparação, o mundo que a esperava abaixo provavelmente parecia um cárcere. Annie, a idiota, presa dentro de uma casa para protegê-la. Annie, a idiota, que tinha que comer o que lhe serviam, banhar-se quando lhe ordenavam, vestir-se como uma mendiga. Não era mais que uma boneca de carne e osso da qual eles se ocupavam quase todo o tempo e deixava em uma habitação cuja janela tinha barras e que a vigiavam como se fosse uma menina pequena o resto do tempo. Ele em seu lugar, também teria corrido o risco de que lhe dessem uma surra para subir ao sótão.

Uma surra... Pela expressão de angústia que viu em seu rosto, Alex supôs que o castigo físico não era o único que Annie temia. Ao ir a aquele lugar, ele tinha descoberto seu segredo. O mundo que ela tinha criado era sacrossanto e sem dúvida via ele como um intruso que poderia destruí-lo. Simplesmente fazendo girar uma chave, ele podia fechar a porta e lhe impedir de retornar ao sótão. Ou, pior ainda, com apenas girar uma chave, podia prendê-la em uma habitação que tivesse uma janela com barras e não lhe permitir sair nunca. O poder. A autoridade suprema. Se ele assim o decidisse, podia fazer com que sua vida fosse um inferno pior do que já era.

Mas jamais faria algo semelhante. Por nada do mundo.

Alex se sentiu sobressaltado ao vê-la daquela maneira. E também ficou fascinado. Tudo o que queria era passar de sua realidade, que de repente lhe pareceu que tinha muito poucas coisas elogiáveis, a dela. Não para destruí-la, a não ser para encontrar um espaço no qual os dois tivessem alguns pontos em comum, embora só fosse durante uns poucos segundos.

Movendo-se com cautela, com muita cautela, diminuiu a distância que os separava. Era arriscado e sabia. Afinal era seu mundo, um mundo secreto; e ninguém tinha lhe convidado para entrar nele. Mas isto foi o único que lhe ocorreu para tratar de conquistá-la.

Quando esteve o suficientemente perto, deu um golpe no ombro a seu exânime casal de baile de trapo. Depois de fazer uma cortês reverência, disse-lhe:

— Concede-me este baile?

Como um modelo de movimento, Annie permaneceu imóvel, com um pé estendido para dar um passo, seu magro corpo a ponto de perder o equilíbrio e o boneco apertado contra o peito. Banhada por uma luz chapeada procedente das janelas que se encontravam atrás

dela parecia uma escultura de gelo, muito frágil e delicada para suportar sequer que a mão de um homem a tocasse. Alex notou um batimento do coração no pescoço da moça e por seu frenético ritmo, percebeu a dimensão de seu medo. Sabia que ela podia tentar fugir. E com toda a razão. Depois do tratamento que Douglas tinha lhe dispensado, ele não tinha chegado a sua vida com muito boas recomendações; e, no tempo que tinha transcorrido após, não tinha feito grande coisa para retificar esse engano.

— Por favor, Annie. Só uma dança — disse ele com voz rouca — Não acredito que tenha todos os bailes comprometidos.

Ali estava de novo aquela expressão de confusão e perplexidade em seus olhos. Já a tinha visto várias vezes e até então acreditou erroneamente que era um reflexo de sua idiotice, de sua deficiência. Estava equivocado. O único idiota era ele. Enquanto falava, inclinou a cabeça para fazer a reverência. A razão pela qual ela parecia estar tão desconcertada era que não pode entender uma parte do que ele disse. Este era o motivo pelo qual ela sempre olhava tão atentamente seu rosto enquanto falava e também o motivo pelo qual algumas vezes parecia confusa. Posto que não soubesse que ela era surda, era muito possível que em inumeráveis ocasiões houvesse virado a cabeça no meio de uma frase. Ou que tivesse falado de maneira ininteligível. Deus santo! Aquela garota não era nenhuma idiota. O fato de que tivesse aprendido sozinha a ler os lábios e a imitar as formas de falar era indício de uma inteligência muito superior a média.

Falando mais devagar e formando nos lábios cada palavra com precisão, para que pudesse lhe entender mais facilmente, Alex repetiu o que lhe havia dito. Ela continuou olhando-o fixamente durante intermináveis minutos, ou assim lhe pareceu com seus olhos enormes e luminosos. Cada um destes minutos que passava lhe partia o coração um pouco mais. Movendo-se com cautela para não assustá-la, Alex estendeu uma mão.

— Por favor, Annie.

Alex duvidava de que ela tivesse a coragem de recusá-lo. Tentava ficar em seu lugar. Iria lhe evitar? A ele, quem tinha um chicote? Ele se encontrava quase em cima dela naquele momento e estava bloqueando a rota de escape. Ou dançava com ele ou sofria as consequências. Sentia-se mal por tirar proveito de seu medo. Era uma péssima maneira de começar uma relação. Mas, por outro lado, era melhor que não fazer nenhum progresso. Mais adiante haveria tempo de lhe fazer mudar de opinião a respeito dele.

Annie finalmente cedeu, com muita relutância, e deixou de lado seu outro par de baile. O pobre homem caiu e foi parar a um monte inerte, que era exatamente onde Alex esperava que ficasse. Era seu baile. Ela era sua esposa. Uma fada silenciosa.

Ou, mais que uma fada, uma formosa mariposa saindo da larva, quase como por arte de magia. Naquele momento, assim via Annie. Não deu muitas voltas. Tinha descoberto algo incrivelmente valioso, extraordinariamente precioso e totalmente inesperado. Quando Deus se dignava dar um obséquio semelhante, nenhum homem medianamente sensato fazia pergunta alguma.

Temendo assustá-la mais do que estava, Alex pôs uma palma ao redor de sua cintura, pegou sua mão e com delicadeza começou a mover-se ao compasso de uma silenciosa valsa. Acostumada a levar seu casal, ela tropeçou ligeiramente e lhe pisou nos dedos do pé, mas pesava tão pouco que Alex mal percebeu. Como se pudesse sentir os dedos dos pés ou qualquer outra coisa tendo aquela mulher que lhe tirava o sentido entre seus braços. Aquela primeira manhã na carruagem, teve uma sensação muito prazerosa, mas, horrorizado com seus sentimentos, tinha a evitado. Agora entendia que deveria confiar em seu instinto.

Olhou para trás, recordou os acontecimentos que os tinham aproximado e acreditou de todo coração que uma mão invisível os tinha movido como peças em um tabuleiro de xadrez, dispôs as posições que deviam ocupar, manipulou os incidentes e os levou de modo inexorável a um ponto de encontro. Foi o destino? O Todo-poderoso? Alex não sabia. Tampouco lhe importava. Tudo o que importava era aquele momento e a sensação de que aquilo era maravilhoso e absolutamente perfeito.

Depois de uns quantos giros na pista de baile imaginária, Annie relaxou e começou a permitir que ele a levasse, flutuando com a música com tanta graça como uma mariposa empurrada pela brisa. A música... Era uma loucura. Ele sabia que era. Mas, ao olhar seu pequeno rosto, quase podia ouvir a orquestra tocando.

Annie, dançando ao compasso de uma música imaginária, em um mundo imaginário, mas, agora, não nos braços de um homem imaginário. Aquele universo de fantasia que ele tinha invadido era tudo o que ela tinha. Pontuada de idiota, rejeitada durante quase toda sua vida, sem educação, sem amigos. Não era uma mulher, a não ser um segredo inquietante que seus pais tinham mantido escondido. Uma tremenda fúria se desatou dentro dele, mas

conseguiu contê-la. Mais adiante se permitiria pensar no como e no porquê. Já encontraria os culpados.

No momento, só existiam a valsa e a mulher que estreitava entre seus braços.

Fazia muitos anos que Alex não criava mundos imaginários. Muitos anos, possivelmente. Ele tinha perdido, pensou, pois sonhando daquela forma sempre existia uma sensação de que algo poderia acontecer... Deus... Não queria destruir aquele instante eterno...

Só o fato de tê-la tão perto, embora só fosse para dançar, fazia com que lhe invadissem uma sensação mágica. Embora pequena e de compleição delicada, ela encaixava em seu corpo como se tivesse sido criada especialmente para ele. Podia sentir seus quadris movendo-se sob a palma de sua mão. Delicadamente, captou com o tato o inchaço produzido pela gravidez. Desejou poder apertá-la contra seu corpo, sentir em seu rosto os cachos da moça, cheirar o fresco aroma do sabão de glicerina e rosas que Maddy usava para banhá-la.

Incapaz de resistir, isso foi precisamente o que fez.

Momentaneamente surpresa pela inesperada proximidade, Annie ficou tensa. Mas quando ele continuou dançando, ela se viu obrigada a render-se ante a força de seu braço e deixou que seu corpo se amoldasse ao do homem. Alex apertou seu rosto contra o cabelo dela e fechou os olhos. Preciosa. Esta era a única palavra que lhe ocorria para descrevê-la. Com a ajuda de Deus, nunca permitiria que ela partisse.

Temeroso de que a delicada mulher se cansasse, Alex teve que pôr fim a valsa. Quando deixou de dançar e se afastou de Annie, ela ficou levemente desorientada, com o olhar perdido, as bochechas coradas e a boca aberta pela falta de ar.

— Obrigado, Annie — disse ele lentamente — Foi um prazer.

Uma covinha apareceu em sua bochecha quando lhe devolveu o sorriso.

— Um verdadeiro prazer.

Estas palavras, articuladas por seus maravilhosos e silenciosos lábios, pareceram a Alex quase tão audíveis como se as houvesse dito em voz alta, o melhor era porque era a resposta esperada. Tinha que aprender a ler os lábios, pensou, com uma sensação de temor. Precisava aprender logo. Tinha que comunicar-se com ela sem trava alguma.

Resistente a abandonar o sótão e deixar aquela versão mágica de Annie, percorreu o salão imaginário com o olhar, procurando quase

desesperadamente um pretexto, qualquer pretexto, para prolongar aquele momento único. Ocorreu-lhe uma ideia genial ao ver a baixela quebrada sobre a mesa. Fingindo aceitar um convite de sua dama, sentou-se na cadeira do boneco, levantou a taça vazia e a estendeu para ela para lhe pedir que lhe servisse mais chá. Apesar da penumbra, pôde ver o receio que voltava a apropriar-se do olhar da jovem.

A magia da valsa tinha chegado a seu fim. E agora, embora não gostassem, tinham voltado para a realidade. Mas Alex já não sabia muito bem o que era a realidade. Onde começava, nem onde terminava. Só sabia que a vida tinha sido injusta com aquela formosa mulher e que, de algum jeito, tinha que compensá-la por isso.

Para ajudá-la, o primeiro que tinha que fazer era ganhar sua confiança.

Permaneceu com a taça estendida, esperando, convidando-a com o olhar. Algo roçou a perna de calça. Ele o ignorou. Só Annie lhe importava naquele instante. Logo, sentiu uma espécie de comichão através da meia. Pequenas espetadas. Não podendo afugentar esta sensação, moveu o pé ligeiramente e se inclinou para arranhar o tornozelo. Neste momento, as pontas de seus dedos roçaram um corpinho peludo.

— Filho de... Por Deus!

A taça de chá e ele se separaram. A primeira saiu disparada para cima. Alex se equilibrou sobre sua calça para atacá-los a tapas. Ouviu em segundo plano o som da porcelana fazendo-se pedacinhos.

— Filho de puta! — levantou-se de um salto — Está subindo pela... Será possível!

Um camundongo estava subindo pela perna de sua calça. O terror se apropriou dele. Começou a dançar de novo, esta vez só e ao compasso de uma melodia muito mais rápida e caótica. Um condenado camundongo. E o pequeno demônio procurava uma maneira de continuar avançando, direto para sua entre perna. Mas aquele bicho asqueroso não chegaria ali enquanto ele vivesse.

Alex dava palmadas na perna. Fortes palmadas para esmagar o camundongo. Sua intenção era matá-lo. Até tal ponto tinha centrado sua atenção no roedor que demorou um momento para perceber que Annie tinha se pendurado em seu braço.

— Noooo! — gritou ela.

Não? Alex ficou tão impactado ao ouvi-la produzir um som que se esqueceu do condenado camundongo.

— Noooo! — gritou a garota de novo.

A palavra saía distorcida de sua boca. Era um som horrível e não de todo humano. Mas para Alex era a coisa mais maravilhosa que tinha ouvido em toda sua vida. Não. Uma palavra tão simples como esta, que as crianças aprendiam a uma idade precoce e que nunca esqueciam, pois os adultos a diziam com muita frequência. Uma palavra que Annie conhecia porque ela também a tinha ouvido dizer infinitas vezes.

Posto que ela parecia tão desesperada para salvar o camundongo, Alex se absteve de seguir dando palmadas na perna. O que menos queria era lhe partir o coração ao matar esse repugnante bicho. Isso só serviria para abrir outra brecha entre eles. Aterrorizado por causa dos golpes, o camundongo continuou ascendendo. Alex apertou os dentes.

Temia que o roedor estivesse escavando mais acima de seus joelhos. Logo o notou na coxa.

Suportou-o durante um segundo, sem dúvida o segundo mais longo de sua vida, logo soltou um palavrão e suas mãos se equilibraram sobre a braguilha. Se o camundongo chegasse a subir uns centímetros mais... Dava-lhe medo só pensar nisto. Quase podia sentir os horríveis dentezinhos cravando-se em seu testículo.

Esquecendo-se de tudo, Annie, o decoro, a decência, desceu a calça. O camundongo se aferrava com todas suas forças aos calções com suas diminutas garras. Agarrou-o pela cauda, fez com que soltasse o tecido de um puxão e o sujeitou com o braço estendido para mantê-lo afastado dele. O animal retorcia seu corpinho e soltava agudos chiados. Deus santo! Aquele era seu pior pesadelo. Sem saber muito bem o que fazer com a criatura, olhou para Annie, e descobriu que ela tampou a boca com uma mão e parecia estar a ponto de rir.

Alex percebeu por fim o muito ridículo que devia parecer. Um homem adulto saltando de um lado para outro como uma mulher histérica. A calça ao redor de seus joelhos. O tecido dos calções agitando-se. Um camundongo pendurando em sua mão. Riu entre dentes, apesar de que não era esta sua intenção. Inclinando-se para liberar seu pequeno prisioneiro, negou com a cabeça.

— Você vai acabar comigo, juvenzinha.

Annie emitiu um som atrás de sua mão que não podia ser mais que uma risada afogada. Alex voltou a abotoar a calça e o cinto.

— Acha que é gracioso, verdade? — Logo, fazendo um gesto com seus dedos polegares e índices, como se estivesse medindo algo com eles, sorriu e disse: — Seu amiguinho esteve assim de perto de

reunir-se a seu criador. — Empurrou ligeiramente um fragmento de porcelana com a ponta de sua bota — Por sua culpa, acredito que nosso chá terminou.

Ela se agachou para dar tapinhas na prega de sua longa saia, encontrou o camundongo, que tinha se refugiado junto a seus pés e o levantou sobre suas mãos. O estômago Alex se revolveu quando ela beijou a cabecinha do roedor e logo o levou a sua bochecha. Como se soubesse que tinha estado a ponto de morrer, a trêmula criatura se fez um novelo. Annie o beijou de novo, acariciou-o com a ponta de um dedo e logo o deixou no chão, lhe dando um tapinha para que corresse para ficar a salvo.

Quando se levantou e seu olhar se cruzou com o de Alex, o sorriso se apagou de seu rosto. Ficou brincando nervosamente com os botões de seu corpete. Logo, entrelaçou os dedos de ambas as mãos e fez ranger os nódulos. Ele se perguntou se a sensação seria igual de relaxante quando se podiam ouvir os ocos estalos. A julgar pelo nervosismo de Annie, supôs que não.

Depois de deixar escapar um suspiro, concluiu que uma volta ao redor da pista de baile não era suficiente para infundir confiança a uma jovem receosa tão especial. Não esperava que se produzisse um milagre, mas desejava ver um pouco menos de temor em seus olhos.

Terminou de colocar a camisa na calça e agachou para recolher os fragmentos quebrados da porcelana. Guardando uma distância prudente, Annie se ajoelhou para lhe ajudar. Quando por acaso os dois tentaram agarrar o mesmo pedaço de porcelana, ela afastou a mão com um puxão, como se temesse que ele tentasse agarrá-la. Alex fez todo o possível para não ofender-se. Ganhar sua confiança iria levar bastante tempo.

Plenamente consciente de que a atmosfera de magia se destruiu tão irreparavelmente como a taça, apropriou-se dele uma profunda tristeza, mas em seguida a afugentou. Não havia nenhum motivo para sentir-se triste. Nenhum absolutamente. A valsa tinha terminado, mas a vida de Annie acabava de começar. Ele se encarregaria disso, embora fosse a última coisa que fizesse em sua vida.



Consciente de que Alex a estava olhando e ficando cada vez mais nervosa, Annie fingiu sentir-se alheia a tudo aquilo que não tivesse a ver com os diminutos fragmentos de porcelana a qual estava

recolhendo e acrescentando a pilha que tinha sobre a palma da mão. Tola, mil vezes tola. Nunca devia ter subido aquele sótão as escondidas. Desde o começo sabia que seus desaparecimentos desgostavam Maddy e ao homem. Se tivesse tido um pouco de juízo, teria imaginado que ele finalmente descobriria onde estava se escondendo.

Agora conhecia a verdade respeito a ela e provavelmente a mandasse a aquele horrível lugar do qual sua mãe sempre lhe falava, o lugar onde as jovens como ela eram encerradas em quatinhos e comiam papa com vermes. Sua mãe lhe disse que não só lhe proibiriam voltar a sair, mas também, além disso, eram muito cruéis, terrivelmente cruéis com as pessoas que estavam ali presas.

Annie sentiu um nó na garganta e as lágrimas começaram a lhe queimar os olhos. Fugindo do olhar de Alex, deixou cair os fragmentos sobre a mesa e limpou as mãos as esfregando. Desejava que ele saísse dali para poder colocar sua própria roupa e soltar o cabelo. Ao melhor, se ela se comportava muito, muito bem e nunca voltaria a subir ali, o homem poderia esquecer tudo o que tinha visto e não contaria nada a seu pai.

Deu-lhe um pequeno susto ao agarrá-la pelo queixo de repente e obrigá-la a olhá-lo no rosto. Annie piscou, mas foi em vão. Suas lágrimas não tinham outro lugar aonde ir, só ao exterior; e se transbordaram de seus olhos para correr pelas bochechas.

— Eh...

Ela imaginou sua voz, grave e com um tom de doce repreensão. Por alguma razão, isto fez com que desejasse chorar com mais força. Com seus dedos ásperos, ele secou as lágrimas de suas bochechas. Esboçou um sorriso um pouco forçado.

— Não tenha medo, Annie, carinho. Tudo ficará bem. Prometo.

Era fácil para ele dizer estas palavras. Não era ele quem teria que comer vermes. Desconcertada pelo penetrante olhar de Alex, a jovem desceu o olhar. A maneira de resposta, ele apertou com mais força seu queixo e lhe sacudiu ligeiramente a cabeça. Surpresa, Annie o olhou de novo.

— Confia em mim — disse ele muito devagar — Conhece a palavra confiar? Significa que quero que acredite que sou seu amigo. Pode tentar?

Annie o olhou com a expressão de perplexidade que tinha aperfeiçoado ao longo de quatorze anos de prática. Seu sorriso se fez mais profundo.

— Não pode me enganar. Sei muito bem que entende o que estou te dizendo.

Depois de dizer estas palavras, soltou-a e se levantou. Sem saber o que fazer, Annie permaneceu agachada a seus pés. Quando finalmente encontrou a coragem necessária para levantar os olhos e olhá-lo, descobriu que o homem estava sorrindo e lhe estendia uma mão.

— Venha, vamos descer logo. Maddy não vai poder acreditar.

O coração de Annie começou a pulsar com força. Lançou um olhar desesperado para sua roupa, que tinha deixado dobrada sobre a cadeira de balanço. Ele seguiu seu olhar, logo sorriu e negou com a cabeça.

— Assim está maravilhosa. Vamos.

Quando viu que ela não fazia movimento algum para obedecê-lo, inclinou-se para agarrá-la pelo braço e aproximá-la dele.

— Pedirei a uma das criadas que venham buscar suas coisas. Menos o camundongo, certamente. Temo que ele terá que ficar aqui em cima.

A jovem olhou com preocupação para as sombras. Quando voltou a dirigir seu olhar para ele, Alex lhe disse:

— Darei ordens estritas para que ninguém faça mal a nenhum de seus amiguinhos, prometo-lhe. Deixe já de preocupar-se. Entretanto, não posso assegurar o mesmo em relação as aranhas. — Seguindo seu exemplo, ele olhou atentamente a escuridão que os rodeava — Amanhã ou depois de amanhã, vou mandar toda uma equipe de criadas aqui acima. Se for passar tempo aqui, quero que limpem até o último canto deste sótão. Não acredito que seja seguro vir a este lugar no estado em que se encontra.

O repentino nervosismo de Annie fez com que voltasse a olhá-la.

— Não se preocupe, Annie. Deixarão isto tudo tal e como está. Mas tirarão o pó e as teias de aranhas.

Nada voltaria a ser igual. Annie puxou seu braço para tentar libertá-lo. Ele não só queria que descesse vestida daquela maneira, mas também, além disso, tinha a intenção de mandar toda uma equipe de criadas ali acima. Todas elas veriam seu canto secreto. Absolutamente todas!

— Vamos, Annie.

Disposto a não conformar-se com um não, obrigou-a a segui-lo. Quando a luz das águas-furtadas começou a desvanecer-se e a escuridão se fez mais densa ao redor deles, o medo de Annie também ficou mais intenso. Não podia descer vestida daquela maneira. E

também tinha que impedir como fosse que enviasse as criadas ali acima. Os jogos aos que se entregava no sótão eram um segredo.

Sua mãe lhe dizia que assim deveria mantê-los. Se as pessoas descobriam, lhe enviariam para um internato.

Quando chegaram à porta do sótão, o medo de Annie se converteu em verdadeiro pânico. Estava tremendo de tal forma que tinha certeza de que Alex podia sentir seu terror. Contudo, ele abriu a porta e a levou pela estreita escada.

CAPÍTULO 13

Alex golpeou a porta principal dos Trimble com tal força que a madeira se sacudiu em suas dobradiças. Em seguida ouviu passos que se dirigiam correndo a responder sua chamada e no instante mesmo em que a porta se abriu, entrou como um ciclone na casa, e esteve a ponto de derrubar o assustado mordomo.

— Onde está James? — perguntou a gritos. Agarrando firmemente suas lapelas, o criado encolheu os ombros para arrumar a jaqueta.

— Rogo-lhe que me perdoe, senhor, mas...

— Não se preocupe. Eu mesmo procurarei.

Alex se dirigiu a grandes passos ao salão. Pensou que os pais de Annie poderiam encontrar-se ali a aquela hora. Não havia ninguém nessa casa. Ato seguido percorreu o corredor com passo resolvido, abrindo todas as portas. Tampouco viu ninguém no escritório de James, a sala de estar ou a biblioteca. Ao final do corredor, encontrou-se com uma série de painéis de mogno. Empurrando-os com o ombro para abri-los, entrou de supetão na sala de jantar e surpreendeu os sogros jantando.

James levantou os olhos com as bochechas repletas de comida; o garfo e a faca suspensos sobre o prato. Ao reconhecer Alex, engoliu a comida com dificuldade.

— Deus santo! O que acontece? Annie está bem?

Edie, que se encontrava sentada no extremo oposto da longa mesa, de costas às portas, levantou-se da cadeira de um salto. Ao fazer isto, golpeou a taça, que caiu, derramando o vinho. O líquido cor carmesim salpicou a imaculada toalha branca e formou um atoleiro ao redor do pé de um pretensioso candelabro ornamentado.

— Que diabos aconteceu? — perguntou ela — Fez algo terrível? O que ocorreu?

Ignorando Edie, Alex passou a seu lado para avançar para James. Quando chegou ao outro extremo da mesa, agarrou o juiz por um dos

ombros de seu smoking e pegou-o bruscamente para obrigá-lo a ficar de pé.

— É um bode egoísta e desalmado! — Alex estava fora de si — Como pôde fazer algo tão monstruoso a sua própria filha?

O medo fez com que os olhos azuis de James se abrissem como pratos e que seu rosto ficasse lívido.

— De que diabos está falando? — O pai tentou agarrar-se aos pulsos de Alex — Vai rasgar minha roupa, homem.

— A roupa?

Alex soltou o homem de maneira tão repentina que este cambaleou, tropeçou com sua cadeira e caiu no chão.

— O que vou fazer, miserável verme, é te arrancar a cabeça dos ombros.

Apoiando-se sobre um joelho com grande dificuldade, James agarrou o braço da cadeira com todas suas forças para tentar recuperar o equilíbrio.

— Explique! Não pode entrar em minha casa desta maneira, proferindo ameaças, agredindo e escandalizando! Há leis que...

— Leis? — Alex deu um enorme murro na mesa. As fontes e os candelabros saltaram ante a força do impacto e voltaram a cair com grande estrépito — Há normas de decência, meu amigo, que nunca foram escritas em seus preciosos códigos. Acaso respeitou alguma delas em sua vida? Com sua filha não, disso estou completamente seguro. — Alex apontou o nariz do outro homem com um dedo — Entenda isto, desprezível filho da puta, Annie nunca retornará a esta casa. Não o fará enquanto eu estiver vivo. Dê por quebrada minha palavra no que se refere a essa parte de nosso acordo e mais vale que dê graças ao Deus Todo-Poderoso para que isso seja o único que tenha decidido romper.

— Não sei do que me está falando — disse James com voz trêmula — Nunca maltratei minha filha.

— Alguma vez a maltratou? — Alex soltou uma áspera gargalhada — Além de lhe bater cada vez que desobedecia, faltou a seu dever de lhe dar uma educação. Há colégios para surdos! E se podem fazer muitas coisas para ajudar uma pessoa como ela. Em todos estes anos, nem sequer lhe comprou uma trombeta, um aparelho de ressonância. E, pior ainda, deixou que todos neste povoado acreditassem que é uma idiota! Como consegue conciliar o sono pelas noites? Pode me dizer isso? Estou completamente seguro de que eu não poderia.

Depois desta acusação, um silêncio de assombro se apoderou da sala. Através da nuvem de sua ira, Alex conseguiu enfocar com clareza o rosto de James. O que viu na expressão do outro homem o ajudou a sufocar sua fúria. Não viu culpa alguma nela, como esperava, a não ser uma mescla de incredulidade e de profundo alívio. Naquele instante Alex percebeu de que os pais de Annie não sabiam. Por impossível que parecesse, eles de verdade não sabiam.

Trêmulo sob os últimos vestígios de sua fúria tirou uma cadeira de um puxão e se deixou cair nela como se alguém lhe tivesse dado um golpe.

— A garota é surda — disse com voz rouca — Não está louca, nem tampouco é uma idiota. É surda.

Edie se deixou cair em sua cadeira de novo, tampando a boca com uma mão trêmula e apertando a cintura com a outra. Olhava fixamente para Alex por cima dos nódulos de seus brancos dedos. Depois de um momento, abaixou a mão.

— Annie não está surda! A garota pode ouvir tão bem como você e eu!

Alex sentiu que a ira estava crescendo de novo dentro dele.

— Essa é uma absoluta mentira e a senhora sabe. A garota está surda. Eu mesmo o comprovei esta tarde. E não me diga que não viu. Ela não criou esse mundo de fantasia que encontrei em meu sótão da noite para o dia. Faz muitos anos que pratica esses jogos. A senhora tinha que ter visto! Em algum momento, deve tê-la surpreendido brincando em seu mundo imaginário.

A culpa que se refletiu nos olhos de Edie dizia tudo. Alex nunca bateu em uma mulher, mas naquele momento sentiu um forte impulso de fazê-lo. Queria que ela sentisse o mesmo que Annie, ao menos uma vez. Sem dúvida alguma, assim tinha tratado a própria filha em inúmeras ocasiões.

— Como pôde ignorar as necessidades de sua filha? — Alex tinha agora a voz quebrada — Se lhes dispõem a ajuda que requer, os surdos podem viver normalmente.

— Ela não está surda! — Edie se levantou rapidamente — O senhor acredita que se isso fosse verdade eu não saberia? Pensa que eu não desejei que assim fosse, que inclusive não rezei para que isso fosse verdade? Ela não está surda, lhe asseguro. Virou-se milhares de vezes ao ouvir seu nome. Como se atreve a irromper em nossa casa, gritando obscenidades e nos acusando de maltratar nossa filha? — levou uma mão a boca para reprimir um soluço — Como se atreve?

A indignação se apropriou de Alex, ocupando o lugar da ira. Levantou-se e voltou a colocar a cadeira sob a mesa.

— E eu que pensei que estava cego. Minha esposa é surda. Tão surda como uma parede. — Lançou um olhar para James, que se encontrava atrás de sua cadeira, agarrando fortemente o respaldo como se não pudesse permanecer de pé sem este apoio — Perceberam vocês que disse minha esposa? Não estou usando esta palavra à toa. A partir deste momento, Annie é uma Montgomery e como tal deixou de pertencer a esta família e de ter algum tipo de relação com seus membros.

Edie girou sobre seus calcanhares para ver Alex sair da habitação. Quando o indignado marido chegou à porta, ela deixou escapar um grito. Era mais um gemido que uma palavra. Ele parou para olhá-la. Viu sua dor, mas não se compadeceu dela. Não havia lugar em seu coração para esse sentimento. Só Annie merecia sua compaixão.

— Você não pode nos separar para sempre de nossa filhinha — sussurrou ela com tom áspero — Não pode fazer algo semelhante! Ninguém poderia ser tão desalmado.

Alex a olhou com glacial repugnância.

— Me chame desalmado, se quiser, mas isso é exatamente o que penso fazer. Não quero que nenhum dos dois se aproxime de minha esposa. Seu amor, se alguém em seu são julgamento pode chamá-lo assim, não tem feito mais que lhe causar mal. — Olhou Edie nos olhos — Você, senhora, não merece ser chamada de mãe. — Logo se voltou para James — E você ridicularizou a palavra pai.

Depois de dizer estas palavras, Alex saiu da casa fechando a porta com uma batida e jurando em silêncio que nunca em sua vida voltaria a pôr um pé na soleira dos Trimble.

Entretanto, no caminho de volta para a casa, algo rondava insistentemente em suas lembranças. Algo escorregadio. Algo que Maddy lhe disse uma vez. Estava a ponto de chegar a Montgomery Hall quando finalmente recordou do que se tratava. Maddy e ele se encontravam em seu escritório falando de Annie e no transcurso da conversa, Maddy descartou a possibilidade de que Annie estivesse surda. “Ela se volta cada vez que a chamo”, havia dito.

Enquanto Alex desencilhava seu cavalo e o levava a estábulo, estas palavras lhe vinham insistentemente à memória. Edie Trimble lhe disse basicamente o mesmo. “Ela se virou milhares de vezes ao ouvir seu nome”.

Alex não se arrependia de nada do que havia dito aos Trimble. A seu julgamento, eles mereciam cada uma de suas palavras, e muito mais. Mas o que Edie disse o enchia de esperanças.

Seria possível que Annie não estivesse completamente surda? Seria possível que pudesse ouvir alguns sons? Alex correu para casa, tão emocionado que não via a hora de poder falar com Maddy a respeito desta possibilidade.



As dez em ponto da manhã seguinte, Alex já estava rondando o quarto das crianças. Olhava Maddy e Annie através da porta parcialmente aberta. A jovem, que de novo usava um vestido infantil, encontrava-se sentada à mesa. Estava de lado seu inacabado café da manhã e tinha o queixo apoiado sobre o dorso da mão. Olhando através da janela com barras, ignorava Maddy, que fingia estar arrumando as gavetas da cômoda.

Tal e como Alex lhe tinha ordenou a um momento, a governanta levantou de repente a cabeça e a chamou aos gritos.

— Annie!

Alex esteve a ponto de gritar de alegria quando Annie se voltou e lançou um olhar inquisidor a outra mulher. Fingindo que não acontecia nada, Maddy abriu outra gaveta e começou a dobrar uma vez mais a roupa que se encontrava acima. Esperou uns quantos minutos com o fim de dar Annie o tempo suficiente para voltar a dirigir sua atenção para a janela. Logo, voltou a chamá-la. Como antes, Annie olhou por cima de seu ombro.

Podia ouvir! Alex estava tão contente que lhe pareceu quase impossível conter-se. Maddy se voltou para a porta, olhou-o através da fresta e lhe piscou em cumplicidade. Alex lhe sorriu e assentiu com a cabeça. Depois de esperar uns quantos minutos, ele também chamou Annie. Ela nem sequer pestanejou ante o som de sua voz, cujo tom era mais grave. Chamou-a mais forte. Nenhuma reação. Depois da terceira tentativa, Maddy voltou a gritar seu nome e, tal e como aconteceu anteriormente, Annie em seguida se voltou.

— Pode te ouvir! — proclamou Alex enquanto abria a porta de um empurrão e entrava na habitação com ar resolvido — Acredito que isso se deve a que sua voz é aguda. Sabe o que isto significa, Maddy?

A emoção levou Alex a extrapolar. Abraçou Maddy e deslizou com ela ao redor da habitação com passos largos e majestosos.

— Com a ajuda de um aparelho de surdez, uma trombeta, isso que chamam corno de ressonância, ela poderia nos ouvir quando lhe falarmos. Poderemos lhe ensinar a ler! Possivelmente inclusive a falar! Maddy, isto é maravilhoso.

Ofegando por causa do incomum exercício, Maddy exclamou:

— Basta já, senhor. Meu velho coração não pode suportar tanto baile!

Soltando a boa mulher, Alex se voltou para Annie. Ela o estava observando com seus cautelosos olhos azuis e seu habitual receio. Alex esboçou um sorriso, deslizou um braço ao longo de sua cintura e fez uma majestosa reverência. Ao endireitar-se, fez-lhe um rogo galante.

— Concede-me este baile?

Ela levantou os olhos para olhá-lo. Evidentemente, estava surpresa e um pouco receosa. Logo, dirigiu seu olhar para Maddy. Alex concluiu que o baile era obviamente uma atividade secreta, atividade que não podia permitir-se fora do sótão.

Ao diabo com tudo isso...

Resolvido, diminui a distância que os separava, agarrou-a pela mão e a fez levantar-se da cadeira. Contra sua vontade, o qual ela fez evidente ao ajustar seu corpo e dirigir-se a tropicões aos braços de Alex, começou a dançar ao compasso de uma valsa imaginária. Decidindo que os dedos de seus pés podiam suportar aquele castigo e muito mais, Alex a arrastou obstinadamente por toda a habitação, com o olhar fixo em seu rosto suspicaz.

— Acredito que ela não quer dançar — assinalou Maddy desnecessariamente, pois Alex sabia de sobra.

O eufórico marido se limitou a sorrir de orelha a orelha.

— Adora dançar. Mas não quer fazê-lo comigo.

Annie levantou os olhos enquanto ele falava. Alex olhou seus olhos assustados, desejando de todo coração que ela pudesse lhe contar o que estava passando por sua cabeça. As lembranças de Douglas? O temor que lhe inspirava? Plenamente consciente da rigidez de seu corpo e de sua diminuta estatura, começou a lhe remoer a consciência. Deixou de dançar pouco a pouco, sem deixar de olhá-la nos olhos em nenhum momento.

— Certo, Annie, você ganha esta batalha. Não te obrigarei a dançar comigo.

O alívio que se refletiu no rosto da jovem era tão evidente que Alex começou a rir. Ela podia olhá-lo com aquela expressão de idiota até que o inferno fosse sitiado por tormentas de neve, mas ele nunca

voltaria a morder o anzol. Enquanto a olhasse no rosto e falasse com clareza, lhe entendia perfeitamente.

— Entretanto, antes que te solte, tem que pagar um preço — acrescentou ele em voz baixa.

Ao ouvir estas palavras, seus olhos azuis se escureceram e ele sentiu seu corpo se comprimir ainda mais. Certamente, entendia-lhe.

— Se não quiser dançar comigo — prosseguiu ele — diga isto.

Maddy respirou fundo.

— Senhor Montgomery! Que vergonha! O senhor sabe muito bem que a pobre menina não pode falar.

— Sim pode — disse ele, sem afastar o olhar de Annie — E o fará ou, do contrário, vou estreitá-la todo o dia entre meus braços desta maneira.

Annie abriu os olhos desmesuradamente. Alex sorriu.

— E bem, carinho? Recuse-me ou dança comigo. É muito simples.

A boca da jovem se reduziu a uma magra linha, em um gesto de insubordinação. Cuidando para não exercer muita pressão, o braço de Alex a apertou com mais força ao redor da cintura e fez com que se aproximasse um pouco mais a ele. Ela levantou o queixo. Era a viva imagem da rebeldia. Em resposta, Alex começou a mover-se por toda a habitação uma vez mais, obrigando-a a segui-lo.

— Diga-me ao ouvido, Annie, carinho. Sei muito bem que pode fazê-lo.

— Ai, senhor, tenha piedade!

O marido continuou sorrindo, sem deixar de olhar os olhos cheios de inquietação de Annie.

— Me diga que não, Annie, ou dançará comigo até o anoitecer. Você decide.

Ele a viu apertar a boca. Ato seguido, a jovem engoliu saliva. Ao olhá-la, ao ver o descomunal esforço que ela estava fazendo, Alex sentiu que todo seu corpo ficava tenso. Cravando o olhar em um dos botões da camisa dele, finalmente abriu a boca. E logo, tão rápido que ele quase não conseguiu ouvi-la, ela formou a palavra esperada:

— Não.

Uma sensação ardente subiu pela nuca de Alex. Pela expressão glacial de seu rosto, ele soube que ela o estava odiando um pouco por insistir naquele tema, mas não lhe importou. Ao ganhar aquela pequena batalha, ele tinha conseguido um grande triunfo para os dois.

Quando a soltou, Annie cambaleou pelo repentino desamparo. Alex a agarrou pelo ombro para sujeitá-la e impedir que perdesse o

equilíbrio. Os formosos olhos de Annie voltaram a cruzar-se com os seus e lhe roçou a bochecha com a ponta de um dedo.

— Obrigada — lhe sussurrou.

Depois de deixar Annie, Alex se fechou no escritório para pôr em dia suas contas. Este trabalho o ocupou até a hora do almoço, momento no qual parou para comer na escrivaninha. Quando a criada recolheu os pratos, recostou-se em sua cadeira, pôs os pés sobre a mesa e apoiou a cabeça no respaldo da poltrona. Olhando pensativamente ao vazio, contemplou outro problema relacionado com Annie; problema no qual, até aquele momento, não se tinha permitido pensar muito.

Como podia um homem cortejar uma garota surda e tímida?

Recordou durante uns breves minutos o que tinha sentido ao dançar com ela no sótão no dia anterior; e sabia, sem a menor dúvida, que queria voltar a estreitá-la entre seus braços. Era tão simples, e por sua vez tão complicado. Seduzi-la seria toda uma provocação. A julgar por sua reação ante a proposta de dançar valsa aquela manhã, ela evitaria raivosamente qualquer tipo de proximidade física.

Normalmente, Alex teria se conduzido da maneira habitual, mas fazer uma proposta direta não surtiria efeito com Annie e ele sabia. Por uma parte, tinha medo por causa do que Douglas lhe fez, o qual era compreensível. Por outra, a vida que ela tinha levado até então não a tinha preparado para ser sincera. Seus pais se esforçaram tanto por manter Annie e o mal que padecia em um segundo plano, que a tinham convertido também em uma pessoa cautelosa e reservada, professora da dissimulação.

A sedução era seu objetivo, mas o que deveria fazer para conseguir? Passaram uns quantos minutos, durante os quais Alex concebeu e descartou várias ideias. Logo, um crescente sorriso apareceu em sua boca. Como seduzia um homem a uma mulher? Atraía-a com algo ao que ela não pudesse resistir.



Naquela tarde, quando Maddy desceu para fiscalizar as criadas em suas diversas tarefas domésticas, Annie a seguiu a todos os lados, como esteve fazendo desde mais de uma semana. A única diferença era que aquele dia havia um observador na casa. Quando viu que sua esposa se encontrava na andar de baixo, ele se retirou a seu escritório, tendo muito cuidado de deixar a porta entreaberta.

Sentando-se em sua cadeira favorita, Alex agarrou a panela que pegou na cozinha. Sujeitou-a firmemente entre os joelhos e começou

a esmurrar seu fundo com uma concha de sopa de metal. O som resultante foi um estrondo que teria podido levantar os mortos de suas tumbas. Não satisfeito com o som, recolocou a panela até que a percussão produzisse um agudo ruído metálico. Posto que tivesse advertido Maddy, as criadas e Frederick com antecipação, Alex sabia que nenhum deles tentaria procurar a fonte do som. Só uma pessoa o faria... Se pudesse ouvir o ruído.

Tan, tan, rataplán. Sem lugar a dúvidas, estava armando uma animação terrível, e se sentia completamente ridículo. Um homem adulto golpeando uma panela sem tom nem som! Só esperava que surtisse efeito. Obrigando-se a não olhar para a porta, esmurrou a panela sem cessar, sem saber sequer se Annie podia ouvi-lo.

Estava a ponto de perder a esperança quando percebeu um movimento com a extremidade do olho. Com renovado entusiasmo, continuou batendo na panela. Por todos os meios, evitou sorrir, para não evidenciar sua euforia. Um instante depois, os sapatos gastos de Annie apareceram ante seus olhos e ele soube que ela se encontrava a apenas uns quantos metros de distância. Continuou brandindo a concha de sopa, fingindo que não a tinha visto.

Atraída pelo ruído como as aparas de metal por um ímã, a moça se aproximou. Logo, aproximou-se ainda mais. Finalmente, Alex se permitiu levantar os olhos. A expressão do rosto de Annie fez com que valesse a pena ter feito o ridículo. Totalmente encantada, seus olhos enormes e perplexos se cravaram na colher.

Alex se permitiu sorrir, embora só levemente e deixou de esmurrar a panela. Ela se sobressaltou ao perceber o repentino silêncio e dirigiu seu olhar para ele. Alex lhe estava oferecendo a colher.

— Quer tentar?

O veemente desejo que se refletia em seus olhos era inconfundível. Recordou o que James lhe havia dito sobre o vergonhoso comportamento de Annie com o órgão da igreja a muitos anos e lhe encolheu o coração. O som. Para Annie, era escorregadio e pouco frequente, um milagre que de vez em quando atravessava o muro de silêncio que a rodeava. Quando era uma menina, para humilhação de seus pais e sua própria condenação, ela não pôde resistir a seus encantos na igreja e abraçou com todo seu corpo o órgão, fazendo o que seu pai tinha chamado “ruídos bestiais”. Quando se converteu em uma mulher adulta, continuou atraindo-a irresistivelmente. O som. Um presente inestimável para alguém como Annie, um presente que ele podia lhe oferecer.

Ao contemplar a tormenta de sentimentos que se refletiu em seu rosto, Alex quase se sentiu envergonhado de si mesmo por usar o som como chamariz sedutor. Quase. Ela era sua esposa e pelas boas ou pelas más, tinha a intenção de fazer com que seu matrimônio deixasse de ser uma farsa. Não só por seu próprio bem, mas também pelo dela. Dado o defeito físico que tinha, era possível que a jovem nunca pudesse levar uma vida completamente normal, mas ele podia lhe dar algo muito semelhante. Amor, risadas, companhia. Dentro de muito pouco tempo teriam inclusive um filho que criar. Annie, em sua qualidade de mãe, participaria ativamente em sua educação. Ele se ocuparia disso.

Alex lhe estava oferecendo a colher, tentando-a sem misericórdia e sem que lhe remoesse muito a consciência. O receio fez com que seus preciosos olhos se voltassem tão cinzas como um dia tormentoso. Mas também viu neles o desejo. Um desejo tão veemente que fez com que Alex sentisse uma profunda pena por ela. Ele tinha a magia em suas mãos. Tudo o que ela devia fazer era estender a mão para agarrá-la.

Todo seu corpo tremia ao se aproximar e estender a mão para agarrar o cabo da colher. Seus dedos se roçaram naquele momento. Uma sensação eletrizante para Alex, e claramente perturbadora para ela.

— Venha, bata.

Annie afastou o olhar de sua boca para dirigi-lo para a panela. Um brilho de emoção apareceu em seus olhos. Resistente a aproximar-se muito, inclinou-se para frente para golpear a panela. Para ouvir o ruído metálico que produzia com a concha de sopa, a moça piscou. Embora parecesse mentira, piscou. Alex esteve a ponto de gritar de júbilo.

— Continue! Não vai te morder.

Nem eu tampouco, jurou ele em silêncio. Não podia estragar aquele maravilhoso momento. Possivelmente nunca a morderia, nem a tocaria sequer, mas a felicidade daquele instante não a tiraria ninguém.

Fez-lhe um nó na garganta ao vê-la golpear uma vez mais o fundo da panela. Uma expressão de assombro percorreu seu rosto ao perceber o som resultante. Logo sorriu. Esse radiante sorriso transformou seu rosto a tal ponto que Alex ficou olhando-a fixamente. Annie levantou os olhos para olhá-lo; e surgiu entre eles um sentimento que não tinha nada que ver com a sedução e sim muito com amizade.

Para Alex, isto tinha que ser suficiente no momento. Para Annie, era um começo.

CAPÍTULO 14

Aquela noite Annie esperava que lhe servissem o jantar no quarto das crianças, como de costume. Mas, em vez disso, Maddy a levou ao andar de baixo e logo à sala de jantar. Embora Annie nunca tivesse entrado nessa habitação sentada frente a uma comida, entrou ali com Maddy inumeráveis vezes com o passar do dia. Seu ambiente acolhedor e seu tom amarelo radiante sempre lhe atraíram, possivelmente porque a cor lhe recordava a sensação de estar ao ar livre, o qual ela sentia muita falta. Uma chaminé de pedra se estendia de um extremo a outro de uma das paredes. Sua simplicidade harmonizava com a decoração. Em lugar de renda irlandesa, o aparador exibia um simples lenço bordado com renda simples a seu redor. Sobre ele havia uma grande variedade de porcelanas com desenhos de rosas, práticos utensílios e um bule, visivelmente antigo, com a borda dourada.

Apesar de seu grande tamanho, na habitação se respirava um ambiente quente, que enchia a mente de Annie de imagens de fogos vivazes nas frias noites de inverno e de uma família unida congregada em torno de um abundante jantar. Alex tinha se recostado na cadeira que se encontrava no extremo oposto da longa mesa. Seu cabelo resplandecia sob a luz de uma aranha de cristal, o único detalhe luxuoso e de relativa elegância naquela habitação. Com um braço sobre o respaldo da cadeira e cruzado de pernas, o dono da casa parecia estar um pouco aborrecido e muito impaciente. Quando a viu entrar na habitação, levantou-se imediatamente. Depois de rodear a mesa, estendeu-lhe sua enorme mão.

Em harmonia com a habitação, ele usava uma roupa muito cômoda, uma camisa de seda de gola de renda e da cor da nata fresca; e calça de montar marrom, dentro de suas botas altas de cor ocre escura. Enquanto ele se aproximava, Annie aproveitou o momento para observá-lo atentamente, percebendo uma vez mais que não se parecia absolutamente a seu pai nem a outros homens que tinha visto em sua casa. Em lugar dos volantes, os alfinetes de gravata com pedras preciosas e as vistosas correntes de relógio de bolso que tanto gostavam a esses cavalheiros, ele usava um cinto com uma fivela dourada, sem ornamentos e uma corrente de relógio de bolso muito simples, colocada dentro de uma das presilhas. Não vestia

elegantes coletes de seda. Não exibia cintilantes anéis. Nada de perfumes com aromas estranhos.

Quando Annie via Alex, lembrava-se da luz do sol e do ar fresco, não daqueles salões com pesadas cortinas cobrindo as janelas, que ela tanto desprezava. O cabelo castanho lhe caía sobre a fronte em forma de pequenas ondas iluminadas pelos reflexos que lhe tinha feito o sol, e sempre parecia ligeiramente despenteado, como se o vento o tivesse agitado recentemente. O pescoço de sua camisa estava aberto, deixando ver a dourada superfície de seu peito. Inclusive andava como se estivesse ao ar livre, com gesto despreocupado, passos longos e ágeis, os braços ligeiramente dobrados e balançando-se harmonicamente.

Depois de parar na frente dela, segurou-a pela mão e a levou a mesa, tirando a cadeira que se encontrava a sua esquerda. Percebeu de que tinham colocado a mesa para duas pessoas e o olhou com expressão de terror nos olhos. Na casa de seus pais nunca lhe tinham permitido jantar na sala de jantar.

— Acredito que toda mulher deve jantar com seu marido. Não acredita?

Annie sentiu como se o chão tivesse desaparecido debaixo de seus pés. Ficou olhando-o fixamente com horrorizado assombro, convencida de que certamente tinha lido mal suas palavras. A expressão de aborrecimento de seu rosto lhe dizia outra coisa. Era evidente que tinha falado sem pensar e que tivesse preferido não haver dado essa informação a Annie.

Agarrando-a pelos ombros com delicadeza, a fez sentar-se e logo se inclinou para lhe dar um terno beijo no cabelo. Posto que se encontrasse sentada de lado, o braço esquerdo de Annie estava junto à mesa e em meio a sua confusão, deu uma cotovelada em sua taça de chá, sem querer. Alex estendeu rapidamente a mão para impedir que a porcelana se rompesse. Havia arqueado as sobrancelhas de modo de irônico em sinal de interrogação. Era evidente que tinha decidido que a melhor forma de dirigir aquela situação era fazendo uma brincadeira a respeito.

— Suponho que não é a melhor notícia que lhe deram em todo o dia. — Ao ver seu olhar horrorizado, insistiu nas brincadeiras — Ou possivelmente em toda a semana? — A expressão do rosto de Annie seguia sendo de horrorizada incredulidade — Sei que sou um marido cheio de defeitos, mas não sou tão mau, verdade?

Incapaz de afastar o olhar, Annie voltou a pôr o cotovelo perto da borda do prato com todo cuidado. *Sua esposa?* Tinha que ser

mentira. Simplesmente tinha que estar mentindo. Era certo que ela não sabia muito sobre maridos, esposas e matrimônios, mas tampouco era tão ignorante a respeito. Não era tão ignorante como para não ter percebido que tinha participado de um, que, além disso, era o seu.

Não fazia muito tempo que sua irmã mais velha se casou. A cerimônia, a qual Annie foi proibida assistir, ocorreu na igreja; mas antes teve lugar toda classe de preparativos, entre os quais se encontrava a confecção de um formoso vestido branco para a noiva. Annie recordava que a casa de seus pais se encheu de flores e que, depois do casamento, uma multidão de pessoas tinha assistido a festa. Os convidados beberam ponche, comeram bolo e olharam para Elise enquanto abria os presentes. Muitos presentes. Muitos mais dos que Annie jamais tinha visto. Nem sequer tinha visto tantos sob uma árvore de Natal.

Alex voltou a sentar-se à cabeceira da mesa. Tinha uma postura muito relaxada e sua atitude era uma mescla de resignação e brincadeira de si mesmo. Descansando um cotovelo sobre o braço da cadeira, deu-lhe um puxão a sua orelha e ficou observando-a em meditativo silêncio. Depois de um longo momento, rompeu o silêncio.

— Acredite em mim, não pensava dizer-lhe de uma maneira tão brusca, Annie. Foi uma falta de consideração da minha parte e sinto muito ter te aborrecido.

Aborrecido? Annie não pôde conter-se para não derramar lágrimas de aborrecimento. Tinha se casado, por que sua mãe não lhe fez um vestido? E por que não tinha recebido muitos presentes? Gostava dos presentes e gostava ainda mais dos vestidos bonitos. Não houve festa, nem bolo, nem cerimônia na igreja. Como era possível que estivesse casada?

Alex também começava a parecer aborrecido. Annie pensou que isto possivelmente se devia porque sabia que ela estava a ponto de chorar. Tentando conter a vontade de fazê-lo, a garota desceu os olhos para as mãos, que agora descansavam sobre seu colo. Em seguida percebeu as manchas de erva em suas meias e a pressão que sentia atrás dos olhos se fez ainda mais intensa. A diferença de suas irmãs, nunca lhe compravam nada. Em lugar de um vestido branco, sapatilhas de seda e um véu de renda, tudo o que lhe tinham dado eram asquerosos vestidos velhos, sapatos gastos e meias manchadas.

E nenhum presente! Nenhum! Isto fez com que lhe alagassem os olhos sem remédio. Annie o fulminou com o olhar através do brilho

trêmulo de suas lágrimas. Um músculo de sua mandíbula começou a mover-se nervosamente.

— Não chore, carinho. Só porque eu... Bom, estivemos casados todo este tempo, sabe? O fato de que saiba agora não significa que as coisas vão mudar. — inclinou-se para poder olhá-la nos olhos. Tentava ser o mais carinhoso e doce possível — Sei muito bem que teve uma experiência extremamente desagradável com Douglas.

Douglas? Annie não conhecia nenhum Douglas. Ficou olhando-o, perplexa, desejando que não se separasse do tema, quer dizer, do vestido bonito e dos presentes que lhe tinham negado. E queria saber exatamente quando teve lugar o casamento. Ou também o tinha perdido, como o de sua irmã?

Alex acariciou a bochecha de Annie com o dorso da mão. Ela sentia um formigamento na pele cada vez que a tocava. Pensou que em qualquer outra ocasião possivelmente tivesse sido uma sensação incrivelmente agradável, mas estava tão zangada que tremia.

— Annie, em relação ao que aconteceu nas cataratas aquele dia... — decidiu a falar do assunto, acariciando-a debaixo do olho com o dedo polegar para secar uma lágrima esquiva — Não acredito que seja possível que uma mulher possa esquecer por completo algo semelhante. Mas quero que fique claro, aqui e agora, que eu não sou como meu irmão. O que Douglas fez foi... Bom, foi uma canalhice... E, enquanto eu estiver vivo, ninguém voltará a te fazer mal dessa maneira. Entende-me, Annie? Nunca.

Ao ler estas palavras, o coração de Annie começou a saltar dentro de seu peito, como um pássaro assustado. As cataratas, aquele repugnante homem. Douglas... O irmão de Alex.

— Quando chegar o momento em que você e eu... — O homem percorreu seu lábio inferior com a ponta do dedo. Seus olhos cor âmbar se empanaram com o que parecia ser um grande acesso de ternura — Bom, suponho que não precisa dizer que, uma vez que você e eu estivermos a gosto um com o outro, espero que nossa relação mude e que possamos desfrutar de uma intimidade especial, tal e como fazem outros casais.

Annie, que entendeu mais ou menos algo do que queria dizer, ficou tensa e quis afastar-se. Ele a agarrou pelo queixo com firmeza, sorrindo docemente.

— Não será em seguida, certamente. Não fuja aterrorizada. E só o faremos se você também o quiser. A diferença de meu irmão, eu nunca serei brusco contigo nem te causarei dor. Prometo. Não tem absolutamente nada que temer de...

Annie se soltou de um puxão de suas mãos e se levantou rapidamente da cadeira. De repente, pareceu lhe faltar o ar naquela habitação e seus pulmões tentavam desesperadamente conseguir o precioso fluido. Levando uma mão ao pescoço, a moça deu um passo para trás. Seu olhar horrorizado se cravou no rosto moreno de Alex. Ao vê-la afastar-se, ele ficou de pé lentamente.

— Annie...

Ela negou violentamente com a cabeça. Logo, girou sobre seus calcanhares e saiu correndo da habitação.

Alex a seguiu. Assombrou lhe um pouco sua agilidade, especialmente ao chegar às escadas. Igual a uma gazela, ela começou a subir dando graciosos saltos. Pisando-lhe os calcanhares, Alex estava a ponto de agarrá-la pelo braço quando a mulher pareceu intuir o perto que se encontrava ele e se voltou para lhe encarar. Pálida de medo girou sobre seus calcanhares, lhe dando um golpe na maçã do rosto com seu pequeno cotovelo. Alex sabia que era um acidente, mas lhe horrorizou tanto lhe haver acertado, que esteve a ponto de perder o equilíbrio. Ele estendeu a mão para tentar sujeitá-la e impedir que caísse. Quando viu que ele fazia este movimento, Annie se afastou a toda velocidade e literalmente voou escada acima.

Temendo que caísse, Alex decidiu prudentemente deixar que lhe adiantasse ligeiramente até que chegasse ao patamar, onde já não correria perigo algum. Ao reatar a perseguição, descobriu que tinha subestimado sua agilidade. Annie chegou ao quarto das crianças muito antes que ele e entrou correndo fechou com uma batida. Ao chegar à porta, Alex ouviu que algo se chocava com um ruído surdo contra a madeira. Para sua surpresa, a porta apenas se abriu uns três centímetros quando ele tentou entrar, e então percebeu que a espertinha colocou uma cadeira de respaldo reto sob o pomo, a maneira de calço.

— Annie!

Alex tomou ar para tentar tranquilizar-se e passou uma mão pela cabeça. Esta era a pior das estupidezes que tinha feito em sua vida. Como lhe tinha ocorrido dar a notícia daquela maneira? Ainda não podia acreditar que o tivesse feito. Cedo ou tarde, melhor cedo, para que não se inteirasse por outra pessoa, tinha que lhe contar todo o relacionado com o casamento. Mas não daquela maneira.

— Annie, carinho, abre a porta, por favor. Deixe-me te explicar o que te disse abaixo. É evidente que interpretou mal minhas palavras. Se me der a oportunidade, esclarecerei as coisas.

Depois de pronunciar este bonito e breve discurso, Alex recordou que estava falando com uma mulher surda. *Pelo amor de Deus*. Tocou-se o sobrecenho, aflito e voltou a respirar fundo. O que estaria fazendo ela ali dentro? Reconfortava-lhe pensar que, por muito assustada que estivesse não podia saltar pela janela. Que confusão! Deu um empurrão à porta. A condenada cadeira resistiu a investida.

A pobre garota morreria de medo se tentasse entrar com empurrões. Sem lugar a dúvidas, a cadeira saltaria pelos ares, a porta sofreria danos de novo e além de tudo isto, uma entrada semelhante não conseguiria precisamente alisar o caminho para conseguir tranquilizá-la. Alex se voltou e apoiou as costas contra a parede, tentando encontrar a maneira de convencê-la de que lhe deixasse entrar. Posto que ela não pudesse ouvir, os discursos eloquentes não serviriam de nada.

Ah!... Mas ela sim que podia ouvir, disse a si mesmo. Tudo o que precisava era algo que fizesse ruído. Algo que lhe parecesse tão maravilhoso que não pudesse resistir a tentação de ter. Desgraçadamente não tinha um órgão de igreja perto. A música, ele supôs, faria com que Annie fosse até o fim do mundo.

A música... Alex se afastou da parede. A música! É obvio. Correu pelo corredor para dirigir-se a seu dormitório.



Encolhida no chão do quarto das crianças, com os ombros entre a cama e a parede, Annie olhava atentamente, por cima do colchão da cama, as densas sombras da habitação. Posto que não tivesse acendido nenhum candeeiro, tudo parecia estar banhado por uma espécie de luz azul, horripilante e fantasmagórica. Com os nervos ainda crispados devido ao confronto com Alex, não era muito difícil que acreditasse ver criaturas monstruosas rondando na escuridão, observando-a e esperando para lançar-se sobre ela.

Afastou estes pensamentos de sua cabeça, disposta a não se deixar levar por sua fértil imaginação. Naquele instante, o único que poderia lançar-se sobre ela seria Alex Montgomery, e deveria vigiar a porta em lugar das sombras. Se ele decidisse entrar, a frágil cadeira que tinha posto sob o pomo não poderia detê-lo.

“*Sua esposa*”. Annie se encolhia cada vez que esta palavra lhe vinha a mente. E, quando se permitiu refletir sobre suas implicações, começou a suar. Um suor frio e trêmulo que cobriu sua pele e desceu pelas costelas em forma de gotas gélidas. Douglas, o homem que a

agrediu, era seu irmão. Ai, Deus! Já o tinha imaginado. Desde o começo o tinha imaginado. Mas depois de um tempo deixou de sentir aquele medo constante.

Até agora... Queria estar com ela? Tinha-lhe confessado que sim. Queria estar com ela como Douglas aquele dia nas cataratas; mas, certamente, prometeu-lhe que não lhe faria mal. Acaso acreditava que ela era tão parva para acreditar?

Encheram-lhe os olhos de lágrimas. É obvio que acreditava. Depois de tudo, ela era Annie, a idiota e os idiotas acreditavam tudo o que lhes diziam. Verdade? Pois não. Embora fosse uma parva exímia, as coisas não seriam distintas. Acaso a dor que sofreu foi a única parte horrível de tudo aquilo? Não queria que ninguém voltasse a tocá-la daquela maneira nunca mais em sua vida. Ninguém. Nunca mais.

As lembranças invadiram a mente de Annie com cruel claridade. Desde aquele dia, ela tinha feito enormes esforços para não pensar no acontecido. Mas às vezes, como naquele momento, não conseguia afastar as espantosas imagens de sua cabeça. Alex queria fazer essas coisas com ela. E ela era sua esposa.

Ao recordar de repente aquela outra manhã, ao fim tudo lhe resultou óbvio. O pastor com a cabeça inclinada e lendo o devocionário. Sua mãe lhe fazendo assentir com a cabeça. Seu pai lhe ajudando a riscar linhas no papel. Casou-se naquela manhã. Com Alex Montgomery. Por isso a tinham levado ali, porque ele a tinha convertido em sua esposa, não porque estivesse gorda e seus pais já não a quisessem.

Furiosa consigo mesma, com seus pais e com Alex, Annie esfregou os olhos com os punhos e conteve a respiração para não soluçar. Se fizesse algum ruído, seu marido poderia entrar ali. Ai, Deus, seu marido... Annie tinha observado sua mãe ao longo dos anos, e sabia perfeitamente que os maridos eram sempre os que mandavam e que as mulheres corriam de um lado para outro, tentando desesperadamente fazê-los felizes.

Pois bem, se iria ter que correr de um lado para outro durante o resto de sua vida, o menos o que merecia era um bonito vestido branco e que alguém lhe presenteasse. Nem sequer lhe importava o quê, contanto que estivesse envolto em um papel fino para que não soubesse o que havia dentro até que o abrisse. Sempre gostou das surpresas, desde que era uma menina.

Mas não a classe de surpresas que chegou aquela noite.

Um som muito agudo rasgou de repente o silêncio para terminar de destruir seus crispados nervos. Annie não sabia o que era. Inclinou

a cabeça e olhou com os olhos muito abertos as sombras cada vez mais profundas, tentando adivinhar de onde provinha. O som voltou a propagar-se através do silêncio, para chegar a ela, estranho e cadencioso, sem interromper-se em nenhum momento.

A curiosidade fez com que Annie sáísse daquele esconderijo situado entre a cama e a parede. Uma estreita faixa de luz procedente do corredor vertia na habitação através da porta entreaberta. A jovem cravou os olhos na abertura e avançou lentamente. Parou uns poucos passos da cadeira, ficou nas pontas dos pés e estirou o pescoço. Viu Alex através da estreita abertura. Encontrava-se sentado no chão, justo em frente a sua habitação, com as costas apoiada na parede do corredor. Tinha nas mãos em um objeto comprido e prateado que formava um ângulo com seus lábios.

Música.

Annie ficou paralisada. O som fez com que os pelos de seus braços se arrepiassem. Era incrivelmente formoso. Quase sem perceber que estava se movendo, aproximou-se da porta para ouvir melhor e o cadencioso som a chamava. Não pôde resistir a tentação de aproximar-se mais. E um pouco mais ainda. Antes que fosse plenamente consciente disso, já tinha apertado a cabeça contra a abertura, com os olhos cravados em Alex. Pesadelo ou feitiço? Para Annie, ele era as duas coisas: aterrorizador e sedutor.

Annie pôde ver seu peito expandir-se, e logo contrair-se ao soprar no orifício. As pontas de seus dedos pulsavam com graça nos botões redondos que emitiam diversas notas. Às vezes não podia ouvi-las. Mas quase sempre o fazia e eram maravilhosas.

O marido deixou de tocar de improviso e a olhou diretamente nos olhos. Annie se afastou da porta de um salto. O coração lhe pulsava com força. Mas mesmo aquela distância, ela podia ver seu rosto. Estava lhe oferecendo o objeto prateado com um olhar premente.

— Você gostaria de tocá-lo, Annie?

Tocá-lo? Levou uma mão ao pescoço, invadida por um desejo tão vivo que quase fazia mal. A música. Poder tê-la entre suas mãos...

Alex se levantou de um salto, o qual fez com que ela retrocedesse cambaleando. Com uma atitude despreocupada e aprazível, ele se aproximou da porta e sustentou o objeto prateado perto da abertura.

— É fácil de tocar uma vez que se acalme. — Inclinou a cabeça para olhá-la através da fenda. Seus lábios esboçaram um sorriso tranquilizador — É uma flauta. Aprendi a tocá-la quando era pequeno. Tinha esquecido que ainda a tinha.

Annie não podia afastar o olhar. A flauta não cabia através da abertura da porta, e ele sabia. Para que pudesse dar-lhe ela teria que afastar a cadeira um pouco e se fizesse isto, ele poderia abrir passo aos empurrões para entrar na habitação.

— Venha, Annie. Sei que morre de vontade de tentar.

Inclinou-se um pouco mais para a porta e lhe deu um golpe na borda com a ponta de um dedo. Logo sorriu, suave e maliciosamente, mostrando os reluzentes dentes brancos que contrastavam com sua tez morena.

— Abre-te sésamo — disse ele, sacudindo levemente os ombros, o qual indicou a Annie que estava rindo. — As célebres palavras de Ali Baba. Contaram-lhe essa história? — Levantou a flauta de novo, para tentá-la — Quando foi a última vez que alguém te contou um conto, carinho? E alguma vez tocou um instrumento? Com muito gosto te contarei a história e compartilharei a flauta contigo. Mas primeiro tem que abrir a porta.

Annie deu outro passo para trás e voltou a negar com a cabeça. Claramente frustrado por sua obstinação, Alex passou a mão pelo cabelo, mudou o peso de seu corpo de uma perna a outra e por último, inchou suas bochechas de ar. Levantou a mão de novo para dar outro golpe na borda da porta com a ponta de um dedo e falou.

— Me ocorre uma ideia. Se abrir a porta só um pouco mais, poderei te dar a flauta. Prometo que não te agarrarei o braço nem te obrigarei a abrir a porta. O que te parece?

Ela lançou um olhar a flauta. Parecia-lhe um objeto mágico: apanhava a luz do corredor e brilhava tão intensamente como um espelho.

— Confia em mim — lhe pediu ele — Sou um homem de palavra. Você não gostaria de provar a flauta? É de verdade um instrumento muito divertido.

Levando-lhe a boca, aspirou e voltou para soprar no orifício. Um som agudo chegou a seus ouvidos flutuando através das sombras. E continuou chegando. Fluindo ao redor dela, em cima dela e através dela. Annie fechou os olhos, quase sem poder acreditar que estava ouvindo a música. E não queria que parasse nunca. Sentia-se como uma taça vazia que estivessem enchendo de algum precioso líquido.

Levantando os olhos, dirigiu-se para ele, atraída tanto pela música como por seus olhos. Não estava segura de qual tinha a maior força de atração. Quando deu com os joelhos contra a cadeira, parou. Seu olhar era prisioneiro de Alex e sua cabeça lhe dava voltas. Finalmente o homem deixou de tocar e uma vez mais lhe ofereceu a flauta.

Desta vez tentou passar-lhe através da abertura, mas se enganchou no marco da porta.

— Se quer tocá-la, terá que abrir a porta um pouco mais — disse ele, inclinando a cabeça para olhar a cadeira — Afaste-a uns centímetros. Prometo que não tentarei entrar.

A garota vacilou, ele sorriu ligeiramente.

— Pense um pouco, Annie. Realmente acredita que essa cadeira poderia me deter se eu quisesse entrar? Faria com que demorasse um pouco mais, mas isso seria tudo. Não derrubei a porta por uma só razão e é que não quero te assustar. Não acredito que tenha muito sentido em fazê-lo agora.

Annie sabia que o obstáculo não lhe impediria de entrar se estivesse resolvido a fazê-lo. Agarrou a cadeira com suas mãos trêmulas e a levantou ligeiramente para aproximá-la dela, logo voltou a pôr o respaldo sob o pomo. Alex colocou a flauta pela abertura. Quando Annie agarrou o instrumento, ele apoiou um cotovelo contra o marco da porta e a viu soprar em vão no orifício.

— Não está pondo a boca corretamente no bico.

Ela tentou de outra maneira e soprou com todas suas forças, mas não saiu som algum. Ele negou com a cabeça e quis alargar a mão para ajudá-la. Mas a porta o impediu.

— Pode abri-la um pouco mais para que te ensine como fazê-lo?

Annie, que mais ou menos lhe entendeu, teve a terrível sensação de que estava tentando enganá-la. Seus pensamentos se refletiram em seu rosto, pois ele pôs os olhos em branco e em seguida tentou dissipar suas dúvidas.

— Não farei nada. Só te ensinarei como tocar a flauta.

Annie escrutinou seu olhar durante um interminável momento. Logo, articulando para que lhe lesse os lábios, disse-lhe:

— *Promete?*

Ele apertou seu rosto contra a abertura.

— Mais devagar. Não posso...

— *Promete?* — Enquanto repetia estas palavras, Annie levou a mão ao coração.

— Se prometo? — ergueu-se e levantou as mãos — Prometo, carinho. — Estalou os dedos — Irei ainda mais longe: juro. Sobre a Bíblia, se tiver uma à mão.

Parecia tão sincero que Annie esteve a ponto de sorrir. Logo, convencida de que era um engano, mas seguindo a seu coração, afastou a cadeira e abriu a porta. Alex pareceu surpreso ao ver que a

tinha escancarado e durante um momento ficou paralisado, sem saber o que fazer. Um instante depois entrou.

Annie lhe passou a flauta de maneira brusca. O agarrou e esboçou um daqueles sorrisos maravilhosamente torcidos que o caracterizavam.

— Venha aqui.

Depois de dizer estas palavras, Alex acendeu um candeeiro e se sentou na cama. Dando golpes no colchão, junto a ele, esperou que Annie se aproximasse. Ela olhou intranquila para porta aberta. Não estava plenamente segura de que quisesse aventurar-se a chegar até esse ponto da habitação enquanto se encontrava a sós com ele. Quando se voltou para olhá-lo uma vez mais, seu sorriso tornou-se malicioso.

— Jovenzinha, custa muito confiar nas pessoas.

Annie encolheu os ombros de uma maneira quase imperceptível. Piscou-lhe um olho e estendeu a mão para lhe dar a flauta.

— Não posso te ensinar a tocá-la se ficar aí, no outro extremo do quarto.

Isto era certo e ela sabia. E morria de vontade aprender. Aproximou-se da cama lentamente. Sentar-se junto a ele a deixava nervosa. Debaixo daquela luz trêmula, o homem parecia extraordinariamente corpulento.

— Em primeiro lugar, tem que pôr a boca corretamente na flauta. — Depois de dizer estas palavras, rodeou seus ombros com um braço para ajudá-la a agarrar o instrumento.

Ao senti-lo tão perto, Annie se sobressaltou. Quando lhe lançou um olhar inquisidor, descobriu que o rosto dele se encontrava a muito poucos centímetros do seu. Deu-lhe um salto o coração e parou depois dar uma alarmante sacudida. Pouco depois, começou a funcionar de novo, mas preguiçosamente. Cada um dos batimentos do coração golpeava com violência suas costelas.

— Dei minha palavra, recorda? — inclinou-se para frente para que ela pudesse vê-lo falar enquanto lhe ensinava como tocar a flauta — Tem que pôr a boca corretamente. — Para que visse o que deveria fazer, Alex colocou os lábios sobre seus dentes — Logo, leve a boca ao orifício. Muito bem. Agora sopra.

Annie expulsou ar com todas as forças que conseguiu reunir. Não saiu nenhum som, mas era evidente que outra coisa sim o fez. Alex lançou a cabeça para trás, riu e limpou debaixo de um olho.

— Não tão forte, ferinha. Vai arrebentar um vaso sanguíneo.

Annie inclinou a cabeça para tentar de novo. Desta vez, Alex se afastou. Seus olhos se iluminaram com uma risada muda. Pela garganta dela subiu uma risada nervosa. Esquecendo-se de afogar o som, engoliu saliva no último segundo para tentar contê-lo e esteve a ponto de afogar-se.

O sorriso de Alex se desvaneceu de repente.

— Pode rir, Annie. Não está proibido fazê-lo nesta casa. Ria tudo o que quiser.

Ficou paralisada, olhando-o fixamente por cima das chaves da flauta. Tiraram-lhe a vontade de rir. Ele lançou seu olhar para o teto.

— Temos vigas sólidas e resistentes. Prometo que o teto não cairá. Ninguém vai se zangar. Eu não te castigarei. Este é agora seu lar. Se alguém se queixar de algum ruído que fizer pode ir todos ao inferno; e, além disso, convidado por mim.

Ao ver que ela continuava olhando-o fixamente com incredulidade, Alex negou com a cabeça.

— Certo, não ria. Roma não se construiu em um dia. Seguiremos trabalhando nisso. —Deu-lhe uma piscadela — Esta noite nos conformaremos tirando Maddy do sério com umas quantas notas discordantes.

No lapso de uma hora, isso foi exatamente o que Annie estava fazendo. Maddy apareceu na entrada, tampando as orelhas com as mãos.

— Ai, senhor, tenha piedade de mim!

Alex riu e lhe fez gestos para que partisse.

— Tampe os ouvidos com algodão. Estamos nos divertindo.

Annie soprava a flauta com todas suas forças. O som mais formoso do mundo ressoava em sua cabeça. A garota tomou ar uma vez mais e voltou a fazê-lo. Sentiu que a cama tremia e soube que Alex estava rindo. Ela retirou a boca do instrumento e lhe sorriu.

Afastando uma mecha de cabelo da têmpora de Annie, lhe devolveu o sorriso. E logo a surpreendeu.

— A flauta é sua, Annie. Pode tocá-la manhã todo o dia se assim o quiser. Mas basta já por esta noite. — Olhou Maddy, e logo se voltou de novo para Annie para que pudesse ler-lhe os lábios enquanto lhe falava — Deixe de tocar antes que uma governanta que conheço nos arranque a cabeça.

Annie pôs a flauta sobre seu colo e acariciou com veneração. Depois de tudo, Alex sim lhe tinha dado um presente de casamento, pensou. E, além disso, era algo que a ninguém mais lhe tinha ocorrido sequer lhe dar de presente.

Música... Formosa música envolta em magia.

CAPÍTULO 15

Na manhã seguinte, quando desceu as escadas para dirigir-se ao andar de baixo, Alex se encontrou com Yvonne, uma das criadas, que estava frente ao quarto das crianças com um monte de roupa recém-engomada nos braços. Ao vê-la, inclinou a cabeça e sorriu.

— Presumo que a senhora está descansando de novo esta manhã.

Yvonne negou com a cabeça.

— Não, senhor, já se levantou, mas ainda não está preparada para que lhe arrumem a cama.

Posto que a porta estava entreaberta, Alex não acreditou que Annie estivesse se vestindo. Curioso, colocou a cabeça pela porta e viu Maddy no centro da habitação, com as pernas ligeiramente separadas e as mãos na cintura. Ao ver Alex na entrada, saudou-o com a cabeça.

— Está procurando algo entre os lençóis de novo. — encolheu os ombros para mostrar seu desconcerto — Faz o mesmo todas as manhãs sem falta. Está se convertendo em um ritual.

Alex entrou no quarto.

— Perguntou o que está procurando?

— Se lhe perguntei? — Maddy negou com a cabeça — Não, não o fiz. Nunca me ocorreu pensar que poderia responder.

Contente em ter uma desculpa, qualquer que fosse, para ficar, Alex dirigiu seu olhar para Annie, que estava registrando, com todo cuidado a enrugada roupa de cama. Como já tinha notado antes, sua camisola, embora de corte recatado, era de tecido muito fino e estava tão gasto que era quase transparente. Tomou nota com o pensamento de que era preciso acrescentar roupa de dormir à lista de coisas que queria lhe mandar fazer. Não é que tivesse nada contra as camisolas de tecido muito fino. Justamente o contrário. Mas...

Estava sorrindo com satisfação masculina quando se aproximou de Annie. Ela se sobressaltou ao vê-lo e deixou de dar tapinhas nas mantas.

Alex assinalou a cama.

— O que está procurando, Annie? Maddy e eu podemos te ajudar.

Ela franziu o cenho, claramente inquieta, não só pela pergunta, mas também pelo fato de que ele estivesse esperando uma resposta. Alex deixou escapar um suspiro. A paciência nunca foi uma de suas virtudes, mas desde que se casou com Annie estava começando a

entender que este era um atributo que tinha que adquirir. Tinham-na obrigado durante quatorze anos a obedecer as regras muito estritas e lhe tinham proibido emitir som algum ou tentar comunicar-se. Sinceramente, Alex não podia esperar que ela mudasse da noite para o dia.

— Annie, responde a pergunta o melhor que puder. Ninguém vai te castigar, prometo.

Ela não pareceu muito convencida de que isso fosse certo. Alex não gostava de pressioná-la, mas sabia que ou era isto ou permitir que seguisse igual.

— O que está procurando? — Agora começou a adotar uma expressão severa que esperava que a animasse a responder, sem matá-la de susto.

Ela puxou nervosamente o corpete de sua camisola, gesto que fez com que ele deixasse de lhe olhar seu rosto e centrasse toda a atenção em seu peito. Ante a visão que apareceu frente a seus olhos, apertou os dentes e em seguida voltou a dirigir o olhar para seu rosto. De modo surpreendente, ela não pareceu perceber que seu centro de atenção se desviou por um instante.

Depois do que Douglas lhe fez, lhe parecia que sua ingenuidade era algo mais que incrível. Mas a verdade era que estava vendo as coisas do seu ponto de vista, não de Annie. Era evidente que a violenta agressão de Douglas contra ela tinha sido só isso: violência. Não houve flerte preliminar, nem atração, nem erotismo algum, só pânico e dor. Isto lhe tinha ensinado a não confiar nos homens, mas não lhe tinha sido dado nada para compreender o prazer carnal ou o que lhe precedia.

Olhando-a fixamente, Alex se sentiu como o lobo do conto, que espreitava um cordeiro indefeso.

Seus pensamentos foram chamados à ordem por um movimento dos lábios de Annie, que, por causa de suas reflexões, que esteve a ponto de não perceber.

— Repita o que disse, Annie. Devagar, para que eu possa te entender. Temo que não sou tão bom como você para ler os lábios.

Ela olhou nervosamente para Maddy. Logo, respondeu articulando de novo para que lhe lesse os lábios. Quando Alex viu que não podia entender o que tentava lhe dizer, lhe caiu a alma aos pés. Aquilo não iria ser tão fácil como tinha esperado. A leitura dos lábios, que ela parecia dominar com toda naturalidade, era para ele uma façanha quase impossível quando de mais de duas ou três palavras se tratava. Ela voltou a dizer as palavras, esta vez fazendo movimentos

exagerados com os lábios e a língua. Mesmo assim, ele não conseguiu entender nada.

— Alguma vez viu alguém brincar de mímica? — perguntou ele.

Ela refletiu durante um instante, logo assentiu movendo a cabeça com inconfundível relutância. Alex supôs que ela tinha conhecido os jogos de salão ao espiar a seus pais quando tinha convidados em casa. Parecia que esta era uma das tantas atividades que eles lhe proibiam realizar e que poderiam fazê-la merecedora de um castigo.

— Muito bem. Então representa as palavras que está tentando dizer. Dê-me algumas pistas.

Franzindo o cenho, ela ficou olhando pensativamente ao vazio durante um momento. Logo lhe iluminou o rosto e levantou uma de suas pequenas mãos, formando um círculo com seus dedos polegares e índice.

— Um bracelete! — Disse Alex — Está procurando um bracelete?

Ela negou com a cabeça. Voltou a fazer um círculo, mas esta vez delineando sua forma com a ponta de um dedo, lhe fazendo perceber de que era mais ovalado que redondo. Alex se acariciou o queixo.

— Um medalhão?

Annie fez uma careta com os lábios e pôs os olhos em branco, claramente frustrada por sua estupidez. Contenta de que ela se atrevesse a manifestar seu desagrado com ele, embora fosse de uma maneira tão sutil, riu entre dentes.

— Sei que sou pouco esperto. Tenha paciência comigo, certo? Depois de tudo, acabamos de começar e ao menos nós estamos se divertindo. Sei que podemos fazê-lo. Só precisamos um pouco de prática.

— Um relicário! — sugeriu Maddy.

Annie voltou a negar com a cabeça. Logo, com o aspecto absolutamente adorável que lhe dava seu cabelo negro desordenado e a expressão contrariada de seu rosto, levou as mãos aos quadris. Depois de morder a parte de dentro de seu lábio inferior durante um instante, pareceu lhe chegar a inspiração de repente. Afastou-se um passo de Alex para contar com espaço suficiente, fingiu ter algo na mão. Quando ele assentiu com a cabeça para lhe fazer saber que entendia, ela simulou golpear o objeto contra uma superfície imaginária e logo parti-lo pela metade.

Havia algo naqueles gestos que lhe resultava muito familiar e Alex sabia que devia poder reconhecê-los. Ao ver seu olhar perplexo, Annie deixou escapar um suspiro. Logo, colocou as mãos sob os braços e começou a agitar os cotovelos.

Alex não tinha nem a menor ideia de que demônio estava fazendo, mas querendo animá-la, gritou:

— Muito bem, Annie. Assim que se faz!

O sorriso da jovem se fez mais profundo, mostrando umas covinhas em suas bochechas que até aquele momento ele nunca tinha visto. Logo, estirando o pescoço e inclinando os joelhos ligeiramente, começou a dar voltas pela habitação, sem deixar de agitar os cotovelos.

Tão emocionado que virtualmente ficou a gritar, Alex começou a solucionar o enigma.

— Uma galinha!

Ela assentiu energicamente com a cabeça.

— Uma galinha, Maddy! Está procurando uma galinha!

Claramente desconcertada, a gorducha governanta assentiu com a cabeça.

— Certamente! Uma galinha. Não sei como não me ocorreu.

Annie negou veementemente com a cabeça.

— Não, não é uma galinha — corrigiu Alex.

Ela levantou a mão e fez outro círculo com os dedos polegares e índice.

— Um ovo! — disse Maddy quase gritando — Quebrar um ovo! Sim!

— Aplaudiu com frenesi — Isso é o que ela estava fazendo, senhor, quebrando um condenado ovo!

Emocionada, Annie assentiu com a cabeça. Logo cruzou os braços sobre sua cintura, pondo uma de suas pequenas mãos sobre seu ventre inchado de maneira protetora.

— Um ovo? — Alex lançou um olhar desconcertado para Maddy — Um ovo, Annie? Em sua cama?

Ela assentiu com a cabeça uma vez mais.

— Entendo — disse Alex, mas o certo era que não entendia nada absolutamente.

A confusão refletiu-se em seu rosto, pois Annie assinalou seu ventre, desenhou outro círculo com forma de ovo com os dedos e finalmente, fez um movimento amplo da cintura até o chão.

— Santa Mãe de Deus! Rogai por nós.

Alex se voltou para Maddy com expressão de extrema perplexidade no rosto.

— Não entendo nada.

Maddy parecia estar ligeiramente horrorizada.

— Um ovo, não o vê? O bebê! A garota pensa... Ai, Meu deus! Ela acredita que vai pôr um ovo!

— O quê?

Ao ver a expressão de horror no rosto de Alex, os olhos de Annie ficaram ainda maiores do que eram e deu um passo para trás. Esforçando-se para recuperar a compostura, o qual não resultou ser uma tarefa fácil, Alex lançou o olhar para a cama. Recordou que a viu procurar entre as mantas com supremo cuidado e fechou os olhos com força.

— Ai! Que coisa! — Maddy falava agora em voz baixa — Pobre menina!

Alex abriu os olhos e tomou ar para reunir forças.

— Bom, Maddy. Não serve de muito fazer uma montanha de um grão de areia. Annie não é a primeira garota em chegar a idade adulta sem entender muito bem algumas funções biológicas. Simplesmente, é questão de lhe explicar as coisas. Ela lê muito bem os lábios.

— Muito simples, sim.

Alex sorriu e se dispôs a sair do quarto, lhe dando uns tapinhas no braço ao passar junto a ela.

— Quando tiverem terminado de falar, garotas, por que não descem para tomar o café da manhã comigo?

Maddy o agarrou pela manga da camisa e lhe obrigou a parar.

— Ah, não. Não pode partir. Este é seu grão de areia, não o meu e é ao senhor que corresponde ocupar-se dele.

Alex voltou a lhe dar uns tapinhas no braço.

— Venha, Maddy. Não seja tão pacata. Sabe que, se eu pudesse, explicaria tudo. Mas é muito difícil para um homem tratar um tema desta natureza.

Maddy lhe lançou um olhar que teria podido pulverizar uma rocha.

— O senhor é o marido da garota e, por conseguinte, é seu dever, não o meu. Não sei se o recorda, mas eu nunca me casei. Meus conhecimentos a respeito deste tipo de coisas poderiam caber em um dedal.

— Mas certamente conhece as noções elementares.

— As noções elementares? Se você sair deste quarto, resolverei este assunto procurando um ovo em sua roupa de cama, já o verá.

— Não te atreveria a fazer algo semelhante!

— Certamente que sim.

Alex a olhou com a fronte enrugada.

— Maddy, alguém tem que explicar os pormenores da reprodução humana a garota e esse alguém de maneira nenhuma pode ser eu. Não podemos permitir que siga acreditando que está a ponto de pôr

um ovo, pelo amor de Deus! Isso... Bom, é... — interrompeu-se porque não sabia o que dizer. Finalmente, encontrou a palavra — Irresponsável, isso é o que é.

— Então, assuma suas responsabilidades.

— Essas classes de coisas não são minha responsabilidade. Ela e eu temos uma relação que ainda é quase inexistente.

— Covarde.

— Não seja ridícula. Não me incomodaria tratar o tema com ela. Mas o que aqui importa é como se sentiria ela se eu o fizer.

Maddy cruzou os braços debaixo de seus peitos.

— Então peça a sua mãe que fale com ela. Tal e como eu vejo as coisas, o dever da senhora Trimble era em primeiro lugar educar a garota e dado que o fez tão mal, lhe corresponde arrumar esta confusão.

— Por cima de meu cadáver!

— E então o que faremos?

Alex lançou as mãos a cabeça.

— Certo, bom. Mas se ela não gostar, a culpa será toda sua e não minha. Seria melhor que uma bondosa mulher mais velha, alguém em quem ela confie, falasse de um tema desta índole.

Fingindo uma segurança em si mesmo que não sentia no mínimo, agarrou a mão de Annie, levou-a a mesa, com afabilidade e lhe fez sentar-se em uma cadeira e se sentou frente a ela. Descansando seus braços cruzados sobre a mesa, Alex se inclinou para frente, sem afastar os olhos de seu olhar desconcertado.

— Annie, carinho, há um par de coisas que deve entender. — Da porta, Maddy pigarreou de forma exagerada e estalou a língua. Alex decidiu ignorar seu sarcasmo. Explicaria-lhe as coisas da forma mais simples possível — Entre os bebês e os pintinhos... Bom, há umas quantas diferenças fundamentais no que se refere à maneira em que nascem.

Aqueles olhos... Ao olhar para Alex pareciam que estavam tremendo por dentro. Como poderia lhe explicar algo tão...? Nem sequer lhe ocorria uma palavra. Abjeto? Pessoal? Definitivamente este não era um tema que os homens estavam acostumados a mencionar diante das mulheres. Decidiu que o segredo estaria em lhe dar uma explicação adequada sem ser muito explícito. Usar termos simples, este era seu propósito.

— Entende que há um bebê dentro de você, verdade?

Ela assentiu com a cabeça.

Tudo ia bem no momento. Plenamente consciente de que Maddy o estava observando com uma expressão de suficiência no rosto, Alex começou a dar golpes com as pontas dos dedos na superfície da mesa.

— As mãos — disse em voz baixa — há um lugar especial dentro delas que é feito para abrigar os bebês. É ali, nesse lugar especial, onde eles ficam e crescem até que estão preparados para nascer. Entende?

Annie assentiu de novo com a cabeça. Alex queria evitar a todo custo olhá-la nos olhos. Via numerosas perguntas neles e muita inocência. Se dissesse algo indevido, uma só palavra equivocada, lhe causaria pânico e faria com que temesse sua gravidez.

— Bem. Alegro-me de que entenda. — Deu golpes um pouco mais fortes na madeira — Bom, quando seu bebê estiver preparado para nascer, esse lugar especial dentro de ti se abrirá para que ele possa sair. — Ao ver sua expressão de perplexidade, rapidamente acrescentou: — O nascimento de um bebê é algo maravilhoso! Todos se alegrarão muitíssimo, e nós... — interrompeu-se e lançou um olhar de impotência para Maddy — Nós possivelmente daremos uma grande festa para celebrá-lo. Não é verdade, Maddy?

— Uma festa. — Maddy moveu o queixo de cima abaixo — Organizaremos uma farra nunca antes vista, já verá. Será um dia esplêndido!

As bochechas de Annie avermelharam de alegria e um doce sorriso iluminou seu rosto. Persuadido de que havia dito o necessário para esclarecer suas ideias equivocadas, sem piorar a situação, Alex estava a ponto de deixar escapar um suspiro de alívio profundo quando a viu franzir o cenho ligeiramente, meter um dedo no umbigo e arquear as sobrancelhas de maneira inquisitiva.

*Tac tac tac. Tac tac tac*⁴, faziam seus dedos ao dar golpes na superfície da mesa. Não tirava os olhos de cima do umbigo de Annie. Temia enormemente que pudesse fazer-se mal se não deixasse de colocar o dedo no orifício. Caramba! Ao pensar em sua infância, Alex pôde recordar perfeitamente as ideias equivocadas que ele também tinha sobre o processo de nascimento. Acreditava que o bebê dentro do proeminente ventre de sua madrastra sairia pelo umbigo. Naquela época esta lhe pareceu uma explicação perfeitamente razoável e ainda recordava quanto se horrorizou quando um menino mais velho que lhe disse algo completamente distinto.

⁴ Sons de algo batendo

— Não sairá por aí, Annie. — Falou com uma voz rouca — O bebê não sai por ali.

Ela tirou o dedo de seu umbigo e lhe lançou um olhar de perplexidade, esperando claramente que lhe desse uma explicação mais detalhada. *Tac, tac, tac.* Tentando pensar em uma maneira apropriada de lhe explicar as coisas, ou, na realidade, em qualquer maneira de explicar-lhe sem aterrorizá-la, Alex tragou saliva para desfazer um nó em sua garganta que parecia ser tão grande como uma bola de borracha. Logo, esforçando-se para manter o rosto inexpressivo, levantou-se da mesa, passou de longe na frente de Maddy e se sentou na cama de Annie.

— E agora o que vai fazer? — perguntou Maddy.

A única resposta de Alex foi levantar uma das mantas de Annie e sacudi-la com cuidado.

Alex passou o resto da manhã encerrado em seu escritório. Depois de encarregar-se de dispor a limpeza do sótão, enviou dois recados. Um para o doutor Daniel Muir, lhe pedindo que fizesse uma visita a domicílio a Montgomery Hall imediatamente. Outro para a única costureira de Hooperville, Pâmela Grimes, lhe dizendo que queria que tomasse medidas a sua esposa para lhe fazer um novo vestuário.

Só depois de ocupar-se destes três detalhes, Alex pôde dedicar-se ao que realmente queria fazer, estudar atentamente o catálogo de Montgomery Word & Company para ver o que podia comprar para Annie. As trombetas para surdos ocupavam o primeiro lugar de sua lista. A companhia tinha três estilos: um dispositivo parecido a um trompete que vinha em três tamanhos graduáveis, um cone portátil em um prático tamanho de bolso e um tubo para conversa, um em cujos extremos tinha um bico para a pessoa que falava e o outro um componente que devia colocar no ouvido da pessoa surda. Sem ter certeza de qual deles funcionaria melhor, Alex pediu uma dúzia de cada estilo e tamanho, decidido a que Annie tivesse ao menos um aparelho de surdez eficaz em cada uma das habitações da casa. Além do mais, as pessoas levavam seus ouvidos a qualquer lugar que iam, raciocinou ele, e ela também deveria poder fazê-lo.

O preço que tinha que pagar por todos estes aparelhos era considerável e Alex sempre se orgulhou de ser um homem que poupava e austero. Não obstante, quando se tratava de Annie, o dinheiro era o que menos lhe preocupava. Ela tinha recebido muito poucas coisas em sua curta existência e ele tinha a possibilidade de compensá-la. A seu modo de ver, matou-se trabalhando toda sua vida. E para que? Para criar mal ao irmão? Agora, pela primeira vez,

Alex tinha a alguém realmente necessitado. E queria satisfazer cada uma de suas necessidades.

Cada vez que recordava o salão do sótão, um nó se fazia no estômago. A partir daquele dia, o mais importante para ele seria fazer realidade as fantasias da garota. Roupa bonita. Louça fina. Música...

Ao recordar quão encantada ficou com sua velha flauta, Alex passou a seção de música do catálogo. Pediu um órgão Windsor de seis oitavas, um acordeom de pau-rosa com folos recobertos de pele, uma gaita, um apito, um jogo de três sinos de três oitavas, uma corneta francesa e uns timbres.

Da seção de música passou a de brinquedos e pediu uma cítara e distintos jogos: Hopity, ping pong, sino Ding Dong e o jogo das pulgas; assim como também uma combinação de jogos de mesa, entre os quais se encontravam damas chinesas, dominó e naipes.

Depois de calcular o valor total que devia pagar por seu pedido, Alex se dirigiu ao bar. Enquanto se servia uma taça de conhaque, pensou que não lhe importava o mínimo gastar esse dinheiro com ela. De fato, não podia recordar haver-se divertido tanto em muito tempo. Um sorriso de Annie, só um, seria mais que suficiente para compensar o gasto em que ia incorrer.

O doutor Muir chegou pouco depois do almoço. Uma vez que Alex lhe explicou que queria que examinasse cuidadosamente Annie e por que, os dois homens subiram ao quarto das crianças. A princípio, Alex temeu que, apesar das explicações que tinha dado a Annie com antecipação, ela pudesse assustar-se com os indesejados cuidados do bom doutor. Mas não demorou a compreender que tinha subestimado enormemente as capacidades de Daniel. Tal e como se tratasse de uma menina tímida, o médico fez com que aquele processo parecesse mais um jogo que um reconhecimento médico. Para dar uma olhada aos ouvidos de Annie, primeiro fez um truque de magia, fingiu tirar um caramelo de sua orelha e ficou muito assombrado. Annie, certamente, também se surpreendeu e antes que Alex percebesse, ela permitiu que Muir colocasse um instrumento em seu canal auditivo, supostamente para ver se havia outros restos de caramelo dentro de sua cabeça. Annie parecia acreditar que tudo aquilo era muito divertido. Alex, que se encontrava a seu lado, não pôde a não ser rir ao ver as amostras de assombro que atravessavam seu pequeno rosto.

Sua vontade de rir desapareceu de repente quando Daniel passou a examinar o torso de Annie. Estava seguro de que naquele ponto o

médico teria que lutar com uma jovem presa pelo pânico e temia o momento em que lhe pedisse que o ajudasse a dominar Annie. Mas Daniel o surpreendeu uma vez mais. Recorrendo novamente aos jogos de mãos, Muir tirou um caramelo do decote do vestido de Annie, de suas mangas e de debaixo da prega. Antes que Alex percebesse o doutor já tinha apalpado os peitos e o ventre de sua esposa, evidentemente a sua inteira satisfação e também lhe tinha auscultado o coração. Ao final, Annie tinha uma considerável coleção de caramelos sobre a mesa e o doutor Muir lhe permitiu ficar com eles.

Enquanto desciam as escadas para dirigir-se ao andar de baixo, o médico compartilhou com Alex suas conclusões.

— No que se refere aos assuntos mais prementes, sua gravidez esta se desenvolvendo normalmente. Sem fazer um exame pélvico, não posso estar completamente seguro disso, mas acredito que neste momento fazer um reconhecimento minucioso a garota faria mais mal que bem.

Alex estava completamente de acordo com isto e contou ao doutor o que Annie tinha revelado para Maddy e a ele aquela manhã.

— Um ovo? — Muir riu e negou com a cabeça enquanto entravam no escritório — Bom, não vejo que dano pode fazer que lhe permitisse seguir acreditando nisso. Ao menos tem uma ideia geral do que está acontecendo e entende que há um bebê crescendo dentro dela.

Alex sentiu que começava a ruborizar-se.

— Possivelmente se desiluda um pouco quando o bebê nasça sem sapatinhos nem gorrinho. — Descreveu-lhe o desenho que tinha feito para Annie para lhe falar de sua gravidez. — Nesse momento não sabia que ela podia ler os lábios e foi a única maneira que encontrei para lhe fazer entender o que estava se passando.

— E surtiu efeito. Isso é tudo o que importa. — Muir pôs sua maleta no chão, junto a seus pés e se sentou em uma das cómodas cadeiras de couro que se encontravam frente à chaminé — Como certo, seu diagnóstico é correto. A garota está surda. É só uma hipótese, não esqueça, mas a julgar pela malha de cicatrização, eu me atreveria a apostar que a febre que a privou da audição foi provavelmente causada por uma grave de infecção do ouvido.

— Infecção que não foi tratada — disse Alex amargamente, incapaz de ocultar o ressentimento que sentia pelos Trimble.

— Assim é, — reconheceu Muir — mas não posso assegurar que eu teria sido capaz de impedir a perda da audição se a tivesse tratado.

— Ao menos, teria tentado.

Daniel suspirou.

— Para ser justo com Edie, Alex, os pais nem sempre podem detectar facilmente os problemas crônicos de ouvido. Vi casos em que os ouvidos de um menino estavam tão mal que já começavam a sangrar e os desesperados pais não tinham nem a menor ideia do que estava passando. O menino pode estar mal-humorado, ter febre e náuseas, mas não manifestar nenhum sinal de dor de ouvido. Um menino que tratei em uma ocasião estava congestionado e com uma tosse muito forte, que já durava há vários dias. Sua mãe encontrava pus e sangue no travesseiro todas as manhãs, mas erroneamente acreditava que saía de seus pulmões. Aterrava-lhe a ideia de que tivesse tísico.

— Em outras palavras, não devo jogar a culpa nos pais de Annie?

Muir franziu a boca e olhou distraidamente a chaminé durante um momento.

— Por muitas outras coisas, sim, mas não pela surdez. Annie teve abscessos no ouvido médio, e acredito que foi assim, possivelmente lhe deu uma febre muito forte até que estes arrebentaram e secaram, o qual pôde ter ocorrido em questão de horas, depois da aparição da febre. Mais tarde, pôde parecer que ela estava se recuperando e sua mãe talvez acreditasse que já se encontrava bem. As crianças adoecem com frequência. Muitas vezes lhes dão febres muito altas por coisas insignificantes. Uma mãe faz tudo o que pode, mas não é infalível. E, na realidade, eu tampouco o sou.

Ao recordar como tinha encontrado Annie ao entrar no sótão, a Alex parecia difícil liberar-se com facilidade do sentimento de aborrecimento para com os Trimbles.

— Incomodaria que te desse um conselho? — perguntou o médico.

Alex sorriu ligeiramente.

— Absolutamente. Para isso o chamei.

— Olhe para frente — disse Daniel em voz baixa — Durante anos, tive que ver essa garota vivendo pela metade. Agora você tem a oportunidade de lhe dar muito mais. Concentre-se nisso. Esqueça-se dos Trimble e de todos os erros que cometeram. Não pode voltar atrás e emendar todas as injustiças que Annie sofreu. Mas sim pode tentar compensá-las. Pode ajudar a garota agora. Pensa nas coisas desta maneira.

— Espero poder lhe dar uma vida tão normal como é possível. — Alex refletia em voz alta. Esta ideia fez com que sua mente se centrasse em outros assuntos. Depois de sentar-se direito no assento

e pigarrear, disse: — Se as coisas saírem bem entre Annie e eu, e tenho motivos para acreditar que assim será, seria prejudicial para o bebê ou para ela que...? — Alex gesticulou vagamente — Ouvi opiniões encontradas a respeito. Alguns dizem que está bem que as mulheres grávidas tenham relações maritais e outros que não o está.

Levando as mãos aos joelhos e ficando de pé, Daniel soltou uma risada.

— Acredite em mim, Alex, não lhe fará nenhum mal. — Piscou um olho com desenvoltura — Só tome cuidado para não tirar os sapatinhos do bebê. Annie pode desgostar-se um pouco se nascer sem uma meia.

Alex sorriu.

— Terei em conta.

— Agradeço-lhe. Depois de lhe ter tirado caramelos de distintos orifícios, ela acreditará que também posso encontrar o ditoso sapatinho.

CAPÍTULO 16

Durante as duas semanas seguintes pareceu a Alex incrivelmente fácil obedecer as ordens do doutor e concentrar-se em Annie. Na realidade, não tinha outro remédio. Do momento em que abria os olhos pela manhã até que os fechava de noite, ela ocupava todos seus pensamentos. Pensava em outras coisas que comprar. Em atividades que ela poderia desfrutar. Em como lhe iluminavam os olhos quando sorria. Contemplou inclusive a possibilidade de fazer uma jaula para seus detestáveis ratos.

Annie... Pela primeira vez em sua vida adulta, Alex tinha alguém que merecia seus cuidados, alguém que lhe importava muito mais que seu trabalho. Não demorou em perceber o muito solitário e carente de sentido que tinha sido sua vida até então. Começou a passar cada vez menos tempo na pedreira e nas cavalariças. Depois das refeições, encerrava-se em seu escritório com os livros que o doutor Muir lhe tinha conseguido. Durante três horas, sem falta, estudava atentamente suas páginas, tentando memorizar o alfabeto mímico para aprender a comunicar-se através da língua de sinais. Logo, passava meia hora falando com sua imagem em um espelho de mão, para praticar a leitura dos lábios. As três em ponto, ele abandonava estas atividades para passar o resto da tarde e da noite com sua esposa.

A princípio, Annie não parecia muito contente de ter a sorte de gozar de sua presença; mas, depois de uns poucos dias, pareceu aceitá-la e inclusive desfrutar dela. Se Annie ia ao sótão, ele a seguia até ali. Se estivesse com Maddy no andar de baixo, tirava-a da casa para ir dar longos passeios. Pelas noites, insistia-lhe para que se sentasse com ele à mesa e jantassem juntos. Uma vez ali, a fazia servir o chá e passar as fontes e também lhe ensinava como comportar-se corretamente na mesa. Quando terminavam de jantar, passavam ao escritório, onde lhe ensinava jogos simples, como a tabuada e as damas chinesas, que requeriam muito pouca comunicação verbal.

Naqueles dias, a costureira foi tirar medidas de Annie e Alex lhe pediu que fizesse um variado guarda-roupa para sua esposa. Depois de receber uma bonificação considerável, a senhora Grimes aceitou contratar empregadas adicionais para poder entregar ao menos três vestidos em uma semana. Alex mal podia esperar para ver os olhos de Annie quando visse a roupa pela primeira vez. Embora tivesse que escolher os estilos tendo presente que o ventre de sua mulher continuava crescendo, estava seguro de que ela ficaria muito contente. Não mais vestidos mofados tirados dos baús cobertos de pó do sótão. A partir de então, ela teria preciosos vestidos próprios.

Mas era uma loucura... Alex começou a perguntar-se seriamente se não estaria perdendo a razão. Estava se apaixonando loucamente por uma mulher-menina que acreditava que o bebê que estava crescendo dentro dela levava um gorrinho com volantes⁵. A orientação carnal de seus pensamentos era indecente, não lhe cabia a menor dúvida; mas quando olhava Annie nos olhos se perguntava como algo que parecia tão bom e puro poderia ser mau.

A sorte quis que Edie Trimble finalmente fizesse provisão de valor para ir à casa de Alex a mesma tarde em que a senhora Grimes levou os primeiros objetos de roupa do novo vestuário de Annie. Alex, que esperava com impaciência frente à porta do quarto de crianças, enquanto Annie provava os vestidos, ouviu Frederick conversando com alguém no saguão e foi ao patamar para saber de quem se tratava. Ao ver Edie, esteve a ponto de lhe ordenar que saísse de sua casa. Mas a angústia que viu no rosto da mulher lhe impediu de fazê-lo.

— Senhora Trimble — disse com frieza — Surpreende-me vê-la aqui.

⁵ Espécie de touca de tecido parecida com touca de banho

Jogando a cabeça para trás para poder olhá-lo nos olhos, Edie retorceu as mãos. Era evidente que temia que lhe pedisse que partisse antes que ela tivesse a oportunidade de lhe dizer umas palavras.

— Sei que me despreza e possivelmente com justa razão, senhor Montgomery. Mas lhe rogo que tenha a amabilidade de me deixar ver minha filha. Não ficarei muito tempo. Juro. Tampouco farei nada que possa alterá-la. Mas, por favor, me deixe vê-la.

Alex fechou os punhos sobre o corrimão. Queria dizer a aquela mulher que partisse. Mas, ao final, a dor que se refletia em seus olhos lhe fez mudar de opinião. Possivelmente o doutor Muir tivesse razão. O rancor pelos Trimble, por muito que o merecessem, só conseguiria empanar o futuro de Annie. Tinha a plena certeza de que ela queria seus pais, apesar de seus inumeráveis defeitos e que lhe alegraria muito vê-los. Não tinha direito a lhe negar isso. Edie Trimble era e sempre seria a mãe da garota, apesar de que em muitas ocasiões não tinha conseguido comportar-se como tal.

— Neste momento está provando uns vestidos — disse Alex finalmente — Suba. Possivelmente possa ajudá-la a escolher os acessórios adequados. A costureira trouxe um grande sortimento.

Edie levou uma mão ao pescoço e fechou os olhos. Era evidente que a embargava um sentimento de alívio. Durante um instante, Alex pensou que se desfaria em lágrimas no lugar em que se encontrava. Mas finalmente conseguiu recuperar o controle. Depois de dar sua capa a Frederick, levantou a saia ligeiramente e subiu as escadas. Quando se aproximou de Alex no patamar, olhou-o diretamente nos olhos.

— Obrigada — lhe disse com voz trêmula — Sei muito bem que o senhor preferiria que eu não voltasse a ver minha filha e se estiver certo respeito a sua surdez, suponho que com toda a razão.

— Estou totalmente certo — replicou Alex sem poder resistir — O doutor Muir a examinou e está plenamente de acordo com meu diagnóstico.

Os olhos de Edie se encheram de lágrimas e seus lábios começaram a tremer.

— Surda — sussurrou ela — Depois de tantos anos pensando que era uma idiota e só estava surda. Que Deus me perdoe.

Foram estas últimas palavras, ditas com um arrependimento dilacerador, as quais abrandaram Alex. Por motivos totalmente diferentes, nos últimos anos ele também havia se sentido da mesma maneira em distintas ocasiões por culpa de Douglas.

— Todos nós cometemos erros, Edie — disse com voz rouca — Alguns mais que outros, mas, ao final, todos fazem o que podemos. Dado que Annie só pode perceber algumas frequências de som, estou disposto a reconhecer que é possível que tivesse pensado que ela podia ouvir. A ignorância inspirou suas ações e a levou a cometer graves erros. Esqueçamos o acontecido e olhemos para frente a partir deste momento. O que lhe parece?

Ela assentiu com a cabeça com uma expressão chorosa no rosto e secou as bochechas com dedos trêmulos, fazendo um esforço visível para recuperar a compostura. Alex esperou que a mulher se acalmasse um pouco, antes de levá-la ao quarto das crianças. A senhora Grimes o chamou quando o viu aparecer à porta.

— Entre, senhor Montgomery e nos diga o que pensa.

Alex abriu a porta toda e entrou no quarto seguido por Edie. O espetáculo que se ofereceu a sua vista fez com que parasse em seco. Ali estava Annie... Mas não a Annie que ele conhecia. Maddy e a costureira tinham combinado seus respectivos talentos para adornar seu vestido com os acessórios adequados e penteá-la. A menina despenteada tinha desaparecido. Uma jovem preciosa ocupava seu lugar. Encontrava-se no centro do quarto e era uma maravilhosa visão em azul safira. Seu vestido tinha um corpete entalhado, tal e como Alex tinha especificado, com uma saia levemente franzida que caía com elegância desde abaixo dos peitos até o chão. Uma renda de um tom azul escuro debruava um decote baixo, suficiente para atrair olhares, mas não tanto como distrair a atenção de seus traços delicados. Os enormes olhos luminosos da jovem se cravaram nos seus, procurando silenciosamente sua aprovação.

— Annie, — disse Alex em voz baixa — está muito bonita!

O rubor se apropriou do rosto da jovem, marcando suas bochechas com duas fortes manchas de cor vermelha. Alex sorriu. Logo, fez um gesto com a mão para lhe indicar que girasse sobre seus calcanhares e desse uma volta completa. Agarrando a saia para abri-la, ela girou sobre a ponta de um dos dedos de seus pés e ao mesmo tempo estirou o pescoço para poder ver sua reação. A Alex surpreendeu e lhe agradou de uma vez que lhe importasse tanto o que ele pensava. Isto lhe revelou mais do que Annie sabia e sem dúvida muito mais do que ela queria; e concretamente que os sentimentos cada vez mais profundos que ela despertava nele eram correspondidos de algum jeito. Deleitou-se mais com este descobrimento que com a transformação que a roupa tinha operado nela.

Edie, que até então ficou no corredor, entrou finalmente no quarto. Ao ver sua filha, parou repentinamente e ficou muda de assombro.

Uma expressão de alegria percorreu o rosto de Annie. Claramente impaciente por abraçar a sua mãe, quis aproximar-se dela; mas, logo que deu uns poucos passos, Edie levou uma mão a boca para conter um soluço e logo saiu correndo do quarto. A expressão de aflição que se desenhou no rosto de Annie esteve a ponto de partir o coração ao Alex.

— Annie, carinho, sua mãe está chorando de alegria. — Diminuindo a distância que os separava, Alex sujeitou seu queixo com uma mão, resolvido a não permitir que nada nem ninguém lhe estragasse aquele momento. Obrigando-a afastar o olhar da porta e dirigi-lo para ele, cravou os olhos nela — Não sabia, carinho. Ela não sabia que você estava surda. Ver-te assim a faz sentir-se triste, porque sabe que deveria ter tido bonitos vestidos toda sua vida. Entende? Sente-se culpada. Seguro que voltará em uns poucos minutos e poderão conversar um bom momento.

Seus formosos olhos se encheram de lágrimas. Alex lhe sorriu com confiança.

— Irei procurá-la, de acordo? Enquanto isso coloque outro vestido para que possamos ver quão preciosa estará quando voltarmos.

Com o queixo trêmulo, ela assentiu de maneira pouco entusiasmada. Alex lançou um olhar eloquente para Maddy e em seguida saiu do quarto. Encontrou Edie no saguão, buscando sua capa, que estava pendurava no cabide e ocultando a cabeça entre suas negras dobras.

— Maldição! — Exclamou Alex frente a suas trêmulas costas — Só por uma vez em sua vida, só uma vez, não poderia tentar antepor os sentimentos da garota aos seus? É a primeira vez em toda sua vida que recebe roupa bonita, algo que outras garotas dão por certo e tinha que botar a perder este momento?

Edie encurvou os ombros, soluçando freneticamente. Com voz entrecortada, conseguiu falar com fim.

— Sinto muito! Sinto muito! Ao vê-la assim... Ai, Meu deus, o que fiz? Minha filhinha... O que fiz?

Alex respirou fundo, tentando controlar sua ira, profundamente agradecido, por uma vez, de que Annie não pudesse ouvir.

— Senhora Trimble, entendo que isto deve ser muito difícil para senhora, mas este não é o momento para desenterrar suas culpas. A garota está ali acima provando o primeiro vestido bonito que teve em toda sua vida e está chorando a lágrima viva. Controle-se.

— O senhor não... Não entende. Eu pensei... Ai, Deus. Eu pensei que tinha herdado a loucura do tio Maxwell. Todos estes anos! Todos estes anos per... Perdidos!

Alex suspirou. Em parte estava exasperado e em parte sentia compaixão. Agarrando a mulher pelo braço, levou-a a seu escritório, onde ao menos poderia chorar em privado. Edie se deixou cair fracamente em uma cadeira e apertou o rosto contra seus joelhos. Depois de chorar até ficar sem lágrimas, a mulher começou a falar em voz muito baixa e trêmula.

— Eu de verdade acreditava que estava louca — lhe disse.

— Sei. — Alex, sentou-se no braço da cadeira para poder pôr uma mão sobre seu ombro — Percebi no primeiro momento. Não sei por que pensei algo semelhante, mas sei que de verdade acreditava isso.

— Tinha milhares de razões para pensar nisto — disse ela com voz chorosa — Os horríveis sons que emitia. Meu tio fazia ruídos muito parecidos, grunhidos e chiados semelhantes aos que fazem os animais. Minha tia se via obrigada a amarrá-lo a uma árvore até que os enfermeiros do manicômio fossem buscá-lo. — levou as mãos ao rosto — E os gatinhos. Ai, Deus, os gatinhos!

— Que gatinhos?

— Estrangulou e esmagou os dois gatinhos — disse Edie com voz entrecortada.

Depois de ter presenciado a doçura com a qual Annie tratava os ratos do sótão, para Alex parecia difícil acreditar nessa história, mas não interrompeu a mulher.

— Foi horrível. Horrível! Deixei-a um momento com o menor, sem imaginar sequer que ela poderia lhes fazer mal. Parecia querê-los muito. E, quando retornei, tinha matado os dois bichinhos. Matou-os!

A senhora levantou os olhos, cravando em Alex um olhar de angústia.

— Tinha pânico de que James se inteirasse do que ela tinha feito. MUITÍSSIMO medo! Menti. Disse-lhe que um gato tinha entrado as escondidas na casa. Depois do acontecido, comecei a animar Annie a que saísse a brincar no bosque, como tinha por costume; pois pensei que quanto menos tempo passasse na casa, onde ele poderia presenciar sem querer sua crueldade, seria melhor. Ele a teria internado em um hospital psiquiátrico. Entende? Em um desses lugares infernais! Compreendi que se eu não restringisse suas atividades, que se não fosse extremamente severa, ela possivelmente terminaria vivendo em uma cela o resto de sua vida. Não podia permitir que isto acontecesse com minha garotinha. Por isso não

permitia que nenhum médico a examinasse. Por isso era tão reservada no que se referia a suas atividades no sótão e insistia em que ninguém descobrisse. Entende? Ela tem um talento incrível para o desenho. E também estavam seus mundos imaginários e o fato de que fingia falar. Não era o comportamento de uma atrasada! E, posto que parecia ouvir quando eu a chamava, não pensei que estivesse surda. Que outra explicação havia para suas singularidades, além de que estava tão louca como meu tio?

Pela primeira vez, Alex começou a ver as coisas do ponto de vista do Edie. Uma jovem formosa que se comportava de modo anormal, que parecia não poder compreender os conceitos mais elementares e cuja capacidade de fala se deteriorou a ritmo constante... Entretanto, no sótão, em seu mundo imaginário, essa mesma jovem dava sinais de uma aguda inteligência.

— Agora compreendo que meu medo me deixou cega, que, se tão somente tivesse escutado o doutor Muir, há muitos anos saberíamos a verdade. Mas não podia correr esse risco. Fui persuadida de que ela tinha herdado a enfermidade de meu tio e que com este tempo progrediria até um ponto no que eu não poderia continuar ocultando de James. A meu modo de ver, o único que eu podia fazer era atrasar esse momento tanto quanto possível.

Uma sensação abrasadora subiu pela garganta de Alex.

— Esta é a razão pela qual a senhora insistiu em que eu fizesse cumprir suas normas enquanto Annie estivesse aqui — disse Alex em voz baixa — Pensou que, se não o fizesse, eu não demoraria a descobrir a verdade e diria a James que a garota estava louca.

— Recordará que a princípio eu não queria que ela viesse a esta casa.

Alex o recordava com toda clareza.

— Não tinha nada contra o senhor. Desde o começo pude ver que tinha um caráter bondoso e que se compadecia de Annie. Temia que, em uma torpe tentativa por compensar o que Douglas fez o senhor lhe consentisse muito.

Alex sorriu ligeiramente.

— Que a mal criasse, em outras palavras.

— Sim — ela reconheceu — Pensei que era mais provável que uma pessoa de outro povoado, que não conhecesse as circunstâncias absolutamente, fizesse minha vontade e fosse estrita com ela — fechou os olhos — Só pensava em evitar a toda custa que James descobrisse a verdade e a internasse em um manicômio. Em um

lugar horroroso, onde se sentiria muito confusa e sozinha; e onde possivelmente a maltratassem.

Alex apertou seu ombro com força. Agora entendia perfeitamente os motivos que tinham levado a mulher a fazer as coisas que tinha feito. Depois de vários minutos de silêncio, durante os quais ela conseguiu acalmar-se um pouco, ele falou de novo.

— Você fez o que pensou que fosse o melhor para sua filha, Edie. É espantoso que as coisas tenham acontecido desta maneira, sim. Mas, apesar de tudo, acredito que ela foi feliz a sua maneira. Essa parte de sua vida já terminou. Temos que deixar o passado atrás e nos concentrar em seu futuro. Annie pode ter uma vida maravilhosa e quase normal a partir de agora, se todos trabalharmos juntos para que isto seja assim. A um momento expressou o temor de que eu consentisse muito. Estou fazendo todo o possível por estar a altura de seus piores temores. Você poderia me dar uma mão?

Ela cravou seus olhos cheios de esperança nos de Alex.

— Ah, Alex, me permitiria? Me permitiria formar parte de tudo isto? Cometi muitos erros que devo tentar emendar. Muitíssimos erros.

Liberado já dos últimos rastros de sua ira, Alex deixou escapar um suspiro.

— Edie, sua filha a quer. Estou seguro de que gostaria de vê-la. Acredito que já é hora de que todos nós comecemos a prestar atenção aos desejos de Annie, para variar. Não lhe parece?

— Claro que sim. Claro que sim.

Depois de tirar um lenço do bolso de sua calça, Alex empreendeu a tarefa de lhe secar o rosto, serviço que ultimamente parecia estar fazendo com muita frequência ao sexo feminino. Até aquele momento não percebeu que aquela mulher usava maquiagem. Uma quantidade muito sutil, por certo, mas em suas bochechas havia rastros evidentes dos pós-negros usados para dar sombra aos olhos.

— Posso tomar a liberdade de lhe dar um bem-intencionado conselho, senhora?

— Que não volte a chorar frente a minha filha?

— Bom, isso também estaria bem — disse com meio sorriso — Mas na realidade estava pensando em um conselho relacionado com seu matrimônio. Quando partir daqui, deveria ir a casa e falar seriamente com seu marido. Ele é tão responsável por esta tragédia como a senhora, se não for mais.

— Ah, mas não posso fazê-lo! — Falava em um soluço — James... Não sabe! Sobre meu tio, quero dizer. Quando me pediu que me casasse com ele, não mencionei e depois disso, não consegui reunir

coragem suficiente para dizer-lhe.— Negou resolutamente com a cabeça — O senhor não conhece James. Se tivesse suspeitado sequer que havia um caso de loucura em minha família, teria se divorciado de mim. E eu não saberia o que fazer se ele fizesse tal coisa! Onde viveria? Como ganharia a vida?

Alex ficou de pé.

— Edie, se esse homem a expulsar de casa, pode ficar aqui. É a mãe de minha esposa. Eu me encarregaria de que tivesse os recursos necessários para arrumar sua vida.

Ela o olhou com incredulidade.

— Faria algo assim?

Alex soltou uma gargalhada que quase parecia de assombro.

— Sim, senhora, faria isto. Mas lhe asseguro que não se chegará a isso. Apesar de todos seus defeitos e poderia enumerar muitíssimos, James a quer. Disse que eu não o conheço. Acredito que seria melhor dizer que é a senhora quem não o conhece. E já é hora de que o faça. Fale com ele. Diga-lhe tudo o que me disse. Acredito que ficará muito surpresa para ouvir o que ele tem que a lhe dizer.

— Sabe algo que eu ignoro.

— Só digamos que, apesar de sentir antipatia, entendo sua maneira de pensar. — Depois de dizer estas palavras, Alex a ajudou a levantar-se da cadeira — Agora subamos e participemos do momento tão especial que está vivendo Annie, de acordo?

Ela assentiu com a cabeça.

— Não mais teatrismo?

— Não, lhe asseguro.

Alex só esperava que isso fosse certo.



Depois que Edie e a costureira partiram, a curiosidade induziu Alex a levar para casa um dos gatos do estábulo. Encontrou sua esposa na cozinha com Maddy, que estava fiscalizando a preparação do jantar. Annie estava preciosa, com seu vestido rosa de talhe alto e seu cabelo preso em um coque, do qual caía uma cascata de cachos negros. Encontrava-se sentada na borda de um dos bancos que rodeavam a mesa. Tinha uma tigela verde de louça de que tirava pedaços de massa para bolachas com uma colher de cabo comprido. Ao ver Alex, ficou paralisada, com a colher suspensa no ar e os olhos fixos no gato.

Ante a evidente fascinação que se refletiu em seu rosto, Alex não pôde a não ser sorrir. A garota não só gostava dos animais, adorava-os. Depois de havê-la visto com os ratos, não podia acreditar, nem sequer por um instante, que fosse capaz de machucar uma criatura indefesa, pelo menos deliberadamente.

— Esta é *Mamãe Kitty*, rainha dos gatos do curral — lhe disse Alex — Se não fosse por ela, teríamos uma invasão de... — interrompeu-se bem a tempo — gafanhotos.

Maddy lhe lançou um olhar enviesado e logo negou com a cabeça. Menos mal que Annie não pareceu perceber a repentina mudança de palavras. Estava olhando fascinada a gata listrada e se esqueceu por completo da massa de bolachas. Alex lhe fez um movimento de cabeça.

— Sente-se à mesa, Annie carinho; e te deixarei tocar na gata.

Não foi necessário dizer duas vezes. Depois de deixar a tigela de louça sobre a mesa com um retumbante *pum*, que fez com que todos os que estavam na cozinha fizessem uma careta de dor, desceu do tamborete e correu à mesa, onde se sentou em uma cadeira de respaldo reto. Acariciando a *Mamãe Kitty* atrás de uma orelha, para tranquilizá-la, Alex cruzou a habitação a grandes passos. Annie estendeu seus acolhedores braços para receber a gata. Com um sorriso, lhe entregou sua carga e se sentou perto dela para poder observar seu comportamento com o animal.

Com seu pequeno rosto resplandecente de alegria, Annie em seguida começou a acariciar os pelos sedosos da gata. *Mamãe Kitty*, que não estava acostumada a tais amostras de carinho, arqueou o lombo e esfregou sua peluda bochecha contra o corpete de Annie. Logo a gata listrada começou a ronronar tão forte que Alex podia ouvi-la. Ao sentir suas vibrações, Annie acariciou com maior firmeza o corpo do animal. Uma expressão de assombro se refletiu em seus olhos e levantou os olhos para olhar ao Alex.

— Está ronronando — lhe explicou ele — Os gatos normalmente o fazem quando são acariciados.

Uma criada passou afanosamente perto deles com uma bandeja de pão sem assar. Seu destino era precisamente o forno.

— Em geral, também trocam de pelos — comentou a criada — Se encontrar pelos em sua sopa esta noite, não me culpe.

Alex riu. Logo, voltou a fixar sua atenção em Annie. O que viu fez com que lhe partisse a alma. Estava abraçando a gata perto de seu peito, com uma bochecha apertada contra suas costelas e expressão de deslumbramento no rosto. Alex em seguida compreendeu que sua

mulher estava encantada com o ronronar da gata, som que ela podia sentir apesar de não poder ouvi-lo.

O mistério de Annie e os gatinhos asfixiados foram resolvidos. Alex quase pôde ver o acontecido, uma menina pequena, surda e completamente encantada com as vibrações que sentia ao tocar os gatos, suas mãozinhas e bracinhos apertando-os com muita força, sua curiosidade e euforia lhe fazendo esquecer que deveria tomar cuidado. Os gatinhos não foram assassinados com premeditação e traição, mas sim por causa do carinho desenfreado de uma menina surda. Agora que era uma mulher adulta e tinha maior domínio de si mesma, estava sendo incrivelmente delicada com aquela gata. Tentava não abraçá-la com muita força nem de acariciá-la bruscamente.

Ao vê-la com a gata, Alex percebeu a facilidade com que aquela garota se deixava seduzir por qualquer som que pudesse ouvir, embora fosse levemente, ou cujas vibrações conseguisse perceber. E isto lhe explicou muitas coisas. Seu amor pelo bosque, onde sentia o vento acariciando sua pele. Sua grande fascinação pela cascata, onde sem dúvida podia sentir as vibrações causadas pela água ao golpear contra as rochas. Annie e os gatinhos. Annie e o órgão da igreja. Sempre houve inumeráveis indícios de sua surdez.

A emoção fez com que se fizesse um nó na garganta. Engoliu saliva e afastou o olhar por um momento. Que curioso! Antes de conhecer Annie, não sentia mais vontade de chorar. Na realidade, desde que era uma criança. Agora parecia que tinha que piscar para tentar conter as lágrimas ou engolir saliva para desfazer um nó na garganta com muita frequência. Ao olhá-la... Ao entender como foi sua vida... Alex pensou que precisaria ter um coração de pedra para não se deixar comover e quando daquela garota se tratava, era evidente que seu coração não era feito de pedra.

Naquele momento, Alex conseguiu aceitar com inteligência o que seu coração estava dizendo a mais de duas semanas. Estava apaixonado por ela. Incrível e perdidamente apaixonado. Annie lhe parecia muito doce e preciosa para poder resistir. Se isto era libidinoso... Se era um pecado imperdoável... Bom, pois então ele estava perdido.

Contra o que dizia o velho refrão, não estava completamente seguro de que iria ao inferno com um sorriso nos lábios. Dado aos sentimentos que ela suscitava nele, havia muitas possibilidades de que tivesse lágrimas nos olhos quando chegasse o momento do

Julgamento Final. Seu único consolo era que sem lugar a dúvidas seriam lágrimas de alegria, não de dor.

CAPÍTULO 17

O tempo, ao menos tal e como outros o interpretavam, era um conceito que Annie não entendia. Para ela não existiam os relógios, os horários nem os calendários para marcar os dias, as semanas e os meses. Ela só sabia que os longos e lentos dias da época das mariposas eram mais curtos, que as folhas das árvores começavam a tingir-se de outra cor e que o ar era cada vez mais frio.

A estação chuvosa se aproximava e ela podia senti-lo em seus ossos. Mas pela primeira vez em sua vida este pensamento não a deprimiu. A casa de Alex, diferente da de seus pais, era um lugar cheio de emoções e descobertas. Passava todas as horas dos dias sentada em sua cama, tocando a flauta. Quando se aborrecia, podia desenhar tudo o que queria, pois Alex descobriu que gostava de fazê-lo e lhe tinha dado lápis-carvão e blocos de papel de desenho. Por outra parte, sua mãe a visitava com muita frequência, em geral pelas tardes. Sua mãe estava aprendendo a ler sistematicamente os lábios e pela primeira vez em muitos anos, Annie tinha conseguido estabelecer certa comunicação com ela. Ocupada com todas estas atividades, já não temia ver-se obrigada a permanecer na casa.

Mas na realidade não tinha por que fazê-lo. Além dos materiais de desenho, Alex lhe tinha dado um artefato de aspecto bastante estranho que ele chamava guarda-chuva e que Annie comparava com um teto com cabo. Segundo ele, quando chovia, as pessoas abria o guarda-chuva e o situava sobre a cabeça. O resultado era que chovia ao redor da pessoa, mas não sobre ela. Com o guarda-chuva, ela poderia sair para passear em meio a chuva cada vez que quisesse, sem molhar-se.

Se é que ainda podia caminhar quando chegasse a estação chuvosa. Seu ventre estava crescendo tanto, que parecia que andava como um pato. Descer as escadas era o que mais lhe angustiava. Com aquela barriga tão proeminente, tinha que inclinar-se ligeiramente para trás para não perder o equilíbrio nos degraus. Era muito difícil.

Também estava ficando preocupada. Graças ao que Alex lhe havia dito, que os bebês nasciam de uma forma completamente diferente dos pintinhos, já não acreditava que poderia pôr um ovo. Não obstante, não lhe cabia a menor dúvida de que havia um bebê crescendo dentro dela. Algumas vezes podia inclusive senti-lo se

mover, como se estivesse ansioso para sair. Dado seu tamanho, Annie estava começando a se perguntar como seria. Não era através de seu umbigo, com toda segurança.

Queria perguntar a alguém como nasciam os bebês humanos, mas não sabia como fazê-lo. Sua mãe apenas estava começando a ler os lábios. Alex o fazia muito melhor, mas não tanto como para entender tudo o que ela dizia. As poucas vezes em que tentou lhe fazer perguntas a respeito dos bebês, ele não parecia entendê-la. De fato, Annie às vezes tinha a sensação de que ele não queria entendê-la. Isto lhe preocupava e a fazia perguntar-se se ter um bebê não seria uma experiência horrível para a mãe. Embora isto não lhe importasse. Queria um bebê e assim se tivesse que passar por um momento desagradável para ter um, estava disposta a fazer tudo o que fosse necessário.

Um dia, a última hora da tarde, momento que Annie normalmente passava junto a Alex, ele recebeu um recado solicitando sua imediata presença nas cavalariças. Pouco depois dele sair da casa, Annie começou a sentir-se aborrecida e posto que ultimamente lhe tinham dado mais liberdade de ação e lhe permitiam sair sozinha, decidiu dar um passeio pela propriedade. Seu passeio a levou justamente às cavalariças.

Imediatamente depois de entrar, parou em seco e inclinou a cabeça, subjugada por um som apenas perceptível que rompeu o silêncio que sempre a rodeava. Posto que fossem raras as ocasiões em que podia perceber algum ruído, isto não era só um fato novo, mas também insólito. Era um som agudo, muito diferente de tudo o que ela recordava ter ouvido em sua vida. Sentindo-se atraída por ele, atravessou vacilante as cavalariças. Acelerou o passo ligeiramente quando ficou mais forte e fácil de seguir.

A metade de caminho do escuro corredor, Annie chegou à intercessão de dois corredores. A sua esquerda, viu o brilhante círculo formado pela luz de uma lanterna e uns homens dando voltas ao redor do disco luminoso. Fascinada, dirigiu-se para eles. Quando esteve o suficientemente perto para ver o que ocorria, percebeu que estavam reunidos frente ao cubículo de um cavalo. Estirando o pescoço para poder ver um pouco melhor, viu Alex ajoelhado junto a uma égua que estava tombada dentro do recinto.

O som agudo e dilacerador saíam da égua. A pobre besta estava chiando, sacudindo a cabeça e tentando desesperadamente levantar-se. Alex, com o rosto crispado e as veias do pescoço inchadas, estava fazendo um grande esforço para ajudar a égua a levantar-se. Durante

os intervalos em que o animal estava no chão, cansado e sem forças, ele acariciava seu ventre volumoso e lhe dizia uma e outra vez:

— Tudo vai sair bem, menina. Tudo vai sair bem.

Annie percebeu que seus braços estavam manchados de sangue até as mangas da camisa, que ele arregaçou a altura dos cotovelos. Tinha a preocupação gravada nas cinzeladas linhas de seu rosto moreno e quando a jovem grávida pôde ver brevemente seus olhos, percebeu que estavam cheios de dor. Logo, dirigiu o olhar para a égua. Algo terrível tinha acontecido com a pobre criancinha, compreendeu Annie. A julgar pelo sangue, era possível que a égua se feriu de algum jeito.

— Tranquila, menina. Tranquila.

Atrás de Alex, Deiter, o chefe do estábulo, estava batalhando com uma espécie de artefato com polia que estava amarrado às vigas. Annie supôs, pelo desenho do mecanismo, que os homens poriam as correias de lona ao redor do corpo da égua para poder levantá-la.

Com muitíssima pena da pobre égua, Annie se aproximou para ver melhor. A besta escolheu aquele preciso momento para lançar-se com todas suas forças para cima, fazendo com que Alex se afastasse enquanto ela conseguia ficar de joelhos. Quando Alex gritou, Annie soube que estava gritando pela maneira como se incharam os músculos de seu pescoço; Deiter deixou o que estava fazendo e correu a seu lado. Com a ajuda dos dois homens, a besta se levantou cambaleando.

Desesperada provavelmente por causa da dor, a égua não pareceu agradecer a ajuda dos homens e começou a dar voltas em círculo, sacudindo a cabeça e arremetendo contra Alex com um de seus cascos dianteiros. O chefe do estábulo, tentando esquivar os coices, tentou agarrar o arnês, mas não conseguiu. O animal, em seu desespero por escapar, mudou de direção uma vez mais, agora voltando seus quartos traseiros para a porta aberta do cubículo.

Annie esteve a ponto de deprimir-se. O traseiro da égua estava dilatado e saía muito sangue. As diminutas patas de um cavalo se deixavam entrever por ele. Seus cascos estavam cobertos de uma substância branca que parecia grumos de leite coalhado. Um bebê... A égua estava dando a luz.

Annie ficou paralisada, com os olhos cravados na cena. Os flancos da égua se moviam agitadamente e estavam cobertos de suor. Alex agarrou uma das correias que estava pendurada no teto e rapidamente a passou ao redor da égua. Quando conseguiu amarrar

a tira, correu para a parede, desenganchou uma polia e saltando tão alto como pôde a puxou com todo seu peso.

Enquanto atava a polia, olhou para Deiter por cima do ombro.

— Faça com que o potro dê a volta! Depressa, Deiter, ou o perderemos, maldição!

De onde se encontrava, Annie tinha uma panorâmica perfeita do traseiro da égua, e viu horrorizada como Deiter colocou o braço, até o cotovelo, dentro da besta. Dentro dela! Uns pontos negros começaram a dar voltas frente aos olhos de Annie. Uma terrível sensação de debilidade se apropriou de suas pernas. Um bebê, a égua estava tendo um bebê. Um bebê que esteve crescendo em um lugar especial dentro dela. Só que não era maravilhoso, como Alex lhe disse. Era horroroso. Mais horroroso do que tudo o que Annie poderia imaginar. A égua estava sofrendo e muito. E era evidente que se Alex e Deiter não conseguiam fazer nada para ajudá-la, a égua iria morrer.

Uma mão forte apertou o cotovelo de Annie. Piscando para tentar ver através dos pontos que davam voltas em seus olhos, a pobre garota levantou o rosto cheio de inquietação para um homem que não conhecia.

Disse-lhe algo, mas ela estava tão nervosa, que não pôde prestar atenção a sua boca.

Tudo o que queria era partir dali. Afastar-se daquele homem. Das cavaliças, de Alex, que lhe havia mentido. Ir a algum lugar seguro... Um lugar onde pudesse esconder-se, onde pudesse soltar os gritos que a estavam invadindo por dentro sem que ninguém os ouvisse.

Deu meia volta rapidamente e começou a correr, as cegas e presa pelo pânico, pensando que, se corresse o suficientemente rápido, possivelmente conseguiria escapar do destino que a natureza tinha reservado para ela. Não obstante, ao sair das cavaliças, este pensamento se afastou de sua mente. Suas pernas eram como borracha derretida, tremiam-lhe e não podiam sustentar seu peso. O mundo ao redor dela pareceu estar dando uma lenta volta ondulante, em uns momentos verticalmente e em outros, movendo-se ao redor de seu eixo. Sentia-se como se a estivessem lançando de barriga para baixo e logo depois de lado. Sentiu-se enjoada, terrivelmente enjoada. Em meio a sua visão imprecisa, conseguiu distinguir a casa e correu para ela cambaleando-se. Ali havia um esconderijo. Um lugar seguro.



Alex acabava de terminar de lavar-se e estava secando os braços quando Maddy entrou nas cavalariças. Seus olhos verdes saíam das órbitas e tinha o rosto lívido. Parou junto a ele depois dar um escorregão e começou a mover a boca, mas passaram vários segundos antes que dela saísse algum som coerente.

— Annie — conseguiu dizer finalmente — Está acima, no sótão! Está gritando e se queixando de uma maneira espantosa. Venha, senhor. Venha rápido!

Um dos peões, que tinha se lavado justo antes que Alex e se encontrava ali perto abotoando a camisa, lançou uma exclamação.

— Maldição!

Maddy e Alex se voltaram para ele. O homem encolheu os ombros ao ver seus olhares inquisidores.

— A senhora esteve aqui faz um momento — explicou com ar envergonhado — Parecia estar muito alterada quando partiu correndo.

— Esteve aqui? — Alex estava perturbado — O que quer dizer com isso, Parkins? Acaso viu a égua? — Quando o homem assentiu com um movimento de cabeça, Alex esteve a ponto de soltar um grunhido — Por que demônios não me disse?

— Bom, porque o senhor estava ocupado. Com a égua e todo o resto. Se eu o tivesse incomodado, com segurança a teríamos perdido.

Alex sentiu uma vontade enorme de dar um murro na boca daquele homem e fazer com que engolisse os dentes.

— Minha esposa é muito mais importante para mim que uma maldita égua, Parkins. Ela não deveria entrar aqui. Apenas a viu, tinha que haver...

Alex se interrompeu. Compreendeu que era inútil jogar a culpa de tudo aquilo no peão. O dano já foi feito. Jogando no chão a toalha que estava usando, afastou Maddy de um empurrão e correu para a casa.

No mesmo instante que entrou no saguão, ouviu os gritos de sua mulher. Nunca em sua vida ouviu algo semelhante. Eram horríveis alaridos de demente, que retumbavam de maneira estranha e inquietante no patamar e nas escadas. Agarrando com força o corrimão, subiu os degraus de dois em dois. O coração lhe golpeava o peito com a força de um maço. Ao chegar no segundo lance de escadas, os gritos pareceram ficar mais fortes, mais aterradores. Em

ocasiões eram alaridos e em outros momentos, gemidos guturais. Os intermitentes soluços eram tão profundos e dilaceradores que começou a temer que Annie se fizesse mal.

Atravessou correndo o corredor do segundo andar, para dirigir-se à ala ocidental da casa. Chegou às perigosamente estreitas e elevadas escadas. Caiu sobre um joelho. Levantou-se com grande esforço. Continuou subindo os degraus em meio à penumbra, consciente dos gritos e da desesperada necessidade de chegar ao lugar onde estava sua esposa.

Alcançou a porta fechada do sótão como se a barreira de madeira não estivesse ali. Escuridão. Objetos no meio do caminho. Se não pudesse saltar por cima dos obstáculos, abriria caminho através deles, logo sentiu uma dor quando um anguloso saliente golpeou suas canelas e as coxas. Annie... Santo Deus! O pânico e a dor que percebia em seus gritos estiveram a ponto de fazer com que caísse de bruços. Foi até a égua, pensou com fúria. Tinha visto a égua dando a luz. Que entrasse nas cavaliças e presenciasse algo tão terrível o fazia sentir-se muito mal. Fisicamente mal. Nenhuma mulher grávida deveria ver algo semelhante, e menos alguém como Annie.

Alex chegou finalmente à parede que separava o pequeno salão de Annie do resto do sótão. Rodeou o tabique cambaleando-se, quando Annie deixou de gritar de repente. Seguiu um silêncio tão absoluto que lhe pareceu ensurdecedor, como se retumbasse em seus ouvidos. Então, ficou vagamente consciente do ruído áspero que fazia sua própria respiração.

A débil luz daquela tarde de finais de outono entrava de forma anódina através das águas-furtadas, sem conseguir iluminar a habitação. Alex escrutinou a penumbra com seu olhar, tentando desesperadamente encontrar Annie. Quando seus olhos se acostumaram a escuridão, viu por fim seu pálido rosto ovalado. Aproximando-se um pouco mais e forçando a vista, começou a distinguir seus traços.

Disposto a consolá-la de todo dilema, deu três grandes passos para o canto no qual se encontrava encolhida.

— Annie, carinho. — Agarrou-a pelos ombros, que tremiam violentamente — Amor...

Então Alex percebeu algo. O silêncio. O repentino e terrível silêncio. Deus santo, estava contendo a respiração. Para não gritar. Tinha medo. Tinha medo dele. Tinha infringido a norma do silêncio, e agora pensava que ele poderia castigá-la.

— Não, Annie. Carinho, continue gritando. Não me importa.

Alex não acreditava que, tão aterrorizada como estava, pudesse entender o que lhe estava dizendo. Seu magro corpo estremecia violentamente por causa dos soluços contidos. Ele ficou olhando-a fixamente, incapaz de diminuir o abismo que se estendia entre eles. A surdez. Toda uma vida obedecendo a normas e sendo repreendida com severidade quando as infringia. Inclusive em meio a escuridão, Alex pôde ver seu pequeno rosto cheio de dor, que ia adquirindo um aterrador e apagado tom vermelho. As veias de suas bochechas e seu pescoço se sobressaíam, moradas sob a pele, pulsando com força e inchando-se por causa da crescente pressão.

Uma fúria impotente estalou dentro de Alex. Ficou de pé de maneira tão repentina que a cabeça começou a lhe dar voltas. James Trimble. O maldito homem.

Voltou-se e saiu correndo do sótão. Desceu as estreitas e levantadas escadas como se não estivessem ali. Quase imediatamente depois que saiu, Annie começou a gritar de novo. A pobrezinha não tinha maneira de saber quão fortes eram seus gritos.

Praticamente cego pelas lágrimas, Alex atravessou a casa. Parecia estar caminhando trabalhosamente sobre um leito de melaço que lhe chegava até a cintura. Cada passo representava um enorme esforço, cada movimento era exasperantemente lento. Alex chegou a seu escritório convertido em um demente. O chicote. O maldito chicote. Não podia recordar onde o tinha deixado.

Quando chegou a sua escrivaninha, começou a abrir as gavetas com tal força que as tirou de seus trilhos, derrubando seus conteúdos no chão. Alex percebeu vagamente que Maddy tinha entrado no escritório. Ouviu-a falar como se estivesse muito longe dali e não conseguiu distinguir as palavras que pronunciava. Não lhe importava o que ela estava dizendo. Naquele momento só lhe importava a jovem no sótão.

Finalmente encontrou o chicote na última gaveta da escrivaninha. Fechou o punho ao redor dele e passou correndo por Maddy, sem sequer lhe dedicar um olhar. Voltando sobre seus passos, retornou ao sótão. Já sabia que Annie se calaria assim que o visse. Essa era a regra.

Pois bem, já tinha se fartado das estúpidas normas dos Trimble e iria demonstrar a Annie de uma vez por todas.

Quando entrou no salão de novo, ela reagiu tal e como o tinha feito antes, deu um grito afogado e logo conteve a respiração para sufocar todo som que queria sair do mais fundo de seu ser. Alex se dirigiu

diretamente a cambaleante mesa de três pernas. Com um amplo e violento movimento do braço, fez voar sua heterogênea coleção de taças e pires de porcelana, que chocaram contra a parede, fazendo-se pedacinhos. As partículas e fragmentos de porcelana ricochetearam. Não lhe importava. Podia comprar mais taças de porcelana, todas as que quisessem, contanto que a fizesse feliz. Mas não podia comprar outra oportunidade de viver!

Tremendo de fúria, Alex jogou o chicote sobre a superfície da mesa. Logo, tirou a navalha do bolso de sua calça. Com movimentos trêmulos, desdobrou a navalha e o prendeu com a tira de pele, fazendo-a migalhas.

— Grita! — rugiu — Grita, berra, chora! Não me importa, Annie! Entende? Não te castigarei por fazer ruído. Nunca te castigarei. Nunca!

Ras, ras, ras. Em meio de seu ataque de histeria, Alex cortou a tira de pele até vê-la convertida em minúsculos pedaços. Então, e só então, parou. Jogando a tira no chão, pôs as mãos sobre a mesa e deixou cair a cabeça, respirando como se tivesse corrido mais de dez quilômetros. Quando finalmente levantou os olhos, viu que Annie ainda se encontrava encolhida no canto, apertando os joelhos com os magros braços. Contra seu rosto assombrosamente vermelho, seus enormes olhos cheios de lágrimas eram como manchas de cor azul escura.

Alex a olhou.

— Amo você, Annie — sussurrou com voz rouca, e logo abriu os braços.

Alex esperou durante um momento que lhe pareceu eterno, rogando em silêncio que ocorresse um milagre. Era algo que não fazia desde que era uma criança. Só um pequeno milagre.

— Por favor... — sussurrou com voz entrecortada — Venha aqui, Annie, carinho.

A jovem se levantou do chão com um gemido, de maneira tão repentina que pareceu mover-se meio as cegas. Logo, lançou-se em seus braços, estrelando-se contra ele com a parte mais sobressalente de seu pequeno corpo, que naquele momento de sua gravidez era o ventre. Temendo que a jovem pudesse se machucar, Alex cedeu ligeiramente sob seu peso para diminuir o impacto e esteve a ponto de perder o equilíbrio na tentativa. Sustentando-a contra seu corpo, deu um cambaleante passo para trás, mas logo conseguiu recuperar o equilíbrio.

Annie lhe rodeava o pescoço com seus esguios braços, aferrando-se a seu corpo como se estivesse a ponto de cair em um precipício e ele fosse seu único cabo. Seus soluços profundos e trêmulos, que agora afogava contra o ombro de Alex, não eram tão fortes; mas mesmo assim conseguiam sacudir seus corpos. Alegrava-lhe que ela não continuasse contendo a respiração.

— Ah, Deus, Annie... — Com doçura, Alex fez com que sua mulher se apertasse mais contra ele, se é que isto era possível, pois ela se derreteu em seus braços como uma porção de manteiga sobre uma fatia de pão quente — Perdoe-me, carinho. Perdoe-me.

Dado que tinha o rosto apertado contra seu ombro, Alex sabia que ela não ouvia o que estava dizendo e possivelmente isto fosse o melhor. Antes de tentar acalmá-la, ele também tinha que tranquilizar-se e naquele preciso instante não estava tranquilo absolutamente. Ele tinha a culpa de tudo. Teve uma oportunidade de sentar-se com ela e lhe explicar o processo do parto e devido a um cavalheirismo mal entendido, evitou essa responsabilidade, dizendo-se que a ignorância era uma bênção.

Que equivocado estava. Ao não tratar o tema, tinha permitido que Annie ficasse vulnerável de uma maneira que nenhuma mulher deveria sê-lo. Por culpa dele e de sua estupidez, ela estava morta de medo e presa pelo pânico. Isto não tinha sentido e era completamente desnecessário. Deveria ter conversado com ela. Se tivesse conversado com ela, se tivesse sido sincero e lhe explicado as coisas tal e como eram, teria podido evitar aquele desastre.

Desesperadamente desejosa de aproximar-se mais dele, ela ficou nas pontas dos pés e se aferrou com mais força ao pescoço de seu marido. Pesava tão pouco que Alex quase não sentiu a pressão sobre seus pés. Dobrando um braço debaixo de seu traseiro, levantou-a, apertada contra seu corpo, sorrindo através das lágrimas ao sentir toda sua doçura. Annie, com seu enorme ventre, era a mais preciosa carga que seus braços tinham levado em toda sua vida. O homem apertou seu rosto contra o cabelo de Annie e ela o soltou deixando escapar um grito terrível e dilacerador que saiu de maneira entrecortada de seu peito.

Para Alex, era um som cheio de dor, não um grito estudado que procurasse compaixão; tampouco um soluço delicado, cuidadosamente calculado para parecer feminino. Aquele grito saiu de sua alma, cru, cheio de dor, desagradável em sua extrema franqueza. Nada foi reprimido nem moderado. Mesmo assim, Alex pensou que

era o som mais belo do mundo. O simples feito de que ela se atreveu a proferi-lo era um presente, uma amostra de confiança.

Ao compreender isto, seus olhos voltaram a encher-se de lágrimas. Esquecendo seu delicado estado, esquecendo tudo, estreitou-a com mais força entre seus braços, plenamente consciente das frágeis costelas que havia sob suas mãos, de suas estreitas costas, de sua leveza. Ela não era muito grande, mas, de uma maneira maravilhosa, tinha enchido por completo seu mundo. Estreitá-la entre seus braços... Saber que ela confiava nele como nunca tinha confiado em ninguém...

O presente de Annie... Estreitando-a entre seus braços como o estava fazendo naquele instante, Alex mal podia acreditar que houve um tempo que clamou contra o destino, que viu seu matrimônio como um sacrifício obrigatório para concertar um engano. Tinha erros que retificar, certamente, mas não era uma obrigação e muito menos um sacrifício. Amar aquela mulher, fazia parte de seu mundo, era uma bênção do céu.

Alex a levantou entre seus braços e a levou a cadeira de balanço que se encontrava em um canto da habitação. Depois de sentar-se nela, estendeu Annie sobre seu colo, deixando que apoiasse a cabeça em seu braço, não com a intenção de que ele pudesse ver seu rosto, mas sim, para que ela pudesse ver o seu. Os olhos da jovem, cheios de pânico, aferraram-se quase desesperadamente aos seus. Até aquele instante, Alex tinha tido a intenção de falar com ela, lhe explicar com todo luxo de detalhes o que tinha visto nas cavalariças. Mas o olhar que viu nela o fez calar. Não era o momento de falar. Ao menos, de maneira convencional.

Assim, em lugar de falar, estreitou-a contra seu corpo, tal e como o teria feito com uma criança e começou a embalá-la. Enquanto a balançava, sussurrava palavras que sabia que ela não podia ouvir. Mas o que dizia não importava. De todos os modos, o que Annie necessitava naquele momento eram mensagens que não podiam ser expressos com palavras. Acariciou seu cabelo com mão trêmula. Logo, apertou a bochecha contra a cabeça dela e fechou os olhos. Não se surpreendeu absolutamente quando sentiu mais lágrimas correndo por suas bochechas. Cada um de seus soluços o atravessava como uma adaga.

Havia se sentido culpado em diferentes ocasiões ao longo de sua vida, mas nunca tanto como naquele momento. Permitiu-lhe chorar, pois sabia que ela necessitava. Só Deus sabia quanto merecia que a deixassem chorar. Quando ela finalmente começou a tranquilizar-se,

ele a acomodou em seus braços de tal maneira que seus rostos ficaram a muito poucos centímetros de distância.

— Annie. — Alex respirou fundo — Acredito que temos que conversar. Sobre o bebê e como serão as coisas quando...

Annie abriu os olhos para manifestar um inconfundível sentimento de terror e negou violentamente com a cabeça.

— Nooooo!

Alex a agarrou pelo queixo para obrigá-la a olhá-lo. Quando ela finalmente se tranquilizou e ele sentiu que tinha toda sua atenção, falou.

— Alguma vez te disse uma mentira?

Ela negou com a cabeça de maneira quase imperceptível.

— Então pode confiar em que não vou te mentir agora. Ter um bebê não é... — Pôs ênfase na palavra não, dizendo-a lentamente e com exagerada clareza — Não é como o que viu nas cavalariças.

O olhar dela se aferrou ao seu, cheio de perguntas e incredulidade.

Alex engoliu saliva. Não desejava aquela conversa, mas tinha que fazer-se compreender de algum jeito. Sem saber por onde começar decidiu simplesmente falar. Não sabia o que lhe havia dito exatamente, só que lhe contou que o potro vinha de nádegas e que logo lhe descreveu um parto normal. Não lhe escondeu nada e foi totalmente sincero. Falou-lhe inclusive das dores do parto. Quando lhe explicou como sairia o bebê por seu corpo, o medo escureceu os olhos de Annie; o qual lhe partiu a alma, mas também lhe fez sorrir.

— Annie, carinho, sua mãe deu a luz a você. A minha deu a luz a mim. Todas as criaturas vivas que vemos ao nosso redor tiveram que nascer e de uma maneira muito parecida com a que nascerá seu bebê. Provavelmente não será uma experiência muito agradável, mas não vai morrer e eu estarei junto a você para te ajudar, prometo-lhe. — Acariciou a bochecha da garota com a ponta dos dedos — Vai ser bonito, tesouro; não será horrível, já verá. Confia em mim. E, quando tudo terminar, vai ter seu bebê ao qual poderá lhe dar todo seu amor.

Ela pareceu ter reservas a respeito destas últimas palavras. Alex não pôde fazer nada a não ser sorrir.

— Acredita que te mentiria?

Continuou parecendo indecisa.

— Bom, pois então me parece que o mais indicado é dar um passeio pelas cavalariças. Apesar de ter sido um parto difícil, a égua já está bem. E é a orgulhosa mãe do potro mais bonito que já viu em sua

vida. — Resolvido, Alex a fez descer de seu colo e ficou de pé — Mostrarei que não estou mentindo.

Ela negou veementemente com a cabeça. Era evidente que lhe assustava a ideia de retornar às cavaleriças.

Alex a agarrou pela mão.

— Confie em mim, Annie. Você viu a pior cena que uma futura mamãe pode presenciar. Agora quero que veja a mais doce.



As cavaleriças eram o último lugar ao que queria ir Annie. Mas Alex insistiu e como ele era muito maior, não teve mais remédio que aceder. Para sua grande surpresa, anoiteceu enquanto permaneceram dentro da casa. A luz da lua e as sombras desceram sobre eles quando saíram ao jardim. Como se intuísse seu nervosismo, Alex lhe rodeou os ombros com um braço e a atraiu para ele enquanto andavam.

Aquela desacostumada cercania serviu para distraí-la de suas preocupações mais que qualquer outra coisa que ele tivesse podido fazer. No ponto que seu ombro se apertava contra o flanco de Alex, ela sentia seu corpo como se fosse de aço recoberto de uma seda ligeiramente acolchoada. O braço dele ao redor de seus ombros lhe resultava maravilhosamente forte e quente. Enquanto se moviam juntos através do escuro jardim, Annie pensou que ele deveria estar fazendo um esforço para adaptar seu passo ao dela, pois suas pernas eram muito mais largas que as suas. O quadril de Alex lhe chocava contra seu flanco em um ponto que se encontrava muito mais acima de sua cintura.

A jovem olhou com dissimulação seu perfil moreno, perturbada como nunca antes esteve. Sentiu uma espécie de agitação no estômago e ao mesmo tempo, uma estranha emoção. Como se tivesse advertido seu olhar, ele desceu o olhar, olhou-a nos olhos e esboçou um desses sorrisos suaves e deliciosamente torcido, tão próprios dele.

— Nunca tínhamos caminhado juntos sob a luz da lua, não é verdade?

Annie assentiu com a cabeça.

Seus dedos longos se moveram no lugar sobre o ombro de Annie e esta leve carícia fez com que ela sentisse um formigamento na pele.

— Temos que fazê-lo mais frequentemente. Está preciosa sob a luz da lua. Absolutamente preciosa.

Annie duvidava que isso fosse verdade. Embora não lhe davam ataques de pranto com muita frequência, as poucas vezes em que isto acontecia, ficava horrorosa, com os olhos inchados e o rosto vermelho.

Como se tivesse adivinhado seus pensamentos, ele riu. A débil risada vibrou através dos ombros de Annie e se irradiou ao longo de seu braço.

— É bonita, Annie, carinho. Acredite em mim. Sem lugar a dúvidas, é uma das garotas mais formosas sobre as quais tive o prazer de posar os olhos.

Uma sensação ardente subiu devagar pela garganta de Annie e se transformou em fogo em suas bochechas. Ela em seguida afastou o olhar. Um instante depois sentiu que o corpo de Alex se movia e quase sem que percebesse, o homem se agachou para que seu rosto ficasse frente ao da moça. Ela retrocedeu assustada, o que fez com que ele voltasse a rir.

— Estou conversando com você, tola. Como pode saber o que estou dizendo se não me olha?

Annie o seguiu com o olhar enquanto ele se endireitava. Estava a ponto de sorrir, muito a seu pesar. O fato de que o que menos queria fazer até uns poucos minutos fosse sorrir a fez vacilar.

— Assim está melhor — disse ele — Sentia-me como um completo tolo, andando no meio da escuridão e conversando sozinho.

Uma das comissuras da boca de Annie começou a tremer. Ele tocou a covinha de sua bochecha com a ponta de um dedo.

— Por certo, também tem o sorriso mais maravilhoso que jamais vi. A classe de sorriso que faz com que um homem adulto fique em ridículo.

Annie negou com a cabeça. Ele assentiu enfaticamente. Contendo uma risada, Annie moveu a cabeça com mais força para seguir negando-o.

Alex se fez de zangado e adotou uma expressão comicamente contrariada.

— Deus santo, nossa primeira discussão!

Ao ouvir estas palavras, Annie perdeu o controle. A risada que esteve contendo estalou em sua garganta. Ao ouvir este som, Alex parou em seco. A garota pensou instintivamente que ele iria repreendê-la. Mas a luz da lua lhe permitiu ver um brilho malicioso em seus olhos.

— De verdade acabo de ouvir uma gargalhada? — Apertou seus ombros com mais força e a atraiu docemente para seu corpo —

Noooo! Não, minha Annie não ri. — Observou-a atentamente durante um momento — Pobre menina, tem soluço, verdade? A cruz da existência de toda futura mamãe é a indigestão crônica.

Annie voltou a rir. Não parecia poder parar. E quando finalmente o fez, aconteceu algo incrível. O sorriso de Alex se apagou de seu rosto e, depois de olhá-la fixamente durante intermináveis segundos, ou ao menos assim pareceu a ela, seus olhos se encheram de lágrimas.

— Obrigado — disse ele.

Só isso, só um simples “obrigado”. Mas para Annie, esta era a palavra mais maravilhosa que jamais ouviu pronunciar e significava muito mais que qualquer outra. Com esta única palavra, estava lhe dizendo uma infinidade de coisas e concretamente que tudo o que lhe havia dito no sótão era verdade, que não só não a castigaria por fazer ruído, mas também, além disso, fizesse que o quisesse.

Uma extraordinária sensação de liberdade a invadiu, uma sensação de leveza, quase como se pudesse flutuar no ar. Compreendeu que podia confiar naquele homem. Em tudo. E com seu olhar lhe dando coragem, atreveu-se a articular duas palavras para que ele as lesse em seus lábios.

— *De nada.*

Embora parecesse incrível, ele conseguiu ler seus lábios de primeira, pois seu sorriso se fez mais profundo. Agarrando o queixo dela com a mão, fez que com que levantasse o rosto para que a luz da lua caísse sobre ela.

— Diga de novo.

Annie o agradeceu. Enquanto ela voltava a articular as palavras, ele percorria seus lábios com o dedo polegar. Seus olhos se encheram de regozijo enquanto exploravam os dela.

— Assim são todas as mulheres. Anima-as a falar e antes que pereba, convertem-se em uns periquitos.

Depois de fazer esta afirmação, negou com a cabeça e continuou andando. Cravando o olhar nas cavaliças, Annie percebeu que já não tinha medo de entrar ali e ver a égua. Embora Alex estivesse equivocado e a besta se encontrasse em um estado lamentável, ela podia confrontar a situação.

Pensava que enquanto Alex estivesse ao seu lado, podia enfrentar quase qualquer coisa.

Quando entraram nas cavaliças, a coragem de Annie fraquejou. O interior da edificação estava muito escuro, e totalmente silencioso. Era assim como ela se imaginava a morte, a negra aparência. Durante uns poucos instantes, Alex a deixou sozinha no meio do

vazio. Não sabia por que. Só sabia que a tinha deixado ali e ela sentiu como se a pele fosse ficar do avesso.

Logo retornou a seu lado. Grande, musculoso e carinhoso. Agarrou suas mãos e as pôs sobre algo feito de metal e cristal. Annie explorou seus contornos com os dedos e reconheceu a forma de um farolete. Aquele desdobramento de cortesia e consideração a fez sorrir ligeiramente. Ao lhe permitir tocar o candeeiro, estava lhe explicando por que a tinha deixado sozinha durante um minuto.

Agarrou-lhe firmemente o braço e se apoiou nele enquanto andavam. Desejava que Alex decidisse que não era necessário fazer aquilo depois de tudo. Mas não teve essa sorte. Ele insistiu que seguisse adiante, puxando-a para que se mantivesse a seu lado em meio a escuridão. Quando dobraram à esquerda, a jovem soube que tinham entrado em um corredor que cruzava com o primeiro e que o estábulo da égua estava um pouco mais adiante. Escrutinando inutilmente a escuridão, tentou ver o rosto de Alex. Queria vê-lo. Não queria, precisava vê-lo.

Depois de parar um instante, ele voltou a afastar-se dela. Nunca na vida sua surdez a tinha incomodado tanto. Parecia que o silêncio se converteu em uma criatura viva, com dedos gélidos e garras que se dobravam ao redor de seu corpo. “Alex?” Ah, Deus, a tinha deixado sozinha. Completamente sozinha. Andou a cegas como uma louca. A palma de sua mão tropeçou com uma superfície de madeira áspera.

Imediatamente, uma luz estalou junto a ela. Assustada, Annie deu um salto para trás. Logo, viu que Alex simplesmente tinha acendido um fósforo. Uma cor âmbar piscou sobre seu rosto moreno, fazendo com que seus olhos brilhassem de maneira estranha e inquietante. Levantou o farolete, levou a chama ao interior do candeeiro e estalou uma deslumbrante brancura. Sacudiu o fósforo e antes de jogá-lo fora, colocou seu extremo quente na boca, para certificar-se de que estava completamente apagada. Depois de fazer girar a válvula do combustível para regular a luz, pendurou o candeeiro em um prego que sobressaía de uma parede, em cima dele.

— Disse algo Annie. — Logo, quando viu que ela não reagia, levou as mãos aos quadris, inclinou ligeiramente uma perna, e descansou o peso de seu corpo sobre o outro pé. Apertando o fósforo entre seus dentes, voltou a falar. Dado que estava falando entre dentes, Annie não tinha nem a menor ideia do que estava dizendo; só notava que ele começava a exasperar-se porque ela não atendia sua solicitude. Quando ele voltou a falar, ela rapidamente deu um passo adiante e lhe tirou o fósforo da boca com um puxão.

Alex pareceu ficar desconcertado durante um segundo e logo sorriu.
— Sinto muito.

Annie levantou as sobrancelhas.

— Estava dizendo para dar uma olhada e comprovar com seus próprios olhos. — Alex assinalou o compartimento com a cabeça — A mãe e o bebê, sãs e salvos.

Annie se voltou para dar uma olhada por cima da porta, ele se aproximou por trás e rodeou a cintura da jovem com seus fortes braços. Logo, pôs uma de suas grandes mãos sobre seu ventre inchado e o acariciou brandamente com as pontas dos dedos. Durante um instante, a futura mãe ficou tensa, perturbada pelo excesso de familiaridade. Mas logo sentiu que a tensão desaparecia sob as doces carícias de suas mãos. Alex. Recostou-se contra ele e fechou os olhos, imaginando que sentia toda sua força entrando nela. Sentiu os constantes e fortes batimentos de seu coração contra seu ombro, um ritmo férreo e tranquilizador que curiosamente parecia estar em harmonia com os batimentos de seu próprio coração.

Em sua boca se desenhou um sorriso e abrindo os olhos, dirigiu o olhar para o cubículo. A égua se encontrava no centro do cercado. Seus olhos marrons aquosos posaram com curiosidade sobre os dois humanos que tinham importunado sua tranquilidade. Junto a ela, com as patas largas e desajeitadas abertas para tentar manter o equilíbrio, estava o potro. Com a cabeça debaixo do ventre de sua mãe, mamava com impaciência. Tinha a pequena cauda levantada e a fazia girar rapidamente em círculos pequenos.

Alex se inclinou para frente para que ela pudesse vê-lo.

— Vê a cauda? É a manivela de sua bomba. Sobe e desce cada vez que ele mama.

Annie riu alegremente.

— Me alegro que goste. Antes que termine o inverno, ele já parecerá parte da família. Nasceu fora de temporada. A maioria dos potros nasce na primavera, o que lhes dá tempo de sobra para desenvolver-se antes que chegue o mau tempo. Teremos que mimar este pequenino.

Depois de dizer estas palavras, Alex abaixou os ombros para apoiar o queixo junto a orelha de Annie. Ela sentiu o ligeiro roce de suas costeletas. O perfume de bergamota de creme de barbear que ele usava alagou seus sentidos.

De repente, como se lhe incomodasse o pouco habitual peso de suas mãos, o bebê se moveu dentro dela. Não foi um movimento ligeiro, como os que a jovem estava acostumada a sentir, mas, muito

forte. Levou um susto e sentiu o peito de Alex sacudir-se com uma risada, suas profundas vibrações percorreram todo seu corpo com raios de sol. Reacomodando suas mãos, ele apalpou docemente sua dura redondeza. O bebê se moveu para tentar escapar da molesta pressão. Annie sentiu que um ardente rubor lhe subia pelo pescoço.

Alex devia sentir em sua bochecha o calor que invadia o rosto da garota, pois se inclinou para olhar seu rosto com seus cintilantes olhos de cor âmbar.

— Não seja tímida, Annie, amor. Este é meu bebê. E você é minha. Sentir a vida que cresce dentro de você é como tocar um milagre.

Annie agarrou as mãos de Alex e deixou que seus olhos se fechassem de novo. Por razões que ela não conseguia compreender, sentia-se extremamente bem entre seus braços. Maravilhosamente bem. Não queria mover-se, não queria que ele jamais afastasse suas mãos dali. Seu bebê. A doçura destas palavras esteve a ponto de fazer com que os olhos voltassem a encher-se de lágrimas, mas desta vez seriam lágrimas de alegria.

Permaneceram assim durante um longo tempo, Annie recostada contra seu corpo e ele sustentando seu peso. A sensação que a invadiu foi muito similar aquela que se apropriava dela quando contemplava a saída do sol, sentia como se Deus lhe tivesse dado uma canção.

Quando saíram da cavalaria, os pensamentos de Alex estavam completamente centrados na garota que andava junto a ele, ao amparo de seu braço. Não pôs nenhuma objeção quando lhe disse que aquele bebê era dele, que ela era dele. Tinha rogado a Deus para que não tivesse nenhuma objeção. Já tinha se envolvido muito e lhe custaria muito voltar atrás. Estava loucamente apaixonado e isso era irrevogável. Ela levou alegria para sua vida, uma alegria que superava em muito todos seus sonhos; um doce e maravilhoso júbilo que lhe tinha feito sentir que a existência valia a pena. Ver o mundo através de seus olhos lhe ensinou a apreciá-lo de outra maneira. Potros recém-nascidos. Ratos no sótão. Dança ao compasso de melodias silenciosas. O insuperável sabor de um chá inexistente. Ela era menina e mulher de uma vez, em um só corpo, uma combinação encantadora e amava as duas.

Perdê-la naquele momento... Apenas a ideia causava em Alex uma profunda dor, de modo que a separou de sua mente. Pertencia-lhe, aos olhos de Deus e dos homens. O bebê que estava esperando era dele. Nada poderia mudar isso. Ele não permitiria, pois perdê-la, agora que a tinha encontrado, seria como morrer por dentro.

CAPÍTULO 18

Na manhã seguinte, um comboio de mercadorias chegou a Montgomery Hall e todas eram para Annie. Alex se sentia como uma criança no Natal enquanto conduzia os homens a seu escritório, o qual a partir daquele momento se converteria também em salão de música.

Ao ver o órgão, Maddy levantou as sobrancelhas para manifestar suas reservas.

— Senhor, tem certeza de que quer que levem esse ruidoso aparelho a seu escritório? Como poderá concentrar-se?

Alex tinha a intenção de concentrar-se muito, mas não necessariamente em suas contas. Fazia já várias semanas que tinha decidido que a melhor maneira de cortejar sua esposa era com sons. Não permitiria que pusessem seus chamarizes em outra habitação.

— Onde está Annie agora? — pergunto para Maddy.

— No quarto das crianças. Desenhando, acredito.

Alex sorriu. Estava tão ansioso para mostrar a sua esposa tudo o que tinha comprado que foi correndo a carruagem para levar ele mesmo uma das caixas.

— Nós podemos levá-lo, senhor Montgomery — lhe assegurou um dos homens — É nosso trabalho.

— Não me incomoda ajudá-los.

Alex levou a caixa a seu escritório e a pôs sobre a escrivaninha. Tirou uma navalha do bolso, cortou a fita e as cordas e logo abriu a tampa. Aparelhos de surdez. Quase com veneração, Alex tirou um da caixa e sorriu para Maddy.

— Os aparelhos de surdez de Annie! Agora poderei começar a lhe dar aulas.

— Vai atuar como professor? Recorde as notas que tirava o colégio. Será todo um espetáculo!

— Vou lhe ensinar o alfabeto mímico e a língua de sinais — declarou Alex — Espera e verá. Serei um professor estupendo. Não queria começar até que chegassem estes aparelhos. — Levantou uma trombeta — Com um pouco de sorte, Maddy, poderá ouvir com estes artefatos. Ao melhor não com a maior clareza, mas tudo pode ajudar.

Maddy se dirigiu à escrivaninha e tirou da caixa um aparelho de surdez de tamanho médio. Depois de tirar o papel, introduziu o aparelho em seu ouvido. Alex se inclinou para frente e disse “olá” no

outro extremo. Ela se assustou, afastou o aparelho de sua cabeça bruscamente e gritou.

— Valha-me Deus!

Alex riu e lhe arrebatou a trombeta. A levou ao ouvido.

— Diga algo.

— Rompeu meu tímpano! — disse Maddy quase a gritos.

— Por Deus! — Alex esfregou um lado da cabeça com uma mão e olhou o aparelho de surdez com renovado respeito — É assombroso. Completamente assombroso.

Uma vez que os correios partiram, Alex passou perto de meia hora organizando todos os instrumentos de Annie na habitação. Absteve-se de tentar tocar algum deles, pois temia que ela pudesse ouvir os sons e fosse ao escritório antes que ele tivesse terminado de preparar tudo.

Finalmente chegou o momento da entrega dos presentes. Tão emocionado por ver seu rosto mal podia suportar a espera, Alex se sentou no órgão. Depois de respirar fundo e rezar, provou os pedais. Ato seguido começou a tocar. Bom, não precisamente a tocar, pois não tinha nem a menor ideia de como fazer música com aquele condenado aparelho. Mas o som que saía dele era maravilhoso. Uns poucos minutos depois, a porta de seu estúdio se abriu com grande estrépito e Annie entrou com as mãos cruzadas sobre seu inchado ventre e os olhos como pratos.

Alex seguiu enchendo a habitação de sons, sorrindo para Annie por cima de seu ombro. Como se estivesse hipnotizada, ela se dirigiu para ele com os olhos cravados no órgão. Quando finalmente esteve perto, estendeu uma mão para tocar a brilhante madeira de um modo quase reverencial. Logo, aproximou-se ainda mais, acariciando a superfície do órgão com as duas mãos. A expressão de seu rosto fez com que valesse a pena cada centavo gasto nele. Felicidade, isso era o que se refletia em seu rosto. Sem separar as mãos da madeira, a moça fechou os olhos. Seu encantado sorriso era tão doce que ele sentiu uma profunda dor no coração.

Alex deixou de tocar, agarrou-a pela mão e fez com que se sentasse no banco.

— Agora você o toca.

Ela cruzou as mãos de novo e as apertou contra seu corpete, como se tivesse medo de tocar as teclas. Alex pegou com firmeza seus pulsos, obrigou-a a abaixar os braços e levou seus rígidos dedos às peças de marfim. Depois de atrair sua atenção, insistiu.

— É seu, Annie. Comprei para você.

A jovem lhe lançou um olhar de incredulidade. Logo, voltou a olhar fixamente o órgão. Rindo, Alex lhe ensinou como fazer funcionar o aparelho. Uns poucos segundos depois estavam tocando a todo volume e ele quase teve que sair da habitação. Ficou observando-a. Compreendeu que, entre todas as coisas que tivesse podido lhe dar, a ideia dos instrumentos musicais tinha sido uma espécie de inspiração divina.

Para Annie, o órgão era um sonho feito realidade. Isto parecia o justo, pois desde que a conheceu, ela também tinha feito com que alguns sonhos se fizessem realidade para ele. Sonhos impossíveis. Encontrar um anjo e casar-se com ele. Querer a alguém mais que a si mesmo. Ter uma verdadeira razão para viver.

Annie ficou no estúdio até a hora de jantar. Naquela vez não o fez porque ele insistia, mas sim porque nada no mundo teria podido tirá-la dali. Do órgão passou as timbres e logo a outros instrumentos. A casa se encheu de ruídos. Ruídos ensurdecedores, horrorosos, mas havia um fato que os fazia formosos para Alex, que Annie podia ouvir alguns acordes. Não lhe importava que ela só aprendesse rapidamente como tocar as notas que podia ouvir melhor e as repetisse uma e outra vez, uma e outra vez. Estava se divertindo como nunca.

Na hora do jantar, Alex conseguiu fazer com que deixasse de tocar o tempo suficiente para comer. Quando começaram com o primeiro prato, Maddy entrou com uma bule, que pôs no centro da mesa com um forte golpe. Alex lhe lançou um olhar inquisidor.

— Passa algo, Maddy?

— Como disse?

Alex repetiu a pergunta.

Maddy inclinou a cabeça.

— O que está dizendo?

Persuadido de que ela estava sendo sarcástica devido ao ruído que Annie lhes brindava, Alex se recostou em sua cadeira olhando-a nos olhos.

— Isto não me parece gracioso, Maddy.

Com uma expressão de contrariedade no rosto, a governanta colocou um dedo no ouvido, pinçou durante um momento e tirou um pedaço de algodão.

— Sinto muito, senhor. Não ouvi o que disse.

Alex ficou olhando fixamente a mulher durante um momento, logo jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Annie, assaltando-

se afanosamente de comida para terminar o jantar e retornar ao escritório quanto antes, não levantou os olhos em nenhum momento.



Na manhã seguinte, assim que se levantou da cama, Alex pensou que já era hora de começar a dar aulas a sua esposa. Entretanto, no instante em que tentou obrar em consequência desta decisão, encontrou-se frente a uma jovem muito desventurada. Annie, fascinada com todos aqueles troços produtores de ruído que lhe foi dado de presente, não queria fazer outra coisa que não fosse brincar com eles. Quando Alex a levou a seu escritório e a fez sentar-se em sua cadeira, ela adotou uma expressão de rebeldia e fez uma careta. Uma inconfundível careta. Alex compreendeu que seu anjo estava ficando um pouco mimada.

Aproximou uma cadeira, sentou-se junto a ela e estendeu a mão para agarrar as publicações que o doutor Muir lhe tinha conseguido, Um léxico de sinais mudos, de James S. Brown, e A linguagem de gestos dos índios, do W. P. Clark. O segundo, para grande regozijo de Alex, tinha ao redor de mil entradas descritas verbalmente e relacionava cada uma delas com seu equivalente na língua de sinais norte-americana. Desta maneira, o livro se convertia em um dicionário, tanto dos gestos índios como dos americanos. Além dessas publicações, havia duas cópias em papel carvão de uns folhetos recolhidos especialmente para Alex por uma mulher que vivia em Albany e trabalhava com surdos em um centro especializado.

— O trabalho vai antes do jogo — disse a sua esposa com voz firme — Já é hora de que comece a encher essa tua preciosa cabecinha com alguns conhecimentos, carinho.

Abriu um dos livros e começou a folhear as páginas para encontrar o alfabeto datilológico. Quando voltou a levantar os olhos, Annie pegou um aparelho de surdez de seu escritório e estava soprando com todas suas forças. Alex ficou olhando-a durante um momento com um sorriso indulgente. Logo, tirou-lhe o aparelho das mãos e colocou um dos extremos do artefato em seu ouvido. Levantou sua mão direita, com os dedos dobrados sobre sua palma e o polegar estendido sobre eles, ele se inclinou para frente e gritou no outro extremo do aparelho de surdez:

— Ah!!

Annie se sobressaltou como se a tivesse cravado com um alfinete e de um puxão, tirou a trombeta de seu ouvido para olhá-lo fixamente.

Depois de uns instantes, voltou a colocar no ouvido com uma expressão de expectativa no rosto. Alex compreendeu que ela pensava que o aparelho de surdez tinha feito o ruído por si mesmo.

— Não, não, Annie, carinho. Fui eu. — Eufórico porque ela parecia ter lhe ouvido, Alex se certificou de que a jovem mantivesse o artefato em sua orelha enquanto ele levava solenemente a boca ao outro extremo — Fui eu, Annie — gritou ele.

A moça se sobressaltou de novo. Mas esta vez não tirou o aparelho de surdez do ouvido. Em lugar disso, agarrou o cabelo de Alex e colocou a parte inferior de seu rosto no sino. Alex começou a rir tão forte que, de havê-lo querido, não teria podido pronunciar palavra. Quando seu alvoroço decaiu, olhou-a nos olhos por cima do sino do aparelho de surdez. Naquele instante abandonou toda a vontade de rir. Os olhos de Annie refletiam os sentimentos mais intensos que viu em toda sua vida. Esperança contida. Incredulidade. Alegria receosa. Sentiu uma opressão no peito. Jogando a cabeça para trás para que ela pudesse ver sua boca ao falar, declarou a voz em um grito:

— Eu te amo.

Ela ficou olhando-o durante um momento. Seus olhos azuis se encheram de lágrimas, que lançavam brilhos como se fossem diamantes. Logo, para grande consternação de Alex, as lágrimas passaram a suas pestanas e começaram a correr pelas bochechas em forma de gotas brilhantes. Enquanto a observava, pareceu-lhe que todo seu rosto tremia, primeiro a boca, logo o queixo e por último os pequenos músculos situados debaixo de seus olhos. Alex se separou do aparelho de surdez.

— Não chore, carinho. Pensei que isto te faria feliz.

A trombeta voou pelos ares quando ela se lançou a seus braços. Perturbado por sua reação, Alex lhe apertou as costas com uma mão e com a outra lhe acariciou o cabelo. Sentiu seu corpo sacudir-se por causa dos soluços. Logo, como se lhe estivesse partindo o coração, ela afastou seus braços com dificuldade e saiu correndo do escritório.

Preocupado, Alex a seguiu até seu quarto, só para descobrir que ela voltou a fechar a porta colocando uma cadeira sob o pomo, a maneira de calço. E, naquela ocasião, fizesse o que fizesse para tentar convencê-la, não a abriria.

Annie se sentou no centro da cama, balançando-se para frente e para trás com as mãos sobre o rosto. Contendo inutilmente a respiração para sufocar os soluços, chorava desconsoladamente. Ele a amava. Já havia dito a duas noites. Mas até uns instantes, quando o olhou nos olhos enquanto dizia estas palavras, não tinha pensado

nas consequências que teria um sentimento semelhante, não para ela, a não ser para ele.

Ele a amava. Ao ver a expressão de seu rosto ao dizer estas palavras... Ah, Deus! Annie engasgou com sua própria saliva ao recordar a sensação de impotência que a invadiu quando não pôde lhe responder.

Uma pessoa pela metade, isso era ela. *Uma surda*. Nada do que ele fizesse nada do que lhe desse poderia mudar isso. Nada. As pessoas normais a tinham recusado toda a vida. Era uma renegada da sociedade aonde fosse. Uma pessoa que não podia fazer amigos nem ir à igreja, e a quem também lhe proibiam aproximar-se do povoado. Embora na realidade não quisesse fazer nenhuma destas coisas, pois ao fazê-las só lhe trazia dor. Não era divertido absolutamente que as demais pessoas a olhassem boquiabertas ou a martirizassem, nem tampouco que falassem dela em sussurros, pensando que não sabia o que estavam dizendo. Ela sabia perfeitamente, pois, embora falasse em voz muito baixa, ela podia ler os lábios. *“Ali está a tal Annie Trimble, a idiota. Pobrezinha. Annie, a idiota. Annie, a idiota.”*

Seria este o presente que daria a Alex? Nada mais que dor? Era com isso que ela contribuiria? Para evitar que lhe fizessem mal, ela tinha se contentado afastando-se das pessoas, conformou-se vivendo a vida pela metade. Tinha entendido à muitos anos que uma vida pela metade era tudo o que podia esperar. Mas Alex podia ter muito mais. Os olhos de Annie voltaram a encher-se de lágrimas, prendendo fogo ao fundo de sua garganta. Alex era um homem maravilhoso. Não só era bonito, mas também doce e amável. Poderia ter qualquer mulher que quisesse. Annie estava segura de que a todas as damas bonitas do povoado adorariam estar em seu lugar, ser a única destinatária de toda sua atenção. Por que teria que conformar-se com uma mulher surda?

Não só com uma mulher surda, mas também além disso não podia lhe dizer sequer que o amava.

Annie sabia o que aconteceria se permitisse que aquela situação continuasse. Em pouco tempo as pessoas começariam a recusar Alex, não porque tivesse feito algo, mas sim porque se relacionava com ela. Antes que percebesse, ficaria sem amigos. Ninguém o convidaria a sua casa. E ninguém iria querer visitá-lo enquanto ela vivesse ali. Annie, a idiota. Para a única coisa que servia, era para que as demais pessoas tivessem algo que olhar.

Annie nunca conheceu ninguém como Alex. Desde que chegou a Montgomery Hall, mudou sua vida. Nunca quis ninguém como a ele.

Não podia suportar ver que começavam a lhe passar coisas más por sua culpa. Ele tinha que apaixonar-se por outra pessoa. De alguém que pudesse fazê-lo feliz e não o inverso.

Depois de tomar esta decisão, Annie chorou até ficar completamente esgotada e sem mais lágrimas que derramar. Logo, refletiu a respeito de qual seria a melhor maneira de comunicar a Alex seus sentimentos. Ele ainda não era o suficientemente bom lendo os lábios como para que lhe contasse tudo isso e tentar representar o que queria lhe dizer seria impossível. Enquanto refletia sobre este problema, recordou de repente a noite em que lhe fez um desenho para lhe dizer que estava esperando um bebê.

Alex andava de um lado para outro do corredor. Subia e descia as escadas. Ia ao quarto das crianças. Logo voltava sobre seus passos. Uma e outra vez. E de novo. Pouco tempo depois, perdeu a conta de quantas vezes subiu as escadas. Algo terrível estava passando. Tinha visto nos olhos de Annie. Mas não conseguia imaginar do que se tratava. Tinha acreditado que os aparelhos de surdez a fariam absolutamente feliz. Mas, em lugar disto, começou chorar. Por quê? Apesar de dar voltas ao assunto uma e outra vez não podia encontrar uma resposta.

Quando finalmente ouviu o revelador chiado das dobradiças de uma porta, encontrava-se subindo as escadas. Aquela devia ser a milésima vez que o fazia. O leve som da porta abrindo-se fez com que subisse voando o resto dos degraus. Depois de correr pelo corredor, parou frente a sua porta. Annie estava dentro do quarto, com sua pequena mão no pomo da porta e o rosto tão branco como leite. Pela mancha vermelha que se via ao redor de seus olhos, soube que a moça esteve chorando.

Ela deu um passo para trás e com um gesto lhe indicou que entrasse. Alex sentiu um mau pressentimento. Annie esquivou seu olhar enquanto ele entrava. Logo, com um resolvido ruído seco, fechou a porta. Sem olhá-lo, dirigiu-se rapidamente à mesa, onde pegou uma folha de papel e a ofereceu.

— O que é isto? — Alex diminuiu a distância que os separava e agarrou o papel com mão tensa. Depois de estudar o desenho que ela fez, pronunciou-se — Annie, isto é extraordinário. Tem muito talento.

Fez seus retratos e sua atenção ao detalhe era incrível. Salvo no trabalho dos artistas profissionais, Alex nunca viu tal domínio da técnica. Tinha dado vida ao desenho só com o lápis-carvão e o papel. Sorriu ligeiramente ao perceber a expressão que ela captou em seu rosto. Seria certo que ele a olhava daquela maneira? Com um sorriso

calmo e um brilho lascivo nos olhos? Supôs que devia ser assim e não ficou mais opção que maravilhar-se de que não lhe tivesse dado um par de bofetadas por tal afronta. Embora a verdade fosse que Annie não reconheceria a lascívia embora a tivesse frente a seu nariz.

Seu olhar posou na imagem de Annie e lhe pareceu que esta não se ajustava de tudo a realidade. Depois de estudar atentamente o retrato, compreendeu que ela provavelmente reproduziu a si mesma no papel de uma maneira muito similar a como se via no espelho, séria, sem indício algum da inocente doçura nem das expressões cândidas que lhe roubaram o coração. Os olhos não refletiam nenhum sentimento nem mostravam brilho algum. Não havia covinhas em suas bochechas. Era Annie, mas sem seu luminoso resplendor. Embora não deixasse de ser formosa, era só um rosto sem alma.

Pareceu-lhe que havia algo mais que não estava de tudo bem. Que fazia falta algo mais. Mas durante uns instantes não pôde saber com exatidão do que se tratava. Depois de estudar o desenho um momento, Alex finalmente percebeu qual era o engano e com o coração na garganta, levantou os olhos para ela.

Annie tinha se desenhado sem orelhas.

Um pouco trêmulo Alex deixou o desenho sobre a mesa. Estava a ponto de falar, mas ela rapidamente agarrou outro e pôs em suas mãos. O homem olhou e viu outro desenho perfeitamente executado do rosto de Annie; mas a este, além das orelhas, também lhe faltava a boca.

Alex quis romper o desenho em pedacinhos e lhe dizer que não fosse ridícula. Mas a expressão de dor que viu em seus olhos o impediu. Estava claro que era um assunto muito sério para ela e a julgar pela força com que apertava a boca, o fato de atrair a atenção para o que obviamente considerava suas inabilidades lhe resultava muito doloroso. Extremamente doloroso.

Deixando cair o desenho, Alex se sentou em uma das cadeiras. Deu uns tapinhas em um joelho para chamá-la.

— Venha aqui, carinho.

Ela cruzou os braços sob os seios e negou com a cabeça. Sua obstinada resistência a fez parecer mais adorável que qualquer outra coisa. Alex não pôde a não ser advertir que a posição de seus braços esguios realçava certas partes de sua anatomia. A costureira, seguindo suas explícitas instruções, fazia os decotes dos vestidos ligeiramente pronunciados. Nada indecentes apenas pronunciados para lhe permitir luzir de uma maneira encantadora seus atributos femininos, os quais ficavam mais generosos devido a sua avançada

gravidez. Ao modo de ver de Alex, se lhe proibiam comer, merecia-se pelo menos que de vez em quando lhe permitissem dar uma olhada no cardápio.

Voltou a dar um tapinha no joelho.

— Venha, carinho. Só quero conversar contigo. —Sem lugar a dúvidas, esta era a maior falsidade que disse em sua vida.

Ela negou com a cabeça e disse articulando para que lhe lesse os lábios:

— *Quero ir para casa.*

A prática cotidiana tinha feito com que as aptidões de Alex para ler os lábios tivessem melhorado o bastante; o suficiente para, com grande esforço, entender frases simples.

— A casa? Quer dizer a casa de seus pais?

— *Sim.*

Ele só tinha uma resposta para isto.

— Não.

Inclinando-se para frente, Alex a pegou pelo pulso e a atraiu para ele. Ignorando seus protestos, o qual não era muito difícil, pois não podia expressar em voz alta, atraiu-a para que se sentasse sobre seus joelhos e a rodeasse com o braço.

— Esta é sua casa agora. É aqui onde deve estar; a meu lado.

Ela afastou o olhar de seus lábios e olhou resolutamente a janela. Compreendendo em seguida qual era seu jogo, ele puxou docemente um dos cachos que caíam sobre sua têmpora. Ao ver que ela se empenhava em não olhá-lo, as comissuras de sua boca se torceram. Agarrando-a pelo queixo, obrigou-a a voltar a cabeça para ele.

— Annie, não me importa que seja surda. É muito bonita, carinhosa e divertida. Estar junto a você me faz feliz como não fui a muito... — Alex viu que ela estava olhando fixamente seu nariz. Ele riu a seu pesar — Que maliciosa é. De modo que pensa me ignorar, não é verdade?

Conseguiu atrair sua atenção lhe beliscando a ponta do nariz.

— Amo você — sussurrou com voz rouca — Se for embora, Annie, partirá meu coração. É isso o que quer, me causar tristeza?

Sombras de dor apareceram em seus preciosos olhos. Levando sua pequena mão a mandíbula de Alex, falou, modulando os lábios muito devagar.

— *Quero que seja feliz. Não poderá sê-lo com alguém como eu. Deve encontrar uma mulher que possa ouvir e falar.*

Alex custou dar sentido as poucas palavras que pôde entender. Este esforço lhe fez apreciar a inteligência de Annie. Muitas das

posições da boca que formavam determinados sons eram muito similares aquelas que formavam outros. Não obstante, Annie conseguia ler os lábios com surpreendente destreza. Ele sabia que, para conseguir, ela não só tinha que seguir o ritmo da pessoa que falava, mas também, além disso, muitas vezes tinha que adivinhar para conseguir entender as palavras confusas.

— Nenhuma outra mulher pode me fazer feliz. — Finalmente tinha conseguido entender o que ela disse — Só você, Annie. Entende? Não pode me deixar. Se o fizer, nunca mais voltarei a ser feliz.

— *Não posso ouvir. Não posso falar. As pessoas pensam que sou idiota e todos me odeiam. Se ficar com você, também odiarão a você.*

— Fez um gesto de frustração com as mãos — *Quero que seja feliz. Deixe-me ir para casa.*

Alex pôde interpretar com facilidade as últimas quatro palavras.

— Não! Nunca. Se for, Annie, carinho, eu vou contigo. Não há mais o que falar.

Um brilho úmido apareceu nos olhos luminosos de Annie. Ela o olhou fixamente durante uns intermináveis segundos, antes que um sorriso começasse a aparecer as comissuras de seus lábios.

— *Você é o idiota, não eu.*

Depois de decifrar com dificuldade esta frase, Alex sorriu.

— Sim, sou um idiota. Um grande ignorante sem sentido comum. Acredito que terá que ficar aqui para cuidar de mim.

Ela pôs os olhos em branco, claramente exasperada com sua lógica. Ou possivelmente com sua falta de lógica.

— *Não posso ficar aqui.*

Ele tinha outras ideias e deslizou uma mão ao redor de sua nuca. As palavras não eram a única maneira com que um homem e uma mulher podiam comunicar-se e ele estava resolvido a lhe ensinar esta lição naquele preciso instante. Que não tinha boca? A jovem tinha uma boca que faria com que muitos homens se matassem por ela.

Suspeitando que talvez resistisse a seus beijos, Alex lhe sujeitou com força as costas, preparado para controlá-la até que começasse a relaxar. Mas, para sua surpresa, maravilhosa surpresa, a mulher cedeu. Permitiu que lhe abrisse os lábios e colocasse sua língua nas úmidas curvas de sua boca.

“*Deus santo!*”, Alex em seguida entrou em êxtase. Nunca um beijo foi tão maravilhosamente doce. Ela se entregou a ele como uma flor a luz do sol, abrindo-se, buscando-o, tão suave e delicadamente fragrante que ele se sentiu embriagado. Seu coração começou a pulsar com força incontrolável. Começou a respirar de forma

entrecortada. Apertando-a firmemente com o braço, deslizou seus lábios da boca até o pescoço de sua amada. Desejava-a. Como brasas vivas de repente para propagar o fogo, a paixão que tinha reprimido sem misericórdia durante as últimas semanas se acendeu dentro dele.

Ao sentir os lábios de Alex roçando seu pescoço, Annie jogou a cabeça para trás e gemeu fracamente, apoiada em seu peito. O homem levou a mão que tinha livre ao corpete de seu vestido. A tentadora brandura de um dos seios encheu a palma de sua mão. Evidentemente excitada, ela começou a respirar de maneira ruidosa e acelerada, emitindo ruídos que evocavam os gemidos. O que faltava para enlouquecer a Alex. De maneira estudada, roçou com um dedo a ponta de seu seio, deleitando-se com o imediato endurecimento de seu mamilo. Mas havia muitas capas de roupa. Ardia de desejos de sentir a sedosa calidez de sua pele.

Os botões de seu corpete eram muito pequenos. Torpemente, Alex tentou desabotoá-los, conseguindo soltar um, logo dois, mas sua pressa era cada vez maior. No fundo de sua mente, seguia esperando que Annie comesse a opor resistência e estava disposto a parar se assim fosse. Mas em lugar disto, ela colocou suas pequenas mãos no cabelo dele. Sua respiração era ainda tão rápida e irregular como a de Alex. Finalmente, ele conseguiu soltar o último botão. Com grande cuidado, e os sentidos eletrizados pela excitação, abriu-o e se encontrou com... uma camisa interior.

— Merda!

Ele afastou para examinar a peça, plenamente consciente dos olhos azuis de Annie, grandes e febris, cravados sobre seu rosto. Alegando-se ao descobrir que sua camisa interior tinha um decote franzido com um cordão em lugar dos detestáveis botões, agarrou a faixa e puxou bruscamente. Em lugar de soltarem-se, os fios de cetim fizeram um nó. Alex apertou os dentes para não soltar outro palavrão. Sabia, inclusive enquanto começava a desenredar o cordão, que Annie poderia recuperar a razão se demorasse e deixar-se levar pelo pânico antes que ele sequer pudesse despir seus seios.

Alex respirou fundo, tentou sorrir tranquilizadamente e se inclinou um pouco mais para trás para ver melhor. Logo, arremeteu contra o cordão, sentindo-se tão frustrado que necessitou toda sua compostura para não lhe arrancar a camisa interior. Sorriu. Depois de tudo, não era mais que um nó, disse a si mesmo. Sentiu que sua fronte começava a cobrir-se de gotas de suor. Uma droga de nó rebelde. Mal podia acreditar em sua má sorte. A mulher mais formosa

que tinha visto em toda sua vida estava sentada em seus joelhos, não só desejando que lhe tirasse a roupa, mas também esperando com paciência a que o fizesse, e ele, homem feito, estava lutando torpemente com uma fita, como um imbecil exímio!

Alex levantou os olhos para descobrir que Annie olhava suas mãos, com seus preciosos olhos cheios de perplexa curiosidade e com a boca franzida. Não parecia ter medo absolutamente e ele estava muito agradecido por isso. Por outro lado, não estava seguro de que ela tivesse a menor ideia do que ele queria fazer. Não sabia como Douglas a tinha agredido, mas era evidente que não lhe havia tocado sequer o torso. Pelo menos parecia que Annie não tinha sofrido trauma algum que impedisse que a tocassem nessa parte de seu corpo.

Finalmente pôde soltar o nó e sentiu uma remota sensação de culpa. Mas a afugentou. Annie estava surda, não morta das sobancelhas para baixo. E, com vinte anos, já não era uma menina. Além disso, era sua esposa. Outro homem, dadas as oportunidades que Alex teve, teria consumado o matrimônio muito antes. Por outra parte, ela não estava opondo resistência alguma. Tampouco parecia assustada. Só manifestava curiosidade por saber o que podia ter de fascinante para ele debaixo de sua camisa interior.

E Alex estava disposto a satisfazer sua curiosidade.

O coração, como uma máquina de debulhar, golpeava com força dentro de seu peito enquanto soltava o franzido cordão do decote da camisa interior. O tecido branco caiu para deixar ver os seios. Eram globos tão brancos como o leite, com inchadas cúpulas de cor rosa. De forma reverencial, Alex roçou sua pele com a ponta dos dedos. Estava quente e sedosa, tal e como tinha imaginado. Continuou acariciando-a brandamente até chegar a um dos mamilos. Viu inchar a fascinante auréola. Annie se sobressaltou quando ele capturou a sensível protuberância entre seus dedos polegares e índice. Seu olhar assustado em seguida procurou o do homem. Enquanto ele acariciava sua pele docemente, ela agarrou com força o cabelo de Alex e seus olhos se escureceram até adquirir um tom azul tempestuoso. Ao mesmo tempo, fechou os olhos em atitude de total entrega as sensações que começava a experimentar.

Inclinando a cabeça, Alex açoitou com sua língua o outro mamilo. Ela deixou escapar um grito afogado e arqueou as costas para entregar-se mais a ele. Seu repentino desejo lhe falou em uma linguagem tão antiga como a própria natureza. Alex se alegrava, não, estava feliz, com o poder de satisfazer suas necessidades. De

fato, não podia acreditar de tudo que ela tivesse se entregado com tal facilidade e que estivesse reagindo daquela maneira, aproximando todo seu corpo dele, desejosa de suas carícias e dos cuidados de sua boca.

Tomando cuidado para não lhe fazer mal, pois supôs que estavam muito sensíveis, mordiscou os inchados mamilos. Quando viu que se dilatavam e se endureciam os capturou entre seus dentes e logo começou a excitá-los sem piedade com a língua. Sabia exatamente com quanta força deveria mordiscar aquelas sensíveis pontas endurecidas, com quanta força tinha que chupá-las para fazer com que ela perdesse a razão. Esfregava um e outro com rápidos e incessantes movimentos de sua língua, fazendo-o inchar-se até palpar ao ritmo dos batimentos do coração. Então, só então, deu o golpe mortal a seus sentidos, puxando um dos mamilos com os dentes.

Ao sentir o primeiro puxão, Annie soltou um chiado. Não um suave choramigo. Um impressionante e ensurdecador chiado. Despreparado, Alex se surpreendeu tanto que se afastou de repente e esteve a ponto de jogá-la no chão. Ela teve que agarrar-se a suas orelhas para não cair.

— Cale-se, Annie!

Ela tinha a cabeça arremessada para trás e os olhos fechados, de maneira que não podia vê-lo falar.

— Annie, não grite. — Alex lançou um olhar à porta, que não estava fechada com chave. Claramente frustrada, a mulher lhe retorceu as orelhas e arqueou seu corpo para cima, lhe oferecendo de novo o peito de maneira resolvida — Maddy entrará no quarto e com toda certeza...

Seu mamilo roçou os lábios de Alex. Ante este contato, ela gemeu de desejo e lhe segurando suas orelhas, fez-lhe inclinar a cabeça.

— Ahhh! — uivou a excitada jovem.

— Por Deus!

Com movimentos fluídos, Alex a levantou da cadeira, deitou-a de costas sobre a mesa, fazendo voar pelos ares o papel e o lápis-carvão e lhe tampou a boca com uma mão. E então lhe deu o que ela queria. Era a primeira vez em sua vida que ria enquanto levava a boca o mamilo de uma mulher.

Ao sentir o primeiro roce da língua de Alex, Annie soltou um chiado dentro da palma de sua mão e voltou a lhe retorcer as orelhas. Alex decidiu que estas podiam suportar o castigo. Em todo caso, depois de uns poucos segundos nem sequer podia senti-las mais.

Annie era como um milagre abrindo-se em seus braços. Tão incrivelmente doce tão absolutamente cândida. Conhecendo bem as mulheres e as diversas maneiras de agradá-las, Alex sabia exatamente onde e como tocá-la e ela respondia a cada nova sensação com ávido desejo e inteira confiança.

Quando ela estava ofegando e tremendo de excitação, ele colocou a mão que tinha livre sob sua saia. Imaginava seu objetivo, o vértice das coxas, enquanto procurava provas na fenda dentro de seus calções. Sentia-se tão ansioso de percorrer com as pontas dos dedos sua cálida umidade, que estava a ponto de perder a razão. Tanto era assim demorou vários segundos para perceber que Annie ficou rígida e empurrava seus ombros com força. Ele se afastou e cravou seus olhos enlouquecidos de paixão nos dela, cheios de medo.

Olhou-a nos olhos e percebeu a causa de sua reação. Ficou paralisado e respirou fundo para tentar controlar-se. Logo, com grande relutância, tirou a mão de debaixo da saia. Parecia que depois de tudo o fantasma de Douglas sim os perseguiria.

— Tranquila, carinho. — Alex se apoiou em um cotovelo, recostou o quadril contra a mesa e inclinou a cabeça para beijar sua boca torcida — Não tenha medo. Não te farei mal.

A tensão desapareceu lentamente de seu corpo. O medo se esfumou de seus olhos. Deitados sobre aquela mesa, com seus preciosos seios nus e a muito pouca distância dos lábios de Alex, ela o tentava de uma forma que nenhuma mulher o fez nunca e se felicitou pelo domínio de si mesmo, quase próprio de um santo. Recordando que aquela pequena maliciosa esteve a ponto de lhe arrancar as orelhas, esboçou um sutil sorriso de satisfação, seguro de que chegaria o momento em que lhe deixaria fazer amor sem pôr nenhuma trava. Tudo o que precisava era paciência e que aparecessem outras oportunidades para excitá-la.

Quis levantar-se. Ao perceber este movimento, Annie agarrou sua camisa e resistiu com força. Alex levantou as sobrancelhas.

— O que quer, amor?

Ela sussurrou algo em silêncio, mas, no febril estado de paixão insatisfeita no qual ele se encontrava, teve dificuldades para concentrar-se nos movimentos dos lábios.

— O que?

Os olhos de Annie se escureceram até adquirir um turvo tom azul cinzento. Logo, acariciou seus próprios mamilos com as pontas dos dedos e lhe sorriu mostrando as covinhas de suas bochechas. Alex lançou um olhar para seus seios. Enquanto a olhava excitar seus

próprios mamilos até deixá-los duros, sentiu que certa parte de seu corpo também experimentava uma dolorosa ereção.

— Não, Annie — disse ele com voz rouca.

Ela puxou com veemência de sua camisa.

— Não posso — insistiu com uma risada entrecortada — Não sabe o que está me pedindo.

Ela fez uma careta com a boca e rodeou seu pescoço com os braços.

— Por favor.

Agarrando-a um pouco mais acima dos cotovelos, Alex a obrigou a sentar-se, fingindo que não entendia. Era mentira, é obvio. Mas a seu modo de ver, todo pecado era relativo, e era preferível que lhe mentisse por omissão a correr o risco de excitar-se tanto que perdesse o controle. Seria imperdoável fazer com que ela se submetesse a sua vontade e poderia causar um dano irreparável. Annie apenas estava começando a confiar nele.

Com mãos trêmulas, Alex tentou agarrar as fitas de sua camisa interior, o qual não foi uma tarefa fácil, pois Annie tentou impedir-lhe com seus magros dedos. Ele desceu os olhos para ver o que ela estava fazendo e esteve a ponto de soltar um grunhido quando percebeu que estava beliscando brandamente, de novo, os inchados bicos de seus seios. Voltando a dirigir o olhar para seu rosto, observou-a atentamente e a viu tensa de desejo, com as pálpebras entreabertas por causa de sua premente necessidade.

— Deus!

Agarrou-a pelos pulsos e afastou as mãos de seus seios. Concluiu que era evidente que abriu a caixa da Pandora e empreendeu a tarefa de voltar a guardar seus tesouros onde os tinha encontrado. Enquanto amarrava o cordão de sua camisa interior e fazia um laço, suspirou com resignação.

— Gostou, verdade?

Ela esboçou um sorriso angélico e assentiu com a cabeça. Alex lhe fechou o corpete e começou a fechar os botões como se sua vida dependesse de um fio.

— Bom, pois teremos que fazê-lo de novo um dia destes. — Falava com a voz um pouco nervosa. Ela assentiu de novo. Ele sorriu e a olhou nos olhos enquanto fechava o último botão — A próxima vez não me peça que pare e te ensinarei quão prazerosas podem ser as demais coisas.

Um gesto de preocupação se desenhou em sua fronte, fazendo com que as delicadas sobrancelhas se juntassem. Alex se inclinou para

fazer desaparecer suas rugas com um beijo. Quando se endireitou, roçou o lábio inferior dela com os nódulos.

— acredite em mim, Annie. Se não tivesse parado, teria feito coisas que lhe pareceriam cem vezes mais agradáveis. — Ao ver que ela não parecia estar muito convencida disto, insistiu — Ao melhor inclusive mil vezes mais prazeroso. — Ela parecia continuar tendo reservas. Seu marido a observou durante um longo o tempo e logo voltou a falar com voz suave — Não pode contar nada.

Ela sussurrou.

— Sim posso! — Em seguida levantou uma mão fechada e começou a abrir seus dedos, de um em um — E um, dois, três.

Alex a parou, rindo apesar de não ser esta sua intenção.

— Está bem. Convinceu-me. Até que número pode contar?

— Até quarenta — lhe disse com orgulho — Sem erros.

— Até quarenta? Tanto? — Refletiu por um momento. Logo, resolvido a lhe explicar as coisas em termos que ela pudesse entender, seguiu — O que acabamos de fazer foi... — Elevou um dedo — Uma sensação prazerosa. Mas o que poderíamos ter feito... — Levantou os dez dedos. Logo, abriu-os e os fechou três vezes seguidas — O que poderíamos ter feito se você não tivesse me mandado parar, teria sido como quarenta sensações prazerosas.

Ela estreitou os olhos com receio.

— De verdade. Muitíssimas sensações prazerosas. — Apoiando as mãos sobre a mesa a ambos os lados de Annie, ele aproximou seu rosto da jovem — E me deixe te dizer, meu amor, que se alguma vez quiser mais disso, eu te atenderei a qualquer hora e em qualquer lugar.

Ela enrugou o nariz, o que fez com que ele começasse a rir de novo. Logo, agarrou-a delicadamente pelo queixo e a fez levantar a cabeça.

— Quanto a voltar para casa de seus pais, será melhor que esqueça. Amo você, Annie. Não me importa que não possa ouvir. Não me importa nada. Entende? E, além disso, ensinarei você a falar.

A ela pareceu lhe inquietar esta declaração.

— Enquanto isso — sussurrou ele — tem uma boca preciosa e me ocorrem muitas coisas para as quais poderia servir, além de falar.

Depois de dizer estas palavras, posou seus lábios sobre os dela para reforçar o efeito desse argumento.

CAPÍTULO 19

Ao longo das semanas seguintes, a palavra cortejo adquiriu um novo significado para Alex. Em lugar de conquistar Annie com palavras de amor ditas em sussurros, fazia música, se pudesse chamar isto de algum jeito. Em vez de lhe escrever poemas românticos, desenhava as letras e fazia um grande esforço para tentar lhe ensinar o alfabeto de sinais. Em lugar de entretê-la com conversas brilhantes, colocava-lhe uma trombeta no ouvido e gritava; ou cravava os olhos em um livro e enquanto lia, tentando torpemente fazer gestos segundo as instruções.

A princípio, Annie foi uma aluna pouco receptiva. Devorava-lhe a ansiedade tentando fazer os gestos perfeitamente, mas ao levantar os olhos descobria que tinha desviado sua atenção para a janela que se encontrava atrás dele ou que estava olhando um de seus “aparelhos de ruído” com grande desejo. De vez em quando, a surpreendia inclusive olhando-o com aquele vivo desejo que alterava seus nervos. Desde aquele dia no quarto das crianças, ele não voltou a abraçá-la, não porque não quisesse estreitá-la entre seus braços, mas sim porque temia perder o controle se ficasse muito excitado.

Pelo visto, Annie não tinha uma preocupação semelhante. Para ela, os jogos preliminares foram uma experiência extremamente prazerosa e era evidente que não estabelecia relação alguma entre os ditos jogos e o fato de que Alex queria fazer mais. Infelizmente, sim havia uma relação e muito forte. Não obstante, Alex estava decidido a não tomar parte em atividades que pudesse sair de controle, até que estivesse seguro de que Annie estava pronta para consumir o matrimônio.

Uma manhã, enquanto lhe dava uma aula sobre a língua de sinais, Alex levantou os olhos da guia de ensino e viu Annie apoiada sobre sua escrivaninha. Seu peso descansava por partes iguais nos cotovelos e no inchado ventre. O sorriso malicioso e o olhar sedutor fizeram com que seu coração começasse a pulsar com força.

— Annie, supõe-se que deveríamos estar trabalhando — disse ele com voz severa.

As covinhas de suas bochechas ficaram mais profundas e enquanto a mulher olhava fixamente sua boca, lhe deu a impressão de que estava pensando em coisas que não tinham nada a ver com a leitura dos lábios. Levando uma mão ao corpete de seu vestido, ela começou a brincar com seus botões. Logo levantou o olhar para ele. Seu sorriso formulava um inconfundível convite. Alex afastou o olhar em seguida e começou a folhear desesperadamente as páginas do livro. A pequena sedutora se inclinou ainda mais para ele.

— Annie — disse, levantando os olhos — Desça, por favor, de minha escrivaninha. Vai esparramar os papéis por...

Seu olhar caiu como uma rocha para posar-se nos magros dedos da jovem, que tinham passado dos pequenos botões de seu corpete ao topo de um de seus seios. Ela estava se acariciando brandamente através das capas de roupa. Alex podia ver seu mamilo palpitando com força contra o tecido e era uma tentação que o atraía de maneira irresistível.

— Annie, não faça isso. Não é...

Ela sorriu e mordeu o lábio inferior.

Alex se levantou da cadeira e se dirigiu para a janela.

— Não deve...

Não podia afastar o olhar de sua mão e do que ela estava fazendo. Fez-lhe um doloroso nó no estômago... E mais abaixo. Queria lhe dizer que aquele comportamento era impróprio de uma dama, mas tinha que reconhecer que, enquanto ela fizesse aquelas coisas quando estavam sozinhos, não lhe parecia censurável. Justamente o contrário.

— Nunca faça isto na frente de outras pessoas — lhe disse com voz rouca — Nem na presença de Maddy nem de ninguém mais. Entendeu?

Ela assentiu com a cabeça. Alex respirou trêmulo.

— Quanto a fazê-lo diante de mim — prosseguiu — tem que entender que, se aceitar seu oferecimento, irei querer fazer também as outras coisas das quais falamos. A última vez, quando tentei isto, você se assustou. A menos que sua atitude tenha mudado, sugiro que deixe de... — engoliu saliva com grande esforço — me fazer esse convite.

Ela se levantou de maneira tão repentina que ele estava seguro de que sua cabeça iria dar voltas. Ao ver que a expressão de sedução que havia em seu rosto se transformava em receio, Alex esboçou um sorriso pouco entusiasta.

— Não sei por que, mas temia que reagisse desta maneira. — Ele dirigiu o olhar para seu corpete — É uma pena. Fazer amor contigo é uma das poucas atividades pelas quais valeria a pena interromper nossas lições. Como já lhe disse, é extremamente prazeroso.

Ela se sentou imediatamente e olhou o livro de forma muito significativa. Alex riu e voltou a sentar-se em sua cadeira. Ignorando a expressão de resignação da garota, ele voltou a centrar toda sua atenção no manual. Cinco minutos depois, Annie de novo estava bocejando e olhando pela janela.

Alex começou a perder a esperança de lhe fazer entender alguma vez a importância do que estava tentando lhe ensinar. Não havia maneira de explicar a moça que, se lhe prestasse atenção, um mundo novo se abriria para ela.

Uma manhã, quase por acaso, lhe ocorreu a estratégia de lhe ensinar gestos que fossem significativos para ela. Na metade da aula, que até então não tinha feito mais que incitar Annie a mover-se inquieta, Alex levantou os olhos e a viu olhando o órgão com vivo desejo.

Atraindo sua atenção com um gesto da mão, perguntou-lhe:

— Você gostaria de tocar o órgão, Annie?

— Sim! — A jovem se levantou com evidente desejo de sua cadeira.

— Não tão rápido — Alex disse, sentindo-se um pouco mal pelo que lhe estava fazendo — Primeiro tem que me pedir permissão.

— *Por favor.*

Ele negou com a cabeça e deu um pequeno golpe no livro.

— Por gestos.

Ela encolheu os ombros, em sinal de impotência.

— *Não conheço os gestos.*

Já quase tão perito em ler os lábios como ela, Alex pôs um braço sobre o respaldo de sua cadeira e a olhou de maneira desafiante.

— Então terá que aprendê-los, não é verdade? Ou o faz isso ou não poderá voltar a tocar os instrumentos. A partir deste momento, a menos que me peça permissão na língua de sinais, não pode voltar a tocá-los.

Seus olhos se abriram como pratos, cheios de incredulidade. Alex lhe sorriu e começou a passar as páginas do manual até encontrar o gesto que estava procurando. “Fazer”. Colocou o punho direito sobre o esquerdo e fez um movimento circular, como se estivesse desenroscando algo. “Música”. Moveu a palma da mão direita de um lado a outro frente à esquerda, orientada para a direita. “Por favor”. Sorrindo, com a palma da mão direita, fez sobre seu coração um círculo em sentido contrário as agulhas do relógio.

— Isso é tudo o que tem que aprender no momento.

Fazendo os gestos de novo, desta vez com maior rapidez e sem vacilação, ele repetiu as palavras: “Fazer música, por favor?” Acomodando-se de novo em sua cadeira, ele a olhou com indolente arrogância.

— Agora faça isto, ou não tocará o piano hoje. Você decide.

Articulando a palavra fazer para que lhe lesse os lábios, Annie colocou um punho sobre o outro e fez um movimento circular.

Enquanto dizia música, Alex guiou os movimentos de suas mãos. O único engano que cometeu ao fazer os gestos das palavras: “por favor”, foi mover a mão no sentido das agulhas do relógio ao fazer o círculo sobre seu coração. Alex corrigiu este engano.

— Agora faça isto sem minha ajuda.

Franzindo o cenho para concentrar-se, ela voltou a fazer os gestos, mas esta vez não cometeu nenhum engano e tampouco necessitou sua ajuda.

— Muito bem, Annie, perfeito! — Alex fechou o livro de um golpe e lhe lançou uma olhada a seu relógio — Merece um descanso de dez minutos pelo que acaba de fazer.

Para sua grande surpresa, ela não se levantou da cadeira imediatamente.

— Não quer tocar o órgão?

Ela assentiu com a cabeça, mas a expressão de seu rosto parecia dizer o contrário. Viu uma espécie de reserva em seus olhos, mas também viu um vivo desejo.

— O que acontece, meu amor?

Ela inclinou a cabeça para assinalar o livro.

— Há um gesto para a palavra amor?

O coração de Alex se apertou.

— Claro, deve havê-la. — Fingiu uma despreocupação que não sentia absolutamente e voltou a abrir o livro — Deixe-me ver. Ah, sim há. — Cruzou as mãos sobre o coração, com as palmas orientadas para o peito — Amor. Esta é muito simples.

Ela se inclinou ligeiramente para frente. Parecia estar descontente.

— Há gestos para dizer “te amo”?

— Isso também é muito simples. Para falar por gestos, não tem mais que juntar as coisas, tal e como faz com as palavras. — Para demonstrar-lhe dobrou sua mão sobre o esterno, com a palma orientada para a esquerda, o dedo polegar tocando seu peito e o mindinho para cima — Logo, faz o gesto. Com um lento sorriso, assinalou-a com o dedo indicador de sua mão direita — E, por último, o gesto para amor que acaba de aprender. — Ensinou-lhe o gesto pela segunda vez — Eu te amo, por certo.

As bochechas de Annie se ruborizaram e afastou o rosto. Alex esperou, iludido, cheio de um fervente desejo, querendo que lhe dissesse por gestos que o amava mais do que recordava ter querido qualquer outra coisa em toda sua vida. Esperou em vão. Depois de um momento, Annie se levantou da cadeira e se dirigiu para o órgão.

Uns poucos segundos depois, a habitação se encheu de um ruído ensurdecedor.

Entretanto, os sons discordantes duraram só uns poucos minutos. Annie se levantou do banco e retornou a escrivaninha de Alex com seu olhar cheio de curiosidade cravada no livro que se encontrava junto a ele. Brincando com a renda de seu decote, finalmente o olhou nos olhos.

— Como se diz “Alex”? — perguntou ela.

Ele afastou o livro de contas no qual tentava trabalhar.

— Não há gestos para a maioria dos nomes. Geralmente, é preciso soletrá-los. — Agarrou outro livro e o abriu na parte que continha o alfabeto datilológico. Lentamente, de tal maneira que ela pudesse observar as posições de sua mão, soletrou seu nome. Dizia cada letra em voz alta enquanto fazia o gesto — Alex.

Annie se sentou frente a ele. Sua atenção passava rapidamente da mão a boca de Alex e a expressão de seu rosto era de concentração absoluta. Logo começou a imitar os movimentos da mão e sorriu ao ver que podia fazê-lo.

— Alex! — exclamou. Parecia estar muito contente — Soletrei seu nome?

— Sim! Mas este é só o começo. Com o alfabeto datilológico, que simplesmente é uma série de gestos para representar o alfabeto tradicional, pode aprender a soletrar todas as palavras de nosso idioma. Sabia? Uma vez que tenha aprendido de cor o alfabeto, poderá ler. — Ao ver a expressão de perplexidade de seu rosto, assinalou as estantes do aposento — Livros, Annie. Poderá ler livros. Alguns deles contêm histórias maravilhosas sobre pessoas e lugares longínquos.

Ela olhou as estantes cheias de livros.

— *Eu? Posso aprender a ler?*

— Certamente. É uma garota muito inteligente.

Ela fez cara feia. Era óbvio que não acreditava no que ele acabava de lhe dizer.

— *Estúpida!* — disse ela — *Mamãe sempre disse que sou uma estúpida!*

Alex deixou escapar um suspiro.

— Não é nenhuma estúpida. Acredite em mim. E sua mãe não diz isso. Já não mais. Não posso te assegurar que será fácil, mas, se prestar atenção durante as aulas e estudar muito, pode aprender a ler, Annie. E também a escrever.

Aparente e repentinamente convencida, ela cruzou os braços e se sentou muito erguida.

— *Então me ensine.*

Alex soltou uma risada feliz.

— Bom, não o conseguiremos em uma só manhã. Agora só podemos começar.

— *Ensine-me!* — repetiu ela — *Por favor.*

E, para grande alegria de Alex, fez os gestos de, por favor, enquanto articulava esta palavra.

Tentando dissimular sua satisfação, Alex empreendeu a tarefa de lhe ensinar.



Aprender a linguagem de sinais era a tarefa mais difícil que Annie tinha tentado levar a cabo em sua vida, mas também era a mais fascinante. Cumprindo as ordens de Alex, sua mãe e todos os residentes de Montgomery Hall começaram a aprender o alfabeto datilológico para que Annie pudesse comunicar-se com eles em um futuro próximo. Com este fim, todos eles estudavam o alfabeto pelo menos uma hora diária. Henry e Deiter, que não sabiam ler nem escrever, eram os únicos empregados da casa que estavam dispensados desta obrigação.

Duas semanas depois, Edie Trimble, Annie e todos os que viviam em Montgomery Hall tinham aprendido de cor o alfabeto datilológico. Uma vez que se conseguiu este objetivo, Alex fez uma lista de palavras que insistiu em que Annie aprendesse a soletrar antes de prosseguir com as aulas, doente, ajuda, calor, frio, beber, comer e Alex; a última porque só ele podia ler os lábios e; se o chamassem, poderia entender o que ela necessitava em caso de que ninguém mais conseguisse fazê-lo.

A primeira vez que Annie entrou na cozinha e pôde pedir uma bebida, foi para ela um momento muito emocionante. A criada a quem soletrou a palavra em seguida lhe entendeu e lhe deu um copo de água. Foi a primeira vez em mais de quatorze anos em que Annie pôde pedir algo a alguém. Depois de beber a água, saiu da cozinha, procurou a privacidade de seu quarto e se pôs a chorar. Falar, embora fosse com as mãos, era para ela um dom inestimável.

Ao lembrar-se de seus primeiros dias em Montgomery Hall, Annie recordou quanta raiva lhe deu quando descobriu que estava casada. Naquele momento pensou que não tinha recebido presente algum no

dia de seu casamento e se sentiu enganada. Agora compreendia que tinha recebido um presente que não tinha preço, um homem alto e de pelo castanho, com olhos de cor âmbar e sorriso sedutor. Ele era, sem lugar a dúvidas, um fazedor de milagres. O fato de conhecê-lo tinha mudado seu mundo de tantas maneiras que ela já nem sequer podia contá-las.

Amá-lo da maneira que o fazia a deixava em uma situação muito difícil. Em três ocasiões diferentes, tinha expressado com toda claridade seu desejo de estar com ela, não só beijando e acariciando seus seios, o que lhe parecia muito prazerosos, mas também embaixo, como uma vez o fez seu irmão Douglas. Annie não podia suportar a ideia de que alguém voltasse a lhe fazer isso, nem sequer Alex.

Mas ele queria. Ultimamente, pensava nisto cada vez que estava junto a ele. Esta mensagem estava em seus olhos quando a olhava, em suas mãos quando a tocava e até no ar que os rodeava; era uma sensação pesada e expectante.

O mais difícil de tudo aquilo era que Annie não se sentia completamente segura de que estar com Alex fosse algo terrível. As carícias e os beijos que lhe deu no quarto das crianças foram maravilhosos e devido a isto, ela não podia senão se perguntar se as outras coisas que queria fazer também seriam prazerosas. Segundo Alex, sim o seriam; e que Annie soubesse, nunca lhe tinha mentido.

Que dilema... Queria fazer Alex tão feliz como ele a tinha feito; e sentia que ele seria muito feliz se lhe permitisse colocar a mão debaixo de sua saia. Mas a pergunta que devia fazer a si mesma era: ela poderia suportar se chegasse a permitir? Annie não sabia e isto a fazia adiar sua decisão.

Setembro cedeu passo a outubro, outubro a novembro, Annie sabia agora os nomes dos meses porque Alex a tinha obrigado a memorizá-los; e os dias eram cada vez mais frios. Quando se juntou o último fardo de feno, Alex começou a passar menos tempo trabalhando e mais junto de Annie. Algumas tardes a abrigava com uma capa que tinha mandado fazer e a levava a dar longos passeios pelo bosque. Outras tardes ficavam no escritório frente a um agradável fogo e se entretinham com algum passatempo, algumas vezes se dedicavam a jogos de mesa e outras simplesmente conversavam. Ele tinha se convertido totalmente em um perito em ler os lábios e os dois começavam a dominar a língua de sinais com fluidez.

Uma tarde, lhe perguntou:

— Se tivesse que escolher algo que você gostaria de ter mais que qualquer outra coisa, Annie, o que escolheria?

Annie mordeu os lábios. Alex lhe tinha dado tanto... Tinha-lhe dado muitíssimo. Parecia-lhe que seria uma ingratidão por sua parte reconhecer que ainda havia algo que desejava.

— Venha, Annie, já é hora de que sejamos honestos um com o outro. — Sentado junto ao fogo, uma luz dourada das chamas pulava sobre seu rosto moreno e piscava em forma de sombras sobre sua camisa de seda de cor nata, que tão bem sentava a seus ombros largos. Seu olhar procurou o de Annie — Joias?

Ela riu e negou com a cabeça.

— *Não, joias não. Para que as quereria? Eu não vou a nenhum lado.*

— Você gostaria de ir ao povoado? — Quando ela negou com a cabeça, fez outra tentativa — Então, a um baile?

— *Na realidade, não quero nada* — mentiu ela.

— Annie... — Agora usava um tom de recriminação — Diga-me o que quer.

Amando já a criança que crescia em suas entranhas, Annie apertou seu ventre com suas mãos e encolheu os ombros.

— *É muito possível que quando o bebê chegar já não queira nada.*

— Tem certeza? Diga-me.

Ela encolheu os ombros de novo.

— *Um cão.*

Alex enrugou o cenho.

— Um cão? Os cães são grandes, peludos, babosos e mal educados. Para que demônios quer um cão?

Ela encolheu de ombros de novo.

— *Não sei. Sempre quis ter um.*

Ele negou com a cabeça e ficou olhando fixamente o fogo durante um momento. Quando voltou a olhá-la, lhe perguntou:

— *E você? Se pudesse escolher algo que gostaria de ter muito, muitíssimo, o que escolheria?*

Os olhos de Alex a escrutinaram.

— Você não gostará da minha resposta.

Ela pôs os olhos em branco.

— *Isso não é justo. Eu te disse o que queria.*

Ele não deixou de olhá-la nem por um instante.

— Quero você.

Annie sentiu o rubor subindo por seu pescoço.

— Em meus braços, em minha cama — disse ele — Quero fazer amor com você, Annie. Quero-o mais que qualquer outra coisa no

mundo. — Seu olhar posou em seu ventre inchado, e logo voltou a cravar-se em seus olhos — Amo você. E amo nosso bebê. Quero que sejamos uma verdadeira família. — Os olhos lhe ardiam de desejo — Estive sozinho toda a vida. Não tinha percebido, até que você chegou, do muito vazio que me sentia. Agora, o bebê e você trouxeram muitas mudanças para minha vida. Mudanças positivas. Possivelmente seja insaciável, mas me sinto como um menino em uma loja de doces. Quero tudo. Entende o que estou dizendo? Um casamento de verdade, te estreitar entre meus braços enquanto durmo pelas noites e ao despertar nas manhãs.

Ela finalmente conseguiu afastar o olhar e ficou olhando as chamas fixamente. Sobressaltou-se quando lhe tocou a bochecha para lhe fazer voltar a cabeça.

— Sei que tem medo — sussurrou Alex — E com toda a razão. Mas acredito que ao menos ganhei sua confiança. De modo que peço que pense.

Ela se sentia sufocada.

— Farei uma promessa — disse o marido — Se confiar em mim o suficiente para me deixar tentá-lo, não farei nada que você não quiser. E se me pedir para parar, juro que o farei.

Annie mal podia suportar olhá-lo nos olhos. Tudo o que via neles era o amor que Alex sentia por ela. Como poderia lhe negar a única coisa que lhe tinha pedido?

— Como disse antes, só pense nisto. Não é necessário que me dê uma resposta agora. Fará isto? Pensará?

Ela assentiu com a cabeça..

Ele a recompensou com um doce sorriso.

— Quando estiver pensando, lembre-se o agradável que foi naquele dia na quartos das crianças. Garanto que o que vem depois é ainda melhor.

Annie desejava poder estar segura disso. Ah, quanto desejava poder estar segura!

CAPÍTULO 20

Um ruído fez com que Alex, despertasse sobressaltado do que parecia ser um sonho profundo. Momentaneamente desorientado, ficou de lado e olhou fixamente a escuridão. Graças a sua magnífica vista, não lhe custava muito ver nem sequer em uma noite sem lua e

definitivamente, esse não era o caso naquela ocasião. Uma luz chapeada banhava seu dormitório, formando um foco de luz no chão frente ao armário e projetando belas sombras sobre a penteadeira.

Annie... Ao recordar a conversa que tiveram naquela tarde, teve a esperança de que ela estivesse entrando as escondidas em seu dormitório. Caiu-lhe a alma aos pés quando lançou um olhar à porta e viu que estava firmemente fechada. Não era Annie. Franziu o cenho ligeiramente e se incorporou sobre um cotovelo, tentando adivinhar que hora era. Era meia-noite, ou possivelmente um pouco mais tarde, concluiu. Certamente, sentia-se como se não tivesse dormido muito tempo.

Ouviu de novo o ruído que perturbou seu sono, um tamborilar surdo e estrepitoso que procedia do andar de baixo. Depois de sair da cama, colocou a calça e botas em lugar de um robe. Em caso de que tivesse que fazer frente a um intruso, queria estar vestido, embora só fosse pela metade. Mas não acreditava que ninguém se atrevesse a entrar na casa. Tinha vivido em Montgomery Hall desde seu nascimento e em todos esses anos nunca se apresentou problema algum. As pessoas de Hooperville e seus arredores eram muito honradas e temerosas a Deus e os delitos eram quase inexistentes. Douglas era o mais frequente autor de crimes em toda aquela zona, mas fazia tempo que partiu dali.

Douglas... Alex acelerou o pulso. Logo, desprezou essa ideia. Seu irmão tinha seus defeitos, mas não era nenhum estúpido. Não, provavelmente fosse um dos criados, disse para si mesmo. Frederick tinha problemas para dormir e algumas vezes andava de um lado para outro da cozinha fazendo ruído para esquentar um pouco de leite a altas horas da madrugada.

De caminho ao andar de baixo, Alex parou um momento no quartos das crianças para certificar-se de que Annie estava bem. Andando nas pontas dos pés, aproximou-se de sua cama e se assegurou de que estava dormindo profundamente; logo, voltou sobre seus passos e fechou a porta com todo cuidado e saiu para o corredor.

Os degraus da escada rangiam sob seu peso enquanto procurava descer sigilosamente. Durante o dia, Alex nunca tinha percebido este ruído e tomou nota mentalmente da necessidade de fazer com que um carpinteiro revisasse o piso de madeira da escada. Uma casa do tamanho de Montgomery Hall requeria que lhe fizessem obras de manutenção constantemente.

Ao chegar ao saguão, Alex ficou imóvel. Naquele ruído havia algo que fez arrepiar. Não se tratava do som despreocupado que estava

acostumado a fazer um criado na cozinha. Era mais um ruído como se alguém estivesse procurando algo e tivesse muito medo de ser descoberto. Alex seguiu o ruído até chegar à sala de jantar.

Abriu a porta e entrou. Penetrava suficiente luz de lua pelas portas de cristais, cujas cortinas estavam parcialmente abertas, para iluminar a habitação. Não era necessário acender um candeeiro. Um homem se encontrava agachado frente ao aparador. Junto a ele descansava uma bolsa branca, em que estava colocando os objetos que tirava do móvel. Reconhecendo-o pelo tom castanho de seu cabelo, Alex não sabia que sentimento era mais forte dentro dele, a ira ou a tristeza. Depois de ter querido tanto a seu irmão, não era nada fácil desprezá-lo, independentemente do que tivesse feito.

— Douglas, — disse finalmente — que demônios está fazendo?

Seu irmão se retirou do aparador tão bruscamente que se deu um golpe na cabeça. Amaldiçoando em voz baixa, levou uma mão ao lugar em que machucou.

— Alex!

— Quem acreditava que era? — Alex cruzou os braços sobre seu peito nu — Possivelmente deva envolver o cristal em algo. Os jogos de mesa podem te servir. Algumas peças poderiam romper-se nessa bolsa.

— Que cristal? Só apenas umas poucas peças. E quase não há nada de prata. De verdade, Alex, para ser um homem de boa posição econômica, gasta muito pouco dinheiro em adornos e baixelas.

— Peço-te perdão. O quão desconsiderado sou.

Douglas se levantou. Depois de ficar imóvel durante um segundo, com atitude desafiante, esfregou o nariz com a manga da camisa.

— Como já imagina, tive algumas dificuldades econômicas.

Alex sentiu uma forte pontada no peito. Se seu irmão lhe rogasse que o perdoasse e lhe promettesse que mudaria e seguisse pelo bom caminho..., se ao menos se mostrasse arrependido..., Alex interrompeu seus pensamentos. Este era um caminho que já tinha percorrido milhares de vezes e sabia perfeitamente aonde o conduziria. O doloroso daquela situação era que, apesar de tudo, ele queria e precisava perdoá-lo. Tratava-se de seu irmão, não de um desconhecido. Tinha-lhe contado contos na hora de dormir quando era um menino pequeno, tinha-lhe ensinado a montar a cavalo, tinha-o visto crescer até converter-se em um homem. Era impossível esquecer tudo aquilo, fingir que nunca tinha ocorrido.

— Se necessita dinheiro, Douglas, tenho um pouco em efetivo na caixa forte — lhe ofereceu com brutalidade.

— Me daria dinheiro? Quando vi que trocou a caixa forte... Bom, pois pensei que era porque...

— Porque tinha medo de que você entrasse as escondidas e me roubasse tudo?

Douglas ao menos teve a cortesia de parecer um pouco envergonhado.

— Só teria pego o suficiente para me virar.

Alex esteve tentado a dizer que também acreditava que os porcos podiam voar. Mas a falta de escrúpulos de seu irmão não vinha ao caso. Embora não estava completamente seguro das verdadeiras razões daquela aparição nem de qual era a situação naquele momento. Além do fato de que ele era um idiota, certamente. Em tudo relacionado com Douglas, parecia que sempre o seria. Desde o dia da morte de seu pai, Alex tinha tratado de compensar a perda, sem poder esquecer em nenhum momento que ele era o responsável. A culpa tinha uma maneira particular de capturar um homem e de não soltá-lo nunca.

Deixou escapar um suspiro e pensou brevemente em Annie. O amor que sentia por ela era tão forte que não deveria lhe dedicar nem um grama de compaixão a Douglas. Era péssimo que o fizesse. Alex acreditava que, se ela chegasse a ver seu irmão naquela casa, não o perdoaria jamais e com razão. Douglas a tinha violentado, com crueldade, de maneira desalmada. Ajudá-lo de qualquer maneira que fosse seria uma traição terrível e Alex sabia. Por outro lado, não podia odiar seu próprio irmão até o ponto de vê-lo convertido em um mendigo e passando fome.

— Venha ao escritório. Darei a você um pouco de dinheiro e um cheque. Logo, quero que se vá daqui, Douglas. — Ao ouvir um débil som metálico, Alex se afastou da porta, surpreso — Deixe essa prata, pelo amor de Deus. Já disse que te darei dinheiro.

Rogando que Annie, que tinha a extraordinária capacidade de perceber as vibrações no chão, não despertasse e saísse ao patamar para ver quem estava ali, Alex conduziu seu irmão através do corredor e o fez entrar no escritório a empurrões. Depois de fechar a porta, dirigiu-se à caixa forte sem perder nem um segundo. Enquanto girava o quadrante, cuidando de ocultar sua esfera, ouviu o peso de Douglas se deixando cair em uma das cadeiras de pele.

— Não fique cômodo.

Douglas riu.

— Ah, claro. Acho que sua mulherzinha não gostaria de me encontrar aqui. Entendo, Alex. Todos os homens têm suas próprias prioridades. É óbvio quais são as tuas.

A porta da caixa forte se abriu naquele preciso instante. Com o corpo subitamente rígido, Alex se voltou e perguntou com voz aparentemente serena.

— Que demônios significa isso?

— Nada! Não seja tão suscetível. — Sob a luz da lua, o rosto de Douglas não parecia ter expressão alguma do outro extremo da habitação. Penteou o cabelo com os dedos e ficou em pé. Dirigindo-se com toda tranquilidade para o suporte da chaminé, acendeu um candeeiro e logo se voltou para olhar atentamente tudo o que o rodeava — Deus, como senti falta deste escritório! Sonhei estar aqui dúzias de vezes. Quando trouxe esse órgão?

— Recentemente.

Viu outros instrumentos.

— Não me diga que está começando a se interessar pela música.

— Poderia dizer que sim.

Douglas passou os dedos pela mesinha que se encontrava entre as duas cadeiras situadas frente à chaminé.

— Recorda quantas vezes ganhei no xadrez, sentados aqui mesmo frente a esta chaminé?

— Lembro quantas vezes trapaceou.

Douglas riu entre dentes.

— É verdade. A única maneira que poderia ganhar era movendo as fichas quando voltava a cabeça. — Guardou silêncio um momento. Logo, falou de novo — Eram bons tempos, é claro que sim que eram bons tempos.

— Esses tempos já passaram e você tem toda a culpa de que seja assim. — Alex tirou um pequeno envelope de dinheiro da caixa forte. Dirigiu-se à escrivaninha — Vou fazer um cheque de uma soma considerável. Administre com muita prudência. Quando este dinheiro acabar, não receberá nada mais. Não quero voltar a te ver aqui, entendeu?

Estas palavras soaram como um eco. Com desumana clareza, Alex recordou haver dito a Douglas em uma ocasião anterior e ter acreditado que as dizia de todo coração. Mas o certo era que estava lhe dando dinheiro uma vez mais. Isso não tinha sentido, nem sequer para ele, mas se sentia incapaz de fazer outra coisa. Imaginava-se, uns quantos anos mais tarde, recriando aquela mesma cena por

enésima vez, mofando-se de si mesmo por repetir as mesmas palavras sem sentido.

Douglas apoiou um ombro na parede de pedra da chaminé.

— Por Deus, Alex, sou seu irmão. Sei que cometi um grave pecado ao violentar essa garota. Se voltasse atrás no tempo, não o faria. Mas não posso desfazer o passado. Não poderá me perdoar alguma vez?

Alex levantou os olhos do cheque que estava assinando.

— Infelizmente, sim. Mas sempre fui um estúpido em todo o relacionado contigo, não é verdade? Sabe que as vezes fico acordado até o amanhecer, me perguntando que engano cometi ao te educar? Culpo-me mesmo de tudo o que passou. Se tivesse sido mais severo, mais estrito, se te tivesse dado umas quantas patadas no traseiro, teria sido um homem diferente?

— Você me criou muito bem — lhe assegurou Douglas — Eu fiz uma estupidez, isso é tudo. Não tem a culpa de nada. Possivelmente eu tampouco. Estava bêbado. Não podia pensar com clareza. Simplesmente aconteceu, Alex. Eu não sabia o que estava fazendo. Conhece bem em que classe de pessoa eu me converto quando bebo. Volto-me tão cruel como uma víbora. Reconheço.

Conhecedor das intenções de seu irmão, Alex lhe interrompeu.

— Não siga, Douglas. Esta vez seu palavreado não pode consertar as coisas entre nós. Só conseguirá piorar tudo.

— Piorar? — Seu irmão se afastou da chaminé, levantando as mãos de modo suplicante — Pelo menos me escute. Eu tampouco posso dormir a noite. Sinto-me muito mal. Não só pelo que fiz a essa garota, mas também por ter te decepcionado. Me dê outra oportunidade, por favor. Só uma mais. Jurei deixar a bebida. Não bebi nenhuma só gota desde que me parti.

— Ah, sim? E então a que se deve o aroma que percebi em seu fôlego quando estávamos na sala de jantar? É chá?

— Faz muito frio esta noite. Só tomei um trago para me esquentar, isso é tudo. Um trago.

Alex negou com a cabeça.

— Acaso fui tão estúpido como para que agora espere que eu acredite nessas estupidezes? — passou uma mão pelo cabelo — Mas sabe uma coisa? Tem razão. Acredito que o álcool constitui a maior parte de seu problema; que, quando bebe, faz coisas que normalmente não faria. Infelizmente, outra parte de seu problema é que sempre poderá justificar a necessidade de tomar apenas um trago. E logo outro. E outro mais. Minta a si mesmo, se isso é o que quer, mas não minta para mim.

— Por favor, Alex. Dê-me outra oportunidade. Só uma e nunca voltarei a te suplicar que o faça. Juro que desta vez não jogarei tudo a perder. Nem sequer tocarei uma garrafa. Não o farei. Por nenhum motivo. Nenhuma só vez!

Resolvido a não deixar-se convencer, Alex continuou fazendo o cheque.

— Não posso fazer o que me pede, Douglas e sabe. Já não posso pensar só em mim. Tenho uma esposa. Acima de tudo, devo-lhe minha lealdade. Deixe de beber, se puder. Conserte sua vida, se puder. Mas faça isto longe de Montgomery Hall.

Douglas alisou a jaqueta, uma grossa peça de lã que viu melhores tempos.

— Ah, sim. Sua esposa. Abbie. Assim se chama, não é verdade?

— Annie.

— Sim, Annie. Como pude esquecer? Embora deva reconhecer que não a esqueci de tudo, suas pernas são difíceis de esquecer.

— Não siga — lhe advertiu Alex em voz baixa — Ficam pouquíssimas boas lembranças. Não as destrua com seus ataques.

— Meus ataques? — perguntou Douglas amargamente — Está me virando as costas. Sou seu irmão, pelo amor de Deus!

O estômago de Alex revolveu. Terminou rapidamente de fazer o cheque, arrancou-o do talonário e o passou a seu irmão deslizando-o pela mesa.

— Aqui tem. Pegue e saia.

Douglas se dirigiu lentamente à escrivaninha. Pegou o cheque, dobrou-o com toda precisão em três partes iguais e o guardou no bolso da jaqueta. Seus olhares se cruzaram, âmbar chocando contra âmbar. Alex já tinha visto aquele olhar nos olhos de seu irmão e sabia que anunciava algum tipo de represália. Isto não lhe surpreendia. Quando Douglas não se saía com a sua, quando Alex lhe negava algo, ele sempre tomava represalias.

Douglas falou com um frio sorriso nos lábios.

— Annie... Se mal não recordo, tem um bonito traseiro. Está passando bem com sua pequena idiota, Alex? Quando eu estive com ela, disse que era uma violação. Quando você o faz, suponho que é um nobre sacrifício. O bom Alex, sempre consertando os danos de seu irmão. Que cruz tão pesada a sua!

Alex apoiou todo seu peso em suas mãos e fechou violentamente os punhos. As coisas sempre terminavam daquela maneira com Douglas, compreendeu. Olhava-o fixamente, tentava entendê-lo e chocava contra um muro. Havia coisas que era impossível entender.

— Não siga — lhe disse de novo. Enquanto dizia estas palavras, inclusive sabia que Douglas cobraria a dívida insistentemente requerida antes de partir dali. Assim eram as coisas com ele. Sempre foi.

— Que não continue fazendo o quê? Fazendo com que se confronte com a verdade pura e simples? — Com os olhos expelindo faíscas, Douglas seguiu — É um covarde, sabe? — Fez um amplo movimento da mão para assinalar o bem equipado escritório — E se parir uma menina, Alex? Alguma vez pensou nisto? Dado que não é mais que um homem pela metade, como poderia gerar um filho? Ou acaso não quer um herdeiro?

Alex não podia falar. E, embora pudesse fazê-lo, não tinha palavras que dizer.

— Se eu vivesse aqui, ao menos poderia fazer com que ela te desse um par de crianças mais. Ou talvez seja muito egoísta para compartilhar esse mel que ela tem. Certamente que todas as noites molha o nariz nela.

Alex tinha começado a tremer. Tremia de forma horrível.

Douglas sorriu.

— Ou é um desses homens que prefere que as mulheres façam esse serviço em particular? Posso imaginá-lo com uma taça de conhaque em uma mão e agarrando-a pelo cabelo com a outra para lhe ensinar como você gosta que...

Alex lhe deu um murro na boca. Fulminante. Sem reflexão prévia, sem intenção. Simplesmente lhe bateu, descarregando o golpe com todas suas forças. Com uma expressão de surpresa no rosto, Douglas cambaleou para trás. Quase sem perceber que estava se movendo, Alex saltou por cima da escrivaninha para equilibrar-se sobre ele. Em meio a um frenesi de movimentos, os dois homens chocaram e caíram no chão rodando. Tirando vantagem, Alex se levantou em seguida, elevou uma perna e enterrou uma bota no ventre de seu irmão. Logo, agarrou-o pelo cabelo e lhe obrigou a levantar-se de um puxão.

Enquanto lhe dava murros na cara, gritava.

— Miserável saco de merda! Não é digno sequer de beijar os pés dessa garota; e muito menos de pronunciar seu nome!

Para Alex, o tempo parecia estar passando tão devagar como para que uma mosca que se arrastasse sobre um papel pegajoso. Quando levantava o punho, parecia-lhe que se movia em câmara lenta. Estava fora de controle e sabia. A cara de seu irmão estava se convertendo em mingau sangrento sob o castigo de seus nódulos. Se

não parasse, o mataria. Mas parecia ter ficado louco. Um momento depois, imobilizou Douglas contra o chão e começou a estrangulá-lo. Como se estivesse longe dali, ele observava suas mãos apertando, observava o rosto de seu irmão passar de uma cor vermelha apagada a um escarlate intenso.

Sem saber por que, parou por fim. Acaso pensou fugazmente em Annie? No que poderia lhe ocorrer se terminassem o pendurando na forca? Não sabia. Só sabia que algo, possivelmente o Todo-poderoso, fez com que soltasse o pescoço a seu irmão.

Douglas ficou de lado, levando-as mãos a laringe e emitindo horríveis sons guturais enquanto lutava para respirar. Alex se levantou e se afastou dali, sem lhe importar se seu irmão morria asfixiado naquele mesmo lugar. Não lhe importava e quase esperava que fosse assim. Apoiando as mãos sobre a escrivaninha, deixou cair a cabeça e fechou os olhos. Quando os sons ásperos começaram a debilitar-se, falou.

— Saia! Saia daqui antes que te mate.

Ouviu Douglas levantando-se com grande dificuldade. Mas não o ouviu correr para a porta.

— Estou falando a sério, Douglas. Matarei você com minhas próprias mãos.

Passos cambaleante. O chiar de umas dobradiças. Ensurdecedoras batidas. Alex expulsou o ar que esteve contendo sem perceber. Logo, sentindo como se lhe tivessem arrancado os pulmões do peito, começou a soluçar. Um soluço seco e terrível. Dobraram-lhe os joelhos e se deixou cair para apoiar sua cabeça contra a escrivaninha.

Tratava-se da morte. Não de um homem, mas sim do amor. Um final que não era fácil de aceitar.



Annie agarrou com força o pomo da porta que conduzia ao dormitório de Alex. Durante um terrível instante pensou que estava fechada com chave. Meio cega pela escuridão do corredor, dirigiu seu olhar cheia de terror para o patamar. “*Aqui. Ele está aqui*”. A porta se abriu de repente e ela irrompeu na habitação. A luz da lua, débil e variável, alagava o quarto. Correu para a cama, com a respiração lhe rasgando o peito e saltitando pelo pânico que experimentava.

“Alex”. Como uma louca, começou a dar tapinhas sobre as mantas enrugadas. Não estava ali. Girou e olhou fixamente a porta, com as mãos sobre a boca para afogar qualquer som que pudesse estar

fazendo. “*Douglas está aqui*”. Se a ouvisse soluçar, possivelmente fosse procurá-la. Faria algum ruído? Ai, Deus... Tinha que esconder-se. O desespero a levou a girar sobre seus calcanhares várias vezes em busca do lugar mais adequado. Logo, muito aterrorizada para ficar ali sem proteção alguma, atirou-se a cama de Alex, tentando meter-se com dificuldade sob as mantas, encolhendo-se no colchão até converter-se em uma criatura imperceptível.

O aroma de Alex a rodeava. “*Alex*”. Tremendo violentamente, Annie rodeou o ventre com os braços e ficou de joelhos. Aquele homem estava na casa e Alex tinha saído. Conteve a respiração. Não emitia som algum. Não podia emitir som algum. Ficaria ali. Sentia-se a salvo escondida na cama de Alex. Ele retornaria em algum momento. Tinha que fazê-lo. E, quando o fizesse, não permitiria que ninguém lhe fizesse mal.

Alex entrou em seu quarto, fechou a porta e durante um momento apoiou as costas contra o painel de madeira com os olhos fechados... Annie... Naquele momento mais que em nenhum outro, ansiava estreitá-la entre seus braços. Reprimindo o desejo de ir ao quarto das crianças, imaginou seu sorriso, a forma tão doce como sua boca fazia uma ligeira curva ascendente; as covinhas que se faziam em suas bochechas; seus olhos preciosos, tão meigamente azuis e profundamente cândidos. Imaginar tudo isso fez com que se sentisse menos vazio por dentro.

Levando os machucados nódulos a boca, Alex recordou uma vez mais o gratificante que foi para ele dar murros na cara de seu irmão. O primeiro golpe marcou o final do compromisso que tinha durado toda uma vida e naquele momento se sentiu principalmente liberado. Estava triste, certamente. E se sentia vazio. Mas livre, sem lugar a dúvidas. Pela primeira vez desde a morte de seu pai, a responsabilidade para com seu irmão tinha chegado a seu fim.

Afastando-se da porta, Alex se dirigiu devagar para sua cama, com o olhar fixo na janela e nos ramos do salgueiro que se balançavam atrás do cristal banhado de prata pela luz da lua. As folhas, esmagadas contra a janela pelo vento da noite, faziam horripilantes sons, semelhantes aos que produziam as unhas ao roçar uma piçarra. Sons. Desde que conheceu Annie, Alex tornou-se extremamente consciente de tudo o que ouvia; e frequentemente se encontrava tentando perceber o mundo como ela devia fazê-lo. As folhas roçando o cristal, os pássaros nas árvores, o vento soprando e todo isso sem som algum. Apesar de seus esforços, parecia difícil imaginar o silêncio absoluto. Ela estava perdendo muitas coisas. Muitíssimas.

Suspirou, deixou-se cair na borda da cama e se inclinou para tirar as botas. De repente, ouviu um trêmulo chiado atrás dele e por um momento pensou que provinha do ramo da árvore. Logo, ficou paralisado. Sentindo um arrepio em toda a pele, voltou a cabeça para olhar por cima de seu ombro.

Sob as mantas havia um vulto. Um vulto trêmulo. Esquecendo-se das botas, voltou todo seu corpo, apoiando uma perna dobrada sobre o colchão. Enquanto levantava o cobertor, ouviu uns ofegos afogados.

— Annie — sussurrou com incredulidade.

Depois de soltar um fraco grunhido, ela saiu disparada para ele, como um projétil arrojado por um canhão, lhe mostrando os dentes e as unhas. Alex ficou tão surpreso que não pôde reagir antes que ela conseguisse lhe arranhar a mandíbula.

— Annie!

Ele esquivava seus golpes enquanto tentava agarrar seus pulsos. Quando finalmente conseguiu capturar suas mãos, ela soltou um gemido de terror. Tirando proveito de sua força e seu peso, sujeitou-a contra a cama, lhe imobilizando os braços sobre a cabeça; e com uma coxa dobrada fez o mesmo com suas inquietas pernas. Ela arqueou as costas. Seus pulmões assobiavam por falta de ar, enquanto lutava inutilmente para liberar-se.

— Annie, carinho, sou eu. — Alex se lançou levemente para trás para que seu rosto ficasse em cima do de Annie — Sou eu, tesouro.

Sob a luz da lua, seus olhos pareciam esferas enormes e luminosas, suas largas pestanas projetavam sombras sobre as bochechas. Sem poder mover-se, levantou os olhos para ele. A expressão de seu rosto passou lentamente de pânico a alívio. Depois de soltar um soluço entrecortado, Annie relaxou por fim completamente os músculos.

Alex lhe soltou os braços e a estreitou contra seu peito. Como uma menina aterrorizada, ela abraçou seu pescoço e se aferrou a ele. Todo seu corpo começou a convulsionar com seus soluços, e ao fim de uns instantes os espasmos se converteram em um espantoso tremor. Muito afetado, ele apertou o rosto contra seu cabelo, que despedia um aroma doce. Sabia, sem necessidade de perguntar, que ela tinha visto Douglas no saguão. Foi a seu quarto procurando amparo, mas não o encontrou ali.

Cuidando para não lhe fazer mal, Alex ficou de barriga para cima e levou Annie para cima dele, sem soltá-la nem um instante. Só podia imaginar o medo que devia sentir. Douglas, o homem que a tinha violentado, estava dentro da casa. A vergonha fez com que lhe

encolhesse o estômago. Ele tinha culpa de tudo. Sustentando a nuca da mulher com uma mão, deu-lhe um beijo na têmpora.

Esquecendo momentaneamente que ela não podia lhe ouvir, sussurrou com voz rouca.

— Ah, Annie, me perdoe. Sinto muito. Sinto muito.

Seu corpo não deixava de tremer. Ao passar uma mão por suas costas, sentiu o frio filtrando-se por sua camisola de flanela. Dado que tinha se escondido sob as mantas, ele sabia que na realidade ela não podia sentir frio. Não obstante, era inegável que estava gelada. A julgar pela maneira como tremia, estava congelada até os ossos.

Separou-se ligeiramente para poder olhar sua esposa no rosto.

— Tranquila, Annie. Já foi embora.

Ela assentiu rapidamente com a cabeça e fechou os olhos, apertando-os com força. Alex começou a acariciar energicamente suas costas e seus quadris para tentar restabelecer sua circulação da única maneira que sabia fazê-lo. Apesar disto, os dentes dela continuaram batendo. Quando passaram uns quantos minutos e viu que não deixava de tremer, começou a alarmar-se.

— O que necessita, juvenzinha, é entrar em uma banheira cheia de água quente e um pouco desse café irlandês que prepara Maddy.

Ela se aferrou com mais força aos ombros do Alex quando ele começou a mover-se.

— Annie... — Ficando de lado, Alex roçou com as pontas dos dedos uma das bochechas da jovem e esboçou um sorriso forçado — Só vou descer um momento para trazer água quente. Voltarei antes que tenha terminado de contar até... — Esteve a ponto de dizer “cem”, mas se conteve — Antes que tenha terminado de contar até quarenta. Aqui não corre perigo, juro. Acaso te menti alguma vez?

Ela negou levemente com a cabeça e lhe soltou o pescoço. A expressão de seu rosto lhe partiu a alma; e teve que beijá-la com toda a delicadeza do mundo.

— Assim eu gosto. Volto em seguida. Fique aqui. Não tire as mantas, certo?

Uma vez mais, sua única resposta foi um movimento de cabeça. Alex desceu da cama. Não gostava de deixá-la ali. Entretanto, quando se voltou para olhá-la, o tremor do cobertor o convenceu de que não tinha outra alternativa.

Uns poucos minutos depois, quando retornou ao quarto estava com dois baldes de quase vinte litros cheios de água quente. Depois de levá-los ao banheiro, acendeu os abajures e empreendeu a tarefa de lhe preparar um banho. Depois de encher uma parte da banheira com

a água fria da torneira, acrescentou a água quente dos baldes e provou a temperatura com a mão.

Quando voltou para a cama, afastou o cobertor do rosto de Annie.

— Levante-se. Vamos para a banheira.

Com os dentes batendo seu pequeno corpo tremendo, ela conseguiu incorporar-se e levar suas esbeltas pernas a um lado do colchão. Alex a ajudou a ficar em pé e caminhar para o banheiro. Temendo que ela pensasse que ele queria despi-la, inclinou-se ligeiramente para que Annie pudesse ler seus lábios enquanto lhe explicava:

— Enquanto tira a roupa e toma um bom banho quente, eu irei à cozinha fazer um pouco de café irlandês. Usarei a receita especial de Maddy, que tenho certeza de que te esquentará até a medula dos ossos.

Sentada na borda da banheira, a moça tentou desabotoar os pequenos botões do corpete de sua camisola, mas suas mãos e seu corpo ainda estavam tremendo tanto, que os dedos não puderam alcançar seu alvo. Alex lhe afastou o cabelo dos ombros e se encarregou dessa tarefa. Sua inquietação aumentava com cada botão que conseguia soltar. Recordava ter visto antes dois indivíduos em estado de choque e os dois tremiam de maneira violenta. Era tão forte o terror que Douglas inspirava em Annie que ela estava em estado de choque?

Alex não sabia. Só sabia que lhe parecia terrivelmente frágil naquele momento, com seu ventre inchado e tudo. Suas magras mãozinhas sulcadas de ossos delicados. Seus ombros estreitos. Seus braços, que ele podia rodear com a mão. Queria estreitá-la entre seus braços e lhe dar o calor de seu corpo. Abraçá-la até que todas as lembranças de Douglas saíssem de sua cabeça.

Quando ele terminou de lhe desabotoar a camisola, ela puxou com a mão trêmula o punho de uma de suas mangas. Era evidente que sua intenção era tirar o braço da peça. Ao olhá-la, Alex entendeu que ela nunca conseguiria despir-se sozinha. Merda!

Agachando para atrair sua atenção, Alex arqueou as sobrancelhas.

— Quer que te ajude, carinho?

Annie negou com a cabeça, plantou o dorso de uma mão em seu ombro e o empurrou levemente. Ele podia reconhecer um convite para sair de um lugar quando alguém o fazia. Só esperava que ela pudesse conseguir sem ele.

— Volto em seguida, certo? — Tirou uma toalha de linho da prateleira e a pôs na borda da banheira — Cubra-se com ela uma vez

que entre na água. Não importa que se molhe. Assim não se sentirá incômoda quando eu retornar. De acordo?

Ela assentiu tremulamente com a cabeça. Temeroso de que fosse um engano, Alex girou sobre seus calcanhares e, um instante depois, fechou a porta do banheiro ao sair. Uma vez no quarto, parou um momento na frente do armário para tirar uma camisa. Vestiu-a, mas não a abotoou, enquanto cruzava o corredor a grandes passos.

Uma vez na no andar de baixo, apressou-se em acender um fogo na cozinha para esquentar o café. Depois de fazer isto, encheu parcialmente uma xícara, acrescentou uma colherada de nata e logo terminou com um pouco de uísque. Depois de acrescentar açúcar, voltou a subir ao primeiro andar, esperando encontrar Annie inundada em água quente. Em troca, encontrou-a sentada no vaso sanitário, com o vestido ainda posto e os braços ao redor do ventre.

— Annie...

Alex deixou a xícara de café irlandês no lavabo e se agachou frente a ela. Nunca tinha visto ninguém tremer daquela maneira. Se o banho quente e o café com uísque não a ajudassem, teria que chamar o doutor Muir. Dado sua gravidez, não estava disposto a correr nenhum risco.

Durante um breve instante, Alex considerou a possibilidade de despertar Maddy para que ajudasse Annie a entrar na banheira, mas em seguida desprezou esta ideia. A governanta devia estar dormindo profundamente na outra ponta da casa. Enquanto ela se levantasse, procurasse uma roupa e sapatos e chegasse ao quarto de Alex, a água já estaria fira.

Resolvido, agarrou uma das mãos de Annie, levantou-a para afastá-las de seu ventre e desabotoou o botão do punho.

— Vou ajudar-te um pouco — lhe disse enquanto desabotoava a outra manga. Ao ver a expressão de consternação que se desenhava em seu rosto, ele esboçou um sorriso — Carinho, tirarei essa camisola e a colocarei na banheira tão rápido, que não verei mais que uma imagem imprecisa.

Ela não parecia muito convencida, mas, preocupado por sua saúde, Alex não lhe deu a oportunidade de opor resistência. Agarrando-a pelos ombros, fez com que se levantasse e em seguida lançou as mãos a camisola, tudo isso de uma só vez.

— Levante os braços.

Não sabia muito bem se ela entendeu, ou se ele a tinha obrigado a levantá-los enquanto puxava a camisola para fazê-la passar por sua cabeça. Isso não tinha nenhuma importância. No instante mesmo em

que ela sentiu que a parte inferior da peça começava a subir, tentou ajudá-lo tirando os braços de um puxão para poder cobrir-se. Alex não pôde menos que sorrir levemente ao ver o que tinha decidido se esconder. Não cobriu seus seios, como o teria feito a maioria das mulheres. Em troca, dobrou um braço sobre seu proeminente abdômen e pôs sua outra mão sobre o triângulo de pelos escuros situado no vértice de suas coxas esguias. Desta maneira, permitiu-lhe contemplar o agradável espetáculo de seus seios, cujas pontas se escureceram devido a seu avançado estado de gravidez.

Ele em seguida afastou o olhar e fez o valoroso esforço de evitar que seus olhos voltassem a posar-se naquela parte do corpo da jovem. Isto resultou ser algo difícil quando tentou ajudá-la a entrar na banheira. Posto que ela não deixava de tremer, não confiava em seu equilíbrio nem na força de seus braços para fazer isto sozinha. Por onde podia segurar uma mulher nua e grávida? Alex não queria lhe tocar a cintura, pois temia fazer dano a ela ou ao bebê. Era impossível sujeitá-la pelos quadris. Muito tentador. Muito tudo. Decidiu então agarrá-la debaixo dos braços.

Grande engano. Apertou os dentes e fez um heroico esforço para pensar em partidas de beisebol enquanto a ajudava a entrar na água. As palmas de suas mãos pareciam estar ardendo e, na posição em que se achava, só podia pôr os polegares debaixo dos seios. Ao roçar sua sedosa pele com os nódulos apareceram gotas de suor em sua testa. Com movimentos desajeitados e torpes, ela se ajoelhou sem deixar de tremer. Alex continuou sustentando seu peso enquanto ela entrava na água. Partidas de beisebol? Por Deus! Se nem sequer recordava os nomes das equipes. Era inútil, só podia pensar naquele corpo maravilhoso.

— Já está. Vê? Não foi tão terrível depois de tudo.

A dor que Alex sentia nas genitálias lhe fez pensar naquela ocasião em que um potro lhe deu um coice na entre perna, mas isto não parecia vir ao caso. Decidiu que devia ter um problema muito sério. Um homem normal não sentiria atração por uma mulher grávida. Mas para ele, Annie era preciosa.

Sentou-se na tampa do sanitário e apoiou os cotovelos sobre os joelhos, rogando a Deus que ela não tivesse notado sua excitação. Dirigiu o olhar para a toalha que tinha tirado para Annie e desejou com todas suas forças que ela estendesse a mão para agarrá-la. Em lugar disto, tremendo e estremecendo-se, apertou as costas contra o extremo inclinado da banheira e se afundou na água quente, que rodeou seus mamilos e manteve seus seios flutuando. Dando

obrigado pelos favores recebidos, embora não fossem muitos, Alex comprovou com alívio que daquela posição podia ver seus seios e a parte superior do ventre, mas nada mais. Não poderia resistir ver algo mais.

Jogando a cabeça para trás, ela fechou os olhos e apertou os dentes para impedir que continuassem batendo. Alex fixou o olhar no chão e passou alguns momentos de tensão contando ladrilhos. Em pouco tempo, quando isto se ficou tedioso, dirigiu o olhar para as pontas de suas botas. Logo, passou a concentrar sua atenção em suas unhas e por último, em suas cutículas. Quando voltou a olhar para Annie, pareceu-lhe que já não estava tremendo tanto.

Ficou em pé. Ao perceber este movimento, o qual certamente o fez através das vibrações do chão, ela abriu os olhos.

— Gostaria agora de um pouco do café de Maddy?

Ela estendeu o braço para agarrar a toalha. Desdobrou-a rapidamente, estendeu-a sobre a água e se tampou do ventre para baixo, deixando seus seios expostos. Alex lhe passou a xícara, que, devido ao tremor que percorria todo seu corpo, segurou com as duas mãos. No mesmo instante que soltou a toalha, esta se afastou do lugar que Annie queria tampar. Ela tentou agarrá-la, derramando café sobre a parte superior de seu seio.

— Deixe- disse ele com voz grave — Deixe que eu segure a xícara. Ocupe-se da toalha.

Quando ele segurou a xícara, ela em seguida voltou a pôr o quadrado de linho sobre seu ventre e o sujeitou ali, fechando com força seus pequenos punhos. Agachando-se junto à banheira, Alex tentou com grande dificuldade conter a risada. Era evidente que, apesar de seu pudor e seu receio, lhe preocupava mais que nada ocultar seu ventre inchado e aquilo que se encontrava entre suas preciosas coxas e ao diabo com os seios.

Isto desconcertava Alex. Tinha conhecido umas quantas mulheres as quais não lhes dava vergonha exhibir seus encantos, mas nunca ninguém como Annie. Ela não estava tentando ser provocadora, isso estava claro. Não parecia perceber que era tão importante ocultar os seios do olhar de admiração de um homem como todas as demais partes de seu corpo. Era como se ninguém nunca tivesse lhe explicado que...

Uma lembrança repentina lhe veio a mente. Tão claramente como se tivesse ocorrido ontem, recordava ter ido de excursão perto das cataratas quando era apenas um menino. Havia algum tipo de festejo comunitário ali acima, um piquenique ou algo pelo estilo, com jogos

ao ar livre e comida em abundância. Nas horas de mais calor daquela tarde, permitiu-se que a maioria dos meninos, sob a supervisão de um adulto, entrasse um momento na água. Depois de ficar em roupa interior, tanto meninos como meninas pularam nela. Alex tinha uns cinco anos naquele tempo, mas também havia no riacho alguns pequenos de seis ou sete anos. A nenhuma das meninas pareceu lhes envergonhar o fato de que os meninos vissem seus peitos nus. Naquela etapa de seu desenvolvimento, não havia nada que pudesse lhes causar vergonha.

Levando a xícara aos lábios de Annie, Alex a observou com crescente ternura enquanto tomava com delicadeza um gole do potente remédio de Maddy. Ao sentir o sabor do álcool, enrugou o nariz. Alex a convenceu para que desse outro gole. Logo, estendeu a mão para lhe afastar uma mecha úmida de cabelo negro da bochecha.

— Tirará teus calafrios — lhe assegurou quando lhe lançou outro olhar para mostrar sua repugnância.

Annie brincava com a toalha, cujo extremo solto se dirigia constantemente para um lado pelo ar, deixando ao descoberto suas partes pudendas. Enquanto a observava, Alex recordou a manhã do casamento, como se encontrava sentada no patamar do primeiro andar, aparentemente sem lhe importar o que ele pudesse ver debaixo de seu vestido. E aquele dia no quarto das crianças em que beijou seus seios? Então temeu que ela se assustasse; mas, em troca, ela o olhou enquanto fracassava em suas torpes tentativas de despi-la, com curiosidade, mas sem medo. Até que ele tentou colocar uma mão debaixo de sua saia, ela não pareceu perceber que havia uma relação entre os beijos que dava em seus seios e o que Douglas lhe tinha feito.

Annie... Privada da capacidade auditiva aos seis anos e obrigada a ocultar-se nas sombras, onde a tinham mantido afastada das pessoas e ignorante das mais elementares noções de urbanidade. As normas da sociedade tampouco tinham muito sentido para Alex na maioria das vezes. Quase era lógico que aquela menina não tampasse os seios com a toalha. O que tinha que ocultar? As meninas de seis anos cobriam a parte inferior do corpo porque lhes ensinava a fazê-lo a uma idade precoce. A vergonha da parte superior de seus corpos chegava depois e era uma atitude que lhes inculcavam suas mães mais ou menos um ano antes que lhes desenvolvessem os peitos. Quando Annie alcançou a puberdade, já era uma excluída; seu círculo social foi restringido a família mais próxima e aos criados de

confiança, seu único contato com o mundo exterior, além dos encontros fortuitos com outras pessoas, com os animais selvagens e com os ratos do apartamento de cobertura.

Alex voltou a lhe oferecer um pouco de café irlandês.

— Annie, carinho, bebe dois goles grandes desta vez. —Ao ver que lhe obedecia, sorriu — Que garota tão boa! Vamos, um pouco mais.

A grávida bebeu dois goles mais.

— *Eu não gosto.*

— Achei que você não gostaria disto — ele reconheceu — Está muito forte. — Contente ao ver que já tinha deixado de tremer, olhou-a profundamente nos olhos — Sinto muito tudo isto, Annie. — Afastando o olhar, engoliu saliva — Eu, isto... — Olhou-a de novo — Se nunca me perdoar, entenderei perfeitamente.

Ela o olhou fixamente. Parecia um pouco desconcertada.

— *Por que devo te perdoar? Você não tem culpa de nada.*

Durante um breve instante, Alex considerou a possibilidade de optar por uma saída fácil. Mas a amava muito para lhe mentir, embora a verdade fizesse com que ela o estimasse menos.

— Por ser tão... No que se refere a Douglas, sou muito débil. Sempre fui. Deveria jogá-lo a patadas de casa imediatamente. Quando não o fiz, soube que era um engano, que estava traindo sua confiança. Mas eu...

Voltou a pôr a xícara no lavabo, fugindo de seu olhar.

— Acredite que antes que tudo terminasse, arrependi-me de não ter mostrado a porta da rua.

Ela estendeu a mão de repente, roçando com dedos trêmulos seus nódulos machucados. Ele levantou os olhos, olhando fixamente os olhos mais azuis e honestos que jamais vira. Durante intermináveis segundos, nenhum dos dois se moveu. Ele teve a terrível sensação de que lhe estava olhando a alma e que estava vendo muito mais do que ele queria.

— *Ah, Alex.*

— Sinto muito — balbuciou Alex uma vez mais — Nunca saberá quanto o sinto. Douglas é um homem cruel e abominável. Não merece nada do que recebe. Mas lhe dei dinheiro. Sei que deve parecer uma loucura. E possivelmente todos pensem o mesmo.

Ela merecia uma explicação mais detalhada e Alex sabia. Mas não parecia ser o momento adequado para falar disso. E não sabia se alguma vez se apresentaria esse momento.

Como se intuisse sua confusão, os olhos dela se escureceram por causa da inquietação. Ele afastou o olhar em seguida, sabendo que,

se não o fizesse, poderia terminar contando-lhe tudo. De repente, pareceu-lhe que o ar do banheiro estava rarefeito. Tinha que sair dali. Para poder recuperar do golpe. Para poder esclarecer seus sentimentos.

Esforçou-se em voltar a olhá-la.

— Não voltará, Annie. O que aconteceu esta noite... Tudo terminou entre nós, de uma vez por todas. Não voltaremos a vê-lo.

Ela assentiu com a cabeça de maneira quase imperceptível, com o olhar cheio de perguntas. Perguntas que Alex não podia responder naquele momento. Ele ficou em pé e se passou uma mão pelo cabelo.

O olhar dela voltou a posar nos nódulos feridos de sua mão direita. Uma expressão de terror se apropriou de repente de seu rosto, indício de que finalmente tinha compreendido como conseguiu aqueles machucados.

— A água já deve estar fria — disse Alex, aferrando-se a qualquer desculpa que pudesse ocorrer para partir dali. Deveria sair da banheira antes que comece a tremer de novo. — Se puder fazer isso sozinha, irei para o quarto e acenderei a chaminé para que possa secar o cabelo.

— *Posso fazer isso sozinha.*

— Muito bem. Eu... O fogo esquentará o quarto.

Estendeu a mão para agarrar o pomo da porta que se encontrava atrás dele, o fez girar com brutalidade e esteve a ponto de tropeçar com seus próprios pés ao sair daquele quarto.

CAPÍTULO 21

Quando Alex fechou a porta do banheiro, uma rajada de ar percorreu o corpo úmido de Annie, fazendo com que se arrepiasse nos braços e os ombros. Seu sabão e todos os objetos que ele utilizava para barbear-se estavam no lavabo junto a ela, e seu perfume a envolvia; uma mescla muito comum de malagueta, bergamota e colônia de homem, que ela só associava com ele.

“Alex”.

Ficou muito afetado depois de ver seu irmão naquela noite. Profundamente afetado. E, por isso mesmo, ela sabia que ele a necessitava como nunca naquele momento. Se realmente Alex lhe importava, deveria sair da banheira, secar-se com a toalha, colocar a camisola e ir buscá-lo.

E logo, o que? Quando se voltasse para ela, quando a estreitasse entre seus braços, o que faria se ele quisesse que o consolasse de

uma maneira em que ela não estava disposta a fazê-lo? Já lhe disse claramente em várias ocasiões que queria estar com ela. No estado de ânimo em que se encontrava naquele momento, poderia pressioná-la para que o agradasse.

Uma terrível sensação escorregadia se apropriou do estômago de Annie ao pensar nisso, e começou a tremer de medo. Depois de ver Douglas a apenas um momento, era impossível manter a raia as lembranças do que lhe tinha feito. Imagens de seus piores pesadelos se equilibraram sobre ela após sair dos cantos mais escuros de sua mente. A dor, a terrível sensação de impotência e a vergonha. Lágrimas ardentes começaram a lhe queimar os olhos.

Como podia ir para o quarto, sabendo de antemão que Alex possivelmente tentaria lhe fazer essas coisas? Não estava segura de sentir-se capaz de passar por essa experiência. Nem tampouco de querer fazê-lo. Queria-o muito, sim. E desejava ser sua amiga. Mas havia certos limites, ao menos para preservar a prudência.

Limites... Parecia uma palavra tão egoísta... Annie mordeu o lábio inferior e apertou os olhos com força. Desde o primeiro momento, Alex lhe tinha dado tudo o que podia, sem reservas e sem exigir nada em troca. Como poderia ela, em consciência, impedi-lo de acessar a uma parte de si?

“Alex”... Dançando a valsa com ela no sótão, seduzindo-a com a música de sua flauta, lhe dando um órgão, lhe ensinando a utilizar a língua de sinais. Ao recordar os últimos meses, Annie percebeu, não pela primeira vez, de que a relação entre eles era muito desigual, ele sempre estava dando, e ela recebendo. Isto tinha que mudar em algum momento e dependia dela que o fizesse. Alex podia expressar seu desejo de estar com ela, podia inclusive pressioná-la para conseguir seu objetivo, mas nunca a obrigaria.

Ficou em pé, observou a água deslizando-se por seu corpo e caindo na banheira. A toalha molhada escorregou das mãos e caiu ruidosamente na água. “Silêncio”. Não voltou a ouvir o som de gotas caindo na água. Tampouco um aquoso *plaf*. Só o terrível nada que foi a presença dominante em sua vida durante tanto tempo, quando conheceu Alex, tinha deixado de esperar nada distinto. Hora após hora, dia após dia, ano após ano de silêncio e solidão. Alex tinha mudado tudo isto.

Com um sorriso triste, Annie recordou o desiludida que se sentiu ao descobrir que se casou e não tinha recebido presente algum. Que equivocada estava. Alex tinha chegado em sua vida levando tantos presentes que fazia já bastante tempo que tinha perdido a conta; e

cada um deles envolto em abundante amor. Sem papéis bonitos nem fitas extravagantes. A coisa que lhe tinha dado não se podia colocar em uma caixa. Mas nem por isso eram menos maravilhosas. Como podia negar algo a um homem como ele?

Olhou fixamente a porta fechada. Logo, sem permitir-se pensar em nada mais, estendeu a mão para agarrar uma toalha com o fim de envolver seu cabelo molhado. Em menos de um segundo, ao menos assim lhe pareceu, vestiu a camisola e tinha abotoado todos os botões. Com mão trêmula, agarrou o pomo, o fez girar de maneira resolvida e abriu a porta.

A primeira vista, o quarto lhe pareceu escuro, mas logo seus olhos se acostumaram a penumbra. Enquanto saía do banheiro, sua silhueta, projetada pelo candeeiro que se encontrava atrás dela, dançava de maneira inquietante sobre o chão e as paredes. A irregular luz se movia; e se refletia no mogno do armário e a penteadeira. Um pouco antes, Annie não tomou o tempo necessário para olhar atentamente o quarto. Naquele momento viu que, como o homem que o habitava, o aposento era austero, quase elegante em sua simplicidade, os móveis eram convencionais e sólidos, e as cortinas e tapeçarias sóbrias. Não estava muito segura, mas sob a débil luz das paredes pareciam de cor nata e as cortinas também, lhe recordando as camisas de seda de Alex. Em efeito, banhado pela luz do fogo, aquele quarto parecia ser um reflexo dele, sólido e sereno, pintado com tons escuros, brilhantes e com um matiz dourado, castanho.

Estava frente à chaminé, com um braço apoiado sobre o suporte, a cabeça inclinada, uma das botas descansando sobre um pequeno monte de lenhas que se encontrava em um dos extremos da lareira de pedra. O olhar de Annie posou em seus ombros e em suas largas costas, onde a camisa, estirada pelo braço elevado, amoldava-se como uma segunda pele aos músculos de seu torso. Ao observá-lo, recordou sua força e a facilidade com que podia dominá-la. Mas, enquanto estas lembranças se deslizavam em sua mente, recordou também sua doçura, as muitas vezes que a fez uma carícia tão suave que a deixou sem respiração.

Como uma mariposa atraída pela luz, dirigiu-se para ele. O coração lhe pulsava com tanta força que me chocava contra suas costelas. Com cada passo que dava uma vozinha lhe sussurrava dentro da cabeça: “Uma vez ali, não poderá voltar atrás”. Mas a decisão já estava tomada. E então se perguntou por que demorou tanto para se

decidir. Algumas coisas eram inevitáveis e ela sabia instintivamente que ter aquele homem em sua vida era uma delas.

Alex levantou os olhos quando a mulher se aproximou dele. Como tinha feito já tantas vezes, Annie o olhou nos olhos e pensou no mel, na luz, no amor. Seus olhos eram de uma quente cor castanha, tão intensa e clara que poderia perder-se neles. Aqueles olhos a chamavam de maneira irresistível como o caramelo que tanto gostava, tentando-a, enchendo-a de um desejo que, até então, tinha temido reconhecer. Parou justo quando se encontrava a uns poucos passos dele, sabendo perfeitamente que a curta distância que os separava não seria suficiente para salvá-la, não necessariamente dele, mas sim dela mesma.

Seus olhos... naquela noite, algo mais que o habitual calor se refletia naquelas profundidades de cor âmbar. Percebia uma terrível e profunda tristeza. Isto fez com que se aproximasse um passo mais, que se afofasse a ele com força. Tocou a manga da camisa de Alex com seus dedos trêmulos. Seu coração suspirava por ele. Movendo o braço sobre o suporte da chaminé, o homem se voltou completamente para ela. A camisa aberta deixava ver seu peito peludo e seu ventre firme, cujas bem cheias superfícies se viam claramente definidas pela luz das chamas e as sombras. A pele reluzia como se tivesse banhado seu corpo em bronze. Annie queria tocá-lo para sentir sua pele, mas fazer isto equivalia a saltar em um precipício e temia muito as consequências para tomar semelhantes confianças.

Alex não tinha o mesmo problema. Enquanto a observava, uma das comissuras de seus firmes lábios se elevou ligeiramente e estendeu a mão para lhe acariciar a bochecha com os nódulos. Naquele instante, Annie achou que o ar que havia entre eles se eletrizou tanto que o roce da pele daquele homem contra a sua produziu uma descarga. Enquanto os nódulos do amado desciam com toda suavidade para o pescoço, a jovem aspirou profundamente, como se acabasse de sair de debaixo da água.

O sorriso de Alex ficou mais profundo e seus olhos adquiriram um brilho especial.

— Parece uma mártir cristã a ponto de enfrentar os leões.

Annie franziu o cenho ligeiramente, pois não entendia muito bem o que ele queria dizer.

— Há muito tempo, os cristãos eram condenados à morte por suas convicções religiosas — lhe explicou Alex — Neste momento parece uma mártir que tem medo de ser devorada a qualquer instante. —

Roçou o lábio inferior de Annie com seu dedo polegar — Acaso está resolvida a se sacrificar por uma causa, carinho? Por que tenho a sensação de que eu sou essa causa?

Envergonhada de que ele pudesse interpretar seus gestos com tanta facilidade, Annie desceu os olhos. Quando voltou a levantá-lo, o sorriso de Alex se desvaneceu e os músculos de seu rosto fiaram tensos. Olhou-a fixamente durante vários segundos, que se fizeram intermináveis para a moça.

— Está tremendo de novo e sei perfeitamente que não é de frio.

Annie não podia negar o que era evidente. Estava tremendo; e, efetivamente, não porque tivesse frio. Estava nervosa. Terrivelmente nervosa. E tinha algo mais que um pouco de medo. Embora soubesse que Alex nunca lhe faria mal de propósito, isto não lhe servia de consolo quando recordava a terrível dor que sentiu com Douglas.

De repente, notou a boca tão seca como uma erva queimada pelo sol.

— *Pedi-me que pensasse na possibilidade de...* — As palavras que queria dizer lhe escaparam da mente. Como se fazia referência a um ato semelhante? Alex o tinha chamado “intimidade especial” e “fazer amor”, mas estes termos lhe pareciam muito explícitos para repeti-los — *Já pensei nisso.* — Rematou a frase sem muita convicção, rogando que ele entendesse o que significava “nisso”— *Recorda? Esta tarde me pediu que pensasse.*

Sem afastar a mão de seu pescoço, ele começou a acariciá-la com delicada suavidade sob uma orelha. A pele da jovem era tão sensível naquele ponto, que cada roce das pontas de seus dedos prendia fogo a suas terminações nervosas. Engoliu saliva, percebendo muito tarde que seu dedo polegar estava apertando ligeiramente a laringe.

— E, como sabe que estou triste, decidi me conceder o que te pedi...

Annie quis negar com a cabeça, mas ele o impediu agarrando-a pelo queixo. O olhar de Alex se encontrava aferrado ao dela, com tanta força como a que guardava em seus braços.

— Ao menos sejamos sinceros. Se começar a disfarçar a verdade para não ferir meus sentimentos e eu faço o mesmo para não ferir os seus, quando percebermos, teremos uma montanha de mentiras piedosas erguendo-se entre nós.

— *Mas eu quero...*

Ele a interrompeu uma vez mais, esta vez levando um dedo a seus lábios.

— Não, Annie, não quer. É a pura verdade. — Sob a luz das chamas, seus olhos, normalmente tão claros, ficaram opacos — Depois do que te passou, não espero absolutamente que queira consumir a união física. Esta tarde te pedi que considerasse a possibilidade e que confiasse em mim o suficiente para me dar a oportunidade de lhe ensinar quão maravilhoso pode ser isso entre nós. Isso é tudo. Só uma oportunidade. Nunca esperei que viesse me buscar ardendo de desejo ou querendo estar comigo neste mesmo instante.

Como se esta ideia lhe parecesse graciosa, ele continuou olhando-a, curvando ligeiramente uma das comissuras de sua boca.

— *Bom, já pensei!* — Estava um pouco ofendida, pois ele parecia estar rindo a suas custas — *E decidi te dar a oportunidade de me ensinar.*

— Por quê?

— *Bom, pois...* — Annie lambeu os lábios e fixou o olhar na depressão da base de seu pescoço — *Porque eu...* — interrompeu-se e voltou a olhá-lo nos olhos.

— Porque sabe que eu estou muito aborrecido? E porque se sente obrigada a fazê-lo? — Negou com a cabeça — Annie, tesouro, tomou a decisão correta, mas por motivos errados. — Com um sorriso que não alterou a intensidade de seu olhar, estendeu a mão para tirar a toalha da cabeça — Acredito que esperarei até que venha me buscar pelos motivos apropriados. Agora, vamos secar teu cabelo antes que esfrie. — Fez-lhe gestos para que se sentasse no tapete frente à chaminé. Logo, foi procurar uma escova na penteadeira. Quando voltou para seu lado, brincou — Não franza o cenho. Enrugará a testa.

Apesar, Annie não pôde menos que franzir o cenho. Embora soubesse que era uma teimosia, estava irritada e um pouco magoada. Por motivos errados, disse ele. E então que razões consideraria que eram as apropriadas? Queria-o e se preocupava com ele. Alex se sentia triste aquela noite e ela queria aliviar suas perdas. Que melhores motivos poderia ela ter?

Pôs uma mão no ombro, obrigou-a a sentar-se no tapete e logo se sentou a seu lado. Colocou-se de tal maneira que a camisola ficou presa debaixo de um de seus pés, o que fez com que sentisse uma incômoda tensão nos ombros. Demorou um momento tentando desembaraçá-los. Quando finalmente conseguiu ficar cômoda e voltou a levantar os olhos, Alex empreendeu a tarefa de lhe escovar o cabelo. Esperando que tropeçasse com obstáculos inesperados e

fizesse com que lhe saltassem as lágrimas pelos puxões, como sempre ocorria com sua mãe, Annie ficou tensa no princípio. Mas a delicadeza daquele homem logo conseguiu com que se suavizasse a rigidez de seu pescoço e seus ombros.

Penteava-a com movimentos largos e lentos, com suas mãos grandes e calosas. O calor emanava tanto do fogo como dele. Annie entreabriu os olhos; e seu corpo, completamente relaxado, movia-se ao cadencioso ritmo da escova. Quando as úmidas pontas de seu cabelo começaram a secar-se, Alex procurou levantar a escova cada vez que o passava por seu cabelo, separando os cabelos e deixando que voltassem a cair lentamente sobre os ombros. Annie olhava a luz do fogo através de um véu azeviche em constante transformação, sentindo-se especialmente sonolenta e afastada da realidade.

Quando ele finalmente deixou de lhe escovar o cabelo, sentia tal preguiça que não queria mover-se. Uma parte de lenha rolou para frente, lançando uma orvalhada de faíscas. Ela quase podia ouvir o estalo da resina e o chiado das chamas. Apoiando seu peso sobre uma mão, Alex lhe afastou o cabelo do rosto e lhe buscou os olhos. Annie sentiu que havia algo que ele queria, ou, melhor dizendo, precisava, dizer. Via na rigidez de seus traços, no firme marco de sua boca, em seu cenho ligeiramente franzido.

— *O que acontece?* — perguntou ela finalmente.

O olhar de Alex se afastou. Durante vários segundos, ele ficou olhando fixamente o fogo. O anguloso rosto se iluminava com a luz âmbar; e seus firmes traços pareciam gravados pelas sombras. Apertou a boca e engoliu saliva várias vezes, como se estivesse a ponto de falar. Mas uma e outra vez, ao final, guardava silêncio.

Annie se inclinou para frente para lhe agarrar a mão. Nesse momento, ele fechou os olhos apertando-os com força.

— *Necessito...* — Sua garganta se movia como se as palavras lhe tivessem obstruídas na garganta — Quanto ao que aconteceu esta noite... Com Douglas e todo o resto... Preciso lhe explicar e não quero que pense que, para mim, ele poderia ser mais importante que você e sei que isso é o que pôde ter acreditado esta noite.

Ele a pegou pelo queixo pelo menos umas cem vezes para fazer com que o olhasse. Annie fez o mesmo naquele instante. Ao sentir sua mão, ele abriu os olhos, aparentemente surpreso. Seu olhar, escurecido com sentimentos que ela não poderia definir exatamente, cruzou-se com os de Annie e esquadrinhou a fundo.

— *O fato de fazer coisas más não quer dizer que já não se importe. Eu o entendo perfeitamente.*

— Ele não merece meu afeto, de maneira nenhuma.

— *Meu pai tampouco merece o meu, mas eu o quero de todos os modos.*

Enquanto ela terminava de falar, ele dirigiu seu olhar para Annie, com uma ligeira expressão de desconcerto no rosto, como se tivesse ouvido as palavras, mas não pudesse entendê-las de tudo.

— Não sei por que, mas sempre supus que queria seu pai porque não tinha outra opção.

Annie abraçou seus joelhos e sorriu. Esta confissão, em lugar de contrariá-la, fez-lhe graça.

— *Sou surda, não estúpida.*

Respondeu-lhe com um sorriso. A admiração que se refletia em seus olhos era incondicional.

— Me alegro de que comece a entender.

— *Está mudando de tema.*

— É verdade, não te escapa uma.

— *la me explicar algo a respeito de Douglas e o que aconteceu esta noite.*

— Só queria que soubesse que, embora parecesse justamente o contrário, ele nunca será para mim mais importante que você. Por nenhum motivo. Mas acredito que por esta noite já falamos o suficiente sobre esse tema. Alterou-te tanto vê-lo, que não acredito que falar dele seja bom nem para você nem para o bebê.

— *O bebê e eu estamos perfeitamente bem. Você está aborrecido e eu quero te ajudar. Há algo de mau nisso?*

— Não, certamente que não.

— *Bem, e então? Eu me ofereci a...* — interrompeu-se e fez gestos difíceis de interpretar — *A estar com você, e meus motivos não lhe parecem sólidos. Agora se nega a falar do que o preocupa. Como posso te ajudar se não me permiti isso?*

Alex sorriu levemente.

— Parece-te que estou pouco disposto a cooperar, verdade?

— *Muito pouco disposto.*

— Peço perdão. — Pareceu refletir a respeito da acusação. Logo, seu sorriso ficou mais profundo — Suponho que te estou causando problemas, não é verdade?

Ela assentiu com a cabeça.

— Afinal, tudo se reduz a decidir entre estar juntos fisicamente e conversar. Estou certo? — Levantou as sobrancelhas castanhas — Ao me ver frente a este ultimato, eu escolho o primeiro.

Annie franziu o cenho.

— *Como?*

— Escolho o primeiro — repetiu — Não tenho vontade de falar de meu irmão. A única alternativa que ficou, então, é estarmos juntos, o qual é algo que sempre tenho vontade de fazer. Não há nenhum problema.

Annie enrugou a frente. Ao ver a expressão de seu rosto, os ombros de Alex fizeram um movimento brusco pela gargalhada que soltou e um brilho pícaro apareceu em seus olhos.

— Me corrija se me equivoco, mas acredito que seu entusiasmo está mingando. Pensei que queria fazer com que me sentisse melhor. Acredite, Annie, estar contigo é a melhor maneira de obtê-lo.

— *Covarde.*

Rodeou-se com um braço o joelho que tinha levantado.

— Nesse caso, acredito que o termo se aplica aos dois. Possivelmente devemos nos agarrar as mãos e nos enfrentar juntos nossos fantasmas, não?

Annie agarrou a mão que pendia sobre o joelho de Alex.

— *Você primeiro.*

Alex jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. De algum jeito, ela soube que este era um som forte e profundo, a classe de risada que a teria animado plenamente se tivesse podido ouvi-la. Quando seu alvoroço decaiu, o homem pôs sua mão de barriga para cima para entrelaçar os dedos dela com os seus.

— Eu primeiro, não é? É fantástica, Annie. Há duas horas me sentia como se alguém tivesse feito pedaços de minhas tripas com uma adaga e agora está me fazendo rir.

— *Não disse isto de brincadeira.*

Ele ficou sério de repente.

— Não, suponho que não. — Olhou-a um momento — Na realidade, está dizendo a sério, não é verdade? Se tomar a palavra, está preparada para permitir que eu te faça amor?

— *Não precisamente preparada, mas sim estou disposta.*

Ele estreitou sua mão com força.

— Isso significa muito para mim. O fato de que confie em mim até o ponto de correr um risco como esse, significa muito mais do que posso expressar com palavras.

Annie sentiu uma dor intensa na garganta, como se a deixasse totalmente fechada.

— *Eu gostaria que você também confiasse em mim, ao menos um pouco.*

Ele suspirou profundamente e fechou os olhos.

— Ah, Annie. Não é que não confie em você. É só que... Bom, que não sabe o que está me pedindo. — Abriu os olhos para olhá-la — Falar... Parece muito simples. Mas não é. Meus sentimentos por Douglas não são nada simples; e, em parte, eles são produto de algo que passou a muitos anos.

— *O que?*

Um músculo de sua mandíbula se moveu nervosamente e estreitou a mão de Annie com tanta força que lhe produziu uma sensação quase dolorosa.

— Eu matei a nossos pais. A meu pai e a mãe de Douglas, Alicia. Eu os matei. Eu tenho culpa por Douglas ter ficado órfão quando tinha apenas seis anos. Tenho a culpa de tudo.

Annie não esperava uma confissão semelhante. Ficou olhando-o com incredulidade, aniquilada, convencida de que certamente tinha lido mal suas palavras. A expressão de aflição de seu rosto lhe manifestou justamente o contrário.

— *Ah, Alex...*

Alex apertou sua mão com mais força ainda.

— Não fiz de propósito. Foi um acidente. Mas o resultado foi o mesmo que se lhes tivesse apontado a cabeça com uma pistola e tivesse apertado o gatilho, os dois morreram. A culpa me afligiu... — Respirou fundo e logo soltou o ar lentamente — Por Deus! Nunca me deixou livre. Passei os últimos quatorze anos de minha vida tentando ressarcir Douglas de tudo isso, e olhando as coisas agora, a distância, acredito que na realidade lhe fiz muito dano.

Annie não tentou soltar sua mão da de Alex. Apesar de toda a dor que lhe causava a força com que ele a estava apertando, temia distrair sua atenção ao mover-se e que por isso deixasse de falar. Como se finalmente tivesse se quebrado um dique, toda a amargura começou a sair de seu interior. Mal fazia pausa entre as frases para tomar ar enquanto lhe falava do acidente em que tinham morrido seu pai e sua madrasta.

— Eu tinha dezesseis anos quando aconteceu o acidente. Acabava de começar meus estudos universitários em Portland e tinha voltado para casa durante o verão para trabalhar com meu pai na pedreira. — ficou calado um momento. As lembranças faziam com que seu olhar parecesse cada vez mais ausente — Os meninos dessa idade... Bom, eu me sentia muito seguro de mim mesmo aquele verão. Tudo aquilo era embriagador para mim, retornar para casa da universidade, trabalhar junto a homens adultos, o fato de que meu pai pedisse minha opinião a respeito de assuntos de negócios. —

Sorriu ligeiramente e moveu tristemente a cabeça — Era a primeira vez que ele me tratava como um adulto. Eu tomava parte em tudo. Estava em uma equipe de trabalho. Ajudava a fazer pedidos. Queria demonstrar minha valia. Entende? Via tudo aquilo como uma espécie de prova que aprovaria ou suspenderia e os pontos que conseguia eram uma medida de minha maturidade.

Annie não entendia plenamente, mas captou o essencial do que ele estava dizendo e assentiu com a cabeça, desejando de todo coração que o sorriso de Alex se estendesse a seus olhos. Mas o único que via naquelas profundidades de cor âmbar era dor. Uma terrível dor que o acompanhava a muito tempo.

— Por volta de finais de junho, — prosseguiu Alex — todos estavam muito entusiasmados porque se aproximava o Dia da Independência e pelos festejos que aconteceriam no povoado. Na pedreira tínhamos acesso aos explosivos de todo tipo e alguns homens começaram a experimentar com a intenção de fabricar seus próprios explosivos. — Ao ver uma expressão de desconcerto no rosto de Annie, explicou-lhe rapidamente o que eram os explosivos, descrevendo a forte explosão que um deles podia ocasionar — Bom, uma coisa levou a outra e, como os homens são como somos, começaram as brincadeiras na pedreira. Um dia, quando eu estava no sanitário, meu pai acendeu um explosivo caseiro e o jogou através da porta. Explodiu justo a meus pés e o susto fez com que me...

Seu rosto adquiriu uma cor vermelha apagada e riu com pena. Imaginando o que deve ter acontecido, Annie não pôde menos que sorrir. Já fazia bastante tempo que um som forte não a assustava, mas ainda podia recordar a sensação que produzia.

— Digamos simplesmente que o susto me pôs de mau gênio — disse ele — Depois disto, não podia pensar mais que em fazer uma brincadeira com meu pai para me vingar dele; se possível, queria fazer uma maior. — O sorriso se apagou de seu rosto de repente e a tristeza voltou a apropriar-se de seus olhos — Uns dias depois deste sucesso, um dos homens que trabalhava para meu pai tornou muito engenhoso com o pó negro e criou um diminuto explosivo que meteu em meio de um pequeno monte de papéis. Depois de fazer explodir vários desta maneira, fez um que meteu no extremo do charuto de um de seus colegas de trabalho. Mais tarde, quando o homem acendeu o charuto, não conseguiu mais que umas poucas tragadas antes que lhe estalasse na cara. Isto me pareceu incrivelmente divertido; e como meu pai estava acostumado a fumar charutos, decidi colocar um destes explosivos em um deles. Era uma

brincadeira inocente. Não pensava lhe fazer mal. Tudo o que queria era lhe dar um bom susto.

Annie sentiu que lhe parava o coração ao ver a expressão de angústia que em seu rosto.

— Como queria pegá-lo completamente despreparado, esperei até chegar em casa para colocar o explosivo em um dos charutos que guardava em seu estúdio. Achei que uma tarde, enquanto estivesse levando a contabilidade, acenderia um charuto e este exploraria imediatamente. — Olhou-a nos olhos, sem mover-se nem pensar — Mas não foi assim como aconteceram as coisas. Ele recebeu um novo pedido de charutos e os guardou em sua cigarreira. Como eu não sabia que ele os reorganizava cada vez que recebia um encargo, colocando os charutos novos debaixo dos velhos, acreditei que o que tinha o explosivo deveria encontrar-se no fundo da caixa. Passaram uns quantos dias e esqueci todo o relacionado com a brincadeira. Uma tarde, um amigo da família convidou a meu pai e Alicia para ir a sua casa. Meu pai pediu que lhe trouxessem a carruagem. Eles subiram no veículo. Douglas e eu saímos ao alpendre para lhes dizer adeus com a mão.

A angústia ia se apoderando do rosto de Alex. Annie podia adivinhar o que ele estava a ponto de lhe dizer; e não queria mais que estreitá-lo entre seus braços para aliviar sua dor. Mas, se o fizesse, não poderia ler seus lábios, de modo que teve que contentar-se segura sua mão.

— Justo antes que estendesse as mãos para segurar as rédeas, meu pai acendeu um charuto. Tragou. De repente, ouviu-se uma forte explosão e os cavalos se descontrolaram. Quando tudo aquilo terminou, tanto eles como minha madrastra tinham morrido. — Lhe soltando as mãos, pôs as suas para cima e olhou fixamente sua palmas, como se pudesse encontrar alguma resposta nelas — Eu os matei.

Ela voltou a segurar suas mãos.

— *Foi um acidente.*

Alex negou com a cabeça.

— Os acidentes não podem evitar-se. Isso sim poderia ser evitado. Se eu não tivesse sido tão tolo, tão desconsiderado, nada teria acontecido.

— *Não era sua intenção causar dano a ninguém.*

— Mas o certo é que eles morreram. — ficou olhando o fogo durante um longo tempo. Quando finalmente voltou a dirigir o olhar para ela, havia uma espécie de abertura sobre seus olhos, como se tivesse

encerrado seus sentimentos dentro dele — Não lhe contei isso para que sinta compaixão por mim, Annie. Só queria que... Que pudesse entender melhor as coisas. Tudo relacionado com Douglas. Com o fato de ter lhe dado dinheiro esta noite. Queria mandá-lo a fritar aspargos. De verdade. Mas não pude — negou com a cabeça — Sempre acontece o mesmo. Nunca posso lhe dizer não. Porque me sinto culpado. Provavelmente se não o tivesse mimado tanto, ele não seria o homem que é.

Annie apertou os lábios contra os nódulos de Alex e fechou os olhos, desejando de todo coração poder fazer retroceder o tempo e mudar as coisas para que tudo fosse melhor. Quando voltou a olhá-lo, viu em seus olhos uma expressão ausente e soube que Alex se encontrava longe dela, sumido em suas lembranças.

— Desde o dia da morte de nossos pais, não fiz mais que pensar em compensar Douglas. Ele era um menino assustado, um órfão e eu tinha a culpa de tudo. Nunca podia esquecer isto, nem tampouco perdoar a mim mesmo. Anos depois, quando ele cresceu e começou a fazer travessuras cada vez mais graves, senti-me culpado por meu pai não estar ali para discipliná-lo e lhe dar exemplo. De maneira que também tentei compensar esta ausência. Dava-lhe tudo o que queria. Permitia-lhe fazer tudo o que gostava. Tirava-o de apuros cada vez que se metia em confusões. Em poucas palavras, matei seus pais e logo o estraguei. Douglas é o que é hoje, porque eu satisfiz até seus mais mínimos caprichos durante quase toda sua vida.

Não podendo suportar vê-lo naquele estado, Annie segurou seu rosto entre suas mãos.

— Não! — Exclamou a jovem — *Sinta-se culpado pelo que aconteceu a seus pais, se quiser, mas não do caráter de Douglas. O fato de que uma pessoa seja sofrida não a converte em alguém tão cruel como ele.*

— Sinto-me culpado por ele ter lhe feito mal — confessou ele — Para então, já estava começando a suspeitar quão malvado era, especialmente quando bebia, mas me neguei a confrontá-lo. Se o tivesse feito, possivelmente teria impedido o que aconteceu nas cataratas naquele dia.

Posto que as palavras não parecessem alcançá-lo, Annie rodeou o pescoço de Alex com seus braços. Ele a estreitou contra seu corpo, com tal força que aquele abraço era quase doloroso. Ela sentiu o peito dele vibrar contra o seu. Soube, sem ver seus lábios, que lhe estava dizendo: “Sinto muito”. Uma e outra vez. Ela não queria que

ele se fizesse tanto dano a si mesmo. O que Douglas fez... O que aconteceu com ela... Nada disto era culpa dele.

Ao sentir que ele continuava falando, Annie se afastou ligeiramente e segurou seu rosto entre as mãos para poder vê-lo. Lágrimas, brilhavam com o reflexo dourado da luz e rodavam por suas bochechas.

— Cada vez que penso nele te fazendo mal, me dá vontade de vomitar. O só o fato de pensar nele te tocando com suas asquerosas mãos faz com que queira...

Annie não lhe permitiu terminar a frase. Não podia suportar. Sem medir as possíveis consequências, cobriu-lhe a boca com a sua e o beijou com uma intensidade que a surpreendeu quase tanto como a ele. Todas as demais palavras que ele queria lhe dizer se derramaram dentro dela, com seu fôlego. Alex tinha um sabor doce e fresco. Seus lábios eram como seda úmida. Recordando como lhe beijou naquele dia no quarto das crianças, ela procurou o contato das línguas. Não precisava ouvir para saber que ele soltou um gemido. Áspero e entrecortado, saiu dele com tal força que suas vibrações percorreram todo seu corpo. Subindo uma mão pelas costas dela, agarrou-lhe o cabelo. Com a força de sua mão, lhe fez inclinar a cabeça para trás e voltou a pôr sua boca sobre a dela.

Annie soube que o controle tinha passado as mãos de Alex no momento em que o beijo ficou mais profundo. A repentina rigidez de seu corpo deixou-a muito nervosa. Sob suas mãos, ela sentiu que se esticava a carne que cobria os ombros de Alex. Os músculos de seus braços também ficaram tensos, seu cerco formava uma banda inquebrável ao redor dela. Aço e fogo, desejo e obrigação, posse e determinação, tudo isto ficou manifestado através das mudanças que experimentava o corpo masculino.

Apertou sua boca contra a dela e de repente suas mãos pareceram estar em todas as partes. As carícias eram febris e atrevidas. Não havia nada delicado nelas. Annie teve a terrível sensação de que ele tinha deixado de vê-la como uma pessoa, de que, em um abrir e fechar de olhos, ela se tinha convertido unicamente em um corpo. Um corpo que ele queria possuir.

Aquele não era o Alex que ela conhecia. Um desconhecido tinha ocupado seu lugar.

CAPÍTULO 22

Alex estava desabotoando a camisola de sua esposa e estava procurando as cegas na parte de baixo, quando finalmente entrou em razão e percebeu o que estava fazendo e com quem. Com Annie. Deixou de beijá-la. Com a cabeça febril de paixão e os pensamentos embaralhados, piscou e olhou a seu redor. Pouco a pouco, voltou para a realidade. No chão? Por Deus! Quando viu o que esteve a ponto de fazer, um calafrio lhe percorreu o corpo, sacudindo-o como se lhe tivessem jogado um jorro de água gelada.

Respirava ofegante e tentou com todas suas forças recuperar o domínio de si mesmo, tarefa que nesse momento lhe parecia titânica. O desejo ardia em suas vísceras como um carvão quente. Em suas têmporas, o pulso começou a golpear como um martelo e sentia uma dor atrás dos olhos parecida a de uma punhalada. Piscou e tentou enfocar com clareza seu pequeno rosto, concentrar-se nela e só nela; uma garota doce, assustada e em avançado estado de gestação, que não só merecia que a tratassem com suavidade, mas também o necessitava.

De algum jeito, ele a tinha sobre seu colo. Seu joelho levantado servia de apoio as costas dela. O braço ao redor de seu ventre inchado era a âncora que a sujeitava com firmeza. Descendo os olhos, viu que sua camisola subiu até os joelhos, que estava perigosamente perto de tocar tesouros proibidos. Engoliu saliva e levou uma mão trêmula ao desganhado cabelo de Annie. Sob as pontas de seus dedos, o cabelo da moça parecia seda aquecida pelo sol. Seus olhos, grandes e receosos, afastaram-se rapidamente da mão de Alex para posar em seu rosto. Era evidente que ela temia o que ele pudesse fazer depois. E com toda a razão, pensou Alex. Um par de segundos mais e a teria de barriga para cima para abrir as portas de sua maravilhosa intimidade.

— Annie, — sussurrou Alex com voz vibrante — sinto muito. Não queria te assustar, carinho. É só que... — interrompeu-se. Não estava muito seguro do que devia dizer; não sabia se tinha que ser brutalmente sincero ou mentir para não assustá-la ainda mais. Ao final, optou pela sinceridade. A jovem foi afastada da realidade durante muitos anos e ele não podia continuar fazendo o mesmo — Desejo-te terrivelmente. Faz já várias semanas que te desejo. Quando um homem está perto de uma mulher durante um período tão longo de tempo, como eu estive com você, e nunca pode... — Sua voz se foi apagando — Sinto muito. O desejo me dominou durante um momento, isso é tudo e quase perco o controle.

Alex esteve a ponto de lhe prometer que não permitiria que isto voltasse a acontecer, mas se conteve. A verdade era que poderia acontecer de novo. Era muito prazeroso abraçá-la. Tudo lhe tentava, do rosa translúcido das pequenas unhas de seus dedos até a brilhante umidade de seu carnudo lábio inferior. Nunca tinha desejado tanto uma mulher.

Lentamente, muito lentamente para ele, o medo desapareceu de seus belos olhos. Alex sorriu, sentindo-se mais que aliviado por ela lhe devolver o sorriso. Annie ainda estava insegura e um pouco alterada, mas parecia disposta a lhe conceder o benefício da dúvida. Graças a Deus.

Sentia-se como um vil canalha. Acariciou- sua bochecha e a olhou fixamente nos olhos.

— Sem dúvida nenhuma, foi o beijo mais doce que me deram na vida. Sinto muito tê-la acuado dessa maneira. Não te fiz mal, verdade?

Um pouco vacilante, ela negou com a cabeça. Ele pôde ver que estava tremendo; e desta vez não podia jogar a culpa em Douglas. Acariciando sua boca com extrema delicadeza, sussurrou:

— Sei muito bem que não mereço isso, mas me daria outra oportunidade? Desta vez farei o que é devido.

Os olhos de Annie se escureceram, por causa do medo ou da incerteza, não estava seguro. Conteve a respiração, esperando a resposta. Quando ela assentiu com a cabeça de maneira quase imperceptível, Alex esteve a ponto de soltar um grito de alívio, o qual não teria sido apropriado absolutamente, tendo em conta que não lhe iludia muito aquela promessa.

— Obrigado.

O marido acariciou de novo a preciosa boca da mulher com o polegar. Fez-lhe um nó no estômago ao ver que seu lábio inferior parecia estar ligeiramente inchado. Era muito provável que ele tivesse apertado sua boca contra a dela, embora não recordasse claramente ter feito tal coisa. Que galante era! Com um pouco de estímulo, foi até ela como um urso em busca de mel.

Tinha muitas coisas que melhorar, sem dúvida alguma. Mas soube de uma maneira instintiva que não deveria deixar aquela tarefa para mais tarde. Se lhe desse muito tempo para refletir sobre o comportamento dele, o mais provável era que a perspectiva de fazer amor lhe inspirasse muito mais medo. O que menos necessitava naquele momento era ter outro obstáculo que saltar.

Com toda doçura, Alex abaixou a mão ao pescoço de Annie, posando as pontas dos dedos sobre sua nuca. Depois de levar a ponta do dedo polegar para baixo de sua frágil mandíbula, levantou-lhe o rosto. Inclinou a cabeça e roçou a boca dela com sua boca. Durante um instante, a moça ficou tensa, mas ao ver que ele não exercia maior pressão nem se atirava para estreitá-la entre seus braços de novo, começou a relaxar por fim.

Estava fazendo bem. Mas não era tão simples como parecia. Desejava-a. Deus santo, quanto a desejava! Com febril urgência. Não havia nada de delicadeza em seu desejo, nem nada de cavalheirismo nos pensamentos que passavam por sua cabeça. Beijar seus seios até lhe fazer perder o sentido. Provar a melosa umidade que aninhava entre suas coxas sedosas. Cravar a lança em sua superfície escorregadia. Mordiscar brandamente sua boca, quando o que realmente queria era devorar até o último centímetro de seu corpo, não era o mais fácil que tinha feito em sua vida.

Entretanto, finalmente obteve uma generosa recompensa por seus esforços. A tensão foi desaparecendo lentamente do corpo de Annie e, como uma menina em busca de calor, apertou-se contra ele. Alex se armou de coragem para não ceder ao forte desejo de aproveitar-se de sua aquiescência. Ainda não, advertiu a si mesmo. Tinha que ganhar terreno palmo a palmo, não a passos grandes. Do contrário, voltaria a assustá-la. Se o fizesse, não poderia alcançar seu objetivo final, que era fazer o amor. Não amanhã. Naquela mesma noite.

De modo que a beijou. Devagar. Docemente. Como se isso fosse tudo o que quisesse fazer no mundo. Um minuto... Dois... Beijos tão suaves como um sussurro e que ele mal sentia. Como o aveludado roce das asas de uma mariposa. Quando Annie finalmente rodeou seu pescoço com os braços, ele apertou o rosto contra seu cabelo durante um momento, inalando seu aroma, sorrindo com ternura ante a maneira entregue que a mulher se amoldava a seu corpo. Com todo cuidado, Alex rodeou sua cintura com um braço e abriu a mão sobre seu flanco, apertando-a cada vez com mais entusiasmo. As costas de Annie se apoiaram sobre o braço de Alex e ela jogou a cabeça ligeiramente para trás. O homem lhe beijou o pescoço, como se tomasse o pulso com a ponta da língua. E o batimento do coração era rápido e irregular. Sorriu de novo, deleitando-se com aquela pequena antecipação do sabor de seu corpo e pensando em outros lugares que esperava beijar. Deu um passo para trás para que ela pudesse vê-lo.

— Não quero que passe frio, carinho. Deixe-me jogar um pouco de lenha ao fogo.

Com uma expressão receosa no rosto, ela piscou quando a desceu de seu colo. Alex ficou em pé rapidamente e jogou lenha na lareira, empurrando-as brandamente com uma bota para pô-las em seu lugar. Faíscas saltaram da lareira. Em seguida, as chamas se apoderaram da lenha. Alex esfregou as mãos contra a calça, para limpar-se enquanto voltava para sua esposa, que se encontrava ajoelhada sobre tapete, com um aspecto muito inocente para permitir que houvesse tranquilidade em seu espírito. Banhada pela luz dourada, com sua camisola longa e solta e o cabelo como uma nuvem ao redor de seus ombros, ela parecia uma figura religiosa. Ou um anjo. Terno, incrivelmente terno. Ele sentiu como se estivesse a ponto de profanar algo sagrado; e não era esta a sensação mais adequada quando sua consciência estava em guerra com a paixão contida. Angélica ou não, ele tinha a intenção de possuí-la e ao diabo com seus escrúpulos!

Estendeu-lhe uma mão.

— Venha aqui, Annie, carinho.

Annie lhe escrutinou os olhos como se pressentisse suas intenções. Alex se inclinou ligeiramente e a agarrou pelos braços. Sem lhe dar a oportunidade de escolher, pegou-a para que ficasse de pé.

— Não quero que sinta frio — lhe disse enquanto a aproximava do fogo.

Olhos azuis que refletiam a cor dourada da luz... Ao olhá-los, Alex aceitou que ela tinha toda a razão ao não confiar nele. Dado seu comportamento a uns minutos, tinha sorte de que a pobre não estivesse aterrorizada. Annie lhe tinha dado toda sua confiança, o qual não tinha sido nada fácil para ela e ele esteve a ponto de traí-la. Naquele momento, embora não o merecesse absolutamente, estava disposta a confiar nele uma vez mais.

Tudo isto pareceu triste para Alex. A confiança era um presente; e, vindo dela, um que não tinha preço. Percorreu-a com o olhar. Em meio a seu arrebatamento de paixão há um momento, tinha-lhe desabotoado a camisola, o qual lhe evitou a moléstia de ter que fazê-lo naquele momento. Com uma despreocupação que não sentia, desabotoou um dos punhos, e começou a tirar o braço da manga.

— Vamos tirar isto, certo?

O cotovelo ficou preso na camisola. Alex o liberou rapidamente. Logo concentrou toda sua atenção na outra manga. Com o canto do olho, viu seus lábios movendo-se e soube que, embora quisesse, não podia ignorar seus protestos. Deixou o que estava fazendo para escrutinar seu olhar.

Alex falou agora com voz curiosamente débil.

— Meu amor, se tiver medo e quer que pare, só tem que me dizer.

Estava quase seguro de que isto era precisamente o que estava dizendo, até o momento em que a olhou nos olhos. Mas então não disse nada. Ele esperou, em meio a angústia e a incerteza, resolvido a voltar a colocar o braço na manga, fechar o punho e aceitar sua recusa de bom grado. Em lugar disto, ela levantou o queixo ligeiramente, respirou fundo e ficou reta. — *Não, não pare.*

Alex sabia quanto lhe havia custado dizer estas palavras. Para ele, fazer amor com ela era a culminação natural de seu desejo, mas certamente ela não sentia o mesmo.

— Não lamentará. Juro.

Não querendo prolongar aquele momento de tortura, rapidamente lhe tirou o outro braço da manga da camisola.

— Já está.

Inclinou-se, segurou a camisola com as mãos e, evitando deliberadamente olhá-la nos olhos, começou a subir a saia. No último segundo, a coragem a abandonou. Sabendo o assustada que devia estar ela, Alex esperava que opusesse ao menos uma resistência instintiva. E quando Annie tentou recusá-lo e agarrou a saia com todas suas forças, deu um puxão ao tecido e conseguiu com que ela a soltasse. Com um movimento suave, passou-lhe o vestido pela cabeça e o tirou.

Ao voltar-se, o coração de Alex parou. Embora ela fizesse a valorosa tentativa de ocultar seu corpo com os braços cruzados e as mãos abertas, pouco pôde cobrir. Sua visão era como um sonho, com o corpo nu banhado pela luz dourada da lua. Seus mamilos de cor rosa apareciam através das cascatas de cabelo azeviche que caíam sobre os seios. Incapaz de resistir, Alex estendeu uma mão para roçar com seus nódulos o sensível topo dos seios. Ao sentir sua carícia, ela se sobressaltou como se lhe tivessem espetado um alfinete.

Ele desceu os olhos, dominado pela ternura que lhe produzia ver suas desesperadas tentativas de ocultar mais território do que suas duas mãos podiam cobrir. Pela maneira como ela rodeava o corpo com os braços, supôs que a inocente moça não sabia que parte era mais importante ocultar: seu proeminente ventre, seu umbigo ou o tentador triângulo de pelos negro que aparecia no vértice das coxas.

Ao final, rodeou o ventre com um braço e pôs a outra mão sobre o umbigo; decisão que não deixava de ser embaraçosa para ele. Mas não desaprovou o resultado. Nenhum homem em seu sã julgamento

desejava ver o umbigo de uma mulher quando tinha uma vista perfeita de...

Não encontrou a palavra adequada para designar aquele tentador arbusto de cachos negros. No passado, Alex, como a maioria dos homens, referiu-se a aquela parte do corpo da mulher com pouco respeito. A lista de nomes que lhe davam era tão abjeta como longa. Atrever-se sequer a pensar que uma só dessas palavras pudesse ter alguma relação com Annie, pareceu-lhe um sacrilégio.

Passou os olhos para seu ventre inchado. Uma perversa curiosidade despertou nele enquanto observava a mão que ela pôs sobre o umbigo. Estava muito claro que se empenhava em ocultar algo, mas ele não sabia o que. Todo umbigo era muito parecido a outros. Munindo-se de vontade de saber o que lhe envergonhava tanto para querer ocultá-lo sentiu a tentação de lhe afastar as mãos.

Mas, dado o banquete que estava dando a seus olhos, decidiu que podia deixar que a garota tivesse pelo menos um segredo. No momento, em todo caso. Depois não haveria lugar para segredos entre eles.

Até rodear seu corpo com os braços da maneira como estava fazendo, uma grande parte de sua pele ficava ao descoberto. De cor nata, parecia luminescente sob a luz projetada pelo fogo. Pura seda reluzente. Ou uma folha trêmula...

Alex se sobressaltou ao perceber de que sua amada estava tremendo. Dirigindo em seguida o olhar para o de Annie, viu nas profundidades de seus olhos que estava a ponto de sair correndo. E com toda a razão. Ele a estava olhando boquiaberto, como um condenado idiota. “Por Deus!” Desde o começo, ele não pôde conduzir bem a situação, e, ao julgar pela expressão de seu rosto, as coisas iam de mal a pior a passos gigantes.

Apesar de toda sua experiência com mulheres ao longo daqueles anos, de repente se sentiu como um imbecil. Terrivelmente nervoso. Com uma voz que não era mais que um vibrante sussurro, tentou desculpar-se.

— Me perdoe por... ficar te olhando, meu amor. É só que... Meu deus! Annie, é tão formosa... mal posso...

O pequeno rosto da jovem ficou de cor vermelha escarlate. Alex lançou um olhar a seu proeminente ventre e a seus magros braços, que em vão tentavam ocultá-lo. “Imbecil! Mil vezes imbecil!” Esteve a ponto de golpear-se na fronte com o dorso da mão. Annie estava em avançado estado de gestação. Era do mais natural que não se sentisse bonita.

Mas era. A criatura mais formosa sobre a qual ele tinha posado os olhos, sem exceção alguma. Então, diga-lhe maldito imbecil. Alex tentou umedecer os lábios com uma língua que estava tão seca como um pedaço de carne-seca de vitela. Não era muito hábil com as adulações. Nunca foi. Por alguma razão sempre se sentiu um pouco tolo quando tentava ser romântico.

— Annie, não se perturbe com seu ventre. Parece-me... Bonito.

Os grandes olhos azuis da grávida ficaram brilhantes por causa das lágrimas. Alex não podia sentir a almofadas sob seus pés. “Jesus!” Ao menos ele podia ver os pés.

— Carinho, seu ventre é formoso. De verdade.

De fato, agora que podia observar seu tamanho, percebeu que também era extraordinário. Ela parecia estar a ponto de estalar. Sob a mão que tinha sobre o umbigo, uma linha de pelo negro descendia para a pélvis.

— Annie...

Ele se aproximou ainda mais. Com mãos repentinamente trêmulas, secou as lágrimas que corriam por suas bochechas, desejando de todo coração saber o que lhe dizer. Não podia negar o fato de que estava disforme e desproporcional. Mas isto não conseguia apagar seu desejo. Pelo contrário, aumentava-o, se é que isto fosse possível. Sua esposa levava um bebê no ventre. Para ele, aquilo era um milagre. Se lhe desse uma oportunidade, ele beijaria reverencialmente até o último centímetro de seu corpo. Mas não sabia como a convencer disso.

Alex pensou que possivelmente estivesse fazendo as coisas erradas. Annie não era estúpida. Sabia que sua figura feminina se deformou temporariamente e as palavras bonitas não conseguiriam convencê-la do contrário. Poderia ser mais proveitoso se tratasse a situação como um assunto insignificante e brincasse para lhe tirar um sorriso. Se ele levasse sua gravidez com calma, possivelmente ela também conseguiria relaxar a respeito.

Inclinou-se para lhe dar um beijo na ponta do nariz e esboçou um suave sorriso.

— Acabo de perceber que há algo que se interpõe entre nós.

Ela abriu os olhos com alarme. Logo piscou, derramando mais lágrimas sobre suas pestanas. Quase sem que Alex percebesse, Annie pôs uma mão no centro do peito e o empurrou com surpreendente força. Despreparado, cambaleou. A moça, sem deixar de rodear seu ventre com um braço, lançou-se a agarrar sua camisola. Alex a agarrou pelo pulso justo antes que recuperasse o objeto.

— Não faça isso, meu amor — lhe disse, obrigando-a a endireitar-se — Por favor.

Tentou soltar-se de um puxão. Cuidando para não lhe fazer mal, Alex a sujeitou com firmeza.

— Annie... Está se comportando como uma tola. Como se eu nunca tivesse visto uma mulher nua grávida. — Esta era uma das mentiras maiores que disse em sua vida — E, embora não acredite, acho que está preciosa. De verdade!

Os lábios de Annie começaram a tremer. Um instante depois, o espasmo se estendeu a seu pequeno queixo. Alex esteve a ponto de deixar escapar um grunhido. Soltando-lhe o pulso, segurou seu rosto entre suas mãos e empreendeu a tarefa de beijá-la para fazer desaparecer as lágrimas. Em meio aos beijos, deu um passo para trás para que ela pudesse ler seus lábios.

— Sinto muito, carinho. Perdoa-me? Não quis ferir seus sentimentos. Acho que está muito bonita. Juro.

Ela quis liberar seu rosto das mãos de Alex.

— *Não estou bonita. Feia. Estou feia.*

— Feia? Não, carinho. As mulheres grávidas são... Especiais. — Alex esteve a ponto de fazer uma careta depois dizer estas palavras. Especiais? Um verdadeiro gênio com as palavras, isso era ele — Para mim, ver você nesse estado é...

— *Não viu meu umbigo!*

Alex percorreu o arco de suas sobrancelhas com os lábios. E logo se afastou.

— Estou seguro de que seu umbigo é precioso.

— *Sobressai-se.*

— O que?

— *Sobressai-se!*

Músculos diminutos começaram a mover-se debaixo de seus olhos, claro indício para Alex de que ela estava a ponto de chorar. Era evidente que seu umbigo lhe incomodava. Parecia-lhe que, tendo em conta a impressionante circunferência de seu ventre, não era mais que um pequeno ponto.

— Sobressai-se? O que quer dizer com isso?

— *Que sai para fora!*

— Como?

— *Sai para fora!* — repetiu ela.

Alex desceu os olhos para olhar entre seus corpos. Seguro de que seu complexo fazia exagerar as coisas, afastou-lhe a mão para poder ver o umbigo em questão. Com a boca e o queixo tremendo, Annie

olhou para a protuberância. A ele lhe caiu a alma aos pés ao ver a angústia que se refletia em seu rosto.

— Não é tão terrível, carinho.

— *Feio, feio, feio!*

— Não! Como pode ser feio um umbigo? Acredito que de certo modo é... — interrompeu-se, procurando a palavra adequada — Adorável. Isso, sem dúvida; o umbigo mais formoso que vi em toda minha vida.

Sem pensar em como poderia Annie perceber o passo que estava dando, aproximou-a dela e apertou o rosto contra o cabelo dela. Passou uma mão por suas sedosas costas, reconhecendo sua coluna com as inquisitivas pontas dos dedos. Fechou os olhos ao ser invadido por uma onda de satisfação. Estreitá-la entre seus braços daquela maneira, sentir a suavidade de seu corpo apertando-se firmemente contra ele, era o mais perto do céu que esperava chegar.

— Não chore, Annie, carinho.

Alex de repente percebeu que estava sussurrando no ouvido de uma surda. A frustração se apropriou dele; e deu um passo para trás para que sua mulher pudesse ver seu rosto. Ao sentir um movimento entre eles, desceu os olhos e viu que a garota estava pressionando seu protuberante umbigo com a ponta de um dedo, tentando sem êxito voltar a colocá-lo em seu lugar. Temeroso de que se fizesse mal, Alex afastou lhe a mão e cobriu aquele lugar com a sua. A ternura o alagou ao olhá-la nos olhos.

— Quando chegar o bebê, seu corpo recuperará sua forma habitual — lhe assegurou — Até então, carinho, Acredite em mim quando te digo que está preciosa. Com seu enorme ventre, o umbigo para fora e tudo — lhe acariciou o cabelo com uma mão — Eu não mudaria nada. Nem mudaria nada de sua atual figura. O único que faria seria colocar um sorriso em seu rosto.

Annie lhe lançou um olhar de incredulidade. Claramente, suas palavras não a convenciam.

— É absolutamente perfeita — lhe assegurou.

Ela enrugou o nariz e negou com a cabeça de novo. Alex a soltou e deu um passo para trás e a desafiou.

— Mostre-me uma só parte de seu corpo que não seja perfeita.

Ela quis rodear seu próprio corpo com os braços uma vez mais, mas ele o impediu agarrando seus pulsos e fazendo-a abaixar os braços. Logo, com o coração lhe doendo de tanto amor que sentia, caminhou ostentadamente ao redor dela para observá-la de todos os ângulos. Quando voltou para o ponto de partida e ficou de novo frente a ela,

cruzou os braços, desafiante, posou o olhar no rosto ruborizado de Annie e disse com absoluta franqueza:

— É, sem lugar a dúvidas, a garota mais bonita e encantadora que já vi em toda minha vida.

Annie pôs uma mão sobre seu ventre inchado, afastando o olhar. Alex se inclinou para ela, de tal maneira que voltaram a ficar frente a frente.

— Ponha-me junto a quarenta mulheres magras e me dê a possibilidade de escolher uma, e sem dúvida nenhuma escolherei você.

Ela fungou e se recolheu com a mão uma lágrima antes que caísse. Alex se interessava mais em agarrar outra lágrima que já tinha caído e tinha deixado uma brilhante esteira sobre um de seus seios até alcançar o mamilo.

— Falo sério, Annie, carinho. — As escuras sombras que cobriam seus olhos lhe fizeram desejar ter maior facilidade com as palavras — Quero você; e só você, tal e como está neste mesmo momento.

A jovem deixou escapar um débil som que saiu do mais profundo de sua garganta. Alex lhe estendeu uma mão.

— Venha aqui, meu amor.

Annie ficou olhando fixamente a palma de sua mão durante segundos longos. Logo, finalmente a cruzou com seus dedos delicados. Alex não podia falar e, embora pudesse fazê-lo, duvidava que conseguisse expressar as emoções que o embargavam. Depois de puxá-la para aproximá-la a seu corpo, envolveu-a em um abraço. Durante um tempo a estreitou daquela maneira. Sabia de forma instintiva que ela necessitava tempo para acostumar-se a proximidade física, que precisava saber que ele queria dela muito mais que apenas seu corpo.

E assim era... Necessitava muitíssimo mais.

Quando notou que Annie começava a relaxar um pouco, acariciou um seio. Ela gemeu e conteve a respiração. Brandamente, com toda doçura, Alex brincou com o mamilo, que ainda estava úmido pelas lágrimas que se deslizaram até ele. A ideia de estar tocando-lhe o seio molhado por suas próprias lágrimas, aumentou sua excitação ao máximo. Abraçou-a ainda com mais força.

— Deus santo! É incrivelmente preciosa.

Sabia que ela não podia lhe ouvir, mas, por um momento, sua habitual sensação de frustração deu passo a um vago alívio. Ao tê-la entre seus braços daquela maneira, quase não podia pensar e muito

menos medir suas palavras. Compreendeu que fazer amor com uma surda também tinha suas vantagens.

— Deus, como te desejo! Provavelmente seja uma bênção que não saiba quanto me excita meu amor.

Annie se aconchegou contra ele, ignorante do que dizia. Alex sorriu ao pensar que se sua amada pudesse lhe ouvir sairia correndo imediatamente para a porta. Logo suspirou e mordiscou de forma brincalhona a orelha de sua esposa, que voltou a gemer de prazer.

— Ah, você gosta, não é verdade? — Agora se dedicava a beijá-la no pescoço — Estupendo, pois vou amar-te e saborear cada centímetro de seu corpo desta mesma maneira. — Fechou os olhos e se dedicou a degustar aquela pele suave, levemente salgada, enlouquecedora — Ah, Annie, meu amor...

Quando ela jogou a cabeça para trás, beijou-a. Annie emitiu um soltou um pequeno ruído parecido a um lamento e seu doce fôlego se derramou sobre os lábios de Alex. O homem colocou a língua na úmida boca da amada; e logo a retirou, uma e outra vez, simulando o ritmo das relações sexuais, imaginando o que sentiria ao introduzir-se de verdade dentro dela. Os músculos de suas coxas se esticaram ao acariciá-la com irrefreável desejo, gozando de sua suavidade, da aveludada textura de sua pele. Sem poder conter-se, agarrou as nádegas de Annie e a atraiu para si. Ante essa inesperada manobra, ela ficou tensa e afastou a boca, deixando de beijá-lo.

Alex levantou a cabeça, deslizando uma mão para o quadril de Annie até suas costas, para estreitá-la contra seu corpo, caso ela perdesse o controle. Pela expressão de seu rosto e as fortes pulsações que percebia em seu pescoço, sabia que a moça estava se alterando, que possivelmente rememorava o ocorrido nas cataratas. Não era de estranhar e não lhe surpreenderia.

A enormidade do que estava a ponto de fazer o deixou perplexo. Um movimento equivocado, uma palavra equivocada...

— Annie, carinho, não te farei mal. Prometo.

O olhar cheio de medo da moça se cravou em seus olhos. Alex se sentiu como se estivesse afogando. Engoliu saliva; e o ruído dessa simples ação retumbou em seus ouvidos, o que era clara amostra de seu estado de nervos. Queria que fosse uma experiência bonita para ela. Queria apagar todas as más lembranças de sua mente e substituí-las com outras, maravilhosas.

Inclinou-se, levantou-a em seus braços e a levou para a cama. Depois de deitá-la com todo cuidado tirou a camisa e as botas. Ela pegou a ponta da enrugada da colcha para ocultar a parte inferior de

seu corpo. Alex sorriu e colocou um joelho junto a seu quadril. Plantou as mãos a ambos os lados de seu corpo e se inclinou para lhe fechar os olhos com um delicado beijo. Logo, começou a beijá-la por todo o rosto, brandamente, devagar. Queria que ela se sentisse admirada, amada. Sentia que Deus tinha lhe enviado um anjo e tinha que lhe comunicar esse sentimento. Annie grunhia de prazer e sorria.

Alex também sorriu, pois percebeu que ela continuava aferrando-se desesperadamente a colcha que tampava a parte inferior de seu corpo. Falou em sussurros, com a boca sobre suas pálpebras fechadas.

— Feche os punhos com força e não solte o cobertor. Convém-me que tenha as mãos ocupadas. — Passeou a boca pela maravilhosa bochecha, logo desceu os lábios e depois ao pescoço — Quando tiver terminado, terá esquecido por completo dessa colcha, prometo.

Seguiu seu caminho descendente. Lambia brandamente a pele, aproximando-se cada vez mais dos seios, dos mamilos que a semanas povoavam seus sonhos, seus desejos. Chegou a um deles. A aréola, dura e pulsando com força, pareceu-lhe de veludo ao entrar em sua boca. Ao sentir o primeiro movimento da língua masculina, o corpo de Annie estremeceu de cima a baixo. Agarrou-lhe o cabelo, como querendo afastá-lo. Alex compreendeu que a jovem era muito mais sensível do que tinha imaginado; e redobrou suas delicadas lambidas, disposto a levá-la ao mais alto topo da excitação. Quando considerou que ela já estava preparada, atacou-a com mais força. Ela soltou um grito afogado e arqueou o corpo, entregando-se a ele. Gemidos de desejo brotavam de sua garganta. A respiração acelerou enquanto ele a acariciava uma e outra vez com a língua.

Desta vez a Alex não importava que sua esposa soltasse quantos gritos de paixão quisesse. A porta estava fechada com chave e todos os criados, incluindo Maddy, dormiam no outro extremo da casa. A ele não só não importava, mas também preferia que gritasse, pois seus gritos lhe excitavam. Agarrando a palpitante ponta de um mamilo entre seus dentes, deu-lhe um pequeno puxão. Ela começou a ofegar imediatamente. Ofegos agudos e suaves que eram para Alex um poderoso afrodisíaco. Em seguida, como para não dar tempo para que esfriasse, centrou toda sua atenção no outro seio e lhe deu o mesmo tratamento.

Quando ela finalmente agarrou as orelhas de Alex, ele soube que tinha obtido seu primeiro propósito. Ela estava tão excitada, que duvidava que pudesse pensar com clareza e muito menos sentir

medo. Então; e só então, arriscou-se a colocar uma mão debaixo da colcha.

Para grande surpresa de Alex, Annie abriu as coxas, acolhendo as carícias de sua mão. O homem procurou com toda cautela o doce centro de seu corpo, sorrindo ao ouvi-la gemer de prazer. Como aparas de metal atraídas por um ímã, as pontas de seus dedos localizaram o objetivo e se dirigiram para os cachos da entre perna feminina. Com toda doçura e cuidado, abriu as sedosas dobras. Sexo ardente. Umidade escorregadia. Ao sentir a invasão de seus dedos, ela sacudiu os quadris e lhe soltou as orelhas para incorporar-se sobre os cotovelos. Delicadamente, Alex a obrigou a voltar a apoiar as costas sobre a cama. Com seu rosto a escassos centímetros da dela, sustentou seu olhar, que agora voltava a ser de medo.

— Confie em mim, Annie — lhe sussurrou com voz rouca — Fará isto? Só uns poucos minutos. Logo, se quiser que pare, eu farei isto. Prometo.

Ela juntou suas delicadas sobrancelhas para franzir o cenho. Mas, ao final, assentiu com a cabeça para dar seu consentimento.

Sujeitado pelos nervos, Alex encontrou as sensíveis carnes femininas. Com suaves carícias, conseguiu excitá-la, observando as sutis mudanças da expressão de seu rosto. Agradá-la era seu único interesse. Annie vinha em primeiro lugar. Com ele, ela sempre estaria em primeiro lugar.

A mulher nem sequer pestanejou quando tirou a colcha. Sendo um homem que não deixava passar nenhuma oportunidade, Alex se aproveitou. Pôs em jogo a boca e lançou um suave, mas implacável ataque sensual para tomar posse de seu tesouro erótico.

Com o primeiro movimento de sua língua sobre suas sensíveis terminações nervosas, ela deixou escapar um grito. Com o segundo, gemeu do mais profundo de sua garganta. Com o terceiro, aferrou o lençol que se encontrava debaixo de seu corpo, cravou os calcanhares no colchão e arqueou os quadris para que ele tivesse fácil acesso a seu corpo. Seus agudos ofegos e guturais gemidos eram os sons mais doces que Alex tinha ouvido em toda sua vida.

— Sim, sim, Annie — sussurrou com a voz entrecortada — Se entregue a mim.

— Ahhh! — Ela levantou ainda mais seus quadris, lhe oferecendo o que estava procurando. Sua respiração era cada vez mais acelerada e superficial — Ahhh! Ahhh!

Alex começou a fazer girar a língua, com lentidão e firmeza. Ela o agarrou pelo cabelo e empurrou para cima, excitada até um extremo

inimaginável. Acelerando o ritmo, a fez alcançar seu primeiro orgasmo e se maravilhou com o sensível e desinibida que tinha resultado ser aquela excitante criatura.

Quando ela finalmente apoiou todo seu corpo no colchão, esgotada e trêmula, Alex se afastou só o tempo suficiente para tirar a calça. Ato seguido ficou entre suas coxas e lhe segurou os quadris com firmeza, abrindo-a com os suaves golpes de seu membro viril. Annie o olhou com um sorriso prazeroso, meio inconsciente, com os olhos ainda escurecidos de prazer. Rapidamente, sem lhe dar tempo de perceber suas intenções, entrou nela com toda suavidade.

Alex viu seus olhos abrirem-se ainda mais de assombro. Logo, durante vários segundos, só foi consciente da maravilhosa sensação de estar dentro de seu corpo. Annie estava preparada para ele. Ardente e umedecida pelo desejo, as paredes de seu útero rodearam seu pênis sem nenhum retraimento por causa do recente orgasmo. Requereu de um grande domínio de si mesmo para não ejacular naquele mesmo instante.

Seus olhos voltaram a enfocar o pequeno rosto de Annie e recordou que era o prazer dela que devia lhe importar, não o seu. Cuidando para não esmagá-la com seu peso, apoiou sobre os braços e conseguiu esboçar um tranquilizador sorriso. Ato seguido retirou-se ligeiramente para voltar a entrar no mais profundo de seu corpo. Ela soltou um grito afogado e uma vez mais agarrou com força o lençol. Alex se regozijou com sua reação e acelerou o ritmo lentamente, penetrando-a cada vez mais fundo e com maior força. Não queria alcançar o orgasmo até certificar-se de que ela também o tivesse alcançado.

A tensão foi aumentando lentamente. Os movimentos de Alex adotaram um ritmo constante, retirando-se para logo voltar a penetrar em suas profundidades, sempre atento a expressão de seu rosto, para evitar lhe fazer mal. Não havia necessidade de que se inquietasse tanto. Com a natural despreocupação que o cativou desde o começo, Annie arqueou a nuca, gemeu de prazer; e com suas esbeltas pernas rodeou os quadris de Alex para mover-se de forma circular e intensificar o prazer da penetração. O desejo de Alex se converteu em uma dor insuportável.

As melhores coisas planejadas nem sempre eram as melhores... Apesar de sua decisão de manter o controle, quando ela gritou e o apertou com suas pernas, o desejo dentro dele estalou em um prazer alucinante que não se parecia com nada do que tinha experiente antes, que não tinha imaginado sequer que podia existir.

Annie... Seus ofegantes gritos revelaram a Alex que estava alcançando o orgasmo com ele. Logo, as paredes de seu útero se contraíram espasmodicamente. Uma luz vermelha se acendeu dentro de sua cabeça. Sem poder ver, nem tampouco pensar, entregou-se ao desejo e se afundou com ela em um redemoinho de sensações.

Annie... Fogo e escuridão. Em algum distante canto de sua mente, Alex percebeu seus agudos gritos liberadores. Logo, totalmente desprovido de energia e de forças, inundou-se com ela na escuridão da inconsciência.



Annie voltou a realidade como se saísse de um sonho, caindo percebendo pouco a pouco o que tinha acontecido e onde se encontrava. Viu uma luz âmbar, logo o lençol que se encontrava debaixo dela, o calor do corpo de Alex apertado contra o seu, o calor do fôlego contra seu cabelo, o peso de seu braço sobre sua cintura. Um instante depois pestanejou e despertou por completo, sentindo-se totalmente tranquila e mais feliz que nunca.

Alex. Estava deitada com as costas apoiada sobre o peito dele, com o traseiro perfeitamente acoplado na concavidade de seu corpo; e sentia suas coxas, os ásperos pelos que as cobriam firmemente apertados contra a parte posterior das pernas dela. Annie aspirou profundamente, com deleite, os perfumes do corpo de seu homem; débeis vestígios de sabão e colônia, o aroma penetrante de pele e seu masculino aroma de almíscar. Sentiu o ruído surdo do coração viril, pulsando com força e de forma regular. Sentia-se maravilhosamente bem ali deitada, encolhida contra ele, com o corpo completamente relaxado e os pensamentos em doce desordem.

Alex. Desejava poder ouvir seu nome ao menos uma vez, desfrutar de seu som naquele momento. Amava-o. Amava-o enormemente.

Um rubor intenso subiu as bochechas de Annie ao recordar o que fez a seu corpo. Uma estranha sensação de dor e formigamento se estendeu por seu ventre. Um sorriso abriu passo em seus lábios; e não pôde a não ser desejar que seu amante despertasse e voltasse a lhe fazer tudo aquilo.

Com este propósito, se voltou para ficar de frente a ele. Sob a luz da lua, pareceu-lhe que nunca tinha visto um homem tão bonito como ele. Seu cabelo dourado caía em ondas desordenadas sobre a fronte e suas finas pontas brilhavam com a luz. Dormindo daquela maneira, seus traços delicadamente esculpidos pareciam quase

infantis; os cílios projetavam sombras sobre as bochechas bronzeadas, o lábio inferior estava relaxado e tremia ligeiramente com cada uma de suas suaves respirações. A cabeça descansava sobre um de seus braços dobrados, cuja parte interna era ligeiramente mais branca, devido a que quase não se expunha ao sol. Os grandes músculos e tendões desta parte de seu corpo faziam com que a pele se estendesse tensa sobre eles. Cheia de curiosidade, colocou uma mão em seu peito e lhe acariciou o abundante pelo. Logo se dedicou a explorar com cautela um dos bicos do mamilo, que eram pequenos e de cor acobreada. Ao tocar um viu que se endurecia ligeiramente; e, sem saber muito bem por que, pensou que ele não devia sentir o mesmo que ela.

A jovem se sobressaltou quando levantou os olhos e descobriu que seus olhos dourados se encontravam abertos. Os olhares se cruzaram. Alex esboçou um sorriso maravilhoso.

— Por que tenho a sensação de que minha esposa se sente como nova e está disposta a fazê-lo de novo?

Annie sorriu, mostrando suas covinhas, voltou a tocar o bico do mamilo de Alex e seu sorriso ficou mais profundo.

— Está me pedindo que te devolva o favor? — perguntou ele.

Annie se aproximou até que as pontas de seus mamilos roçaram o peito de seu marido. Ante este contato, endureceram-se imediatamente.

— Que desavergonhada é!

Alex retirou o braço que nesse momento envolvia a cintura de Annie e lhe tocou o seio. Com uma carícia conseguiu que os mamilos ficassem mais eretos. Logo, aproximou a cabeça dos mamilos para chupá-los. Annie fechou os olhos. O prazer que sentia era tão intenso, que podia ficar ali estendida eternamente, deixando que ele a beijasse.

Mas Alex tinha outras ideias. Depois de lhe dar uns quantos beijos, deixou-se cair no travesseiro e a olhou com os olhos estreitos e um sorriso.

— Se quiser mais, venha aqui. Estou cansado.

Annie sabia que ele não estava tão cansado. O brilho de seus olhos lhe dizia algo muito distinto. Um pouco coibida de repente, olhou com desejo a boca de seu marido. Ao perceber seu olhar, os ombros de Alex se sacudiram por causa da risada e a agarrou pelo braço para dobrá-la.

— Venha aqui — lhe disse — Eu não mordo.

Para contradizer estas palavras, levantou-se de repente e a prendeu com cuidado mostrando os dentes. Um movimento da língua foi tudo o que necessitou para conseguir com que Annie se aproximasse. Com os braços apoiados a ambos os lados da cabeça de Alex, desceu os seios para que ele tivesse fácil acesso. Com preguiçosa lentidão, agradou-a até que a mulher começou a tremer. De repente, Annie se soltou para beijá-lo apaixonadamente.

Alex a abraçou e girou com ela agarrada a seu corpo, cuidando para não esmagá-la. Uma vez que ficou de barriga para cima, Annie entrelaçou suas pernas com as dele, pensando que lhe faria amor de novo.

— Ah, não... Não tão logo, Annie. Temos o resto de nossas vidas pela frente, a que vem tanta pressa?

“O resto de suas vidas”... Annie gostava dessa ideia. Noite após noite nos braços de Alex.

Promessa cumprida, indubitavelmente isto era muito melhor do que o que tinham feito aquele dia no quarto das crianças.

CAPÍTULO 23

“O resto de suas vidas”...

Nos dias que se seguiram Alex não pôde pensar em outra coisa. Sonhava constantemente com o grandioso futuro que Annie e ele poderiam ter juntos. Não via nenhum motivo para que estes sonhos não pudessem tornarem-se realidade. Em janeiro, pouco depois do Natal, nasceria seu filho. A partir desse momento, eles seriam uma família. Ainda ficava por saber se Alex poderia ter mais filhos, mas isto já não parecia ter muita importância. Menino ou menina, o primeiro filho seria seu herdeiro e isso era tudo o que lhe importava.

Na mente de Alex, o bebê que Annie estava esperando era dele; e acreditava com a certeza de um homem que semeou a semente com suas próprias mãos. Já não pensava em Douglas nem no que tinha feito. Posto que Annie conseguiu deixar para trás o acontecido, ele também poderia fazê-lo. O passado foi esquecido. O futuro os esperava como uma brilhante promessa.

Amar Annie. Para Alex, a jovem era um presente divino. Apesar da experiência que teve nas cataratas, tinha resultado ser uma amante muito mais sensível do que jamais teria imaginado, e custava muito tirar as mãos de cima dela. Felizmente, o sentimento parecia ser mútuo. Uma vez que ela conseguiu vencer seu acanhamento, começou a tomar a iniciativa quase com tanta frequência quanto ele

e algumas vezes era muito mais criativa. Quando se tratava de sexo, Annie não parecia saber que havia certas coisas que uma dama nunca fazia. Uma noite, enquanto se encontrava trabalhando em seu escritório, ele levantou os olhos dos papéis e viu os seios nus de Annie a uns quantos centímetros de seu nariz. Um instante depois, seus papéis se encontravam espalhados pelo chão e sua esposa tombada de forma pouco elegante sobre a escrivaninha.

Alex não demorou para compreender que Annie, a quem nunca foi exigido seguir horários e que não se regia por relógio algum, era uma criatura de impulsos. Uma noite durante o jantar, imediatamente depois de Maddy servir a sobremesa de sorvete, ela se levantou da mesa e se dirigiu para ele com um sorriso sedutor que lhe esquentou o sangue tão rapidamente que pensou que sua sobremesa corria o risco de derreter-se.

— O que quer, meu amor?

Com um movimento da mão, Annie afastou o prato de sorvete e pôs seu voluptuoso traseiro no lugar. Os olhos estreitos da mulher tinham adquirido uma sedutora tonalidade azul.

— *Quero ser seu sorvete.*

— Meu sorvete? — perguntou Alex perplexo.

Ela se inclinou para frente e levou a ponta da língua a sua bochecha, lambendo sua pele e fingindo deleitar-se com seu sabor, tal e como ele o tinha feito com seu sorvete a apenas um instante.

— Por Deus! — disse com um sussurro entrecortado — Annie, meu amor...

Estava a ponto de lhe explicar que a uma dama decente nunca lhe ocorreria fazer essa classe de proposições; e quando a língua dela encontrou sua orelha, ele esqueceu tudo o que queria dizer. Embora na realidade não quisesse lhe dizer nada. Que homem em seu próprio julgamento queria que sua esposa fosse uma dama decente portas dentro? Alex sabia que muitos homens tinham que viver com esposas dissimuladas que eram totalmente aborrecidas na cama. Era uma sorte que Annie tivesse chegado ao matrimônio sem ideias preconcebidas em relação ao que se considerava apropriado. Seria um completo idiota se lhe enchesse a cabeça com um monte de convenções sociais.

Com seus dedos hábeis, Alex lhe desabotoou o corpete e abriu a camisa interior rapidamente. Seus seios saíram como deliciosos melões inclinados sobre a borda de uma cesta. “Ataque já”, pensou, enquanto seu olhar ardente ia para os mamilos. Tinham uma cor delicada, de morango e nata...

Enquanto ele estava absorto admirando suas abundantes formas, Annie estendeu as mãos para trás para agarrar o prato de sobremesa. Com grande assombro, Alex a viu colocar a delicada ponta de um de seus dedos no sorvete que se derretia rapidamente e esfregar o frio doce sobre seu mamilo. Sua carne de cor rosa ficou rígida em seguida pareceu erguer-se para sua boca, desejosa de cuidados. Como se quisesse lhe mostrar o que tinha em mente, ela se inclinou para frente de novo para lambar os lábios dele.

Alex, que sempre se orgulhou de ser muito ágil, levantou-se da cadeira. Não recordava haver coberto nunca uma distância tão rapidamente como o fez com aquela que se estendia entre a mesa e as portas da sala de jantar. Depois de fechá-las com a chave para que ninguém os incomodasse, voltou para agradar sua esposa, que naquele instante estava cobrindo de doce seu outro seio.

Completamente excitado, mas tentando não demonstrar, Alex voltou a sentar-se em sua cadeira e esperou para ver que mais ela tinha em mente. Annie levantou os olhos com expressão de desejo. Olhando-o nos olhos, lambeu cada um de seus dedos até deixá-los limpos. A Alex lhe encolheu o estômago de pura excitação erótica, mas estava desfrutando enormemente daquele espetáculo e não queria pôr fim tão rapidamente. Ainda não.

Tal e como ele esperava, Annie aproximou seus seios nus, lhe provocando com os mamilos quentes, doces e pegajosos, até que ele não pôde resistir mais a tentação e começou a limpar o doce com a língua. A pele de seus mamilos ficou dura imediatamente e pareceu encher-se de agudos pontículos. A esposa lhe acariciou o cabelo com as mãos e arqueou as costas para fazer seus seios mais acessíveis. Alex lambeu e chupou as sensíveis pontas, sorrindo ao ouvir seus queixosos ruídos de prazer.

Os gemidos não demoraram a ficar mais fortes. Procurando provas atrás dela, ele encontrou o lenço que tinha descartado e cobriu com ele a boca de Annie. Como se soubesse qual era seu propósito, ela o agarrou entre os dentes para silenciar seus gritos.

Sem ter que preocupar-se com os sons que ela pudesse fazer, Alex se concentrou unicamente em agradar sua fêmea. Enquanto procurava o lenço, sua mão tinha tropeçado com o prato de sobremesa. Agarrou-o naquele momento e colocou as pontas dos dedos no sorvete derretido. Voltou a cobrir os mamilos de Annie de doce. Fruta com nata... Alex nunca tinha provado nada semelhante. Era deliciosamente perverso, a classe de erotismo com o qual sonhava todo homem, mas que nunca conseguia experimentar. Mas

com Annie, que felizmente ignorava as convenções, não havia nenhuma regra que acatar. Só se deixava levar pelo prazer.

Isto sempre pareceu bom para Alex, mas nunca tanto como então. Ouviu vagamente o ruído que fizeram os pratos ao afastá-los para que sua esposa se estendesse sobre a mesa. Febrilmente, mas com estupidez, tentou tirar sua roupa. Saias, anáguas, calções, ligas, meias.

“Jesus!” Ao recordar a manhã de seu casamento, quando ela se encontrava sentada na borda do patamar do primeiro andar e expôs seu corpo aos olhos ávidos de Alex, desejou que naquele momento usasse o mesmo simples traje. Agora que sabia quão deliciosa era a combinação do sorvete com sua doce esposa, queria provar essa mescla em outra parte do corpo feminino.

Quando lhe tirou suficiente roupa para encontrar o que estava procurando, Alex deu um passo para trás para observá-la por um instante com seus olhos cheios de paixão. As dobras de sua feminilidade o chamavam com seu úmido fulgor. A delicada cor rosa daquela carne lhe recordou os morangos uma vez mais... Os morangos, frutas que sempre requeriam natas.

Sobre a enrugado guardanapo, os enormes olhos azuis de Annie procuraram seu olhar. Alex sorriu lentamente. Ela tinha começado aquele jogo. Agora ele se propunha a lhe dar uma nova dimensão. Enquanto o marido colocava as pontas dos dedos no sorvete, a esposa pareceu adivinhar suas intenções. Pelo visto, até Annie compreendia que isto era levar as coisas muito longe.

— Ah...

Sem muita vontade, a jovem tentou afastar-se. Não houve indolência alguma na reação de Alex para detê-la, depois de umedecer as pontas de seus dedos, encontrou seu centro ardente e palpitante com hábil pontaria. O lenço amorteceu seu grito de surpresa, enquanto ele lubrificava o sorvete sobre as sedosas dobras. Todo seu corpo se sacudiu quando ele agarrou entre seus dedos polegares e índice a sensível e pequena protuberância que se encontrava ali oculta. Ao retorcê-la, Alex viu que a mulher fechava os olhos. Annie gemeu do mais profundo de seu peito e levantou os quadris, claramente dobrada.

Annie, de sobremesa. Era o final de refeição mais doce que Alex tinha provado jamais. Se no futuro lhe parecesse que ele era mais apetecível que a refeição servida para o jantar, com todo gosto ficaria a seu dispor. Era o menos que um marido podia fazer por sua doce, dócil e insaciável esposa.

Annie... Para ser uma mulher tão pequena, tinha uma presença enorme na vida de Alex, enchia seus dias de risadas, suas noites de sexo e seus sonhos de imagens formosas.



Por volta de meados de dezembro, o doutor Muir lhes fez uma visita. Supostamente ia ver Annie, mas na realidade queria falar em privado com Alex. Temeroso de que Annie se alterasse durante o reconhecimento médico, que necessariamente seria mais invasivo que o que Muir lhe tinha feito nos primeiros meses de sua gravidez, Alex ficou junto a sua esposa enquanto o médico a examinava. Depois, os dois homens foram ao escritório para tomar um conhaque e conversar a respeito do que o doutor tinha encontrado.

Muir foi direto a questão.

— Tudo parece estar normal, Alex. Deixe de preocupar-se tanto.

Alex sorriu enquanto dava uma bebida ao bom doutor.

— Sou muito irritante?

— Sente muito carinho. Isso é evidente.

Alex apoiou um pé sobre seu joelho.

— Assim é.

— E como vão as lições?

— Muito bem. Ela chegou a dominar um bom número de gestos e já conhece o alfabeto. A semana passada terminou de estudar o primeiro manual.

Muir levantou a taça.

— Felicitações. O que está fazendo é uma façanha.

Alex pôs o pé no chão e se inclinou para frente para apoiar os braços sobre seus joelhos.

— Acredito que sim. Se quiser que seja sincero, pensei que os aparelhos de surdez seriam mais úteis do que resultaram. Embora possa me ouvir com eles se lhe falar forte, não parece poder reproduzir os sons corretamente. As poucas palavras que tentou dizer lhe saem muito distorcidas.

Daniel assentiu com a cabeça.

— Isso era de esperar. Perdeu a audição quando tinha apenas seis anos. Faz já quatorze que não lhe permitem falar. Esqueceu como fazê-lo. Dada sua incapacidade auditiva, o mais seguro é que requeira algum tempo para que ela volte a aprender tudo o que esqueceu.

Alex suspirou.

— Não faço mais que me dizer essas mesmas palavras. — encolheu os ombros e sorriu — Agora que posso ler os lábios, conseguimos nos comunicar muito bem.

— Mas o que acontecerá quando nascer o bebê? Seria conveniente que Annie chegasse a dominar ao menos um pequeno vocabulário antes que ele começasse a aprender a falar.

Alex refletiu um momento sobre essas palavras.

— Terei que ver como avançam as coisas.

Daniel deu um golpe a taça, olhando para Alex por cima de sua borda.

— Sei que quer o melhor para Annie e o bebê.

— Certamente que sim.

— Só me perguntava se estaria disposto a considerar a possibilidade de mandá-la para uma escola.

— A uma escola?

Daniel levantou as sobrancelhas.

— Ela necessita uma educação especial, Alex. Sei que está fazendo milagres. Não quero diminuir seus méritos. Mas, para que realmente possa recuperar a fala, Annie deve contar com professores especializados, pessoas que saibam como ajudá-la. A escola de Albany tem uma reputação irrepreensível. Irene Small, a diretora, é uma fantástica professora e, além de atender as necessidades particulares de seus alunos, também se ocupa de enriquecê-los cultural e socialmente. Seria estupendo que Annie fosse ali, ao menos durante dois ou três anos. Não é muito tempo. Ainda será jovem quando sair da escola. E pense no quanto poderia beneficiá-la a experiência.

Alex sentiu como se alma lhe caísse aos pés.

— Dois ou três anos?

Daniel sorriu.

— Albany não está muito longe daqui. Parece que te sugeri que a mandasse a um país estrangeiro. — Ele também se inclinou para frente na cadeira. Seu olhar era franco e estava cheio de preocupação — Alex, ao menos pense nisto, por favor. Acredito que poderia convencer Irene a lhe arranjar um lugar. Como vai ter um bebê, poderia ser uma estudante não residente. Annie poderia ir viver em Albany com ela. As duas poderiam alugar uma casinha perto da escola. Um lugar que fosse suficientemente perto para que Annie possa ir andando para as aulas.

Alex se levantou rapidamente da cadeira. O desassossego que o invadiu lhe fez derramar o conhaque.

— Não. Isso é totalmente impossível. Estamos falando de minha esposa. Não vou mandá-la a nenhum lado dois ou três anos. — passou uma mão pelo cabelo e começou a andar de um lado para outro — Por Deus, Daniel, não sei como pode sugerir sequer algo semelhante. Se acreditares que Annie necessita um professor especial, contratarei um. Mas ela ficará aqui, em Montgomery Hall, que é onde deve estar e não se fala mais no assunto.

Daniel deixou de lado a bebida e ficou em pé, agarrando sua maleta enquanto se levantava.

— Alex, apesar de todo seu dinheiro e de suas boas intenções, não pode comprar para Annie as coisas que ela mais necessita. Em Albany, os estudantes põem em cena suas próprias obras. Fazem bailes, reuniões sociais e musicais; todo isso está ponderado expressamente para as pessoas surdas. Annie estaria rodeada de pessoas como ela pela primeira vez em sua vida. Por mais que queira, não poderá lhe proporcionar todas essas experiências.

Alex lhe lançou um olhar cheio de ira.

— Provavelmente não. Mas está me pedindo que mande minha esposa e meu filho para longe daqui. Não posso fazê-lo. Não o farei. Não estaria bem.

— Não estaria bem para quem, para você ou para Annie? Pense nisto, Alex.

Daniel se dirigiu lentamente à porta do escritório. Parou antes de abri-la para olhar Alex por cima de seu ombro.

— Se realmente quer a garota; e eu acredito que sim, terminará fazendo o que é melhor para ela. Estou convencido de que assim será. Como já te disse, acredito que posso convencer Irene de que a receba. Se quiser, falo com ela para confirmar. Acredito que Annie poderia começar em março. Nessa época já se recuperou por completo do parto, poderá viajar e fazer a mudança.

Esforçando-se para recuperar a compostura, Alex procurou uma resposta.

— Suponho que não fará nenhum dano que faça as averiguações que acho necessárias. Sempre que entender que é muito pouco provável que eu considere a sério a possibilidade de fazê-lo.

Daniel sorriu ligeiramente.

— Fará o que é devido. Sempre o faz.

Depois de dizer estas palavras, Daniel saiu da habitação.



Os dias que seguiram, Alex refletiu a respeito do que Daniel havia dito. Sua indecisão era tão grande que falou inclusive com Edie Trimble, que esteve totalmente de acordo com o doutor Muir. Também lhe pareceu que mandar Annie a uma escola era uma ideia maravilhosa. Por mais que lhe desse voltas ao assunto, no fundo sabia que sua sogra e o médico tinham razão.

Em uma escola para surdos, todo um mundo novo se abriria para Annie. Não só aprenderia a falar, mas também a ler e a escrever, coisas que Alex não estava absolutamente seguro de poder lhe ensinar. Por outra parte, teria a oportunidade de estar com pessoas como ela. Em Albany, poderia fazer amigos, algo que sempre lhe foi negado.

Bailes... Reuniões... Jogos... Em poucas palavras, teria uma vida social. Isto era algo que Alex não podia comprar. Se a obrigasse a ficar junto a ele em Montgomery Hall, estaria lhe tirando a oportunidade de ter essas experiências.

Por um breve período de tempo, Alex considerou a possibilidade de contratar um capataz competente para que se ocupasse de Montgomery Hall. Desta maneira, ele poderia mudar-se para Albany para estar junto de Annie enquanto ela assistia à escola. Mas depois de pensar nisto seriamente, compreendeu que isto seria quase tão egoísta como obrigá-la a permanecer em Hooperville. Se ele fosse viver em Albany; e estivesse sempre entre bastidores, sempre esperando, ela se negaria a participar de todas as atividades sociais das quais poderia desfrutar em sua ausência. Embora desejasse estar com ela, não queria ser uma corrente pendurada no pescoço de sua esposa. Outras pessoas podiam viver a vida em plenitude antes de adquirir o compromisso que implicava um matrimônio. Annie merecia ter o mesmo privilégio.

Dois ou três anos... Como Daniel disse, não era muito tempo. Se tudo saísse bem, Annie teria apenas vinte e três anos quando terminasse sua educação e voltasse a viver em Montgomery Hall. Enquanto isso, Alex poderia viajar para Albany de vez em quando e ela poderia vir para casa durante as férias. Dessa maneira, seria mais fácil aguentar a situação. Terei que fazê-lo.

Pelo bem de Annie, não tinha mais remédio.

Uma vez que tomou a decisão, Alex se apressou a falar com Maddy. Embora a governanta inicialmente não gostasse da ideia, ao final aceitou acompanhar Annie a Albany para ajudar a cuidar do bebê enquanto ela assistia à escola. Quando tudo esteve decidido, Alex começou a manter correspondência com Irene Small, para organizar

tudo relacionado com a inscrição de Annie, lhe conseguir um alojamento fora do recinto escolar e pagar a matrícula adiantada. Ao terminar todos estes trâmites, só restava uma coisa para fazer: contar a Annie. Alex decidiu que o melhor era não correr o risco de desgostá-la com a notícia e esperar até depois do nascimento do bebê.

Ao longo das semanas seguintes, Alex valorizou cada momento que passou junto a ela, pois sabia que seu tempo juntos estava destinado a chegar ao fim em muito poucos dias. Longos passeios sob a chuva. Fazer amor a luz da lua. Os planos para a chegada do bebê. Alex fingiu em todo momento que tinham todo o tempo do mundo pela frente. Nunca deixou Annie saber que as vezes, ao olhá-la, imaginava o vazio que seria sua vida sem ela.

A vida sem ela... Era uma possibilidade que Alex não podia descartar por completo. Annie não se converteu em sua esposa por eleição própria, a não ser contra sua vontade. Com o tempo, a jovem tinha aprendido a querê-lo; não duvidava nem por um instante da sinceridade de seus sentimentos. Mas a verdade era que não foi uma atração instantânea. A maioria das mulheres, e Annie não era diferente das demais, albergava ideias românticas sobre o amor. As jovens sonhavam conhecer um homem especial que as levasse nos braços para viver felizes e comer perdizes. O fato de que esta fantasia durasse só até a lua de mel não vinha ao caso e tampouco impedia que elas seguissem com seus sonhos.

E se...? Estas duas palavras rondavam a cabeça de Alex, dormindo ou acordado. E se, quando Annie estivesse na escola, conhecesse um homem surdo e se apaixonasse loucamente por ele? Imaginava olhando o rapaz perfeito diretamente nos olhos, no meio de uma habitação cheia de pessoas. Imaginava dançando a valsa em seus braços, assistindo com ele uma peça de teatro, rindo com ele. Um homem sem rosto, sem nome, alguém com quem Annie teria muitas coisas em comum, sobre tudo o mesmo impedimento e a compreensão natural de todas as dificuldades que suportava. No melhor dos casos, Alex só podia supor quão frustrada devia sentir-se ela algumas vezes por não poder comunicar-se com outras pessoas, por não poder ler os lábios se voltavam enquanto lhe falavam. Ele fazia um enorme esforço. Realmente tentava. Mas por muito que quisesse entender como ela se sentia, sabia que nunca conseguiria de verdade. Era impossível sem viver na carne a experiência de ser surdo.

Nos momentos mais sombrios, Alex recordava o desenho sem orelhas que Annie fez uma vez. Em Albany, ela não seria diferente das demais pessoas. Se conhecesse um homem ali, se apaixonasse por ele, quem poderia julgá-la mal por não querer retornar a Hooperville, onde as pessoas lhe causaram tanto dor e lhe fizeram sofrer tantas humilhações? Alex sabia que ele não poderia fazê-lo. E esta era a razão principal de sua angústia. Era extremamente fácil amar uma mulher o suficiente para viver com ela toda uma vida. Amá-la o suficiente para deixá-la em liberdade era algo completamente distinto.

Para Alex parecia que o tempo passava voando, levando-os inexoravelmente por volta do dia em que Annie o abandonaria. Chegou a época de Natal. Dezembro cedeu passo a janeiro, e eles começaram a contar os dias que faltavam para que Annie desse a luz. Na noite do dia 8, uns poucos dias antes da data que Daniel tinha calculado que aconteceria o parto, Alex se encontrava no banheiro, lavando-se antes de ir se deitar, quando ouviu os gritos de Annie. Com o coração na garganta, correu à habitação, para encontrá-la frente ao armário, com o rosto lívido de susto e a camisola branca empapada de um líquido rosáceo.

— Tudo vai bem, carinho. Acaba de romper a bolsa de água, isso é tudo.

“Jesus!” O bebê estava a ponto de nascer. Alex se apressou a abrir todas as gavetas da penteadeira em busca de uma camisola seca. Esforçando-se para aparentar tranquilidade, quando na realidade estava aterrorizado, ajudou-a a trocar-se e logo a colocou na cama antes de correr ao andar de baixo em busca de Maddy.

— Diga a Henry que vá procurar o doutor Muir! — gritou — Annie vai dar a luz. Já rompeu a bolsa. O bebê está a ponto de nascer, Maddy. Temos que trazer Daniel. Rápido!

Maddy ficou olhando-o fixamente.

— Senhor, acredito que será melhor que se tranquilize. O mais provável é que passem muitas horas antes que nasça o bebê.

Alex engoliu saliva e esfregou o rosto com uma mão.

— Está completamente segura?

Maddy tirou o avental sujo com toda calma e colocou um limpo.

— É óbvio que não estou segura. Mas entendo que isso é o que está acostumado a passar com o primeiro bebê.

Alex se tranquilizou um pouco e respirou fundo.

— Suponho que tem razão. Estou fazendo um drama sem necessidade, não é verdade? — Fez uma careta e riu — Depois de

tudo, só se trata de um bebê que está a ponto de nascer. Quer dizer... bom, as mulheres dão a luz todos os dias, não?

Maddy passou a seu lado. Depois de abrir a porta da cozinha, colocou a cabeça na habitação contigua.

— Henry! Desça em seguida! Já vai nascer o bebê!

E a boa mulher falava de tranquilidade! Ao subir as escadas, Alex descobriu que, quando Maddy estava assustada, podia deixá-lo para trás perfeitamente, embora corressem costa acima. Também descobriu que, ao correr de um lado a outro, podiam ficar enrascados ao tentar atravessar uma porta.

Em meio de todo aquele alvoroço, Annie tinha imergido em um sono intranquilo. Quando Maddy e Alex chegaram a seu quarto e a encontraram dormindo, aproximaram duas cadeiras, uma a cada lado da cama e se sentaram para observar com atenção seu ventre. De vez em quando, Annie deixava escapar um fraco gemido; e Alex estava seguro de que nesses momentos lhe esticava o abdômen. Quando disse isto para Maddy, ela se inclinou para observar de perto.

— Ah! Acredito que tem razão. Já está tendo contrações leves. Alex olhou o relógio.

— São dez e quinze. Ajude-me a recordar a hora para que possamos cronometrá-los com precisão, certo?

Assim os encontrou Daniel: Annie dormia profundamente, enquanto Alex e Maddy contavam suas dores. Ao ver o médico, Maddy falou.

— Agora que chegou o momento, acredito que seria muito mais fácil pôr um ovo.

Daniel não pôde fazer nada a não ser rir.

— Parece-me que Annie está indo muito melhor que vocês. Podem passar umas quantas horas antes que nos ponhamos a trabalhar a sério, sabem? Eu ficarei com Annie enquanto vocês dormem um pouco, se quiserem.

— Dormir? — perguntaram em conjunto.

Daniel riu.

— Suponho que não dormirão. — esfregou o queixo — Hum... Bom, me chamem quando houver alguma mudança. Irei deitar-me um momento no escritório. Se vocês não querem e descansar um pouco, não vejo por que não deva fazê-lo eu.

Justo antes do amanhecer, Alex desceu correndo ao escritório para despertar o doutor.

— Já vai nascer — lhe disse com voz trêmula — Depressa, Daniel. Acredito que Annie está muito mal.

O médico se incorporou e esfregou os olhos para tentar espantar o sono, aparentemente sem pressa alguma.

— Não me viria nada mal um café.

— Um café? — Alex agarrou o homem do braço e o fez levantar do sofá de um puxão — Minha esposa está a ponto de dar a luz! Não tem tempo para tomar uma droga de café.

Dez horas depois e depois de várias taças de café, Annie entrou em parto. Para desgraça de Daniel, Alex se negou a afastar-se de seu lado. Geralmente, não permitia que os pais assistissem ao parto. Sabia por experiência que a maioria dos homens não podia suportar e, até então, Alex não tinha mostrado indício algum de ser a exceção. Entretanto, quando as dores de Annie pioraram, Alex interveio e contornou muito bem a tormenta, aparentemente sereno e fazendo todo o possível para tranquilizar a moça quando sentiu medo.

— Tudo vai bem, meu amor — lhe disse uma e outra vez — Eu estou aqui.

Ao vê-los juntos, Daniel compreendeu que tinha subestimado o amor que sentiam um pelo outro. Independentemente da intensidade da dor, Annie nunca afastou seu olhar de Alex nem lhe soltou a mão. E, apesar de estar completamente exausto, ele não se afastou da garota em nenhum momento. Não o fez para comer nem para descansar, nem sequer para esticar as pernas.

Não obstante, o que mais comoveu Daniel foi vê-los comunicar-se por gestos. Mais de uma vez, viu Alex movendo os dedos sobre a palma da mão de Annie, lhe falando de uma maneira íntima que ninguém mais poderia interpretar. Daniel imaginou que estava dizendo que a amava.

Quando por fim o momento culminante chegou, Daniel trouxe para o mundo ao bebê, mas foi Alex quem deu apoio a Annie ao longo da dura prova; foi seu marido quem lhe secou o rosto e lhe arrumou o cabelo; foi ele quem pôs o bebê em seus braços.

— É um menino, Annie — disse com voz rouca — É precioso, verdade? Temos um filho.

Quando Daniel viu as lágrimas nos olhos de Alex Montgomery, soube que era o momento de sair do quarto para que o casal pudesse ter um pouco de privacidade. Uma vez no corredor, apoiou-se cansativamente na parede e cravou seu olhar vazio no chão. Não podia deixar de pensar em Annie, em Alex e em seu matrimônio. Até aquele dia tinha acreditado que só era um acordo de conveniência. Só então compreendeu que não era. Se alguma vez viu duas pessoas profundamente apaixonadas, eram aquelas.

Albany... Em março, Annie partiria para assistir uma escola especial, deixando atrás seu marido. Daniel sinceramente tinha acreditado que isso era o melhor para a garota. Mas agora não estava tão seguro.



Ao ver o rosto de Alex enquanto olhava seu filho, Annie se encheu de uma alegria indescritível. Ele tinha no momento um ar de ternura e uma atitude ferozmente protetora. Cada uma das linhas de seu rosto se esticou de emoção. Entendia perfeitamente seus sentimentos, pois ela também os estava experimentando. Seu bebê. Seu próprio pequeno bebê. Em um breve espaço de tempo, já queria tanto a aquela pessoazinha que tanto amor era quase aterrador.

Alex se ajoelhou junto à cama e rodeou os dois com um braço. Pestanejando para manter os olhos abertos, pois estava totalmente esgotada, Annie olhou o rosto de seu amado e sorriu. Nunca havia se sentido tão cheia de felicidade. Naquele momento, deu-lhe a impressão de que, pela primeira vez em sua vida, podia amar sem reservas. Havia duas pessoas que a necessitavam. Realmente a necessitavam. Nunca antes havia se sentido necessitada.

De menina a mulher... Annie sentiu que tinha feito esta transição muito rápido, da noite para o dia. Mas era maravilhoso. Meio sonolenta, percorreu com o olhar as formosas linhas do rosto moreno de Alex. Logo, olhou para seu filho. O calor de seu corpo diminuto apertado contra seu peito era a sensação mais maravilhosa que tinha experimentado em sua vida. Concluiu que se parecia com seu pai. Estupendo. Seria uma pena que se parecesse com ela quando crescesse.

Depois que este pensamento lhe passou pela cabeça, fechou os olhos, perdendo a batalha contra o esgotamento. Enquanto se deixava levar pelo sono, sentiu que tinha uma meta na vida. Durante muitos anos, fugiu para o sótão para fingir que era alguém. A partir daquele momento, já não precisaria fingir. Graças a aquele homem e ao menino tinha encontrado o sentido de sua vida.

Annie Montgomery... Esposa e mãe. Era alguém.

— Graças a Deus que sou estéril! — disse Alex a Daniel pouco depois, quando se encontraram no escritório — Nunca mais. Não quero que ela tenha que voltar a passar por uma experiência semelhante.

Daniel sorriu para seus interiores e se recostou na parede de pedra da chaminé.

— Não quero ser a voz do destino, meu amigo, mas e se não for?

— Me castre.

Daniel jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

Alex o fulminou com o olhar.

— Não sei o que te parece tão gracioso. Pobre garota. Meu Deus! Nunca tinha visto nada semelhante. — Os olhos lhe escureceram de inquietação — Se curará? Quer dizer, voltará a ficar como antes?

Daniel refletiu sobre esta pergunta.

— Bom, produziu-se um estiramento bastante considerável. Uma mulher nunca pode voltar a rodear o corpo de seu marido com a mesma força quando os bebês começam a chegar.

Um brilho ardente apareceu nos olhos de Alex.

— Por Deus, Daniel! Não me importa ter que me atar uma tabela de dois por quatro no traseiro para não me afundar em seu corpo. Isso não era o que estava perguntando. Quero saber se ela vai sarar por dentro. O parto causou alguma ferida permanente?

— Certamente que não. Ela estará perfeitamente bem em quatro semanas. Se de verdade está decidido a não pôr mais pão em seu forno, vem me consultar antes que transcorra este tempo e te ensinarei algumas medidas preventivas. Não tem que preocupar-se com isso agora.

Alex se deixou cair em uma cadeira e suspirou.

— Não tenho que me preocupar por isso e ponto.

— Entretanto, se não quer ter mais filhos, sugiro que tome medidas. É verdade que teve caxumba e que surgiram complicações. Mas vi outros homens recuperarem-se de casos piores que o teu e ter filhos um tempo depois.

— Eu não posso. Sou estéril, asseguro-lhe.

— Só teve relações com prostitutas, Alex. Essas mulheres sabem como proteger-se. Como demônios pode saber que é estéril?

— Como sabe com que classe de mulheres tive relações?

— Pelos rumores.

— Rumores?

Muir sorriu ligeiramente.

— É um bom partido e não muito dado a ter um comportamento promíscuo. Nas estranhas ocasiões em que foi ao povoado, a pessoas falavam de você durante todo um mês. Eu supus que foi cliente da casa de Kate. Estava equivocado?

Alex passou a mão pelo rosto.

— Não, não estava equivocado. — Agora que pensava nisso, Alex percebeu de que as garotas de Kate certamente tomavam medidas

para evitarem ficar grávidas — E é possível que tenha razão, Daniel. Suponho que há uma mínima possibilidade de que eu não seja estéril. — Dedicou um olhar cheio de angústia ao médico — Que Deus me ampare! Se voltar a deixar grávida a essa pobre garota, darei um tiro em mim.

Daniel não pôde fazer nada a não ser sorrir ao ver a expressão de horror em seu rosto.

— A próxima vez será mais fácil para ela, filho. Acredite em mim, ela poderia ter até doze bebês perfeitamente sãos.

— Doze? Por Deus! — Alex se levantou da cadeira e começou a andar de um lado para outro — Então, já está. Não voltarei a tocá-la. Possivelmente seja uma boa coisa mandá-la a essa escola, depois de tudo.

Daniel se afastou da chaminé e colocou as mãos nos bolsos. Tinha ouvido muitos homens fazerem aquela mesma promessa justo depois que suas esposas dessem a luz ao primeiro filho.

— Já mudará de parecer quando passar o tempo.

Alex negou com a cabeça.

— Não, não permitirei que ela volte a sofrer dessa maneira. Não voltará a passar por isso se puder evitá-lo. Não tenho nenhuma dúvida a respeito. É simples questão de abstinência.

A Daniel fez graça a reação de Alex.

— O que pensa fazer? Irá ao povoado todos os sábados de noite? Annie poderia ter algo a dizer a respeito.

— Minhas noites no povoado já são coisa do passado. Sou um homem casado, pelo amor de Deus!

Daniel sorriu.

— Já veremos o que acontece. Como te disse, pode tomar precauções. Quando Annie venha te visitar ou você for a Albany vê-la, a abstinência pode ser como... Uma camisa de força.

Alex se voltou para olhar o médico por cima do ombro.

— Essas precauções são completamente eficazes?

— Nada é completamente eficaz.

— Então prefiro sofrer.

Era uma promessa que Alex tinha a intenção de cumprir.

CAPÍTULO 24

Durante o primeiro mês de sua vida, Bartholomew Alexander Montgomery, a quem lhe puseram o nome do pai de Alex, crescia a um ritmo impressionante. O leite de sua mãe e o ilimitado amor que

Ihe davam todos ajudava muito. Mas apesar dos centímetros que tinha crescido depois de quatro semanas, ainda não era tão comprido como seu nome. Entretanto, o que não tinha em longitude, tinha-o em potência pulmonar. Quando chorava, todos na casa, menos sua mãe, ouviam-no e acudiam correndo a seu lado.

“Pequeno Bart”, Alex o chamava. Este era um nome que sofria mudanças sutis quando o menino despertava Alex às três da manhã. Enquanto tirava seu filho do berço para andar com ele de um lado para outro da habitação, Alex lhe sussurrava:

— Pequeno irritante. Nem sequer estamos na metade da noite.

Bart, igual a sua mãe, não parecia ter noção do tempo e era uma criatura regida pelos impulsos. Fazer vida social antes do amanhecer nunca foi uma das atividades favoritas de Alex. Mas, depois de quatro semanas, tinha que reconhecer que estava começando a gostar deste costume. Possivelmente muito para sua tranquilidade de espírito. Já era 10 de fevereiro e só faltavam três semanas para primeiro de março.

Por distintas razões, Alex tinha esperado para dizer a Annie que tinha a intenção de mandá-la para uma escola. Em primeiro lugar, não queria que o pouco tempo que tinham para estarem juntos se visse embaçado pela tristeza e tinha a certeza de que, logo que contasse a Annie, os dois iriam se sentir tristes. Por outra parte, sabia que Annie não receberia muito bem a notícia, e não via do que podia servir fazer com que se desgostasse semanas antes do que fosse necessário. Durante quatorze anos, tinham-na obrigado a viver isolada. Para ela não seria nada fácil que de repente a forçassem a sair ao mundo, que agora, subitamente, esperassem que assistisse a aulas e fizesse vida social.

E, além disso, estava o fato inegável de que Alex tinha resultado ser mais covarde do que acreditava. Em resumidas contas, não tinha vontade de falar com Annie sobre sua decisão porque sabia que ela o odiaria por isso. Ir a uma escola em Albany era o melhor para ela. Alex estava convencido disto e com o tempo, Annie o compreenderia. Mas, igual a uma medicina amarga, o que era melhor para uma pessoa nem sempre resultava muito apetecível.

Alex tinha pensado com muita antecipação em centenas de maneiras distintas de lhe dar a notícia; mas, quando finalmente chegou o momento, as palavras que tantas vezes tinha repetido lhe escaparam como penugens da flor do dente de leão levadas pelo vento. Estavam no estúdio, um tabuleiro de xadrez se encontrava desdobrado sobre a mesa que os separava, e o bebê dormia muito

bem abrigado sobre o sofá de crina de cavalo, perto deles. Enchendo-se de coragem, Alex olhou os preciosos olhos azuis de sua esposa.

— Tenho uma surpresa maravilhosa para você, Annie. É algo que quero te dizer há várias semanas.

Debaixo da luminosa luz, seu sorriso lhe pareceu ainda mais radiante que de costume. Ao olhá-la, Alex soube que nunca em sua vida tinha visto uma mulher mais formosa que ela. Fazia dois dias que a costureira tinha terminado de lhe fazer o guarda-roupa para o período de pós-parto; e estava maravilhosa com sua saia de cor rosa intenso e sua blusa de algodão rosa pálido, com mangas de volantes. O vestido se ajustava a sua figura, mostrando sua nova e magra cintura e seus quadris ligeiramente voluptuosos.

— *Uma surpresa? O que é? Um cachorrinho?*

Alex sentiu um nó na garganta. Não tinha esquecido que ela queria um cão. Antes de tomar a decisão de mandá-la a Albany, tinha pensado comprar um para Natal. Agora isto teria que esperar até que ela tivesse terminado a escola.

— Não, não é um cão, meu amor. — obrigou-se a esboçar um sorriso — É algo melhor. — Inclinando-se sobre o tabuleiro de xadrez, olhou-a profundamente nos olhos — Decidi te mandar a uma escola, Annie. Uma escola para surdos.

Os olhos de Annie se escureceram e uma expressão de desconcerto apareceu a seu pequeno rosto.

— *A uma escola?* — Sorriu vacilante — *Quando?*

— Em três semanas — disse Alex com voz rouca — Vai gostar, Annie. Os estudantes põem em cena suas próprias peças de teatro. Estou seguro de que você o fará muito bem. Leva muitos anos se disfarçando e representando obras no sótão! E também fazem bailes nesse lugar. Dança de verdade. Poderá pôr vestidos bonitos e dançar a valsa até cair. Isso será muito divertido, não te parece?

As sombras abandonaram seus olhos para serem substituídas por um brilho de emoção.

— *Bailes?*

— Certamente! Com música e tudo. — Enquanto a olhava, Alex rogou de todo coração que as expressões de seu próprio rosto não fossem tão reveladoras como as dela; para que a pobre nunca adivinhasse que lhe estava partindo o coração com cada palavra que dizia — Fará muitos amigos, Annie. Pessoas surdas como você. Pessoas que sabe falar por gestos. Aprenderá a ler e a escrever sem nem sequer perceber. Não te parece magnífico?

Ela apertou as mãos contra seu peito.

— *Sim, estupendo. Em três semanas? Quanto tempo são três semanas?*

— Não é muito tempo. Uns vinte dias. — Isto não era tempo suficiente, ao menos a seu modo de ver — Partirá no dia 28. Desta maneira, terá tempo para se instalar antes que comecem as aulas.

O sorriso de emoção congelou em seu rosto. Olhou-lhe fixamente durante vários segundos.

— *Partir?*

Alex engoliu saliva.

— Sim. A escola está em Albany. Irá de trem. Maddy te acompanhará, assim não terá nenhum problema. Enquanto estiver na escola, durante o dia, ela cuidará de Bart.

Annie não deixou de olhá-lo fixamente.

— *Quanto tempo?*

Alex sabia perfeitamente o que lhe estava perguntando, mas decidiu fingir que não.

— Quanto tempo? Refere-se a viagem de trem? Várias horas. Terei que dar uma olhada no horário. Albany se encontra a uns trezentos quilômetros daqui. — Sorriu de novo — Quer dizer, três vezes cem, em caso de que esteja perguntando isso. Parece uma viagem longa, mas na realidade não é, não em nossos dias e com os meios de transporte modernos.

O olhar dela ficou mais angustiado.

— *Não... O que quero saber é quanto tempo estarei na escola.*

— Só o tempo que precisar para que aprenda tudo o que necessita saber. Como falar, como ler e escrever, como fazer operações matemática.

— *Muito tempo.*

— Não... Serão dois ou três anos no máximo, Annie. Dado que você ficou surda quando já tinha a fala adquirida e a linguagem, ultrapassará rapidamente outros estudantes. Graduará antes que perceba. Enquanto isso, a visitaremos com frequência. Não será muito tempo.

Durante um terrível instante, Alex pensou que ela começaria a chorar. Mas levantou o queixo, ficou reta e esboçou um sorriso que não transformou a expressão de seus olhos.

— *Que emocionante. Morro de vontade ir a essa escola.*

Depois de dizer estas palavras, ela se levantou da cadeira, evitando olhá-lo nos olhos, mas sempre dirigindo o rosto para ele para que pudesse ler seus lábios.

— *Acredito que estou muito emocionada e não posso continuar jogando xadrez. Por favor, me desculpe.*

— Annie! — Gritou Alex — Espere, carinho...

Agarrando o bebê rapidamente, a jovem se dirigiu para a porta. Não se voltou em nenhum momento, nem tampouco olhou para trás. Enquanto ela saía do escritório, Alex se deixou cair na cadeira de novo e fechou os olhos. Logo, com um amplo e brusco movimento do braço, jogou violentamente no chão o tabuleiro de xadrez.



Annie tinha Bartholomew amorosamente apertado contra seu peito e seu olhar estava fixo no fogo. As pontas de suas sapatilhas tocavam o chão com regularidade para manter o movimento da cadeira de balanço. Não olhava nem para a esquerda nem para a direita, nem tampouco acima ou abaixo; só para frente. A dor que sentia no peito era tão intenso que tinha dificuldades para respirar.

Assistir a uma escola... Durante dois ou três anos. Em Albany, onde aprenderia a falar, ler, escrever e fazer operações matemática. Em Albany, onde não formaria parte da vida de Alex até que tivesse uma formação o suficientemente completa para não lhe envergonhar.

“Annie, a idiota”...

Fechou os olhos, resolvida a não chorar, apesar de toda a dor que sentia. Não podia culpá-lo pela decisão que tinha tomado. De verdade que não podia fazê-lo. Ela sabia desde o começo que não era a mulher adequada para ele, que sua surdez lhe impedia ser uma esposa idônea. Se ia para a escola, poderia aprender a falar. Isso na verdade seria de grande ajuda. Quando Alex a levasse ao povoado, seria menos provável que a pessoas ficasse olhando-os fixamente e dissesse coisas em voz baixa se ela pudesse falar. Também seria melhor para Bartholomew. Não queria que zombassem dele porque sua mãe era uma idiota. Sabia quanto doía quando zombavam constantemente.

Albany... Uma escola para surdos. Onde poderia fazer amigos. Um lugar especial, onde todos outros também eram idiotas. Um lugar onde os idiotas punham em cena peças de teatro, que iam a bailes e fingiam ser normais. Um lugar ao qual Alex podia mandá-la para que a pessoas não o visse com ela todo o tempo e não rissem dele.

Bartholomew começou a retorcer-se. Abrindo os olhos, Annie desabotoou o corpete do vestido e aproximou a boca do bebê a seu seio. Enquanto ele se acomodava para mamar, ela acariciava sua

sedosa cabecinha com as pontas dos dedos. Balançando-se, balançando-se constantemente. Dentro de sua cabeça, a palavra Albany se converteu em uma cantiga. Em três semanas viajaria a essa cidade. Em três anos, se aprendesse rápido, poderia voltar para casa. Era tão simples e tão horrível ao mesmo tempo.

Cric crac, cric crac, cric crac. Este som era suficiente para deixar Alex louco. Encontrava-se sentado na borda da cama, esperando pacientemente que Annie terminasse de amamentar Bart para poder lhe falar a respeito da escola. Pelo olhar que viu em seus olhos anteriormente, soube que ela acreditava que ele não queria tê-la a seu lado, que a estava mandando longe dali para tirá-la do caminho.

E não era verdade absolutamente. Amava-a mais do que jamais tinha amado alguém. A só ideia de passar um dia sem ela era uma verdadeira tortura, sem dizer vários... Preferiria cortar um braço.

Da vantajosa posição em que se encontrava, podia vê-la com toda claridade. Fazia já muito tempo que Bart se aborreceu de chupar leite e estava simplesmente atuando de forma rotineira, nada mais. Mamava com inapetência, mordiscando a ponta do mamilo. Annie permanecia ali sentada, lhe deixando fazer, empurrando ritmicamente com seus pezinhos para manter a cadeira de balanço em movimento. Cric crac, cric crac, cric crac. Alex esteve tentado a agarrar a condenada cadeira e atirá-la pela janela. Mas, em lugar de fazer isto, ficou ali sentado, como a personificação da paciência, desejando com todas suas forças que sua esposa ao menos se dignasse olhá-lo.

Bart começou a adormecer por fim. Agarrando seu mamilo entre os dedos indicadores e médio, Annie tentou incitar a seu boquinho a seguir mamando. Era resistente a deixar de amamentar seu bebê e assim ficar sem uma desculpa para continuar ignorando seu marido. Enquanto a olhava, Alex se viu obrigado a apertar os dentes com força, não porque ela o estivesse ignorando, mas sim porque o fato de ver seus seios nus o estava deixando louco.

Levantou-se da cama e começou a andar de um lado para outro. Quatro semanas era muito tempo para abster-se de tocar sua esposa. Entre o ruído da cadeira chiando sem cessar, som que ela não percebia, e vê-la tocar-se, estava a ponto de estrangulá-la ou de lançar-se sobre ela para lhe fazer amor. Esta última opção parecia muito mais tentadora.

Agora que a terrível experiência de Annie no parto se desvaneceu um pouco de sua mente, Alex já não se horrorizava tanto com a ideia de gerar outro filho. O doutor Muir lhe tinha assegurado que o

segundo parto não seria tão difícil para Annie; e que ela estava em perfeitas condições para ter muitos filhos. Como se houvesse a mínima possibilidade de que isto acontecesse... Se era verdade que ele não era estéril, parecia muita casualidade que nunca tivesse deixado um filho em nenhuma parte. Não era possível que as esponjas empapadas em vinagre que as prostitutas utilizavam fossem um método infalível para acautelar uma gravidez.

Dirigiu-se à janela a grandes passos e correu a cortina de cor marfim para deixar que seu olhar se perdesse na escuridão que reinava ali fora. Olhar fixamente para nenhuma parte tinha que ser melhor que seguir atormentando-se daquela maneira. Depois de uns intermináveis instantes, olhou para trás, esperando e rogando que ela abotoasse o corpete. Mas, certamente, não o tinha feito. Típico de Annie. Entretanto, já tinha deixado de tentar Bart para que seguisse mamando. Alex agradecia estas pequenas benções.

Voltou-se para dirigir-se para ela com passo resolvido. Ao perceber que ele se aproximava, ela levantou seus olhos azuis. Um olhar da mulher bastou para fazer com que sua irritação desaparecesse. Sua decisão de mandá-la a uma escola longe dali a tinha ferido profundamente. Tinha que lhe fazer entender de algum jeito que também lhe doía o afastamento.

Inclinou-se sobre ela, levantou o menino em seus braços e o levou ao berço. Ato seguido, agachou-se junto à cadeira de balanço, observando com a boca seca como voltava fechar a camisa interior e fazia um laço com os cordões.

— Annie... — Agarrou-a pelo queixo e a obrigou a olhá-lo — Eu não quero que se vá. Sei que isso é o que está pensando. Não negue. Juro, meu amor, que está completamente equivocada.

Com os olhos brilhantes pelas lágrimas não derramadas e com uma grande dor na alma, ela permaneceu imóvel, fulminando-o com o olhar.

Alex tinha um mau pressentimento.

— Eu te amo, maldição! Não quero te mandar a essa escola para me desfazer de você! — Agarrando as mãos de sua mulher, enumerou todas as razões que o levaram a tomar essa decisão. E terminou com uma frase terminante — Não quero te tirar a possibilidade de viver essas experiências, meu amor. Se o fizesse, seria o bastardo mais egoísta que jamais existiu.

— *Te ocorreu pensar no que eu quero?* — perguntou ela finalmente.

Alex deixou escapar um suspiro.

— Carinho, você não sabe o que quer. Não percebe? Como pode saber se preferiria ficar aqui ou ver uma peça de teatro? Nunca viu uma na vida. E o que me diz dos bailes? É fácil pensar que nenhuma dessas coisas te importa, mas isto se deve unicamente a que nunca as fez. Eu sim. — inclinou-se para olhá-la nos olhos, dirigidos ligeiramente para o chão — Sei o que perdeu, Annie, meu amor. E quero que experimente a vida plenamente. Quero que faça amigos e se divirta com eles. Que possa ir a uma escola, como fazem outras pessoas. Quando estiver ali, todo esse mundo vai te encantar. Prometo.

Ela negou com a cabeça e assinalou a seu redor.

— *Esta é a vida que quero. Estar aqui com você. Ser sua esposa.*

— Pensa isso porque nunca experimentou outra coisa. — Alex respirou fundo. Necessitava forças. Era muito tentador, terrivelmente tentador, permitir que Annie ficasse com ele — Ocorre-me uma ideia. Façamos um trato. Você vai à escola e aguenta todo um ano. Se depois desse tempo, ainda quiser vir para casa, eu...

Ela se levantou da cadeira de um salto. Depois de afastar-se vários passos, girou sobre seus calcanhares para cravar nele os olhos cheios de lágrimas. Elevando as mãos, gritou.

— *Você não me quer aqui. Essa é a verdade. E tampouco me ama. Não me ama como eu amo você! Se me amasse, não poderia fazer algo assim.*

Alex ficou em pé.

— Isso não é verdade. Amo você tanto que me dói. A só ideia de que vai me provoca náuseas. Eu não...

Ela levou as mãos aos olhos.

— *Saia agora!*

Ele diminuiu a distância que os separava e lhe fez abaixar as mãos.

— Annie, carinho, por favor, não faça isto mais difícil do que já é.

— *Vá embora! Não me quer. Eu tampouco te quero. Assim vá embora.*

— Eu sim te quero.

Ela torceu a boca e as lágrimas que lhe enchiam os olhos se transbordaram sobre suas negras pestanas e correram por suas bochechas.

— *Não, não me quer. Nem sequer voltou a me beijar.*

Alex sentiu esta acusação como um murro no estômago. Era verdade, não havia voltado a beijá-la. Temia que se o fizesse perderia o controle e acabaria lhe fazendo amor. E o que aconteceria se na realidade não fosse estéril? Quando pensava as coisas

racionalmente, o qual lhe resultaria impossível se a beijasse, sabia que deixá-la grávida era um risco que não queria correr. Outro bebê... Ela não poderia ir à escola se voltasse a deixá-la grávida. Se o doutor Muir tivesse razão, se houvesse sequer uma mínima possibilidade...

Com a voz alterada por culpa do desejo que não podia saciar, falou quase em sussurros.

— Não gostaria de nada mais do que te beijar, Annie, meu amor. Mas se o fizer certamente quererei fazer muito mais. Se fizermos o amor, poderia ficar grávida de novo.

Ela abriu os olhos como pratos e levou uma mão a cintura.

— *De um bebê?*

— É obvio, de um bebê.

— *Fazer amor é o que traz os bebês ao mundo?*

Alex engoliu saliva.

— Bom, sim. O que pensava você? — Com uma terrível expressão de aflição no rosto, ela sussurrou algo que ele não conseguiu entender. — O que?

— *As fadas* — repetiu a jovem — *Minha mãe me disse que as fadas os traziam.*

Annie acreditou que sua cabeça iria estalar.

— As fadas? — Alex soltou uma risada instintiva, mas sem alegria alguma — Você não acreditou nisso, Annie. Quer dizer, certamente ao pensar nisso você... — interrompeu-se, olhando fixamente seu pálido rosto e percebendo que tinha acreditado sim — Eu, isto... Suponho que talvez, se ninguém te explicou como eram as coisas, seja compreensível que você não...

Interrompeu-se, olhando-a com desgosto enquanto ela dirigia um olhar de angústia para o berço. Depois de um momento de inquietante silêncio, Annie ficou tão tensa como se alguém lhe tivesse batido e logo fechou os olhos. Um débil som agudo saiu de sua garganta. Alex estendeu as mãos para agarrá-la, mas ela recusou. Quando finalmente abriu os olhos de novo, lançou para ele um olhar devastador.

— *Mentiu para mim.*

Alex sentiu um arrepio na nuca.

— Não, Annie. Não menti.

Ela tinha começado a tremer de uma maneira terrível, aterradora.

— *Douglas!*

— Annie...

A moça girou sobre seus calcanhares e antes que Alex pudesse detê-la, saiu correndo. A porta se fechou com um estrondo atrás dela. O estrépito fez com que Bart despertasse sobressaltado e começasse a armar um formidável escândalo. Alex saiu ao corredor. Só conseguiu ver uma mancha de cor rosa no outro extremo do corredor e supôs que Annie se dirigia ao sótão, seu esconderijo favorito. Correu ao patamar e chamou Maddy para que subisse para se ocupar do bebê.

O sótão estava tão escuro como uma cova. Com as ideias amontoando-se na cabeça, Alex levantou o candeeiro enquanto se dirigia para o salãozinho de Annie. Esperava encontrá-la chorando, encolhida em um canto. Finalmente chegou e a viu sentada na velha cadeira de balanço. Depois de mover a candeeiro para lhe iluminar o rosto, observou-o atentamente, tentando pensar em algo que pudesse lhe dizer para tranquilizá-la. Mas não havia nada que pudesse consolá-la. Nenhuma só condenada palavra poderia apaziguar a tormenta interior que se desatou nela.

Depois de pôr o candeeiro na cambaleante mesa do salão, sentou-se em uma das cadeiras. Durante um longo momento, ficaram olhando-se fixamente nos olhos. Os de Alex refletiam arrependimento e os dela ardiam com o fogo das acusações não expressas. Olhando as coisas de seu ponto de vista, Alex pôde entender o que Annie estava pensando, que lhe tinha escondido a verdade deliberadamente. O mais lamentável de tudo aquilo era que ninguém sequer se incomodou de lhe contar. Nem ele, nem seus pais. Não o tinha considerado necessário, pois todos eles tinham acreditado que estavam tratando com uma idiota. Posteriormente, quando Alex descobriu a verdade, a identidade do pai biológico do menino lhe pareceu irrelevante. Alex considerava que ele era o pai e isto era tudo o que parecia lhe importar.

Com voz vibrante, Alex lhe explicou tudo isso. Annie continuou olhando-o em meio de um acusador silêncio. O marido suspirou, esfregou as mãos, apertou-se o sobrecenho.

— A princípio, minha intenção era permanecer casado contigo só até que o bebê nascesse. Logo, pensava me divorciar de você e criar a criança como se fosse minha. Desde os primeiros dias, muito antes que começasse a te amar, Annie, já considerava esse bebê como meu. Quando te disse isso, não estava mentindo, só estava dizendo as coisas como eu as via. — Em poucas palavras, falou-lhe da caxumba que contraiu quando tinha pouco mais de vinte anos — Após, pensei que era estéril, que não podia ter filhos. Recentemente,

o doutor Muir me disse que poderia estar equivocado, mas isto não vem ao caso. Na noite em que seu pai veio me contar que estava esperando um filho de meu irmão, eu pensava de todo coração que nunca poderia ter um filho próprio. Vi seu filho como a resposta a minhas orações. Era um menino que estava aparentado comigo e que eu poderia criar como se fosse meu.

— *Roubaria meu bebê?* — Annie tinha agora uma expressão de horror no rosto.

Alex resmungou.

— Eu não o via como um roubo naquela época. Você era... Eu pensava que você era incapaz de criar a criança, que tivesse uma incapacidade mental. Quando comecei a perceber que podia sentir carinho, que podia querer ao bebê e inclusive sentir sua falta eu decidi permitir que ficasse vivendo em Montgomery Hall.

— *E por isso me deixou ficar aqui? Para poder compartilhar o bebê?*

— Não! — Alex esfregou o rosto com uma mão — Não... Isso foi no princípio, Annie. Só no princípio. Logo, comecei a me apaixonar por você. Tudo mudou depois... Tudo... — Soltou uma gargalhada nervosa e fez gestos com uma mão — Até o ponto de que agora estou deixando que Bart parta contigo longe daqui. Se ele fosse tudo o que me importasse, acredita realmente que o permitiria?

Ela mordeu o lábio inferior e dirigiu o olhar para as vigas do teto.

— *Eu acredito que está me mandando para essa escola porque se envergonha de mim, porque não quer que siga a seu lado enquanto não deixe de me comportar como uma idiota.*

— Não, Annie. — Alex se levantou em seguida da cadeira e atravessou a habitação para aproximar-se dela. Agachou-se, apoiando-se em um joelho, agarrou-a pelos ombros. Os olhos pareciam de veludo — Não estou te mandando à escola porque me envergonho de você. Amo você com todo meu coração e estaria orgulhoso de ir a todas as partes contigo em meu braço. Tal e como é! Me envergonhar? — Negou com a cabeça — Nunca, nem em um milhão de anos. O que acontece é que perdeu muitas coisas na vida. Coisas divertidas. Coisas maravilhosas. Porque te amo tanto, quero que tenha uma oportunidade de fazê-las e isso não é possível aqui. Isso é tudo.

— *Tem certeza?* — perguntou ela com os lábios trêmulos.

— Ah, carinho, sim, certamente que tenho certeza.

Sem que Alex percebesse sequer o que estava fazendo, beijou-a apaixonadamente. Um instante depois, ela se derreteu em seus braços. Dentro da cabeça de Alex seu pulso soava como um rufar de

tambor. Não o faça. Não o faça, parecia lhe dizer. Mas Alex já não ouvia advertências. Já não lhe importava ser precavido. Com tantas outras emoções assediando-o, a remota possibilidade de uma gravidez nem sequer lhe passava pela cabeça.

“Annie”... Pegando-a, fez com que se levantasse. Ele sentia como se tivesse o mesmíssimo céu entre os braços. Percorreu o corpo de Annie com suas mãos, familiarizando-se com sua forma, que tinha mudado no parto. Uma cintura magra. Quadris ligeiramente arredondados. “Deus santo!” Queria abraçá-la até deixá-la sem fôlego. Levou as mãos a seus seios, manuseando-os, deleitando-se com seu calor. Ao sentir estas carícias, ela gemeu dentro de sua boca. Este som, cheio de desejo, afastou-o de todo pensamento racional.

Alex lhe desabotoou torpemente os botões do corpete. Enquanto o tecido caía, ele se equilibrou sobre os cordões de sua camisa interior. Pele suave e cálida. Mamilos erguidos, procurando ansiosamente as carícias de seus dedos. A boca do homem foi para o pescoço; e logo desceu ainda mais. Ela arqueou as costas oferecendo-se a ele. Alex não necessitou outro convite.

Enquanto levava um mamilo a boca, a doçura de seu leite derramou sobre a língua. Rodeando sua cintura com as mãos, levantou-a ligeiramente, chupando com veemência um mamilo, e logo o outro, excitando-os com seus dentes e sua língua. Ela deixou escapar um som longo e grave que foi se apagando até converter-se em um gemido.

Alex lhe tirou a roupa como quem descasca uma fruta deliciosa. Os lábios seguiam o rastro que deixavam as mãos para saborear cada centímetro de seu corpo no instante mesmo em que o descobria. Quando a despiu por completo, ficou adorando-a com o olhar durante um momento. Quando estava grávida, lhe parecia formosa de uma maneira que não poderia descrever com palavras. Mas agora... Era o sonho de todo homem, com seus seios turgentes com pontas de cor rosa, sua magra cintura, seus generosos quadris e suas pernas largas e torneadas. Até o último centímetro de seu corpo era perfeito. Era tão bela que quase tinha medo de tocá-la e de uma vez tão tentadora que não podia resistir. Desejava-a, tinha que possuí-la. E..., ao diabo com todos os motivos que tinha para não fazê-lo.

Alex lhe fez apoiar as costas na cadeira de balanço, abriu a braguilha de um puxão e enterrou o membro na ardente na umidade de seu sexo. Annie rodeou sua cintura com as pernas, indo a seu encontro com cada investida. O movimento da cadeira de balanço

acelerou seu ritmo. *Cric crac, cric crac, cric crac*. Alex era vagamente consciente deste som, mas, por alguma razão, já não lhe crispava os nervos.

Um tempo depois, recuperou a razão e percebeu que estava estendido no chão do sobrado, com sua preciosa esposa nua tombada sobre ele e o rosto apertado contra seu pescoço. Quando saiu da sonolência e aclarou a vista, encontrou-se olhando fixamente um par de olhinhos redondos e brilhantes. Um camundongo estava sentado no magro ombro de Annie. Alex piscou, mas em seguida sorriu e acariciou a diminuta criatura com a ponta de um dedo.

“Que loucura!” Fizeram amor em um sótão infestado de ratos! Fechou os olhos. Não lhe importava enlouquecer enquanto a mulher que estreitava entre seus braços estivesse com ele.

Três semanas. Poderia estreitá-la e amá-la durante três semanas mais. Tinha a intenção de tirar o melhor proveito possível de cada segundo junto a ela. Tinha falado com o doutor Muir a respeito das maneiras de evitar que Annie ficasse grávida e tomaria todas as precauções necessárias. Mas não deixaria de amá-la. Tanto como pudesse todo o tempo que fosse possível.

Três semanas mais... Depois, sua esposa e seu filho partiriam e seus braços ficariam vazios.

Como sua vida.

CAPÍTULO 25

Três semanas depois, quando Alex levou Annie e Maddy para a estação de Medford para despedir-se delas, a manhã estava fria, sombria e úmida; um reflexo perfeito de seu estado de ânimo, que era péssimo, por não dizer outra coisa. Esteve temendo aquele momento desde mais de dois meses; não queria encará-lo; e poderia ter pensado em uma dúzia de razões para dar meia volta e levar para casa sua esposa e seu filho.

— Tem os bilhetes?

Fazendo uma careta, Alex percebeu que estava gritando para que Annie pudesse lhe ouvir por cima do ruído da locomotiva. Colocando a mão debaixo das grossas dobras da capa de lã que ela levava, agarrou-a pelo braço e a obrigou a parar. Ato seguido inclinou-se para que ela pudesse lhe ver o rosto enquanto lhe repetia a pergunta. Ela abriu uma bolsa de seda azul bordada com miçangas negras e começou a rebuscar em seu caótico interior. Alex conseguiu ver algo

pequeno e marrom movendo-se entre os papéis. Antes que pudesse perceber o que era ou reagir, a criatura saiu da bolsa de um salto.

— Nooo! — bramiu Annie.

— Jesus! — exclamou Alex.

— Um camundongo! — gritou uma dama gorda.

A partir desse instante, armou-se um Deus nos acuda. As mulheres começaram a berrar e a lançar-se para os bancos, os homens pisavam no chão com força para tentar esmagar com os saltos de seus sapatos a escorregadia criaturinha. Alex se meteu no meio da refrega, sem saber muito bem o que esperava conseguir, além de ficar como um perfeito imbecil. Duvidava que o pobre camundongo ficasse imóvel para que ele pudesse agarrá-lo em meio daquele barulho. Mas com o olhar de adoração de Annie cravado nele e a expressão de seu rosto aclamando-o como seu herói, não podia ficar ali sem fazer nada.

O camundongo se refugiou entre um cubo de lixo e um poste. E então uma mulher, com a saia recolhida sobre os tornozelos, lançou um ataque contra o esconderijo do camundongo, fazendo oscilar sua bolsa com fúria. Alex só pensou em que aquela mulher poderia esmurrar o mascote de Annie até matá-lo ante seus próprios olhos. Lançou-se entre a agressora e o cubo de lixo, recebendo a pior parte do castigo em seus ombros e obtendo assim que os golpes não lhe fizessem mal algum ao bichinho. Quando as pontas de seus dedos tocaram um corpinho peludo uns dentes diminutos se cravaram em seu dedo indicador.

— Caramba! Ingrato camundongo de merda!

— Não diga palavrões, senhor!

Cataplum. A bolsa da mulher o golpeou em uma orelha. Enquanto se levantava, Alex levantou um braço para proteger seu rosto.

— Como se atreve a soltar um camundongo em um lugar público?

— Gritou a dama — Quase me dá um ataque do coração!

Alex pareceu que aquela bruxa estava perfeitamente bem. Esquivou outro ataque de sua bolsa.

— Senhora, tenha a amabilidade de deixar de me atacar com sua bolsa.

Como resposta, golpeou-o no ombro.

— Como se atreve a perturbar a paz, a aterrorizar pessoas inocente? É um homem adulto, nada menos. Isso é travessura de meninos. Mas o senhor? Tenho vontades de denunciá-lo. Os roedores transmitem enfermidades. Têm a raiva! A peste! Como se atreve a expor as demais pessoas a...?

Alex apertou o camundongo resgatado contra a lapela de seu casaco.

— Este não é um camundongo normal. É um... — disse as primeiras palavras que lhe vieram a mente — *genus attica*. É um animal muito estranho. Minha esposa não se desprenderia dele embora lhe dessem mil dólares.

A mulher piscou.

— Diz o senhor que é um animal estranho?

— Nem imagina quanto.

Ela franziu a boca. Este movimento fez com que a ponta do nariz se movesse nervosamente e que as janelas lhe alargassem.

— E diz que vale mil dólares?

— E inclusive mais.

— Ah, Deus! — levou uma mão ao pescoço — Ah, sinto muito. A primeira vista, parecia um camundongo comum.

— Senhora, — Alex recorreu soltou um sorriso estudado — só um idiota exímio atravessaria correndo uma estação de trem para tentar agarrar um camundongo comum. Deve dar graças ao céu por não ter lhe feito mal.

A mulher levantou suas sobrancelhas pintadas e se inclinou para olhar atentamente a mão cavada de Alex.

— Não me diga! Um *genus attica*? Sabe? Agora que diz, já tinha ouvido falar desses animais. De fato, acredito que vi um na feira do ano passado. Sim, sim, estou segura... Um *genus attica*. Sim, isso era. Isto é absolutamente extraordinário!

— Posso lhe assegurar que não encontrará muitas pessoas que leve um em sua bolsa.

Fez-lhe gestos a um homenzinho seco para que se aproximasse.

— Horace, venha ver uma coisa. Este homem tem um *genus attica*. Não te parece incrível? Vimos um na feira do ano passado, recorda?

Retorcendo o bigode e balançando-se para trás sobre os saltos de seus sapatos, a Horace pareceram lhe surpreender estas palavras.

— Isto... Ah, sim. Um *genus*... O que disse?

— Um *genus attica*! São extremamente valiosos. Claro que o recorda.

A senhora se aproximou de Alex

— Posso vê-lo?

Outras pessoas começavam a congrega-se ao redor deles. Alex sujeitou o camundongo entre suas mãos e separou os dedos polegares para que a mulher pudesse olhar. Ela adotou a atitude de alguém muito entendido no tema e assentiu com a cabeça.

— Ah, sim. Ao examiná-lo de perto, posso ver que, em efeito, não é um camundongo comum. As orelhas do *genus attica* são bastante peculiares, não é verdade?

Um homem bem vestido se inclinou para frente para olhar o camundongo por cima do ombro da mulher.

— O focinho também é muito significativo. Meu Deus! É um milagre que qualquer imbecil não o tenha esmagado.

— Ah, não é uma macacada? — Gritou outra mulher — Paul, eu gostaria de ter um desses bichinhos. Seria um tema de conversa estupendo. Onde o comprou, senhor?

— A verdade é que eu não o comprei — respondeu Alex — Poderia dizer que o consegui através de uma relação especial. Já sabe, contatos. Como lhe disse, nem todo mundo tem um.

Annie se aproximou correndo naquele preciso instante. Alex lhe deu o camundongo. Ela o levou a bochecha, com leves nódulos acariciantes. Nenhum dos espectadores pareceu pensar que isto fosse estranho, agora que acreditavam que o camundongo era um estranho e caro *genus attica*.

Alex sabia quando era prudente retirar-se. Agarrou Annie pelo braço para afastar-se daquele lugar a toda pressa. Viu Maddy junto à escada de um vagão e se dirigiu para ela.

— Conseguiu agarrar esse condenado camundongo? — perguntou ao vê-los se aproximarem.

— Baixe a voz — sussurrou Alex — A mulher que está ali esteve a ponto de chamar as autoridades. Disse que os ratos eram um risco para a saúde, entre outros disparates.

— Pois, vá! — exclamou Maddy.

— A partir deste momento, é um *genus attica*. Muito estranho, muito valioso. Do contrário, poderiam encontrá-lo mais tarde e lhes fazer descer do trem.

Maddy dirigiu o olhar para Annie, que com todo cuidado estava voltando a guardar seu mascote na bolsa.

— Não podemos ficar com esse bicho.

— Não, não podemos.

— Um *genus attica*. — Maddy assentiu com a cabeça — Soa bem. Já têm os bilhetes?

O coração de Alex saltou ao ver Annie abrir a bolsa de novo para tirar os bilhetes, mas esta vez agarrou o camundongo com uma mão enquanto os buscava. Quando ela finalmente os encontrou, ele esteve a ponto de dar um suspiro de alívio. Se Maddy e ela perdessem aquele trem, não poderiam viajar a Albany até o dia

seguinte. E, embora lhe tivesse encantado que ficassem em casa um dia mais, não acreditava poder suportar uma nova despedida. Na noite anterior, ao estreitar Annie entre seus braços sem saber quanto tempo passaria antes de voltar a vê-la, tinha sido um verdadeiro martírio.

Depois de agarrar os bilhetes, Alex se assegurou de que ela tivesse guardado bem o camundongo.

— Não o tire no trem — lhe advertiu — Nem todo mundo tem debilidade por... — abaixou a voz — os ratos, sabe? De fato, a algumas pessoas desagradam terrivelmente.

— Viajantes ao trem! — gritou o chefe da estação.

Alex agarrou o braço de Annie, impulsionando-a para tentar alcançar Maddy, que estava atendendo as chamadas do empregado ferroviário.

— Viajantes ao trem! Viajantes ao trem! — voltou a gritar o homem.

Quando conseguiram alcançar Maddy, Alex lhe colocou os bilhetes na mão e agarrou o pequeno Bart para lhe dar um último abraço. As lágrimas lhe alagaram os olhos enquanto apartava a manta e apertava uma bochecha contra o cabelo sedoso do bebê. Depois de devolver o menino aos braços espectadores da governanta, voltou-se para Annie. Seus lábios estavam tremendo e tinha os olhos alagados de lágrimas.

— Escreverei — lhe assegurou — Não será tão terrível, meu amor. Já verá. Uma vez que comece a estudar, vai te encantar.

Ela assentiu com a cabeça. Tinha tal ar de tristeza e desamparo que se sentiu tentado a suspender aquela viagem.

— Amo você, Annie. Vou sentir sua falta cada segundo todos os dias.

Alex se inclinou para beijá-la e em seguida a estreitou entre seus braços. Fechou os olhos, apertou o rosto contra seu cabelo e respirou fundo, tratando de memorizar seu aroma. Estava tremendo quando a afastou de seus braços.

— *Não quero partir* — disse ela.

Fingindo não ter percebido que lhe tinha falado, Alex a beijou na fronte. Logo, voltou-se para Maddy.

— Escreverá? Ao menos uma vez a semana!

— Certamente. Já lhe disse, senhor, que lhe escreverei todas as semanas sem falta. — A ama deu os bilhetes ao cobrador. Logo, embalando o bebê em um de seus braços, agarrou Annie pelo pulso — Vamos já, mulher. Ou trem vai sair sem nós.

— Se acontecer algo, me envie um telegrama. Chegarei ali em seguida.

— Não se preocupe — lhe gritou Maddy — Enviarei um telegrama se o necessitar.

Alex apertou os dentes e dirigiu o olhar para Annie. Seus grandes olhos azuis se aferravam a ele. Enquanto Maddy começava a subir os degraus, Annie esticou o pescoço para continuar olhando-o. Alex levantou uma mão para lhe dizer adeus. Um segundo depois, ela já tinha desaparecido.

Ele pôs-se a andar junto ao trem para tentar ver seu rosto através de um dos guichês. O comboio começou a mover-se. Ele acelerou o passo, procurando-a desesperadamente, resolvido a vê-la uma vez mais. Só uma vez. Quando o trem saiu da estação, parou cambaleando, olhando-o fixamente enquanto se afastava. Sentiu-se mais desconsolado que em qualquer outro momento de sua vida.



Quando Alex retornou a Montgomery Hall, para casa parecia estar consumida em um silêncio absoluto. Sentindo-se inefavelmente sozinho, começou a percorrer todas as habitações da moradia. Via Annie e ao bebê em todas as partes. Partiram. Ao chegar a seu escritório, sentou-se frente à chaminé, ficou olhando fixamente a caixa do fogo enegrecida pela fuligem; e pensou que a escuridão era um presságio. Partiram e o mais provável era que nunca retornassem. Por difícil que fosse, tinha que aceitá-lo.

Frederick bateu na porta do escritório.

— Quer que lhe traga algo, senhor? Uma taça de café, talvez? Peço a uma das criadas que lhe traga a comida?

Alex deixou escapar um suspiro.

— Na realidade, não tenho fome, Frederick. Obrigado, de todos os modos.

O mordomo entrou na habitação. Ao chegar à lareira, fez algo sem precedentes, sentou-se na cadeira que se encontrava na frente a de seu amo.

— Sei que não é um consolo, senhor, mas fez o correto. É difícil, eu sei. Mas, ao final, será o melhor para ela e para o bebê.

Compreender isto não era muito reconfortante. Alex não disse nada.

— Maddy lhe escreverá com frequência. Estou seguro. E, em muito pouco tempo, Annie começará a escrever suas próprias cartas.

Alex assentiu com a cabeça.

— Suponho que tudo será mais fácil então. Mas passará uma boa temporada antes que ela aprenda a ler e a escrever, Frederick.

— Sim, senhor, eu sei. — O homem ficou calado um momento, com as mãos estendidas para a lareira, para esquentá-las, embora não houvesse fogo nela.

— O que necessita agora é ter projetos que o mantenham ocupado. Uma coisa que poderíamos nos propor é fazer uma jaula para ratos. Eu não gosto de me queixar, mas desde que Annie fez jogar fora todas as armadilhas do sótão, estamos infestados desses bichos. Encontrei excremento no chão da cozinha esta manhã, nem mais nem menos.

— Meu deus! Espero que o tenha pegado.

— Bom, senhor, não exatamente. Dado que a essas criaturas parece lhes encantar, eu, isto... Levei-o para cima. Pensei que melhor... Bom, pois se tiverem comida ali, possivelmente não voltem para a cozinha.

Alex resmungou e se esfregou a fronte. Logo, soltou uma gargalhada pouco entusiasta.

— Frederick, isso é um disparate. Dar de comer aos ratos do sótão? Tem alguma ideia do rápido que se multiplicam estes animais? Não posso recordar as cifras exatas que aprendi na universidade, mas é incrível.

— Tem razão, certamente. É um disparate dar de comer aos ratos.

— Olhou a Alex de soslaio — Então, pedirei que tenha a amabilidade de voltar a pôr as armadilhas.

Alex resmungou de novo.

— Não posso fazê-lo. O mais seguro é que apanhe a um de seus favoritos. Talvez tenha razão. Terei que lhes fazer uma jaula. — Recordou o acontecido na estação de trens e contou a história a Frederick — Talvez possamos montar um negócio para vender esses indesejáveis bichos — disse em brincadeira — Quinhentos dólares por cabeça. Toda uma vantagem!

Frederick sorriu.

— Eu me contentaria em dá-los de presente, senhor.

— Não há problema. Esta manhã poderia me desfazer com facilidade de duas dúzias. Incrível, verdade? Só tem que dizer as pessoas que algo é muito estranho e valioso para que em seguida o queiram.

— Se quiser ajuda para fazer uma jaula, eu sou muito hábil com o martelo e os pregos.

— Obrigado, Frederick. Agradeço seu amável oferecimento.

— Quando tivermos enjaulado os amiguinhos de Annie, possivelmente possamos voltar a pôr as armadilhas.

— É uma boa ideia.

— Quanto a rápida reprodução desses bichos, talvez eu possa... — O mordomo pigarreou e abaixou a voz — desfazer-me discretamente das crias não desejadas.

—Teremos que fazer algo. — Alex assentiu com certa tristeza, e voltou a dirigir o olhar para a lareira.

— Mas não fique assim, senhor. Pode ir visitá-la quando quiser.

— Não posso ir vê-la no momento. Tenho que lhe dar o tempo necessário para que se adapte, ou me suplicará que a traga para casa; e para ser franco, não sei se poderia me negar a fazê-lo, tal e, como me sinto agora. Em todos os cantos da casa há algo que recorda Annie ou Bart. Não deixo de pensar em tudo o que perderei. Ele mudará muito entre uma visita e outra. É possível que não o reconheça quando for vê-lo.

O que mais incomodava a Alex era que sem dúvida ao menino aconteceria o mesmo. Só esta ideia esteve a ponto de lhe partir o coração. Finalmente tinha um filho, mas não podia formar parte de seus primeiros anos de vida.

Frederick suspirou e ficou em pé.

— Sou um bom jogador de xadrez, se quiser ter um pouco de companhia de vez em quando...

Este oferecimento fez sorrir a Alex.

— Parece estar tão triste como eu.

— Sim, bom... As coisas aqui não serão iguais para mim sem Maddy... Entende?

Alex levantou os olhos. Depois de escrutinar o olhar do mordomo durante um bom momento, riu entre dentes.

— Vá, vá!

Frederick ruborizou.

— Espero que não lhe diga nada. Não me declarei ainda. Nossa Maddy é bastante... Suscetível.

— Meus lábios estão selados.

O mordomo alisou a jaqueta negra e logo tirou uma penugem imaginária da manga.

— Só o mencionei por que... — pigarreou — bom, como diz um antigo refrão, senhor: a companhia na miséria faz a esta mais suportável e sem uma dose de humor irlandês, ao menos uma vez ao dia, para lhe pôr sal a minha vida, sentir-me-ei triste.

— Quando for a Albany visita-las, você gostaria de vir comigo?

Frederick sorveu o nariz.

— Não é uma má ideia, se minha agenda me permitir isso.

Quando o mordomo saiu do escritório, Alex se levantou da cadeira e perambulou pela habitação sem propósito algum. Foi junto ao órgão, passou a mão sobre sua brilhante superfície. Logo, parou junto as cascavéis para tocar um par de notas. Finalmente, dirigiu-se a sua escrivaninha. Um dos aparelhos de surdez de Annie se encontrava sobre a pasta. Agarrou-o, ficou olhando-o durante um momento e logo fechou os olhos ao sentir que o invadia uma dor tão forte que se sentiu fisicamente mal.

A partir daquele dia, o único interesse na vida de Alex eram as cartas de Maddy. A primeira chegou uma semana e meia depois. Encerrou-se em seu escritório e a abriu com mãos trêmulas.

“Bom, já estamos aqui”, lhe escrevia Maddy. “Apesar de ser um povoado pequeno, Annie estava aterrorizada quando chegamos, mas já está começando a adaptar-se e parece que está desfrutando de suas aulas”.

Alex engoliu saliva. Maldição! Não queria que gostasse daquele lugar. Depois de pensar isto, o sentimento de culpa se apropriou dele. Obrigou-se a continuar lendo.

“Os professores parecem ser muito amáveis e no primeiro dia, ela fez vários amigos. Quer ir para casa, certamente. Todas as tardes, quando vou para escola para trazê-la para casa, o professor me diz que Annie expressa constantemente seu desejo de partir. Estou segura de que isto passará com o tempo, mas neste momento é muito difícil para ela e para mim também. Nada posso a não ser compadecer-me da pobre menina”.

Logo, Maddy o punha a corrente de tudo relacionado com Bart; e também lhe descreveu o pequeno povoado de Albany e a casa onde viviam. Alex leu a carta, voltou a lê-la e logo a leu uma vez mais. Era uma missiva curta; e pouco depois já sabia de cor até a última palavra ali escrita.

Notícias de Annie. Crônicas sobre Bart. Alex sabia que era uma loucura, mas de verdade sentia que não ficava nada mais pelo que viver. Edie Trimble passou uma tarde por sua casa. Alex lhe mostrou a carta de Maddy. Depois de lê-la, ela levantou os olhos e sorriu timidamente.

— Imagino quanto deve sentir saudades — disse.

Alex duvidava. Não era só que sentia falta da sua esposa e a seu filho. Sentia como se lhe tivessem arrancado o coração do peito.

— É muito... Difícil. Há momentos nos quais não estou seguro de ter tomado a decisão correta.

Eddie se aproximou para lhe tocar a mão.

— Não duvide, nem por um instante. Este é o presente mais valioso que poderia lhe dar, Alex. Ela não o entende agora, mas o fará. Depois de um tempo, fará isto.

Alex só podia esperar que assim fosse.

Uma semana depois chegou outra carta de Maddy. Annie se encontrava bem, dizia; e Bart estava crescendo a passos gigantes. Fazia um calor anormal para a época do ano em que estavam e as flores já se abriam no jardim. Em relação à escola, só tinha surgido uma dificuldade até o momento, quando Annie usava a língua de sinais, muitos dos movimentos que fazia com as mãos eram incorretos. Não eram nada grave, só ligeiras variações. O professor de Annie dizia que, dada a situação, Alex fizera um trabalho excelente. Que simplesmente tinha interpretado mal as instruções dos manuais, coisa muito frequente e muito fácil de corrigir. Entretanto, Annie se negava a cooperar e dizia a seu professor, uma e outra vez, que, se fizesse os gestos de uma maneira distinta, Alex não poderia lhe entender.

Isto fez com que a Alex lhe saltassem as lágrimas. Em seguida respondeu a Maddy, lhe pedindo que dissesse a Annie que não deveria preocupar-se de que não lhe entendesse. Enquanto ela se encontrava na escola, pediria a Irene Small que lhe mandasse o material didático apropriado para aprender a usar corretamente a língua de sinais. Imediatamente depois de fechar o envelope endereçado a Maddy, escreveu uma nota a senhora Small para levar a cabo sua promessa.

Por volta de meados de abril, Alex recebeu uma carta que, de acordo com o carimbo, desviou-se e tinha ido parar em São Francisco. Quando leu atentamente as letras torpemente escritas no envelope, não lhe surpreendeu que isto tivesse acontecido. *Hopeville Organ*⁶. E, além disso, não havia remetente. Não pôde reconhecer a letra. Rasgou o envelope e tirou uma folha de papel rajado que se encontrava dobrada. Enquanto estendia o papel, a assinatura da carta atraiu sua atenção. *Um abraço, Ani*⁷. Caiu-lhe a alma aos pés. Incrédulo, fez um grande esforço para tentar entender as frases grosseiramente redigidas, maravilhando-se de tudo o que ela tinha

⁶ Maneira de se expressar quem não sabe corretamente

⁷ Idem

aprendido em tão pouco tempo. *Sinto falta, quero ir a casa. Por favor*⁸.

Na última linha escreveu: *Sinto tua falta muito*⁹. Alex leu estas últimas palavras através das lágrimas que empanavam seus olhos. Deixou-se cair na borda de sua escrivaninha e levou o papel ao nariz. O leve perfume de rosas se aferrou a ela. Fechou os olhos, imaginando o que sentiria naquele momento ao estreitá-la entre seus braços, ao ocultar a cabeça na doce curva de seu pescoço. O desejo que se apropriou dele era tão forte, que todo seu corpo ficou a tremer.

Quando conseguiu recuperar a compostura minimamente, redigiu uma carta de resposta, escrevendo as palavras com letra de imprensa e fazendo frases curtas e simples. Uma nota alentadora, animando-a a trabalhar muito na escola e a desfrutar das atividades sociais.

Aquelas curtas frases foram as mais difíceis que escreveu em toda sua vida.

Com a pontualidade de um relógio, as cartas de Maddy começaram a chegar uma vez à semana a partir de então. Ela mantinha Alex corrente de tudo o que acontecia, mas não era muito. Annie estava indo bem na escola. O bebê estava crescendo. Os três se encontravam bem.

Em primeiro de maio, Alex recebeu outra carta de Annie. Esta vez, além de lhe suplicar que a deixasse voltar para casa, ela escreveu três frases que fizeram com que lhe gelasse o sangue nas veias. *Tenho um novo amigo. É surdo. Nos rimos mudo.*¹⁰

A primeira reação de Alex, um profundo medo, finalmente cedeu o passo a um conformismo fatalista. Se Annie encontrasse outra pessoa, se ficasse apaixonada, então isto significava que aquele matrimônio não estava destinado a durar. Ao longo de toda sua vida, lhe tinham negado tudo o que as demais pessoas davam por sensato. Se ele a amava, se realmente a amava, não permitiria que seus desejos egoístas a privassem daquela oportunidade de ter uma vida normal.

Pouco depois, chegou outra carta de Maddy. Descrevia o novo amigo de Annie, Bruce, como um jovem simpático e arrumado. “É evidente que a adora, e é incrivelmente amável com o bebê, com o qual ganha o carinho dela”. Depois de ler a carta, Alex permaneceu

⁸ Idem

⁹ Idem

¹⁰ Maneira de se expressar da personagem

sentado em seu escritório, com o olhar perdido no vazio. Estaria Maddy lhe fazendo uma advertência? A ideia lhe produziu uma profunda dor. Bruce... Embora nunca tivesse visto esse homem, Alex o detestava. De maneira que era incrivelmente amável com o bebê, verdade? Canalha desprezível. Estava utilizando o menino para ganhar o afeto de Annie. Era o truque mais antigo do mundo. O que assustava Alex era que pudesse surtir efeito.

Estaria a ponto de perder Annie? Sem ela e sem o bebê, não estava seguro de que valesse a pena viver.

Muito preocupado por esta notícia, dirigiu-se à cavaleriça e ficou a trabalhar até altas horas da noite, obrigando-se a seguir até virtualmente desabar-se de esgotamento para poder dormir. Quando finalmente se deixou cair na cama, os sonhos começaram a atormentá-lo. Sonhou com Annie... Dançando a valsa nos braços de outro homem.

Em 15 de maio chegou outra carta de Annie. Depois da sutil advertência que Maddy lhe fez sobre o bom Bruce, Alex tinha medo de abrir o envelope. Dentro dele só havia um desenho. Enquanto o desdobrava sobre a escrivaninha para olhá-lo, franziu o cenho. Tal e como fez um dia já remoto no quarto das crianças, Annie tinha desenhado os rostos deles dois. Mas, neste desenho, Annie tinha orelhas e Alex não. Não havia nenhuma mensagem. Nada que explicasse os desenhos. Só um retrato dele sem orelhas.

Alex observou o desenho até não poder mais, sem saber o que pensar. Logo, como se uma mula lhe tivesse dado um coice em meio aos olhos, finalmente entendeu o que ela estava tratando de lhe dizer.

*Kero ir a kasa*¹¹: tinha escrito. *Sinto muita sua falta*¹². E ele tinha ignorado suas súplicas. Escreveu-lhe como se nunca tivesse lido sua mensagem, animando-a a continuar estudando e a desfrutar das atividades sociais. Em sua determinação de fazer o que considerava melhor para ela, fazia ouvidos surdos ao que ela pensava e queria, como se seus sentimentos e desejos não contassem absolutamente.

Tinha tentado pôr o mundo a seus pés e, na tentativa, tinha lhe tirado o mais importante de tudo: o direito a escolher.

— Santo Deus! Annie, meu amor...

O arrependimento se apropriou dele e fechou os olhos. Nunca deveria ter ouvido ao doutor Muir nem a Edie Trimble. Ninguém

¹¹ Idem

¹² Idem

conhecia Annie melhor que Alex. Ninguém a entendia como ele. Ninguém a queria mais.

Em um abrir e fechar de olhos viu a si mesmo junto a ela no sótão, uma já remota tarde, recolhendo os fragmentos quebrados da porcelana, pensando que o chá tinha terminado, mas que a vida de Annie acabava de começar. Naquele momento, jurou fazer tudo o que estava em suas mãos para que todas suas fantasias se tornassem realidade. Olhando para trás, reconstruiu a cena mentalmente. Um salão acolhedor. Annie, servindo o chá em taças de porcelana desiguais. Annie, dançando nos braços ao homem de seus sonhos, ao compasso de uma música imaginária. Sem grossos livros. Sem salões de classe. Sem uma multidão de desconhecidos ao redor dela. Só um mundo pequeno e simples, arrumado a seu gosto, habitado por pessoas que lhe permitiam ser alguém.

Uma vida normal... Esse era seu sonho. Ser reconhecida como uma pessoa com desejos, pensamentos e sentimentos. Ser amada. Ser aceita como era. Em lugar de lhe dar tudo isto, ele tinha tentado mudá-la. Por que o tinha feito era um mistério para ele, pois amava Annie tal e como era.

Imagens dela passaram rapidamente por sua cabeça, e todas fizeram aflorar um sorriso a seus lábios. Annie, procurando um ovo entre a roupa da cama. Annie, sentada sobre seus joelhos, com a boca franzida e os olhos cheios de perplexidade, enquanto lhe desabotoava a camisa interior. Annie, tocando uma e outra vez a mesma nota no órgão, com uma expressão de grande felicidade no rosto. Annie, tombada de forma pouco elegante sobre a mesa da sala de jantar, com a saia por cima da cintura e um guardanapo na boca para que ninguém ouvisse seus gritos enquanto ele a levava ao orgasmo. Annie, saciada de sexo, com um camundongo acomodado no ombro. Annie, com seus olhos luminosos e seu doce sorriso.

Perfeita, tal e como era. Absolutamente perfeita.

CAPÍTULO 26

Alex se encontrava frente à porta branca da cerca e olhava fixamente a enorme casa branca. Situada longe da rua, tinha verdes pradarias de grama em declive, caminhos de flores bem cuidados e grandes árvores de sombra, um dos quais tinha um balanço pendurado num de seus grossos ramos. No alpendre, vários jovens estavam sentados em cadeiras de vime, bebendo o que parecia ser chá gelado e mantendo uma animada conversa. Ao ver os rápidos

movimentos de suas mãos, Alex sorriu ligeiramente. Era óbvio que tinha que praticar muito se queria dirigir com tal facilidade a língua de sinais.

A porta rugiu com força quando a abriu. Nenhuma das pessoas que se encontravam no alpendre se voltou para ele. Enquanto Alex subia pelo caminho de entrada, escrutinava com o olhar as janelas da casa, esperando ver Annie. Ao chegar à escada, um jovem arrumado notou sua presença e ficou em pé para recebê-lo.

— Olá. Posso ajudá-lo em algo?

Sobressaltado, Alex vacilou um momento atrás ao apoiar o pé no primeiro degrau. O homem falava com voz monótona e curiosamente fanhosa, mas pronunciava cada palavra à perfeição e com toda clareza.

— Talvez. Sou Alex Montgomery. Minha esposa, Annie, estuda aqui.

Os olhos azuis do homem se avivaram ao ouvir o nome de Annie. Sorriu, sem deixar de observar com evidente curiosidade Alex.

— Você não é tão bonito como ela diz.

Este comentário desconcertou Alex e soltou uma gargalhada.

— Lamento decepcioná-lo.

— Não estou decepcionado. Eu o considero meu rival. — Um inconfundível brilho iluminou seus olhos. Estendeu a mão direita — Chamo-me Bruce Johnson.

Alex ficou olhando a mão estendida. Depois de vacilar um momento, a estreitou.

— Ouvi esse nome. Minha governanta, Maddy, mencionou-o em várias cartas. Entendo que está cortejando ativamente minha esposa. Bruce riu.

— Tentei.

— Teve um pouco de sorte?

— Ainda não.

Alex riu a seu pesar. Embora não gostasse de reconhecer, aquele homem lhe resultava simpático.

— Tranquiliza-me sabê-lo.

— Annie é muito fiel. Somos bons amigos, nada mais.

Alex continuou subindo as escadas.

— Ela está aqui, verdade?

— Está em aula neste momento. — Tirou um relógio do bolso de seu colete — Em dez minutos terá terminado.

Alex não queria esperar dez minutos, mas supôs que não tinha mais remédio. Apoiou-se contra o corrimão do alpendre e cruzou os braços.

— Há quanto tempo que estuda aqui?

— Sou professor.

— Ah.

Bruce sorriu abertamente.

— Muitos dos professores desta escola são surdos. Embora não acredite, isso facilita nosso trabalho. Entendemos melhor a situação. Também há professores que não são surdos. Os necessitamos para as aulas de pronúncia. Como é óbvio, eu não poderia saber se um estudante está pronunciando corretamente uma palavra.

Alex assentiu com a cabeça.

— Como vai Annie?

O sorriso de Bruce se apagou.

— Ela é muito inteligente e tem a vantagem de ter ouvido em algum momento de sua vida. Mas não está aprendendo tão rápido como poderia.

— Ah. Esteve me mandando cartas. As palavras não estão muito bem escritas, mas eu... — Alex encolheu os ombros — Naturalmente, achei que devia estar aprendendo a passos gigantes.

Bruce ruborizou de vergonha.

— Sim, bom, eu a ajudava um pouco. — Seus lábios se moveram nervosamente — Mas não corrigia sua ortografia. Se o senhor visse quanto se esforça para riscar cada letra de uma palavra, entenderia por que. Não tinha coragem para lhe fazer escrevê-lo tudo de novo; e pensei que preferiria ter uma carta que ela mesma tivesse escrito, com erros e tudo, a uma que eu tivesse corrigido.

Alex não soube o que dizer. No bolso da camisa tinha todas as cartas de Annie. Tinha percorrido cada palavra com as pontas dos dedos centenas de vezes.

— Annie sente falta de seu lar. Além de entregar-se a escritura de cartas, não lhe entusiasmou os estudos.

Alex olhou para Bruce nos olhos.

— Por que tenho a sensação de que está advogando por ela?

— Possivelmente porque é o que ocorre. Todos nós poderíamos aprender mais, inclusive o senhor. Que tal é seu latim?

— Péssimo.

Bruce levantou as sobrancelhas.

— Então, provavelmente deva ir a uma escola durante uns anos para aprender o idioma. Quando seu latim estiver perfeito pode voltar para casa e viver com sua esposa.

O homem estava imiscuindo-se em algo que não era assunto dele, mas Alex não conseguiu se zangar.

— De acordo. — Sorriu ligeiramente — Mas o sermão não era necessário. Vim levá-la para casa. Depois de mandá-la a esta escola, compreendi meu engano.

Os olhos azuis de Bruce se escureceram. Alex pôde ver que a notícia da partida de Annie o afetava muito. Mas em seguida se repôs.

— Me alegro de que tenha mudado de opinião. Por Annie. — Levantou um ombro — Para que aprender a falar se a pessoa com a qual alguém quer conversar se encontra muito longe? O coração de Annie não está aqui. Nunca estará. Deixe-a aprender tudo o é necessário em casa, a um ritmo mais pausado. É ali onde deve estar.

Depois de dizer estas palavras, o jovem começou a afastar-se. Alex estendeu a mão para lhe agarrar o braço.

— Eu gostaria de lhe fazer uma surpresa. Não lhe diga que estou aqui, por favor.

Bruce sorriu.

— Ia procurá-la para me despedir. Quando o vir, se alegrará tanto que... — Levantou as mãos — Então, dirá que lhe mando uma saudação?

— Com muito prazer. — Alex exibiu um grande sorriso, mas em seguida ficou sério — Passaremos a noite aqui em Albany e pegaremos o trem de manhã. Por que não janta conosco? Desta maneira poderá despedir-se e passar um pouco de tempo com ela antes que parta.

Bruce se alegrou por Alex lhe fazer este convite. Olhou-o atentamente durante um minuto antes de voltar-se para entrar na casa.

— Chega a resultar simpático com o tempo — disse por cima do ombro.

Alex riu e tirou o relógio para olhar a hora. A aula de Annie terminaria em três minutos, os quais se converteram em cento e oitenta segundos e cada um deles foi o mais longo de sua vida.

Quando a porta principal finalmente se abriu e os estudantes começaram a sair ao alpendre, Alex se ergueu. O coração lhe saltava cada vez que via uma cabeça de cabelos negros. Saíram dois homens jovens e logo três mulheres. Mas Annie não aparecia. Alex percebeu que estava tremendo e tinha o estômago como se tivesse tragado um punhado de rãs saltitantes.

E ao fim se fez visível, como se fosse uma aparição. Alex ficou paralisado em seu lugar, absorto, com os olhos cravados nela. Seu cabelo azeviche, sua pele como o marfim, seus olhos tão claros e tão imensamente profundos como um céu de verão. Levava um monte de

livros em um braço e estava tentando fechar a capa. Outro estudante saiu atrás dela e, sem querer, deu-lhe um golpe no ombro. Ao se afastar do caminho, ela ficou justo em frente de Alex. Entretanto, não levantou os olhos.

— Annie...

Não houve resposta alguma. A jovem estava olhando fixamente seus sapatos. Levantou os olhos lentamente. Quando seus olhos descobriram o rosto de Alex, ficou completamente paralisada. Não esboçou um sorriso. Não manifestou surpresa alguma. Só ficou olhando-o fixamente, com a boca ligeiramente aberta e uma mão suspensa no ar, sobre o fechamento da capa. Durante um terrível momento, Alex se perguntou se seus sentimentos por ele teriam mudado, se ela não se alegraria de vê-lo.

Um instante depois, ela deixou cair os livros, que chocaram contra o chão do alpendre com grande estrépito, mas só Alex pareceu ouvir este som. Uns papéis se esparramaram no chão, e alguns deles foram arrastados pelo vento escada abaixo.

— Alee¹³!

Depois de dizer isto, ela se lançou a seus braços. Alex a estreitou contra seu peito. Enquanto a abraçava com força, soube que ali era onde ela devia estar, onde sempre devia estar.

Soluçando e tremendo terrivelmente, Annie lançou os braços ao pescoço.

— Alee!

A forma em que ela pronunciava seu nome era imperfeita, mas, para Alex, aquele era o som mais formoso que tivesse ouvido jamais.

“Annie”... Balançou-a entre os braços, tão feliz que sentia uma profunda dor. Não lhe importou que as pessoas que estavam no alpendre ficassem olhando-os. Tampouco lhe importou sentir lágrimas correndo por suas bochechas. Estava estreitando seu mundo entre os braços. Foi um tolo ao afastá-la de seu lado. Nunca voltaria a cometer esse enorme engano.

Com um braço rodeando seu corpo com firmeza, arrastou-a escada abaixo. Quando ela percebeu que o vento estava esparramando seus papéis, Alex lhe impediu de ir recolhê-los.

— Deixe — disse.

Annie o olhou intensamente. Os olhos dela estavam cheios de lágrimas.

Alex a aproximou ainda mais a seu corpo e lhe agarrou o queixo.

— Já não os necessitará. Vamos para casa.

¹³ Alex

— *Para casa?*

— Para casa — reafirmou ele — Você, eu e o bebê. Para casa. Não voltará para a escola. Contratarei um professor particular.

— *A casa, para sempre?*

— Para sempre.

Alex abriu a porta do jardim com o quadril. Não queria soltá-la nem por um instante. Levantou os olhos para olhar a rua bordejada de árvores e logo voltou a dirigir o olhar para sua doce cara.

— A casa, para sempre.

Enquanto dizia estas palavras, invadiu-o uma paz que não tinha sentido em muitos meses. A casa, onde os esperava um futuro juntos. A casa, onde as fantasias podiam tornar-se realidade. Seguindo um impulso, levou Annie a dar uns passos de valsa. O vento levantou a capa da jovem. Ela jogou a cabeça para trás com expressão de grande alegria no rosto. Alex sabia que ela estava imaginando que dançavam ao compasso de uma melodia. O estranho foi que ele também acreditou ouvi-la. Apenas perceptível, cadenciosa, escorregadia.

A canção de Annie e agora também a sua, mágicas notas que só eles podiam ouvir.

EPÍLOGO

O sol entrava em torrentes pela janela da sala de jantar, formando uma auréola dourada ao redor de Annie, que se encontrava sentada à mesa, com a cabeça inclinada e o olhar fixo em algo que tinha sobre o colo. Inclusive depois de três anos de matrimônio, Alex não deixava de agradecer a Deus que tivesse abençoado sua vida com alguém tão doce; e vacilou um momento na entrada para observá-la durante um momento. A julgar pelo aspecto do prato, ela havia deixado seu café da manhã quase intacto pelo terceiro dia consecutivo.

Um pouco preocupado, Alex cruzou a habitação a grandes passos. *Gabby*, o peludo cão branco que Alex tinha dado a Annie a dois anos, deve ter sentido os passos de seu amo vibrando através do chão, pois despertou sobressaltado e começou a dar saltos ao redor da cadeira da mulher, ladrando estridentemente. Ao perceber este som, Annie afastou os olhos do que Alex então pôde ver que era um bordado.

— Bom dia — disse ela com um carinhoso sorriso.

— Bom dia.

Alex dirigiu seu olhar para o buliçoso cão. Posto que o agudo latido do animal fosse um dos poucos sons que sua esposa podia ouvir, absteve-se de se queixar pelo escarcéu. Embora o cão não servisse para nada mais, sempre ladrava para alertar Annie quando Bart começava a chorar e isto fazia com que a peluda criatura valesse seu peso em ouro. *Gabby*, nome que era perfeito para ele, também ladrava para avisar Annie que alguém estava chamando a ela ou à porta, lhe permitindo a sua ama responder ante os ruídos que de outra maneira não percebia.

Com uma suave risada, Annie deixou de lado seus trabalhos e se inclinou para levar uma mão ao focinho de *Gabby*.

— Já basta — lhe disse ao cão docemente.

Gabby, que adorava sua ama quase tanto como o marido, começou a sacudir-se e a girar ao redor dela, tão contente de que o houvesse tocado que parecia haver-se ficado louco de alegria. Alex entendia este sentimento. Deixando escapar um suspiro, tirou uma cadeira da mesa e se sentou. Ato seguido dirigiu o olhar uma vez mais para o prato do café da manhã de sua esposa.

— Annie, meu amor, tem que comer, ultimamente nunca toma o café da manhã. Encontra-se mal ou o quê?

Dirigindo o olhar para seu prato, ela enrugou o nariz e levou uma mão a cintura.

— *Não, é só que não quero comer, estou engordando.*

— Essas não são mais que tolices, se alguma vez...

Alex se interrompeu. Annie tinha inchado as bochechas, tentando fazer com que seu rosto parecesse gorducho. Este gesto lhe recordou tanto aquela inesquecível noite em que ele compreendeu pela primeira vez quão inteligente era ela, que lhe arrepiou. Olhou profundamente seus cândidos olhos azuis. Não... Não era possível. Lançou um olhar a sua cintura. Não estava um pouco maior que de costume? Perguntou-se. Ou o estava imaginando? Quando voltou a levantar os olhos, teria podido jurar que tinha visto um sorriso fugaz aparecendo na doce boca de sua esposa.

— Annie? Carinho, está...?

Ela levantou suas formosas sobrancelhas. Sem dúvida havia um sorriso brincando em sua boca, concluiu Alex. Um sorriso malicioso. Sentiu como se o estômago tivesse caído ao chão. Não era possível. Já tinha tudo o que um homem poderia desejar: uma esposa absolutamente maravilhosa e um filho precioso. Desejar mais... Bom, embora Alex adorasse crianças, nunca tinha se permitido abrigar a

esperança de ter mais filhos, mais ainda porque temia sofrer uma decepção.

— Annie, não me tire do sério — advertiu com ar de gravidade — Não brinque com algo assim. Está grávida?

Os olhos de Annie se iluminaram de modo suspeito enquanto assentia lentamente com a cabeça. Alex não pôde conter a alegria repentina que estalou dentro dele. Sem pensar nisto duas vezes, levantou-se da cadeira e estreitou Annie entre seus braços. O bordado saiu voando pelo ar. *Gabby* saiu do meio rapidamente, enquanto Alex arrastava sua esposa por toda a habitação ao compasso de uma valsa imaginária.

— Está grávida! — gritou — Não posso acreditar!

Aferrando-se a seus braços, Annie lhe permitiu que a fizesse girar sem que seus pés tocassem o chão. A jovem soltou uma estridente gargalhada quando ele a estreitou contra seu peito para abraçá-la.

— *Tome cuidado!* — advertiu-lhe — *Não me aperte com tanta força!* Alex em seguida moderou seu desmedido entusiasmo.

— Perdoe-me, meu amor.

Inclinou-se para beijá-la. No instante mesmo em que os lábios se tocaram, ela se derreteu em seus braços, fazendo com que Alex pensasse em todas as vezes que tinham começado desta maneira e tinham terminado fechando as portas da sala de jantar com chave para poder fazer amor.

— Amo você. Deus santo! Quanto te amo! — murmurou Alex.

Acabava de fazer esta declaração quando ouviu uns murmúrios. Pôs fim ao beijo abruptamente, olhou por cima da cabeça de Annie e viu que Frederick, o mordomo, encontrava-se na sala de jantar, levando Bart a cavalo sobre seus ombros.

— O que acontece, Frederick?

Antes que o mordomo pudesse falar, Maddy apareceu com sua vermelha cabeça por um dos flancos do corpo de Frederick.

— Já lhe disse?

Alex sentiu que Annie se movia e ao olhar para baixo, viu que ela estava negando categoricamente com a cabeça e levando um dedo a boca. Em resposta, Maddy fez uma careta. Para Alex estava muito claro que a governanta e o mordomo já sabiam que Annie estava grávida. Como sempre, o marido era o último a saber. Contrariado, franziu o cenho, mas a verdade era que não podia se zangar. Em seus três anos de matrimônio, Annie tinha chegado a considerar Maddy como uma segunda mãe. Não podia lhe reprovar que tivesse compartilhado suas inquietações íntimas com a mulher mais velha.

Infelizmente, desde seu matrimônio com Frederick, fazia já um ano, Maddy tinha adquirido o molesto costume de contar-lhe tudo, embora se tratasse de um segredo.

— Bebê! — disse rindo o pequeno Bart. Logo, estalando a língua como se estivesse fustigando um cavalo, puxou o cabelo do Frederick e deu patadas com seus pequenos pés — Arre, Frederick! Arre!

Sempre disposto a agradar o jovem amo da casa, Frederick começou a correr sem se mover do lugar, saltando tanto como podia para satisfazer seu intrépido cavaleiro.

— Sinto muito, senhor, mas eu soube antes só por que...

— Eu contei — disse Maddy depois deixar escapar um bufo — Além disso, não é algo que terei que manter em segredo, não é verdade?

A governanta deixou Alex sem argumentos. Não era nenhum segredo, era, mas bem um presente precioso, uma notícia maravilhosa que teria que proclamar aos quatro ventos. Voltou a estreitar Annie em seus braços, tão feliz que não podia expressá-lo com palavras. Felizmente, ela pareceu entender isto e lhe devolveu o abraço. Com a extremidade do olho, Alex viu o pequeno Bart saltando sobre os ombros de Frederick. Maddy sorria com orgulho, como se aquele bebê que ainda não tinha nascido fosse seu neto. Alex supôs que, dadas as circunstâncias, isso era o mais apropriado. Maddy era como uma mãe, tanto para sua esposa como para ele.

“Quero uma menina”, pensou Alex. Já tinha um filho bonito. Sim, queria uma filha. Embora na realidade não lhe importasse se fosse menino ou menina, contando que fosse sadio. Mas, no fundo, no mais profundo de seu coração, queria uma pequena. Uma menina de sedoso cabelo azeviche e enormes e incrivelmente expressivos olhos azuis. A feliz gritaria de vozes pareceu apagar-se pouco a pouco enquanto Alex olhava o rosto precioso de sua esposa.

Sim, uma menina idêntica a Annie...

FIM

